

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus de Araraquara – SP

ANA CLAUDIA FIGUEIREDO REBOLHO

**Estudo bibliográfico das atitudes e comportamentos
ligados à prostituição da Pré-história aos dias atuais**



ARARAQUARA – S.P.

2015

ANA CLAUDIA FIGUEIREDO REBOLHO

Estudo bibliográfico das atitudes e comportamentos ligados à prostituição da Pré-história aos dias atuais

Trabalho de Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação Escolar. Exemplar apresentado para defesa.

Linha de pesquisa: Sexualidade, Cultura e Educação Sexual

Orientador: Prof. Dr. Paulo Marçal Rennes Ribeiro

ARARAQUARA – S.P.

2015

Rebolho, Ana Claudia Figueiredo
Estudo bibliográfico das atitudes e
comportamentos ligados à prostituição da Pré-História
aos dias atuais / Ana Claudia Figueiredo Rebolho -
2015
264 f.

Tese (Doutorado em Educação Escolar) - Universidade
Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho",
Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)
Orientador: Paulo Marçal Rennes Ribeiro

1. Prostituta. 2. Prostituição. 3. Sexo. 4.
Sexualidade. 5. Exploração Sexual. I.
Título.

ANA CLAUDIA FIGUEIREDO REBOLHO

Estudo bibliográfico das atitudes e comportamentos ligados à prostituição da Pré-história aos dias atuais

Trabalho de Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação Escolar. Exemplar apresentado para defesa.

Linha de pesquisa: Sexualidade, Cultura e Educação Sexual

Orientador: Prof. Dr. Paulo Marçal Rennes Ribeiro

Data da defesa: 14/09/2015

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Dr. Paulo Marçal Rennes Ribeiro
Universidade Estadual Paulista

Membro Titular: Dra. Andreza Marques de Castro Leão
Universidade Estadual Paulista

Membro Titular: Dra. Mary Neide Damico Figueiró
Universidade de Londrina

Membro Titular: Dra. Maria Filomena Teixeira
Universidade de Coimbra

Membro Titular: Dra. Luci Regina Muzzeti
Universidade Estadual Paulista

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

EPÍGRAFE

AGRADECIMENTOS

De tudo que é nego torto *Dizendo - Mudei de ideia* *Vai com ele, vai Geni*
Do manguê e do cais do porto *- Quando vi nesta cidade* *Vai com ele, vai Geni*
Ela já foi namorada *- Tanto horror e iniquidade* *Você pode nos salvar*
O seu corpo é dos errantes *- Resolvi tudo explodir* *Você vai nos redimir*
Dos cegos, dos retirantes *- Mas posso evitar o drama* *Você dá pra qualquer um*
É de quem não tem mais nada *- Se aquela formosa dama* *Bendita Geni*
Dá-se assim desde menina *- Esta noite me servir*
Na garagem, na cantina *Essa dama era Geni* *Foram tantos os pedidos*
Atrás do tanque, no mato *Mas não pode ser Geni* *Tão sinceros, tão sentidos*
É a rainha dos detentos *Ela é feita pra apanhar* *Que ela dominou seu asco*
 Ela é boa de cuspir *Nessa noite lancinante*
 Ela dá pra qualquer um *Entregou-se a tal amante*
Das loucas, dos lazarentos *Maldita Geni* *Como quem dá-se ao*
Dos moleques do internato *Mas de fato, logo ela* *carrasco*
E também vai amiúde *Tão coitada e tão singela* *Ele fez tanta sujeira*
Co'os velhinhos sem saúde *Cativara o forasteiro* *Lambuzou-se a noite inteira*
E as viúvas sem porvir *O guerreiro tão vistoso* *Até ficar saciado*
Ela é um poço de bondade *Tão temido e poderoso* *E nem bem amanhecia*
E é por isso que a cidade *Era dela, prisioneiro* *Partiu numa nuvem fria*
Vive sempre a repetir *Acontece que a donzela* *Com seu zepelim prateado*
Joga pedra na Geni *- e isso era segredo dela* *Num suspiro aliviado*
Joga pedra na Geni *Também tinha seus caprichos* *Ela se virou de lado*
Ela é feita pra apanhar *E a deitar com homem tão* *E tentou até sorrir*
Ela é boa de cuspir *nobre* *Mas logo raiou o dia*
Ela dá pra qualquer um *Tão cheirando a brilho e a* *E a cidade em cantoria*
Maldita Geni *cobre* *Não deixou ela dormir*
 Preferia amar com os bichos *Joga pedra na Geni*
Um dia surgiu, brilhante *Ao ouvir tal heresia* *Joga bosta na Geni*
Entre as nuvens, flutuante *A cidade em romaria* *Ela é feita pra apanhar*
Um enorme zepelim *Foi beijar a sua mão* *Ela é boa de cuspir*
Pairou sobre os edifícios *O prefeito de joelhos* *Ela dá pra qualquer um*
Abriu dois mil orifícios *O bispo de olhos vermelhos* *Maldita Geni*
Com dois mil canhões assim *E o banqueiro com um*
A cidade apavorada *milhão*
Se ficou paralisada
Pronta pra virar geleia
Mas do zepelim gigante
Desceu o seu comandante

*CHICO BUARQUE, Geni e o
Zepelin, in Ópera do Malandro,
(1977).*

Agradeço às minhas filhas Maria Eduarda, minha linda Dudooska, e à Maria Victória, minha linda Filhuska, pelo apoio e peço desculpas por ter deixado de compartilhar com maior intensidade os momentos de prazer e aqueles nos quais encontramos algumas pedrinhas no caminho. Ao mesmo tempo, sei que vocês sabem o quanto esta pesquisa foi importante para mim. Minha eterna gratidão! Obrigada!

Ao meu marido, Mario Henrique, pela retaguarda proporcionada em todos os momentos e pelas tantas vezes em que me isolei para esta realização. Muito obrigada pelo apoio, sua compreensão foi imprescindível!

Aos meus pais que sempre primaram por uma boa educação, não medindo esforços para que eu me graduasse. Sem essa educação de base, nada disso seria possível.

Ao meu irmão que, de perto ou de longe, estava torcendo por mim e me apoiando em cada graduação e curso novo que me aventurava.

Aos meus amigos queridos que fiz nesta jornada, aqui no doutorado, em especial ao Ricardo Desidério (Rick), com o qual, desde nosso primeiro encontro, na fila para a entrevista de seleção, identifiquei-me muito; sem ele teria perdido todos os prazos para entrega de trabalhos e todas as matrículas; ele sempre me lembrando: “Figa, você entregou tal trabalho?” ou em plenas férias: “Figa, você fez a matrícula?”, e eu, como sempre: “Ixi, Rick, esqueci!” (como dizemos: “Amor à primeira entrevista”); à Giuliana Sorbara (Jujuba guerreira), amiga mais que querida, que foi chegando de mansinho e ocupando grande parte do meu coração e ao Hamilton Vieira (Rémilton), com seu abraço do tamanho do mundo, por tantas risadas nos intervalos das aulas e na estrada de “vem e vai” para a Unesp e por inúmeras confabulações. Obrigada meus amigos!

Ao meu querido orientador, Dr. Paulo Marçal Rennes Ribeiro, por sempre tentar me tranquilizar nos momentos conflitantes, (digo “tentar”, porque não é nada fácil tranquilizar uma “escorpiana nata”!), agradeço, principalmente, pelos ensinamentos, pelas orientações e conselhos. Obrigado pelo fundo do meu coração!

Ao carinho e receptividade da Prof^a Dr^a Andreza Marques de Castro Leão ao aceitar o convite para compor a banca de defesa e por ter me recebido tão bem quando comecei a frequentar o NUSEX.

Aos ensinamentos e ao carinho da Prof^a Dr^a Mary Neide Damico Figueiró ao aceitar o convite para compor a banca de defesa. Uma pessoa com um coração incrível,

uma sumidade na área de Educação Sexual e humildade ímpar ao transmitir seus ensinamentos. Muito obrigada!

Ao carinho da Profª Drª Luci Regina Muzzeti em aceitar o convite para compor a banca de defesa e por seus ensinamentos durante as aulas. Muito obrigada!

Ao carinho da Profª Drª Maria Filomena Teixeira em aceitar o convite para compor a banca de defesa e por nos proporcionar experiências educacionais internacionais de tão alto nível. Muito obrigada!

Ao carinho dos professores suplentes Edison Martins Miron, Fátima Aparecida Coelho Gonini e João Guilherme Rodrigues Mendonça ao aceitarem o convite para esta tarefa. Muito obrigada!

Ao carinho, profissionalismo, disponibilidade e preocupação da minha amiga Elvia Pozzi Bianco ao fazer a tradução do resumo desta pesquisa. Muito obrigada!

Ao meu Anjo da Guarda por estar comigo, em todos esses longos anos, dando-me suporte e retaguarda nos momentos mais difíceis e alegres. Suas asas protetoras sempre me protegendo! Obrigada!

Aos Anjos em forma de gente que o “Cara lá de cima” colocou na minha vida para me socorrer e me mostrar o caminho correto a trilhar.

RESUMO

A prostituição, um dos mais antigos fenômenos sociais, pode ser vista por meio de diferentes registros históricos, marcada com traços peculiares de diferentes épocas e culturas. O lado, nem sempre conhecido por muitas pessoas, é que a imagem a respeito delas nem sempre foi a que temos atualmente. Eram admiradas pela inteligência e cultura, e também associadas a deusas, pois manter relações sexuais com elas, para homens de negócio e políticos, era condição primária para adquirirem maior poder e respeito junto à população masculina da época, o que lhes garantiam lugar de destaque. Com o passar dos tempos, seu status mudou de respeitável a condenável, olhar contemporâneo da sociedade sobre as prostitutas. Faz-se necessário, ao pesquisar o referido tema, um olhar desprovido de preconceitos, devido a sua complexidade estar ligada a tabus e regras. Como procedimento metodológico foi utilizado o recurso da Pesquisa Bibliográfica, tendo como referencial teórico, autores que analisam a condição da mulher sob os mais diferentes aspectos, como o sexo, a sexualidade e o ato de se prostituir, tendo ainda como preocupação, não se desvincular da realidade atual, dando voz às prostitutas por meio de livros biográficos editados por elas, que serviram como base para um comparativo com o que é apresentado pela literatura científica. Na busca em dar maior entendimento histórico à questão da prostituição, o objetivo geral deste estudo foi analisar e descrever a trajetória das prostitutas ao longo da história da humanidade. No percurso percorrido durante todo o processo de pesquisa e análise, observou-se uma gama variada de trabalhos que aborda o tema da prostituição voltado para a área da saúde (DSTs, AIDS, HPV), na área jurídica (Projetos de Leis que reivindicam a profissionalização da prostituição), na área histórica (análise documental da história das prostitutas, relacionando-as à história da mulher) e estudos de casos de populações específicas (prostitutas do norte e nordeste do Brasil, devido à situação econômica desta região). Embora existam muitos trabalhos relacionados à prostituição, poucos abordam temas relacionados à exclusão da sociedade (mostrando os motivos que levam mulheres, jovens e crianças a se prostituir) ou ainda a prostituição como opção pessoal (mulheres que buscam a prostituição como opção de vida e exteriorizam esta escolha em livros autobiográficos e redes sociais). Além do histórico sobre a prostituição da Pré-história aos dias atuais, foram analisados os motivos que levam uma mulher à prostituição, mostrando que os aspectos relacionados à situação financeira miserável, traumas sexuais infantis e sexualidade exuberante, estiveram entre os mais encontrados. Não cabe, ao final de todo o percurso histórico aqui desvelado, fazer qualquer juízo de valor com relação à questão moral da prostituição. O que parece claro é que no dia que em que a prostituição for legalizada e que a exploração sexual infanto-juvenil tiver seus exploradores, efetivamente punidos e julgados por pessoas desvinculadas de conchavos sórdidos, crianças, jovens e mulheres terão suas amarras libertas e a partir daí poderão decidir, por si só, trilhar o caminho que almejam para suas vidas.

Palavras-chave: Prostituta; Prostituição; Sexo; Sexualidade; Exploração Sexual.

ABSTRACT

Prostitution is one of the oldest social phenomena known. It can be analyzed through several historical documents and it was highlighted by specific characteristics from different times and cultures. There have always been prostitutes in the world. Prostitutes were admired because of their intelligence and culture. They were also compared to goddesses by men who used to think that having sex with such women would make them be more respected by other men. However, their social *status* has changed from respectable to reprehensible. Nowadays, people do not see prostitutes as a good thing for society. Based on those changes through the years, it is necessary to study more about this subject without any prejudice because its complexity is related to taboos and social rules. As a methodological procedure, bibliographic research was used as a resource. The theoretical background was the authors who analyzed women's conditions through several aspects like sex, sexuality and prostitution. We had a great concern in not getting disconnected from the present reality, giving voice to the prostitutes through biographic books written by the prostitutes themselves, which served as a basis for comparison with what is presented by the scientific literature. As an attempt to greater historical comprehension of this subject, the main goal of this study is to analyze and describe the route of prostitution in human history. Along the research and analysis process, we could find a great deal of works which deal with the issue of prostitution in the health area (STD, AIDS, HPV), the legal area (professionalization of prostitution), the historical area (analysis of historical documents about the prostitutes relating them to the women's history) and study cases of specific populations (prostitutes of the north and northeast regions of Brazil due to the poor economic situation of such regions). Although there are many studies involving prostitution, only a few discuss matters such as social exclusion (showing the real reasons why women, young people and children work as prostitutes) or prostitution as a personal choice (the increase in the number of women who choose prostitution as a job and talk about that on books and social networks). Besides the history of prostitution from Pre-history to the present days, the reasons why a woman is led to prostitution have been analyzed, showing that the aspects related to the miserable financial situation, childhood sexual traumas and exuberant sexuality were the most found along the study. It is not our role to make any value judgement regarding the moral issue of prostitution. What seems clear is that when prostitution becomes legal and when children and teenagers' sexual exploiters are effectively judged and punished, children, youngsters and women will be free to decide for themselves which path they want to take in their lives.

Key words: prostitute, prostitution, sex, sexuality, sexual exploitation.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Vênus de Willendorf.....	51
FIGURA 2: Vênus de Savigno.....	56
FIGURA 3: Vênus de Dolni-Vestonice.....	57
FIGURA 4: Vênus de Hohle Fels.....	57
FIGURA 5: Vênus de Brassempouy.....	58
FIGURA 6: Vênus de Lespugue.....	60
FIGURA 7: Deusa Inanna/Ishtar.....	65
FIGURA 8: Deusa Inanna/Ishtar – outra representação.....	65
FIGURA 9: Mulher destinada ao prazer.....	69
FIGURA 10: Insígnia fálica.....	77
FIGURA 11: Afrodite, deusa do amor.....	82
FIGURA 12: Júlia, filha do imperador Augusto.....	91
FIGURA 13: Messalina, esposa do imperador Cláudio.....	92
FIGURA 14: Posição do Missionário.....	107
FIGURA 15: Feira Medieval.....	110
FIGURA 16: Tullia d' Aragona.....	122
FIGURA 17: Verônica Franco.....	123
FIGURA 18: Libertinos.....	128
FIGURA 19: Thérèse Philosophe, literatura erótica e pornográfica.....	129
FIGURA 20: Mme. Gourdan.....	133
FIGURA 21: Bordel Mme. Gourdan.....	134
FIGURA 22: Bordel Mme. Gourdan.....	134
FIGURA 23: Cancan.....	143
FIGURA 24: Sarah Bernhardt.....	144
FIGURA 25: Vicent Van Gogh, em seu autorretrato com orelha cortada.....	145
FIGURA 26: Passeio ao Crepúsculo.....	146
FIGURA 27: Quatro Estações, estilo <i>Art Nouveau</i>	146
FIGURA 28: A Dançarina.....	147
FIGURA 29: Arte na <i>Belle Époque</i>	148
FIGURA 30: Cartão da <i>Belle Époque</i>	148
FIGURA 31: <i>Danse à la ville e Danse à la campagne</i>	152

FIGURA 32: <i>Danse à la ville e Danse à la campagne</i>	152
FIGURA 33: <i>Maison de Tolérance</i>	154
FIGURA 34: Café Rio Branco.....	156
FIGURA 35: <i>Brasserie Lipp</i>	156
FIGURA 36: Rua Líbero Badaró.....	158
FIGURA 37: Maria Lacerda de Moura.....	165
FIGURA 38: Festival de Woodstock.....	172
FIGURA 39: Tela representando a prisão de prostitutas.....	174
FIGURA 40: Dia Internacional das prostitutas.....	174
FIGURA 41: Gabriela Leite.....	177
FIGURA 42: Casa de Massagem, anúncio de jornal no século XX.....	179
FIGURA 43: <i>Nigth Club</i>	180
FIGURA 44: Acompanhantes em Região.....	180
FIGURA 45: Café <i>Show</i>	181
FIGURA 46: Evento Ficha Rosa.....	182
FIGURA 47: Anúncio em Evento Ficha Rosa.....	182
FIGURA 48: Anúncio em Evento Ficha Rosa.....	182
FIGURA 49: Oscar Maroni Filho, proprietário da <i>Bahamas Night Club</i>	184
FIGURA 50: Propaganda veiculada durante encontro oficial em Florianópolis.....	189
FIGURA 51: Raquel Pacheco, pseudônimo: Bruna Surfistinha.....	201
FIGURA 52: Vanessa de Oliveira, pseudônimo: Marise.....	204
FIGURA 53: Carla de Almeida, pseudônimo: Diana.....	211
FIGURA 54: Paula Lee.....	214
FIGURA 55: Gabriela Leite.....	219
FIGURA 56: Gabriela Leite e Jean Wyllys.....	223
FIGURA 57: Gabriela Natália da Silva, pseudônimo: Lolla Benvenuti.....	226
FIGURA 58: Melissa Panarello, em entrevista.....	230
FIGURA 59: Tilly Lawless.....	232
FIGURA 60: Prostitutas que atuam na Avenida Atlântica, em Copacabana.....	237

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relação de Teses de Doutorado.....	32-33
Quadro 2: Relação de Dissertações de Mestrado.....	33-34

LISTA DE ABREVIATURAS

a.C - Antes de Cristo

AI-5 - Ato Institucional n. 5

AIDS - *Acquired Immune Deficiency Syndrome*

CDO - Classificação Brasileira de Ocupações

CEFAM - Centro de Formação ao Magistério

d.C - Depois de Cristo

DHI - Duchas Higiênicas Íntimas

DST - Doença Sexualmente Transmissível

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

FIFA - Federação Internacional de Futebol - original francês: *Fédération Internationale de Football Association*

Febem - Fundação Estadual de Bem Estar do Menor

Funabem - Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor

FURG - Fundação Universidade do Rio Grande

HBsAg - Antígeno de superfície do vírus da Hepatite B

HIV - Vírus da imunodeficiência humana

HPV - *Human Papiloma Virus*

INSS - Instituto Nacional de Seguro Social

MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand

METODISTA – Universidade Metodista de São Paulo

Mme - Madame

Mrs.- Forma de tratamento em inglês que em português significa Senhora

NUSEX - Núcleo de Estudos da Sexualidade

PL - Projeto de Lei

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

PSOL - Partido Socialismo e Liberdade

PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-RJ - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

PUC-RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RBP - Rede Brasileira de Prostitutas

SAM - Serviço de Atendimento ao Menor

SLA - Serviço de Liberdade Assistida

S/D - Sem data

St. - *Saint*

UCB - Universidade Católica de Brasília

UCG - Pontifícia Universidade Católica de Goiás

UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina

UEL - Universidade Estadual de Londrina

UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa

UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFPEL - Universidade Federal de Pelotas

UFES - Universidade Estadual de Feira de Santana

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

UFS - Universidade Federal de Sergipe

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

UFU - Universidade Federal de Uberlândia

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UNICEP - Centro Universitário Central Paulista

UNIFOR – Universidade de Fortaleza

UNB - Universidade de Brasília

UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UFPR - Universidade Federal do Paraná

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

USP - Universidade de São Paulo

URSS - União das Repúblicas Socialista Soviéticas

PV - Partido Verde

PSOL/RJ - Partido Socialismo e Liberdade - Rio de Janeiro

UCRIF - Unidade contra Redes de Imigração e Falsidade Documentais

UDEV - Unidade de Delinquência Especializada e Violência

ONG - Organização não Governamental

ONU - Organização das Nações Unidas

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TP - Transtornos da Preferência Sexual

SUMÁRIO

Palavras iniciais.....	16
Introdução.....	18
1. Notas preliminares de pesquisas sobre prostituição no Brasil.....	29
2. A prostituição no Período Pré-histórico.....	50
3. A prostituição na Grécia Antiga.....	71
4. A prostituição no Império Romano.....	88
5. A prostituição na Idade Média.....	99
6. A prostituição na Idade Moderna.....	117
7. A prostituição na Idade Contemporânea.....	138
7.1. Considerações culturais sobre a prostituição.....	194
8. A voz das prostitutas.....	198
8.1. O lado nada glamouroso da prostituição de rua.....	234
9. Considerações finais.....	241
Referências.....	244
Sites utilizados.....	255
Anexos.....	260
Anexo A.....	261
Anexo B.....	267
Anexo C.....	277

PALAVRAS INICIAIS

Como forma de melhor situar o porquê da escolha do tema, antes de se fazer referência à conceituação e historicidade da prostituição, é feita uma breve explanação sobre a origem deste estudo. O tema “Prostituição” vem a ser uma forma de continuidade e aprofundamento, desta pesquisadora, sobre um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que foi requisito para a Habilitação em História, concluída no ano de 2007. O tema do referido trabalho foi: “**Nas avenidas da libido**. Prostituição em São Carlos: história oral temática de prostitutas são-carlenses”. O interesse inicial do tema deu-se pela observação, desta, durante o trajeto diário que percorria até chegar à universidade, que é uma das principais avenidas da cidade, com diversos pontos de prostituição. Nesse trabalho, a questão principal foi analisar os motivos que levam uma mulher à prostituição. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa utilizando o recurso da história oral¹, onde se analisou sete entrevistas com prostitutas, chegando-se às seguintes conclusões a respeito da questão do trabalho: as mulheres se prostituem por motivo financeiro; por abusos sexuais sofridos na infância e por opção.

Mesmo após a conclusão e aprovação deste estudo, algumas inquietações ainda permaneceram sem respostas e se mostravam cada vez mais presentes e pertinentes ao interesse sobre esta temática. Quando surgiu a possibilidade do mestrado, o tema renasceu, porém, com outro enfoque, que foi a “Exploração sexual de menores”, tendo como título “**Se essa rua fosse minha**: professores e gestores discutem a exploração sexual de menores nas escolas?”. Uma pesquisa qualitativa que teve como objetivo analisar as influências da Exploração Sexual de Menores em âmbito educacional, tendo como referência a inserção da criança e do adolescente no mundo do trabalho sexual. Este estudo foi concluído em 2011 e publicado em forma de livro em 2013. Um tema atual e repleto de implicações econômicas, sociais, culturais e emocionais que motivaram a mesma, a dar continuidade às pesquisas com o ingresso no doutorado, sendo agora, realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a prostituição desde a Pré-História aos dias atuais.

Vale ressaltar ainda que esta pesquisadora ministrou aulas na Rede Estadual de Ensino de 1990 a 2010, trabalhando nove anos com Educação Fundamental – Ciclo I e

¹ “História oral é uma prática de apreensão de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos e destinada a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o reconhecimento do meio imediato” (MEIHY, 2005, p. 17).

II e 11 anos com a formação de professores, no extinto curso de Magistério no Centro de Formação ao Magistério (CEFAM). Atualmente ministra aulas nos Cursos de Pedagogia, Educação Física, Psicopedagogia e Neuropedagogia, na Pós-Graduação, no Centro Universitário Central Paulista (UNICEP), desde de 2010.

INTRODUÇÃO

“Hermione, essa doce mulher encantadora com quem estive uma vez, oh deusa de Pafo! Suas calças de arlequim eram ornamentadas com sua filosofia de couro, ‘Ame-me, mas não fique zangado quando eu for também gentil com outros homens’”.
(ASCLEPIÁDES, in ATKINS, 1970-8 apud ROBERTS, 1998, p. 31)

A prostituição, um dos mais antigos fenômenos sociais, pode ser vista por meio de diferentes registros históricos, marcada com traços peculiares de diferentes épocas e culturas. A palavra prostituir² vem do verbo latino *prostituere*, que significa oferecer-se sexualmente por dinheiro, degradar (se), corromper (se). O termo prostituição vem do latim “*prostitutio*”, de “*pro*” + “*statuere*”, desse modo, optou-se nesta pesquisa, por trabalhar com a denominação prostituta, devido à fidedignidade ao cerne da palavra. Segundo Mota (2008), devido ao alcance mundial do referido fenômeno, faz-se necessária a adoção da conceituação da Organização das Nações Unidas (ONU) para a prostituição:

[...] processo em que as pessoas, mediante remuneração, de maneira habitual, sob quaisquer formas, entregam-se às relações sexuais, normais ou anormais com pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto, durante todo o tempo”. Completa a definição dizendo que o ato sexual comercial é como qualquer ato comercial em geral, em que algo de valor seja dado ou recebido por alguém (MOTA, 2008, p. 11).

Para o autor o conceito de prostituição é marcado pela prestação remunerada de serviços sexuais, ou seja, na realização de atos sexuais mediante remuneração, implicando interação sexual, retribuição monetária e, na maioria dos casos, indiferença afetiva.

A prostituição, ao longo do tempo, nas palavras da referida autora, tem sido “inserida em diversos tópicos de discussão, tais como, a degradação social, a saúde pública, os comportamentos de risco, a tóxico-dependência, a exploração sexual, o tráfico de mulheres e crianças” (MOTA, 2008, p. 13), além das lutas das prostitutas pela regulamentação da profissão. Todos estes casos têm despertado debates e discussões em

² Segundo o dicionário Houaiss (2001).

que posições diversas se encontram, contudo, sem produzir ainda os efeitos que esperam as profissionais do sexo³: o efetivo e eficaz reconhecimento de sua atividade no plano jurídico.

Desde que o mundo foi caracterizado como civilizado houve prostitutas, tanto as denominadas da elite como as de classes sociais menos favorecidas. O lado desconhecido por muitas pessoas é que a imagem a respeito delas nem sempre foi a que temos atualmente. Alguns autores defendem a existência de prostitutas no Período Primitivo, denominadas de prostituição sagrada. A prostituição sagrada foi, na verdade, a tradição do ritual sexual que persistiu desde a Idade da Pedra para se tornar parte integral da adoração religiosa nas primeiras civilizações do mundo, de acordo com Roberts (1988)⁴. Independentemente de qual tenha sido a razão, segundo Qualls-Corbett (2012), não há como se discutir que a prostituição sagrada existiu por longos de anos em muitas civilizações. A prostituta sagrada era membro integral da comunidade.

As meretrizes⁵, termo empregado por Pereira (2012), já foram admiradas pela inteligência e cultura, e também associadas a deusas, pois manter relações sexuais com elas era condição primária para adquirirem maior poder e respeito junto à população masculina da época. Elas sempre tiveram um lugar de destaque nos vários momentos da História, mas, com o passar dos tempos, seu *status* mudou de respeitável a condenável. Esta conotação de ser ou não bem vista pela sociedade é um olhar de nosso tempo sobre as prostitutas. Corroborando com Vrissimtzis (2002, p. 18), a moralidade é instável “[...] e afetada por vários e diferentes fatores e, muitas vezes, passa por mudanças radicais: o que hoje se considera imoral pode em outra época ter sido considerado correto e vice-versa”. Desse modo, ao trabalharmos com o tema prostituição, temos que nos despir de concepções preconceituosas e de questões que envolvam temporalidade.

³ Atual denominação das prostitutas.

⁴ De acordo com Rodrigues (s./d.), bolsista Capes, aluna do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Mestrado Acadêmico, Campus Universitário de Tangará da Serra, Universidade do Estado de Mato Grosso, em seu trabalho intitulado “Representação das personagens femininas em *Lucíola e nome de guerra*”, Nickie Roberts é uma referência para a compreensão da origem da prostituição, da projeção dos mitos e da condição feminina a que as personagens protagonistas nos romances se submetem. Segundo Francisco Reginaldo de Sá Menezes, mais conhecido como Xico Sá, jornalista e escritor brasileiro, Nickie Roberts é “[...] uma ex-stripper de Londres, autora do mais vasto ensaio sobre as ditas mulheres de vida fácil [...] O livro é um show de [...] compilações de dados históricos com finas citações de Hobsbawm, sobre as chamadas “trabalhadoras do sexo” – como são politicamente tratadas”. In: http://www.germinaliteratura.com.br/2009/volupiaverbal_xicosa_jun09.htm. Acesso em 14/03/2015.

⁵ De acordo com o dicionário Houaiss da língua portuguesa (2001), meretriz significa prostituta.

Vrissimtzis (2002) ainda acrescenta a essa ideia de moralidade, a visão que os gregos tinham do amor e do sexo. Para eles, amor e sexo eram completamente naturais, sem culpas e sem tabu. A diferença entre a antiga concepção grega e a contemporânea circunscreve-se na natureza diversa do culto grego antigo, que era desprovido de dogmas e não tinha livros sagrados, casta sacerdotal ou ritos e rituais estereotipados – um sistema de valores baseados na sabedoria, moderação e harmonia. Já a religião cristã, que se baseia no conceito de culpa (pecado original), tinha, desde seu princípio, considerado o corpo humano como pecaminoso e uma fonte constante de tentações que impediam a redenção da alma. O culto grego, ao contrário, baseava-se em uma concepção de plena aceitação da vida e da natureza e, conseqüentemente, considerava a adoração do corpo um valor absoluto, sempre visto como parte da totalidade da natureza:

[...] a sexualidade era muito mais abrangente que hoje em dia, pois não estava baseada apenas em associações ideológicas e filosóficas, mas também na religiosidade, uma vez que através do emprego de atos e símbolos mágico-sexuais, assegurava-se e promovia-se a fertilidade da terra e da mulher (VRISSIMTZIZ, 2002, p. 18).

Deste modo, faz-se necessário, que pesquisadores do tema tenham um olhar desprovido de preconceitos (como já foi dito), não apenas devido à sua complexidade estar ligada a tabus e regras, mas porque as atitudes e valores sexuais se modificam ao longo das épocas e entre os diferentes países.

A prostituição, no entanto, não é datada a partir da Antiguidade. Voltando no tempo, mais precisamente, na Pré-história, segundo Roberts (1998), a mulher era associada à Grande Deusa, criadora da força da vida e estava no centro das atividades sociais. Era exercendo tal poder que ela controlava sua sexualidade.

Na Pré-história, a cultura, a religião e a sexualidade eram interligadas, daí o fato de o sexo ser sagrado nessa época. A deusa Inanna, como era conhecida na mitologia suméria, ou Ishtar, na mitologia acádica, de acordo com Pozzer (2003), era a mais célebre das deusas do panteão mesopotâmico, e tinha como atributo a feminilidade, o amor e o sexo. Era, ainda, a soberana da guerra, colecionadora de amantes e com perfil vingativo, mas não era considerada prostituta. Os homens, segundo Roberts (1998), ignorantes de seu papel na procriação, não eram obsessivos pela paternidade. Foi à

preocupação com a prole que, mais tarde, levou ao surgimento das sociedades patriarcais, com a submissão da mulher.

Vrissimtzis (2002) observa que, no início do século VI a.C., na Grécia, o período da prostituição inconsequente e descontrolada chegava ao fim, pois foi nesta época que o legislador Sólon (635-559 a.C.) estabeleceu os primeiros prostíbulos em Atenas, com a intenção de auxiliar os rapazes que atingiam a idade adulta a se aliviarem sexualmente, impedindo-os que cometessem adultério com mulheres respeitáveis e, para os homens casados com a finalidade de procriação, quando a esposa não lhes concebia filhos. Assim sendo, as garotas do prazer estavam, a partir do século VI a.C., protegidas legalmente pelo Estado; porém eram obrigadas a pagar tributos e estavam sujeitas a um frequente controle de mercado com relação aos preços que praticavam.

De acordo com Vrissimtzis (2002) e Rebolho (2007) quanto às origens das prostitutas, na Grécia Antiga, estas eram escravas ou ex-escravas que haviam sido libertadas por algum amante ou cliente habitual. Elas também podiam ser mulheres livres imigrantes estrangeiras, ou ainda, meninas que haviam sido abandonadas por seus pais e que terminavam nas mãos de algum rufião⁶. Estas meninas eram exploradas desde muito novas; aos cinco anos eram comercializadas para a prostituição. Os rufiões exploravam seus serviços sexuais para compensar os gastos com seu sustento.

Na Antiguidade, de acordo com Rebolho (2007), a maioria as mulheres que exercia a prostituição não sofria repressões e isso preocupava os homens interessados em derrubar o poder que elas possuíam. Para reverter esta situação, foi criado um código moralista de repressão ao sexo, colocando-o como algo negativo. O primeiro registro da separação de prostitutas das esposas data de 2000 a.C., na antiga Suméria. Deste modo, os homens deveriam prover a prostituta que lhe tivesse dado filhos. No entanto, ela nunca poderia frequentar a casa onde vivia a esposa, enquanto ela fosse viva.

Segundo Pozzer (2003), os sacerdotes hebreus criaram o estigma da prostituta que as acompanha até hoje. A história conta que os profetas e sacerdotes hebreus consideravam a sexualidade das mulheres como algo a ser controlado pelos homens, porque esse sentimento simbolizava a raiz de todo mal. Eles desprezavam qualquer mulher que não fosse virgem ou casada. Essa exclusão das mulheres que não se

⁶ De acordo com o dicionário Houaiss da língua portuguesa (2001), rufião significa gigolô; indivíduo brigão.

enquadravam nesse perfil, levou-as deliberadamente ao comércio do sexo, reforçado pela condição social e econômica à qual estavam expostas, sendo historicamente consolidado nas sociedades.

A Idade Média foi um período marcado pelo domínio do cristianismo, representado pela Igreja Católica na Europa Ocidental, uma instituição rica, organizada e influente. Com a transformação do cristianismo em religião oficial do Império Romano, em 391, durante o reinado de Teodósio, a Igreja passou a acumular fortunas e vastos territórios. No século V, a instituição tinha uma organização hierárquica definida – com padres e sacerdotes na base da pirâmide, bispos acima e o papa no topo. Os religiosos dedicaram-se a converter bárbaros e a promover sua integração com os romanos, ganhando prestígio e passando a assumir funções administrativas nos novos reinos.

O cristianismo, segundo Figueiró (2010), adotou o vínculo obrigatório da relação sexual com o casamento, tornando a fidelidade conjugal um dever incondicional. A relação entre sexo e pecado e o preconceito cristão contra a atividade sexual tiveram início através das ideias de São Paulo, que “foi o primeiro cristão importante a lidar diretamente com o comportamento sexual e suas ideias tiveram muita influência no pensamento de outros teólogos” (FIGUEIRÓ, 2010, p. 11).

A Igreja Católica criou condutas rígidas para as mulheres, buscando garantir a manutenção das virtudes femininas, como a virgindade. A prostituição era tolerada, com certas ressalvas, como o objetivo de evitar casos de estupro. O sexo pago era uma solução para a libido masculina.

A Idade Moderna foi um período marcado por acontecimentos significativos como a Expansão Marítima, o Renascimento e a Reforma. A Itália se torna o palco do florescimento da prostituição, que pode ser atribuído ao fato deste país ter sido o berço do renascimento do Classicismo e da Razão, pois era uma região técnica e economicamente mais avançada que os outros países europeus, durante os séculos XIV e XV.

A prostituição em Veneza era passada de mãe para filha, de acordo com Roberts (1998) quando as jovens eram consideradas prontas para exercer a profissão, as mães as desfilavam nas feiras e nos mercados. Dessa maneira, a concepção de prostituição não tinha uma conotação tão preconceituosa comparada há outros tempos.

Do ponto de vista das prostitutas, as mesmas têm um papel considerável no Movimento Iluminista, pois representavam o avesso da moralidade. Quanto maior a

idealização da esposa e mãe, mais necessária era a prostituta. Ela, então, permanecia mais essencial do que nunca à sociedade, como suplemento às famílias que permitiam aos homens evitar a prática da abstinência sexual que era pregada.

Neste percurso histórico, observa-se que o papel das prostitutas foi se tornando cada vez mais permeado por exclusões e preconceitos. O século XIX, segundo Rago (1985), foi o mais conturbado na história da prostituição brasileira, pois a mulher sai da clandestinidade e da obscuridade, dos séculos anteriores, para ganhar as ruas e tenta se igualar à prostituta francesa na sua forma de pensar e agir. O discurso burguês era centrado na dessexualização da mulher, ou seja, na representação santificada da mãe-esposa-dona-de-casa, ordeira e higiênica.

De acordo com Rago (1985), o sexo a partir do século XIX está ligado à procriação e o direito ao prazer na relação sexual era reservado ao homem, enquanto que a mulher deveria manter sua castidade mesmo após o casamento. A mulher, destinada ao casamento e à maternidade, não podia procurar prazer na relação sexual, e a ideia de orgasmo feminino se torna algo escandaloso.

Como justificativa aos desvios matrimoniais dos homens, ainda segundo a mesma autora, a concepção médica da época, por meio de uma medicina exercida quase que exclusivamente por homens e alicerçada nos interesses masculinos, procurou mostrar que este tem um desejo sexual mais forte do que o da mulher, devido à sua constituição biológica, o que explica a sua procura pelas prostitutas, reafirmando, deste modo, a sua virilidade.

Em uma época em que havia nos homens a necessidade de firmar sua virilidade e ao mesmo tempo se mostrar dignos das esposas consideradas santas, as prostitutas habitavam seu imaginário. Muitos criaram um falso moralismo para disfarçar suas idas aos bordéis⁷. Era comum encontrar nesses homens pensamentos como:

Mulheres de má vida, meretrizes insubmissas, impuras, insignificantes, o que fazer com essas loucas que recusam o aconchego do casamento, que negam a importância do lar e preferem circular enfeitadas pelas ruas, desnudando partes íntimas do corpo, exalando perfumes fortes e extravagantes, provocando tumultos e escândalos, subversivas que rejeitam o mundo edificante do trabalho, surdas aos discursos moralizantes e que perseguem a todo custo a satisfação do prazer? (RAGO, 1985, p. 85).

⁷ De acordo com o dicionário Houaiss da língua portuguesa (2001), bordel significa casa de prostituição.

Ao transformar a prostituta em um mal à sociedade e ao justificar a ida dos homens aos bordéis como algo aceitável devido à sua constituição biológica, legitima-se o papel desta, fazendo a distinção entre mulheres recatadas e públicas.

No século XX, nos anos 1920, Rago (1991) cita o médico F. Ferraz de Macedo que em sua tese de Doutorado sobre a prostituição no Rio de Janeiro, conclui que esta é fruto da ociosidade, da preguiça, do desejo desmesurado⁸ de prazer, do amor ao luxo, da miséria financeira, do desprezo pela religião, da falta de educação moral e do temperamento erótico da mulher.

Na tentativa da sociedade em desmoralizar as prostitutas, Rago (1991) afirma que estas se tornaram modelo de mulher mundana com as seguintes características: símbolo da perdição e da monstruosidade, que vive em função da satisfação de seus desejos libidinosos e devassos; preguiçosa, mentirosa, depravada, simpática ao álcool, despreocupada do futuro, com apetite sexual exaltado, burra, ignorante, leviana inconstante e instável física e espiritualmente.

Ao mesmo tempo, ainda segundo esta autora, havia outra parcela da sociedade que tentava amenizar a condição das prostitutas, afirmando que estas eram providas de sentimentos de caridade não só para com as colegas como para o próximo, pois estão sempre dispostas a se socorrerem nas horas ruins, e também são caridosas quando encontram pessoas infelizes e carentes. Envoltas por este misto de sentimentos da sociedade da época, a vida das prostitutas se torna cada vez mais pública e discriminada.

Desse modo, segundo Rebolho (2011), em virtude da especificidade de sua importância e contrariando uma parcela da sociedade, a prostituição, mesmo assim, atingiu seu ápice no período da *Belle Époque*⁹. Com a vinda de meretrizes francesas ao Brasil, no final do século XIX, o papel da prostituta ganhou ares renovados (Rago, 1985). A figura monstruosa cedeu espaço para a figura necessária, pois ela cumpria um dos objetivos da época, que era preparar o jovem burguês para o casamento com moças recatadas da sociedade. “Dessa maneira, a *Belle Époque* francesa foi amada pelos brasileiros, não apenas pelo desfoque pecaminoso do sexo, mas também pelo glamour e

⁸ Termo utilizado pelo autor.

⁹ *Belle Époque* é normalmente compreendida como um momento na trajetória histórica francesa que teve seu início no final do século XIX, mais ou menos por volta de 1880, e se estendeu até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Mas, na verdade, não é possível demarcar tão rigorosamente seus limites, uma vez que ela é mais um estado espiritual do que algo mais preciso e concreto. Disponível em <http://www.infoescola.com/artes/belle-epoque/>. Acesso em 21 de abril de 2013.

pela cultura francesa, que abria, a cada dia, maior espaço para a mulher na sociedade” (REBOLHO, 2007, p.39).

No século XX, ao mesmo tempo em que há uma abertura maior à liberdade das mulheres com a ida delas ao trabalho fora de casa, o uso de anticoncepcionais e movimentos feministas, há ainda, uma postura preconceituosa com relação ao papel das prostitutas.

Esse século, ainda, foi crucial para a prática sexual sem prevenção. Segundo o *site* do Hospital Albert Einstein¹⁰, com o surgimento da AIDS¹¹, a prostituição tornou-se uma prática potencialmente fatal para prostitutas e para seus clientes, havendo no início da enfermidade uma verdadeira epidemia. A prática da prostituição recebe um grande golpe. Foi necessária a intervenção estatal para o controle e prevenção das doenças, que atingiram níveis de epidemia no final do século XX e início do século XXI, levando a óbito boa parte da população de risco.

O século XXI acrescenta outra roupagem ao leque de conceituação das prostitutas. Agora, elas estão preocupadas com as novas conotações que lhes são atribuídas. Muitas não aceitam mais serem chamadas de prostituta, passando a preferir as denominações de garotas de programa, profissionais do sexo e acompanhantes, na tentativa de amenizar o preconceito a elas atribuído. Esta conceituação foi discutida no Segundo Encontro Nacional de Prostitutas, realizado em Florianópolis, em 1990, onde o jornalista e ex-Deputado Federal pelo Rio de Janeiro, Fernando Gabeira, defendeu o nome de “profissionais do sexo” para prostitutas.

Leite (2009), ex-prostituta e ex-dirigente das ONG Davida e Daspu, grife criada por prostitutas, não compartilha da ideia de Gabeira. Para ela: “E todo mundo passou a chamar prostituta de profissional do sexo. P.S.: Sou contra. Para o movimento é importante assumir o nome, não fugir dele” (LEITE, 2009, p. 158).

Observa-se que as prostitutas engajadas em movimentos politizados estão mais ligadas aos seus direitos como cidadãs. No entanto, esta não é a realidade da maioria das prostitutas, que principalmente as que se localizam no Norte e Nordeste do Brasil, não

¹⁰ Disponível em <www.einstein.br>. Acesso em 21 de abril de 2013.

¹¹ HIV é a sigla em inglês do vírus da imunodeficiência humana. Causador da Aids, ataca o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de doenças. As células mais atingidas são os linfócitos T CD4+. E é alterando o DNA dessa célula que o HIV faz cópias de si mesmo. Depois de se multiplicar, rompe os linfócitos em busca de outros para continuar a infecção. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/o-que-e-hiv>. Acesso em 21 de abril de 2013.

têm acesso às instituições que possam lhes dar apoio quando necessário, fazendo com que muitas sejam exploradas e abusadas sexualmente.

Esta pesquisa se mostra socialmente relevante em virtude das contribuições que traz para a análise da evolução da concepção e da compreensão fenômeno da prostituição. O rótulo que as prostitutas receberam ao longo da história pode elucidar os diferentes usos que a sociedade fez e ainda faz deste tipo de serviço. Uma mesma sociedade que ignora, critica e age com preconceito, mas que ao mesmo tempo se sacia com os serviços prestados pelas prostitutas.

Nesse sentido, em busca de dar maior entendimento histórico à questão da prostituição, a presente pesquisa teve como objetivo geral analisar e descrever a trajetória das prostitutas ao longo da história da humanidade, e ainda, como objetivos específicos, analisar a concepção de prostituição nas diferentes sociedades; apresentar e analisar os diferentes estudos que foram desenvolvidos sobre o tema prostituição no Brasil nos últimos 14 anos, compreender a relevância social da prostituta no que tange à visão de como ela era vista e como é atualmente, descrever e analisar as diferentes concepções entre prostitutas sagradas, hetairas, cortesãs, prostitutas, garotas de programa, profissionais do sexo e putas ao longo da história.

Como recurso metodológico foram utilizados os procedimentos de uma Pesquisa Bibliográfica, tendo como referencial teórico inicial os autores que analisam a condição da mulher sob os mais diferentes aspectos, como a sexualidade e o ato de se prostituir, e que estão descritos a seguir: Margareth Rago (1985, 1991)¹², Mary Del Priore (2008), Michelle Perrot (1985, 1998), Maria Lacerda Moura (1932), Simone Beauvoir (1980), Nancy Qualls-Corbett (2012), com as questões relacionadas à mulher nos vários momentos da história; Mary Neide Damico Figueiró (2009, 2010) e Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2005), na questão da Educação Sexual; Peter N. Stearns (2010), Timothy Taylor (1997), Nickie Roberts (1998), Rachel Pollack (1998), no que se refere à História do Sexo e da Sexualidade; Jacques Rossiaud (1991), que trabalha com a prostituição na Idade Média; Nikos Vrissimtzis (2002), especificamente, com o sexo na Grécia Antiga.

¹² Ressaltando que o livro *“Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar”* foi escrito em 1985, referenciando a cidade de Rio de Janeiro e o livro *“Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 -1930)”*, foi escrito em 1991, fazendo referência à cidade de São Paulo.

Além dos autores já destacados, ao longo da trajetória percorrida para o desenvolvimento do presente estudo, outras fontes de referência e autores foram sendo incorporados, formando, assim, a base teórica desta pesquisa.

Delineamento Metodológico

Pesquisa deve ser entendida, segundo Minayo (1994, p. 23), como um procedimento que se encaminha como “uma atitude e uma prática de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente”, buscando por meio de atividades de sucessivas aproximações, observar e analisar os relatos sobre a realidade histórica vivenciada, na qual são emitidas reflexões frente à realidade.

Como um estudo qualitativo (MINAYO, 1994) e de caráter explicativo, a pesquisa busca, além de registrar determinado objeto, analisar os fenômenos estudados, procurando identificar suas causas por meio da interpretação possibilitada pelo delineamento em questão.

Em consonância com os objetivos do estudo, a metodologia foi desenvolvida observando as premissas interpretativas e de análise empregadas pela Pesquisa Bibliográfica. Essa abordagem permite que o pesquisador faça uso de toda bibliografia já realizada com relação ao tema de interesse, oferecendo técnicas de organização, confecção e inferência sobre aquilo que se pretende abordar, e que ainda apresente lacunas importantes a serem exploradas, principalmente, quando relacionados a problemas que ainda não se cristalizaram suficientemente.

Segundo Lima e Miotto (2007, p. 38), a pesquisa bibliográfica “implica um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”. Severino (2007, p. 122) observa também que uma pesquisa bibliográfica “é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc”.

Gil (2008, p. 50) complementa a ideia da utilização de material já disponível em outros registros que a pesquisa bibliográfica possibilita, salientando:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de

pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. [...] A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários. (GIL, 2008, p. 50).

Para que não ocorram problemas com as fontes secundárias, faz-se necessário, ainda segundo Gil (2008), que os pesquisadores assegurem-se das condições em que os dados foram obtidos, analisando com profundidade cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar fontes diversas, cotejando-se cuidadosamente.

Na mesma direção, Severino (1991, p. 52) caracteriza esta prática como “tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, [...] superar a estrita mensagem do texto, [...] explorar toda a fecundidade das ideias expostas, [...] cotejá-las com outras, enfim, [...] dialogar com o autor”. Todo esse processo permite ao pesquisador formar juízo sobre o tema pesquisado, valorando as ideias e relacionando-as com as posições de outros autores, como forma de formalizar uma reflexão ampla e integradora.

É nesse sentido que uma pesquisa bibliográfica não se estabelece pela simples transposição da realidade encontrada, mas principalmente se pauta na reflexão crítica que se observa a partir do conhecimento acumulado, gerando uma rigorosa síntese do concreto pensado (QUIROGA, 1991; BARIANI et al., 2004).

Por fim, e em consonância com Lima e Miotto (2007, p. 44) entendemos a pesquisa bibliográfica como “um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas”.

Neste contexto, foram observados os procedimentos descritos por Marconi e Lakatos (2003) relacionados à pesquisa bibliográfica, em que as autoras descrevem oito fases distintas que compõem seu desenvolvimento: 1) escolha do tema; 2) elaboração do plano de trabalho; 3) identificação; 4) localização; 5) compilação; 6) fichamento; 7) análise e interpretação; 8) redação.

Desse modo, este tipo de pesquisa pode contribuir na construção do campo teórico de uma área do conhecimento, pois procura identificar os aportes significativos da construção da teoria.

Fontes Bibliográficas

Foram utilizados, revisados e analisados diferentes documentos científicos, entre eles: livros, artigos, jornais impressos e virtuais, revistas, *sites*, fotos e figuras. As fontes bibliográficas, segundo Gil (2008), mais conhecidas são os livros de leitura corrente. No entanto, existem outras fontes de interesse para a pesquisa bibliográfica, tais como: obras de referência, teses e dissertações, periódicos científicos, anais de encontros científicos e periódicos de indexação e de resumo.

Procedimento de coleta de dados

Para a coleta de dados foram observados os seguintes procedimentos:

- Visitas às bibliotecas universitárias para busca de revistas, livros, dissertações, teses, jornais, periódicos, entre outros, não disponíveis eletronicamente;
- Busca a *sites* e demais dispositivos eletrônicos, que disponibilizam documentos científicos relacionados ao tema e objetivos da pesquisa;
- Busca de estudos desenvolvidos no Brasil sobre o tema prostituição nos últimos 14 anos;
- Pesquisas na Biblioteca Digital Brasileira (BDTD), portal responsável pelo cadastramento de teses e dissertações *online* das grandes universidades brasileiras;
- Análise dos dados da história das prostitutas.

Procedimentos para confecção e análise de dados coletados

Após a coleta de dados e com o respaldo da análise literária observada sobre a realidade vivenciada com relação à história das prostitutas, iniciou-se o processo de análise dos dados e escrita referentes ao estudo.

1. Notas preliminares de pesquisa sobre prostituição no Brasil

*“Primeiro mandamento da Puta:
Serás discreta.
Jamais apontarás um homem na rua e dirás que ele
é teu cliente”.*
(Gabriela Leite, 2009, p. 6)

Esta sessão tem por objetivo apresentar os diferentes estudos que foram desenvolvidos sobre o tema prostituição no Brasil e os prováveis avanços relacionados a essa temática e seus subtemas, assim como analisar os estudos sobre a prostituição nos últimos 14 anos no Brasil, ou seja, início do século XXI. A fim de investigar as tendências sobre os estudos da prostituição, a presente pesquisa apresenta uma revisão e análise de estudos baseados em teses e dissertações com o objetivo de averiguar diferentes aspectos da temática. Para tal, esta análise foi dividida em três linhas temáticas de pesquisa:

1. Direitos legais ligados ao tráfico de mulheres, jovens e crianças para fins de exploração sexual;
2. Implicações na área da saúde e;
3. Aspectos históricos da prostituição.

A prostituição, apesar de ser um tema rico e com abordagens distintas, mostrou também algumas lacunas importantes que ainda merecem ser pesquisadas. Como exemplo, não há um número considerável de estudos que trate do tema prostituição como profissão, que é uma linha de pesquisa que ainda merece ser amplamente explorada.

A palavra “prostituição”, regularmente utilizada na literatura, traz uma falácia conceitual, na medida em que o termo tem se referido mais a um fenômeno e à resposta frente a uma situação de empobrecimento do que propriamente a uma profissão. Consideramos importante analisar, também, a prostituição como uma profissão. Em outras palavras, a literatura arquiteta justificativas por não tratar a prostituição como uma profissão e sim como alternativas injustas da sociedade, colocando as prostitutas como vítima de sociedade capitalista. Pudemos observar através da pesquisa que muitas prostitutas não se sentem vítimas e optam pela prostituição como uma opção

profissional. Desse modo, não podemos generalizar os motivos que levam mulheres a se prostituírem.

Muitas mulheres se prostituem, principalmente em regiões carentes, por necessidade, mas este não é o único motivo que torna prostituta uma mulher comum, visto que elas não existem apenas em lugares desprovidos de condições financeiras ou em meio à população carente. As prostitutas se encontram em todas as sociedades e em todos os países, independentemente da situação financeira em que estão inseridas.

Essa premissa pode se confirmar na própria literatura, em que há artigos, teses, dissertações e livros que retratam a prostituição como necessidade financeira, legitimando-as como vítimas do sistema e poucas a retratam como opção pessoal. Por opção pessoal, cada vez mais, na contemporaneidade, as prostitutas se manifestam por meio de lançamentos de livros, filmes, *sites* e *blogs*. As prostitutas que optam por essa profissão, na atualidade, pouco têm a esconder, e se tem que considerar que esta exposição, muitas vezes, também lhes rende venda de livros, filmes e convites das mais variadas espécies.

Por meio de pesquisas na Biblioteca Digital Brasileira (BDTD), portal responsável pelo cadastramento de teses e dissertações *online* das grandes universidades brasileiras, obtivemos o registro de 175 documentos por meio do uso da palavra-chave prostituição, como critério seletivo. Entre estes documentos, apenas 168 estavam efetivamente registrados, devido ao fato de sete deles serem repetidos. Deve se destacar que algumas obras, no total de 30, embora apareçam incluídas no número total, não constam para disposição de consultas, havendo proibição pelo autor. Além destas, duas teses e duas dissertações foram descartadas, pelo fato de terem sido escritas anteriormente ao ano de 2000. Desta forma, foi possível ao final da investigação, selecionar 28 teses de Doutorado e 92 dissertações de Mestrado. No entanto, apenas cinco teses e 11 dissertações foram analisadas por trabalharem com as linhas de temáticas aqui propostas, como descritas anteriormente.

No Quadro 1, estão apresentadas as teses de Doutorado que foram produzidas entre os anos de 2000 e 2014:

Quadro 1: Relação de Teses de Doutorado

Autor	Título	Área	Instituição	Ano
AZEVEDO, R. C. S. de	Usuários de cocaína e AIDS: um estudo sobre comportamentos de risco	Saúde Mental	UNICAMP	2000
PEREIRA, C.S.	"Que tenhas teu corpo": uma historia social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas	História	UNICAMP	2002
PASINI, E.	Os homens da vila: um estudo sobre relações de gênero num universo de prostituição feminina	Ciências Sociais	UNICAMP	2005
CARVALHO, R. C.	Turismo nos Lençóis Maranhenses: estudo das representações sociais de atores sobre a situação atual e futura do turismo nos municípios de Barreirinhas e Santo Amaro do Maranhão, MA	Desenvolvimento Sustentável	UNB	2005
LANDINI, T. S.	Horror, honra e direitos. Violência sexual contra crianças e adolescentes no século XX	Sociologia	USP	2005
PINHEIRO, V.	Socialização, violência e prostituição.	Educação	UNICAMP	2006
BECKER, G.	A construção da imagem da prostituição e da moralidade em Porto Alegre pelo jornal Gazetinha: uma análise dos códigos sociais segundo a Hipótese de Agendamento (1895-1897)	Comunicação Social	PUC – RS	2007
SANTOS, J. D. F.	Violência do sertão da ressaca: a negação dos direitos da população infanto-juvenil em Vitória da Conquista, Bahia (1997 – 2005)	Ciências Sociais	PUC – SP	2007
FERREIRA, L. R.	A comunicação e o turismo sexual as garotas do Brasil: um olhar hermenêutico	Práticas Sócio políticas	PUC – RS	2007
VISCARDI, N.	Violência, juventude e controle social no Uruguai: efeitos da violência na construção de trajetórias e identidades.	Sociologia	UFRGS	2007
SILVA, L. M. P.	Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS	Ciências Sociais	UFSCar	2007
AREN, M.	Gênero e erotismo: etnografia de um clube de mulheres no Rio de Janeiro	Ciências Humanas	UERJ	2007
AUSSERER, C.	Controle em nome da proteção: análise crítica dos discursos sobre o tráfico internacional de pessoas	Relações Internacionais	PUC – RJ	2007
MORAES, R. G. D.	Trabalho com redução à condição análoga à de escravos e ofensa à dignidade da pessoa humana: tráfico de mulheres para fins de exploração sexual comercial no Brasil (2002-2008).	Sociologia	UNESP-Araraquara	2008
NUNES, E. L. G.	Adolescência e corpo: a prostituição e o abuso de droga como sintoma	Psicologia	USP	2008
OLIVAR, J.M. N.	Guerras, trânsitos e apropriações: políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre.	Antropologia	UFRGS	2010
MARTINELLI, J. P. O.	Paternalismo jurídico-penal	Direito Penal	USP	2010
SANTOS, G. B.	O estilo interativo das profissionais do sexo de belo horizonte: um estudo sobre estratégias linguísticas	Linguística	UFMG	2011
SOUSA, F. R.	A noite também educa: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição	Educação	UFSCAR	2012
SILVA Jr, G. P.	O negócio do "prazer remunerado" nos discursos de garotos que fazem programa	Saúde	USP	2012

SILVA, C.	Sobre os cumes dos montes sacrificam Um estudo em Oseias 4,4-19	Ciências da Religião	Metodista	2012
TEIXEIRA, A.	Construir a delinquência, articular a criminalidade: um estudo sobre a gestão dos ilegalismos na cidade de São Paulo	Sociologia	USP	2012
NOGUEIRA, F. J. S.	“Mariconas: itinerários da velhice travesti, (des) montagens e (in) visibilidades	Sociologia	UFPB	2013
DAVI, E. H. D.	Belíssima: um estudo merleau-pontyano da corporalidade travesti	Psicologia	USP	2013
MAGALHÃES, R. L. B.	Infecção pelo vírus da hepatite B, HIV e cobertura vacinal em profissionais do sexo feminino em Teresina – PI	Enfermagem Fundamental	USP	2013
MELLO, A. S. V.	Prostituição, gênero e direitos: noções e tensões nas relações entre prostitutas e Pastoral da Mulher Marginalizada	Ciências Sociais	UNICAMP	2014
PEDERSEN, J. R.	O corpo como mercadoria: exploração sexual de adolescentes e vulnerabilidade social das famílias	Serviço Social	PUC – RS	2014
PEDROSO, R. S.	Trajetória do usuário de <i>crack</i> internado e seguimento de uma coorte retrospectiva e prospectiva	Ciências Médicas Psiquiatria	UFRGS	2014
FRANCO, N.	Professoras trans brasileiras: ressignificações de gênero e de sexualidades no contexto escolar	Educação	UFU	2014

Fonte: REBOLHO (2015)

Observa-se ao fazer a leitura do Quadro 1 que a USP (englobando todos os campi) produziu seis Teses de Doutorado em que a palavra-chave prostituição foi encontrada, seguida pela UNICAMP com cinco teses, PUC- RS e UFRGS com três teses, UFSCar com duas teses e as demais instituições com uma tese cada respectivamente.

O Quadro 2, a seguir, apresenta as 98 Dissertações de Mestrado desenvolvidas entre os anos de 2000 e 2014:

Quadro 2: Relação das Dissertações de Mestrado

Autor	Título	Área	Instituição	Ano
PASINI, E.	Corpos em evidencia, pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo.	Antropologia	UNICAMP	2000
BOTELHO, S. M. N.	Prostituição de adolescentes: uma imagem construída na adversidade da sociedade	Saúde	USP	2003
NUNES, E. L. G.	Adolescentes que vivem na rua: um estudo sobre a vulnerabilidade ao HIV/AIDS relacionada à droga, à prostituição e à violência	Psicologia	USP	2004
ASSIS, E. M.	A cidade e o “mal necessário”: prostituição e marginalidade social em Pouso Alegre – MG (1969 - 1988)	História Social	PUC – SP	2005
BOTTECHIA, D. Jr.	Uma análise dos fatores determinantes da prostituição feminina	Economia de Empresas	UCB	2005
COSTA, N. C.	O lado duro da vida fácil: a exploração sexual de	Educação em	UNIFOR	2005

	meninas adolescentes da periferia de Fortaleza-CE e o resgate da cidadania	Saúde		
RIMOLI, J.	Direito a delicadeza: crianças e adolescentes livres da exploração sexual	Saúde Coletiva	UNICAMP	2000 5
NAPOLITANO, M. N.	O médico e a mulher: o discurso médico sobre os vícios femininos na sociedade carioca oitocentista.	História e Cultura Social	UNESP – Franca	2005
FARIAS, A. M. A.	Da costela de Adão: o recalque e a negatização do feminino em nossa cultura e psicanálise	Psicologia Clínica	PUC – SP	2005
VIEGAS, S. F. Da C.	A prostituição matrimonial: um estudo acerca da trajetória de Moll Flandres	Teoria e História Literária	UNICAMP	2006
ARAÚJO Jr, J. C.	A metamorfose encarnada: travestimento em Londrina (1970-1980)	História Cultural	UNICAMP	2006
FERREIRA, F. C.	Trabalhadoras do sexo e profissionais da saúde: percepções sobre os processos educativos relacionados à saúde presentes no trabalho sexual	Educação	UFSCar	2006
SECRETI, P. G.	Deus ciumento: análise exegetica de Oséias 2,4-15	Ciências da Religião	UCG	2006
TIEDE, L. M.	Sob suspeita: negros, pretos e homens de cor em São Paulo no início do século XX	História Social	UNICAMP	2006
BORTOLANZA, E. C.	Gestos pornográficos: desejo, estética e erotismo	Psicologia Clínica	PUC – SP	2006
HAGINO, R.	Considerações sobre a obra Nigorie (Enseada de águas turvas) e sua autora Higuchi Ichiyô (1872-1896)	Linguística	USP	2007
SOUSA, F. R.	Saberes da vida da noite: percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes	Educação	UFSCar	2007
AMARAL, R. L. G.	Efeitos decorrentes do uso de duchas higiênicas sobre a microflora vaginal de mulheres profissionais do sexo	Ciências Biomédicas	UNICAMP	2007
LANGE, L. C.	Mineração de dados em sistema eficiente de iluminação pública incluindo parâmetros sócio comportamentais	Engenharia Elétrica	PUC - RS	2007
TEIXEIRA, I.S.	A encruzilhada das ideias: aproximação entre a Legenda Áurea (Iacopo Varazze) e a Suma Teológica (Tomás de Aquino)	História Medieval	UFRGS	2007
MELLO, A. S. V.	Burocratização e institucionalização das organizações de movimentos sociais: o caso da organização de prostitutas Davida	Sociologia	UFMG	2007
TEDESCO, L. L.	Explorando o negócio do sexo: uma etnografia sobre as relações afetivas e comerciais entre prostitutas e agenciadores em Porto Alegre/RS	Antropologia Social	UFRGS	2008
ORNAT, M. J.	Território da prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa – PR	Geografia-Gestão do Território	UEPG	2008
SILVA, S. X.	As vozes de mulheres profissionais do sexo sobre a legalização do seu trabalho: discurso e gênero	Linguística	UNB	2008
OLIVEIRA, M. Q.	Prostituição e trabalho no baixo meretrício de Belo Horizonte – o trabalho da vida nada fácil	Psicologia	UFMG	2008
MATTÉ, A. K.	Prazeres velados e silêncios suspirados sexualidade e contravenções na região colonial italiana (1920-1950)	História	PUC – RS	2008
SILVA, S. L.	Mulheres da Luz: uma etnografia dos usos e preservação no uso do "Crack"	Saúde	USP	2008
SANTOS, F. G.	O comércio ilícito do prazer e a ação policial e jurídica em Porto Alegre (1889-1930)	História	PUC – RS	2008

SANTOS, E.G.	Mulheres jovens de Uruaçu (GO), vulneráveis ao tráfico de pessoas para a Exploração Sexual Comercial: subsídio para o atendimento do Serviço Social	Serviço Social	PUC –SP	2008
SANTOS, P. R.	Entre necas, peitos e picumãs: subjetividade e construção identitária das travestis moradoras no Jardim Itatinga	Educação	UNICAMP	2008
OLIVEIRA, A. C. S.	Mulher solta, mulher louca: Maria Venuto, das horas de seus dias a tela do cinema	Multimeios	UNICAMP	2008
TRINDADE, J. R.	Errantes da Campina: Belém, 1880-1900	História	UNICAMP	2008
GERALDI, G. C.	Sob a mira da polícia: homens, mulheres e as autoridades policiais em São Paulo na primeira década republicana	História	UNICAMP	2008
RODRIGUES, S. M.	Carvanalização e paródia em álbum de família, de Nelson Rodrigues	Literatura	PUC – SP	2008
NABOSNY, A.	A complexidade espacial da exploração sexual comercial infanto-juvenil feminina: entre táticas e estratégias de (in) visibilidade	Gestão do Território	UEPG	2008
COSTA, A. S.	O tráfico de mulheres: o caso do tráfico interno de mulheres para fins de exploração sexual no estado do Ceará	Direito Constitucional	UNIFOR	2008
GREGÓRIO, A. M. S.	Contribuição à gestão ambiental da Baía de Guajará (Belém - Pará - Amazônia) através de estudo batimétrico e sedimentológico	Geociências	UFRGS	2008
CONTE, M. I.	A ponte sobre o rio Oiapoque: uma ponte 'transoceânica' entre o Brasil e a França; o Mercosul e a União Europeia?	Geografia Humana	USP	2008
BRAGA, E. S.	Santas e sedutoras: as heroínas na Bíblia hebraica - a mulher entre as narrativas bíblicas e a literatura patrística	Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica	USP	2008
SILVA, R. A.	As práticas informacionais das profissionais do sexo da zona boêmia de Belo Horizonte	Informação, Cultura e Sociedade	UFMG	2008
TOLEDO, M. M.	Vulnerabilidade de adolescentes ao HIV/AIDS: revisão integrativa	Enfermagem em Saúde Coletiva	USP	2008
LOPES, R. D.	A ESCCA ¹³ e a lei. Encontros e despedidas	Psicologia	UERJ	2009
JEOLAS, L.C. S.	Vendo (o) corpo, vendo (a) imagem: a autorrepresentação fotográfica de mulheres e travestis profissionais do sexo do Jardim Itatinga	Artes Visuais	UNICAMP	2009
SERPA, M. G.	Exploração sexual e prostituição: um estudo de fatores de risco e proteção com mulheres adultas e adolescentes	Psicologia	UFRGS	2009
PÉRET, F.H. S.	Homossexualidade, violência e pobreza: as representações do amor não-hegemônico em Cidade de Deus e Estação Carandiru	Letras	UFMG	2009
RODRIGUES, C. V.	Vislumbrando os sujeitos “invisíveis” sob o foco das práticas do controle social – Uberaba 1965 – 1935	História	UFU	2009
MONTALVÃO,	A homossexualidade na bíblia hebraica: um estudo	Linguística	USP	2009

¹³ Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes (ESCCA), sigla utilizada pelo autor.

S. A.	sobre a prostituição sagrada no antigo oriente médio			
MARWELL, T. E. D. G.	O tratamento jurídico-penal ao tráfico internacional de pessoas para fins sexuais no Brasil à luz da Convenção de Palermo	Direito Internacional e Econômico	UCB	2009
LIMA, S.S.	“Uma maneira de proteger e educar”: a casa maternal Amélia Leite (1947 – 1970)	Educação	UFS	2009
TEIXEIRA, F. S.	Vão e desvãos do eu na ficção tardia de Clarice Lispector	Literatura Brasileira	UERJ	2009
GEAMMAL, J. T.	O surgimento da marca Daspu e a projeção de sua imagem através da imprensa	Designer	UERJ	2009
BONFIM, P. T. S.	Discriminação e preconceito: identidade, cotidiano e religiosidade de travestis e transexuais	Psicologia	UCB	2009
SILVA, M. G. C.	A moral e os bons costumes: a experiência da cidade nas narrativas policiais (Belo Horizonte, 1897-1926)	Educação	UFMG	2009
VAZ, L. P.	Deteção e genotipagem do papilomavírus humano (HPV) em mulheres HIV- positivas e em controles de Goiânia-GO	Genética	UCG	2009
LIMA, B.M. C.	Prevalência de infecção pó papilomavírus humano e perfil comportamental de mulheres soropositivas e soronegativas para HIV, atendidas em clínica de DST em Vitória, ES	Doenças Infecciosas	UFES	2009
RODRIGUES, R. M.	Prostituição e construção de carreira: um estudo sobre o trabalho de prostitutas do centro de Salvador	Psicologia	USP	2010
COLVERO, C. A.	Mulheres na batalha: performances de gênero em bares com prostituição em Santa Maria	Ciências Sociais	UFSM	2010
MANAIA, R. S. R.	Os espaços da prostituição: a história de Assis narrada pelos processos crime (1930-1963)	História Social	UEL	2010
DETONI, P. P.	“Seguir barragem”: (re – des) construções das masculinidades num canteiro de obras de uma usina hidrelétrica	Psicologia Social	UFRGS	2010
SARMENTO, S. S.	Exame preventivo do câncer de colo uterino: representações sociais de profissionais do sexo de Juazeiro – BA	Psicologia Social e Saúde	UFES	2010
SGANZELLA, N. C. M.	“Feita só por mãe!” Sentidos de maternidade e família entre mulheres prostituídas	Antropologia Social	UFSCar	2011
SILVA, L. A. C.	Prostituição e (des) construção da imagem dos espaços turísticos da orla de Ataláia – SE	Desenvolvimento e Meio Ambiental	UFS	2011
DENARI, A. F.	Poder e (des) ordem: preliminares de uma história – prostituição e o mercado do sexo em Joinville (1990 – 2010)	História	UDESC	2011
BALDNER, D.C.	Estigma e atividade profissional: um olhar sobre o processo de profissionalização da profissão do sexo	Ciências Jurídicas	UFES	2011
CORTEZ, F. C. P.	Consumo de álcool e outras drogas, sintomas depressivos, impulsividade e aspectos dimensionais de personalidade em homens biológicos profissionais do sexo	Medicina Psiquiatria	USP	2011
RIECK, M. B.	O sujeito não sabe o nome do que ele é: enigmas do nome próprio	Educação	UFRGS	2011
CAVALCANTE, A.C.	As Iracemas e os príncipes do além-mar: políticas públicas e exploração do turismo sexual no Ceará	Gestão Pública	UNIFOR	2011
LUCKOW, F. B.	Chanteuses e cabarés: a performance musical como mediadora dos discursos de gênero na Porto Alegre do início do século XX	Gênero Musical	UFRGS	2011
ROCHA, R. M. G.	Entre o estranho e o afeto: construção de sentidos sobre as relações de amizade entre travestis	Psicologia Aplicada	UFU	2011
OLIVEIRA, V. G.	<i>Carne de Fieras, Barrios Bajos e Aurora de Esperanza</i> - o melodrama anarquista na produção	História Social	USP	2011

	cinematográfica da CNT, durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939)			
BRANCO, N. F.	O poder vai dançar de Tim Robbins: história, avanços e limites	Arte Política	USP	2011
CARVALHO, M. F. L.	Que mulher é essa?: identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais	Ciência Humanas	UERJ	2011
VEJA, L. B. S.	Exploração sexual de crianças e adolescentes e as redes de proteção: um estudo socioambiental na cidade do Rio Grande	Educação Ambiental	FURG	2011
BRASIL, D. M.	A prostituição feminina e associação de prostitutas da Paraíba: movimento social, luta política e reivindicações de direito	Ciência Jurídicas - Direitos Humanos	UFPB	2012
PEREIRA, L. C. S. A.	"No intuito de produzir influência educativa": delegacia de costumes e a prática do meretrício em Belo Horizonte (décadas de 1920 e 1930)	Educação	UFMG	2012
RODRIGUES, T. C.	O tráfico internacional de pessoas para fim de exploração sexual e a questão do consentimento	Direito Penal	USP	2012
ALMEIDA N., M. A.	Juventudes e estilos de vida: sociabilidades no Bairro de Siqueira Campos	Antropologia Social	UFS	2012
MACEDÔNIO, M. A. O.	O acesso à eucaristia aos casais de segunda união: uma perspectiva ecumênica	Teologia	PUC – RS	2012
CRUZ, V. D.	Vivências de mulheres que consomem <i>crack</i> em Pelotas-RS	Enfermagem em saúde mental e saúde coletiva	UFPEL	2012
DIÓGENES, T. R.	Políticas públicas de enfrentamento ao tráfico infanto-juvenil: pela preservação dos direitos humanos das crianças e dos adolescentes	Direito Constitucional	UNIFOR	2012
SERRETI, J. L. N. M.	Tráfico internacional e interno de pessoas para exploração sexual, como forma moderna de trabalho com redução à condição análoga a de escravo.	Direito	UNESP	2012
SILVA, J. B. R.	Discurso e(m) imagem sobre o feminino: o sujeito nas telas	Psicologia	USP	2012
MENDONÇA, S. B.	"Exclusivamente feminino": Materialização cotidiana do gênero por "garotas de programa"	Ciências Sociais	PUC – RS	2013
SILVA, A. C. R.	Entre prazer e necessidade, o discurso do corpo na prostituição masculina	Letras	UFRGS	2013
MELO, A. S.	Exploração sexual comercial: uma análise da legislação e da jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça nos casos de crianças e adolescentes submetidos à prostituição	Direito	UFPB	2013
MEDEIROS, M. X. L.	A criminalização da migração internacional das trabalhadoras do sexo e o seu tratamento como vítimas do tráfico de pessoas: o papel do livre consentimento	Ciência Jurídicas - Direitos Humanos	UFPB	2013
MONZELI, G. A.	Em casa, na pista ou na escola é tanto babado: espaço de sociabilidade de jovens travestis	Terapia Ocupacional	UFSCar	2013
CUNHA, L. A.	Prostituição e religião: a trajetória religiosa de mulheres que praticam a prostituição na região de Santo Amaro – SP	Ciências da Religião	PUC – SP	2014
AFONSO, M. L.	Regulamentar para quê (m)? As representações sociais das prostitutas sobre a regulamentação da profissão	Psicologia	UFSCar	2014
RODRIGUES, L. P.	Não quero que gostem de mim, mas exijo que me respeitem: a prostituta cidadã, os significados e as ambiguidades na relação com o Ministério da Saúde.	Saúde	PUC – RS	2014

OCANHA, R. F.	“Amor, feijão, abaixo camburão” – imprensa, violência e <i>troitter</i> em São Paulo (1979 – 1983)	História	PUC – SP	2014
REIS, P. M.	Tráfico de seres humanos para exploração laboral: análise crítica dos mecanismos jurídicos para enfrentamento do problema em âmbito internacional e no Brasil	Direito	UFMG	2014

Fonte: REBOLHO (2015)

Observa-se ao fazer a leitura do Quadro 2 que a USP (englobando todas os campi) produziu 14 Dissertações de Mestrado em que a palavra-chave prostituição foi encontrada, seguida pela UNICAMP com 11 dissertações, UFRGS com oito dissertações, PUC- SP com sete dissertações, PUC- RS com seis dissertações, UFSCar com cinco dissertações, UNIFOR com quatro dissertações, UCB, UFS, UFES e UFPB com três dissertações, UEPG, UCG e UNESP com duas dissertações e as demais instituições com uma dissertação respectivamente.

Das duas teses analisadas relacionadas à temática dos direitos legais, a de Moraes (2005) foi realizada na UNESP – Araraquara e a de Martinelli (2010) na USP- SP. As seis dissertações analisadas com esta mesma temática foram realizadas nas instituições: Costa (2008) na UNIFOR, Marwell (2009) na UCB, Rodrigues (2012) na USP- SP, Diógenes (2012) na UNIFOR, Melo (2013) na UFPB e Medeiros (2013) na UFPB.

A tese analisada relacionada à temática da saúde, a de Magalhães (2013), foi realizada na USP- Ribeirão Preto. As três dissertações analisadas com esta mesma temática foram realizadas nas instituições: Amaral (2007) na UNICAMP, Cortez (2011) na USP- SP e a de Cruz (2012) na UFPEL.

Das duas teses analisadas relacionadas à temática histórica, a de Pereira (2002) foi realizada na UNICAMP e a de Souza (2012) na UFSCar. As duas dissertações analisadas com esta mesma temática foram realizadas nas instituições: Assis (2005) na PUC –SP, Rodrigues (2014) na PUC –RS.

Como já salientado anteriormente, foram analisadas apenas as teses e dissertações que se enquadravam em uma das três linhas temáticas de pesquisas descritas anteriormente. Vale ressaltar que o tema ligado à exploração sexual de crianças e adolescentes, que está diretamente ligado às temáticas aqui discutidas, não contempla esta pesquisa, por este já ter sido trabalhado por esta pesquisadora em sua dissertação de Mestrado.

Um número considerável de trabalhos encontrados foi excluído da análise por não contemplar as linhas propostas e por se tratar de áreas não compreendidas nesta pesquisa, tais como: desenvolvimento sustentável, relações internacionais, linguística,

ciências da religião, serviço social, economia das empresas, engenharia elétrica, multimeios, artes visuais, genética, arte política e educação ambiental.

Com relação às pesquisas que tratam a prostituição pelo viés dos direitos legais no que tange o tráfico de mulheres, encontram-se as Teses de Doutorado de Moraes (2008) e Martineli (2010), e ainda, as Dissertações de Mestrado de Costa (2008), Marwell (2009), Rodrigues (2012), Diógenes (2012), Melo (2013) e Medeiros (2013). Moraes (2008), em sua tese de Doutorado intitulada “*Trabalho com redução à condição análoga à de escravos e ofensa à dignidade da pessoa humana: tráfico de mulheres para fins de exploração sexual comercial no Brasil (2002-2008)*”, cujo objetivo foi estudar o tráfico de pessoas para fins de exploração sexual comercial como uma forma moderna de escravidão e de violação aos direitos humanos, recorreu a Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada pela ONU em 1948, onde se encontram quase todos os direitos instituídos, os quais devem ser respeitados e colocados em prática pelas autoridades nacionais, visando proteger a vida, a liberdade, a igualdade, a segurança e a propriedade:

Entre as leis de qualquer país a mais importante e de maior força é a Constituição onde sempre são enumerados esses direitos fundamentais. A simples declaração da existência dos direitos é insuficiente. Para que os mesmos tenham significação prática, é preciso que as pessoas possam exercê-los. Em sentido mais amplo é necessário que as condições políticas, econômicas e sociais garantam a todas as pessoas as mesmas possibilidades de ter e de usar os direitos (MORAES, 2008, p. 11).

Portanto, é preciso que a sociedade seja organizada de maneira justa e que a Constituição e as leis reflitam o ideal de justiça do povo e sejam respeitados por todos. A dignidade do ser humano, que a Constituição Brasileira de 1988 inscreve como fundamento do Estado, significa, de acordo com Moraes (2008), não só o reconhecimento do valor humano em sua dimensão de liberdade, como também o alicerce sobre o qual o próprio Estado se constrói. O termo dignidade designa o respeito que qualquer pessoa merece; desse modo, o tráfico de mulheres para a prostituição fere o direito de dignidade destas mulheres que são exploradas da maneira mais vil e cruel que possa existir.

Martineli (2010), por sua vez, em sua tese de Doutorado, intitulada “*Paternalismo jurídico-penal*”, cujo objetivo foi expor os fundamentos da intervenção do Estado na liberdade individual por meio do direito penal, analisou a prostituição no

questo criminal, em que argumenta que os crimes relacionados à prostituição estão elencados nos artigos 227 a 231-A do Código Penal, dentro do capítulo VI, dos *Crimes contra a Dignidade Sexual*, que foi alterada pela Lei 12.015/2009, com o intuito de compreender os problemas que envolvem este tema, uma vez que o jurídico tutelado passou dos bons costumes para a dignidade sexual. “Penalista mais antigos [...] viam a prostituição como uma “atividade puramente parasitária”, que representa a grave lesão à disciplina social, uma conduta subversiva da organização da vida sexual e incompatível com a própria ordem econômica” (MARTINELI, 2010, p. 256). Desse modo, a dimensão da lesão era coletiva, social, e apenas subsidiariamente individual. Devido ao fato da prostituição por si só não ser crime, o Estado pune somente a conduta de terceiros que contribui para quem se prostitui. A lei criminaliza seu incentivo, sua exploração e o tráfico de pessoas para tais fins.

A pessoa que faz uso de um serviço de prostituição será punida se a prostituta for menor de 18 anos, o que na opinião de Martineli (2010) é um procedimento paternalista do Estado, que contribui para exploração sexual, restringindo a liberdade para vender o próprio corpo, o que o autor denomina de paternalismo indireto:

Sendo um bem jurídico tutelado a dignidade sexual, ninguém melhor do que a própria pessoa para julgar aquilo que é digno à sua vida. [...] Portanto, entende-se que violar a dignidade sexual é explorar o estado precário de uma pessoa cuja vontade real é de não prestar serviços sexuais (MARTINELI, 2010, p. 256).

Assim, o direito penal pode atuar para assegurar a vontade real e impedir um comportamento não desejado. Martineli (2010) analisa, ainda, o que denomina como dois tipos de prostituição: a indesejada e a desejada:

Indesejada é a prostituição exercida por falta de outras opções que garantem a sobrevivência da pessoa. A vontade atual entra em conflito com a vontade real por um momento de vulnerabilidade da pessoa. Por outro lado, a desejada é a prostituição praticada por alguém que encontra outros meios de sobrevivência, mas, por livre escolha, oferece serviços sexuais em troca de remuneração. Neste caso, trata-se de exercício da autonomia sem a ocorrência de lesão de terceiros ou autolesão. Se a pessoa sente-se digna com a atividade, ninguém poderá negar-lhe a opção e qualquer forma de reprimenda penal mostra-se ilegítima (MARTINELI, 2010, p. 256).

Quando se trata de prostituição indesejada não há exercício da autonomia, configurando-se como exploração. Desse modo, o direito penal é legítimo para interferir na liberdade de quem contribui com a prostituição para proteger a dignidade da pessoa prostituída.

O tráfico de mulheres para fins de prostituição é um tipo de crime organizado transnacional e que movimenta quantias elevadas de dinheiro. Costa (2008), Marwell (2009), Rodrigues (2012), Diogenes (2012), Medeiros (2013) e Reis (2014) discutem esta questão em suas variadas implicações. Costa (2008, p. 24), em sua dissertação de Mestrado intitulada “*O tráfico de mulheres: o caso do tráfico interno de mulheres para fins de exploração sexual no estado do Ceará*”, cujo objetivo foi analisar a modalidade criminosa sob quatro perspectivas: no âmbito global, nacional, estadual e para fins de exploração sexual no Ceará, afirma que o estudo do crime de tráfico de seres humanos se depara com a dificuldade de conceituação: “um dos grandes obstáculos se consubstancia na confusão que os países, através de seus órgãos governamentais e não governamentais, e os estudiosos do tema, fazem entre o tráfico de seres humanos, prostituição e contrabando de pessoas”, ou seja, se houvesse uma definição universal para tais crimes, seria mais fácil o enquadramento da penalidade.

Costa (2008) alega que, no caso do tráfico de mulheres e crianças para fins de exploração sexual, as vítimas são vendidas e enviadas à força a bordéis como profissionais do sexo, caracterizando, assim, o crime de tráfico e a prostituição. Para ela,

confundir o tráfico de seres humanos, de um lado, com as diversas manifestações de migração e mobilidade de pessoas e, de outro lado, com a prostituição e o trabalho sexual é um erro, sendo este, portanto, um dos cerne da discussão contemporânea sobre o tráfico global, nacional e regional. Uma vez solucionada referida questão, o impasse conceitual resta *parcialmente* (grifo nosso) resolvido (COSTA, 2008, p. 25).

Quando a autora observa que está parcialmente resolvido, refere-se à outra questão, que é o consentimento da vítima do tráfico humano. Martineli (2010) e Costa (2008) corroboram a ideia de consentimento ou não da pessoa envolvida, seja na prostituição como profissão ou no tráfico, e daí o motivo de tantas implicações que envolvem esta temática. “O problema está em considerar ou não que o ingresso consciente da vítima na rede de tráfico de pessoas descaracteriza o crime. É possível afirmar que este é um dos pontos controversos mais delicados, por envolver aspectos

sociológicos, criminais e psicológicos” (COSTA, 2008, p. 25). A prostituta Lee (2008), citada anteriormente, é um exemplo de opção pelo tráfico. Ela relata em sua autobiografia que foi traficada a Portugal por vontade própria, sabendo que lá seria prostituída, tendo seu passaporte confiscado e uma dívida inicial, praticamente impagável.

De acordo com Medeiros (2013), em sua dissertação de Mestrado intitulada “*A criminalização da migração internacional das trabalhadoras do sexo e o seu tratamento como vítimas do tráfico de pessoas: o papel do livre consentimento*”, que teve como objetivo analisar a interferência do consentimento da migrante na definição legal do tráfico internacional de mulheres para fins de exploração sexual, no Protocolo de Palermo, o mero auxílio para que outrem conscientemente exerça a prostituição em país estrangeiro não configura tráfico de pessoas. Esta divergência acarreta consequências práticas para as pessoas que desejam migrar visando exercer a prostituição no país receptor, pois as mulheres que saem do Brasil conscientemente acionam redes sociais ou outros migrantes, de uma maneira informal e não como grupos de crimes organizados; no entanto, essas ajudas podem, de acordo com o Código Penal, ser considerado tráfico. É uma maneira das mulheres que optam pela prostituição em outros países driblarem a lei.

Costa (2008, p. 30) afirma que, após várias convenções mundiais sobre o tráfico de mulheres e crianças, há dois blocos que se contrapõem. Há os que defendem que o tráfico pode sim ser voluntário e o outro que parte do pressuposto de que “[...] toda prostituição é forçada, não havendo, pois, diferença entre uma e outra. Assim entendem por considerarem que nenhuma pessoa, seja ela criança ou adulta, optaria por essa atividade em sã e livre consciência, sem, contudo, demandar esforço excessivo”. Rodrigues (2012, p.31), em sua dissertação de Mestrado intitulada “*O tráfico internacional de pessoas para fim de exploração sexual e a questão do consentimento*”, cujo objetivo foi discorrer sobre o tráfico internacional de pessoas para fins de exploração sexual, tendo em vista o consentimento da vítima maior e capaz, ainda complementa sua observação alertando ao fato de que alguns autores entendem que: “[...] tratando-se de sujeito maior, e em não havendo o abuso e a exploração da prostituta mediante violência, grave ameaça ou qualquer outra situação em que se verifique a violação do consentimento, não há de falar em crime”.

Neste sentido, Marwell (2009, p. 9), em sua dissertação de Mestrado, cujo título é “*O tratamento jurídico penal no tráfico internacional de pessoas para fins sexuais no*

Brasil à luz da Convenção de Palermo”, que teve como objetivo analisar os trilhos da globalização, rumo à criminalidade transnacional, na figura específica do delito de tráfico internacional de pessoas para fins sexuais, acredita que tal delito representa, no atual mundo globalizado, um dos maiores males da civilização moderna: “[...] uma grave violação dos direitos humanos, que nas últimas décadas alcançou níveis alarmantes, o que revelou, por parte da comunidade internacional, mormente do governo brasileiro, propósitos de enfrentamento”.

Diógenes (2012), em sua dissertação de Mestrado intitulada *“Políticas públicas de enfrentamento ao tráfico infanto-juvenil: pela preservação dos direitos humanos das crianças e dos adolescentes”*, que teve como objetivo analisar os direitos humanos das crianças e adolescentes juntamente ao tráfico, compartilha da mesma opinião de Marwell (2009), quando salienta que a prostituição, a pornografia, o turismo sexual e o tráfico para fins sexuais, ou seja, a indústria do sexo é a forma mais disseminada de exploração.

Melo (2013), em sua dissertação de Mestrado cujo tema é *“Exploração sexual comercial: uma análise da legislação e da jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça nos casos de crianças e adolescentes prostituídas”*, com o objetivo de analisar a responsabilização criminal nos delitos relacionados à exploração sexual de crianças e adolescentes prostituídas, chama a atenção ao fato de outra controvérsia nessa temática, que diz respeito tanto no âmbito da doutrina quanto na jurisprudência dos Tribunais de Justiça do país:

[...] a estabelecer se a responsabilização criminal nestes casos recairia tão somente aos agenciadores e aliciadores que intermediam a prática sexual, como cafetões e rufiões, mas se também se estenderia àqueles usuários que, sem a interdição de terceiros, mantêm contatos sexuais com crianças e adolescentes inseridas em um contexto de prostituição (MELO, 2013, p.4).

Para tal análise há de se compreender os fatores que favorecem a exploração sexual de crianças e adolescentes, dentre as desigualdades sociais, a mercantilização do sexo, entre outras questões, o que foge dos objetivos desta pesquisa.

A prostituição vista pelo prisma da saúde foi o tema mais recorrente, porém com temáticas distintas, dificultando o agrupamento para análises mais detalhadas. Foi analisada uma tese, a de Magalhães (2013) e três dissertações: Amaral (2007), Cortez (2011) e Cruz (2012).

Na sua tese de Doutorado, tendo como título “*Infecção pelo vírus da hepatite B, HIV e cobertura vacinal em profissionais do sexo feminino de Teresina*”, cujo objetivo foi analisar a prevalência da infecção pelo HIV e HBsAg em profissionais do sexo feminino e aspectos sociais, comportamentais, estado vacinal contra hepatite B e resposta vacinal, Magalhães (2013) entrevistou 402 prostitutas, na faixa etária entre 18 e 64 anos, que foram incluídas pela técnica de “bola de neve” (*snowballtechnique*), em que são coletas amostras de sangue para detecção de anti-HIV e marcadores sorológicos da hepatite B, sendo as mulheres contaminadas encaminhadas a um Serviço de Referência. Das 380 mulheres que concordaram em realizar a coleta, nove foram identificadas com HIV e dois casos de infecção HBsAg. Do total de 315 mulheres aptas para receber a vacina, apenas 91 completaram as três doses, por motivos diversos. Um dado relevante desta pesquisa é o consumo exagerado de álcool, cigarros e drogas ilícitas entre as prostitutas, dado este também constatado por Cortez (2011, p. 11), embora sua pesquisa seja relacionada a homens profissionais do sexo: “O uso de álcool e drogas é muito comum entre os profissionais do sexo, sendo que o consumo de substâncias psicoativas pode interferir na capacidade de julgamento e decisão do indivíduo”.

Apesar disso, os profissionais do sexo, assim como as prostitutas, alegam que o álcool e as drogas facilitam a interação com o cliente, diminuem possíveis sentimentos negativos e, no caso dos homens, facilitam a ereção. Já Cruz (2012), em sua dissertação de Mestrado, tendo como título “*Vivências de mulheres que consomem crack em Pelotas – RS*”, e com o objetivo de conhecer as vivências de mulheres que consomem *crack*, observou que o uso abusivo desta substância e as baixas condições financeiras parecem ser responsáveis pelo envolvimento de algumas mulheres na prostituição e em práticas criminosas, justificadas por uma infância conturbada com seus familiares.

Amaral (2007), em sua dissertação de Mestrado intitulada “*Efeitos decorrentes do uso de duchas higiênicas sobre a microflora vaginal de mulheres profissionais do sexo*”, cujo objetivo foi verificar se o uso de duchas higiênicas íntimas (DHI) pode interferir na microbiota vaginal de mulheres profissionais do sexo, em seu estudo de corte transversal com 155 prostitutas, verificou que as prostitutas são consideradas facilitadoras para a aquisição de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), incluindo o vírus do HIV, devido ao alto número de parceiros, além disso, o intercuro sexual anal e o sexo sem lubrificação natural e artificial são comuns. Outro fator agravante na contaminação das prostitutas é na dificuldade de negociação do uso de preservativos

com clientes e o uso abusivo de drogas ilícitas e álcool. As pesquisas que dizem respeito à saúde, na sua grande maioria, estão relacionadas às doenças e suas curas.

Com relação aos aspectos históricos da prostituição, destacam-se as duas teses: Pereira (2002) e Souza (2012) e duas dissertações: Assis (2005) e Rodrigues (2014).

Pereira (2002), em sua tese de Doutorado, tendo como título *"Que tenhas teu corpo: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas"*, e com o objetivo de identificar algumas das maneiras pelas quais os homens e mulheres associados a esta atividade participaram dos rearranjos nas relações de poder e nas hierarquias sociais que marcaram o estabelecimento da República, fez um estudo sobre as mudanças ocorridas com a prostituição e seus significados sociais durante as primeiras décadas do regime republicano no Rio de Janeiro e suas implicações policiais e legislativas.

Rodrigues (2014), em sua pesquisa etnográfica intitulada *"Não quero que gostem de mim, mas exijo que me respeitem: a prostituta cidadã, os significados e as ambiguidades na relação com o Ministério da Saúde"*, que teve como objetivo analisar como as prostitutas que fazem parte de organizações de prostitutas assumem a identidade do movimento social e como se dá a relação dessas organizações com as políticas públicas para esta categoria, usando como instrumentos de pesquisa a legislação brasileira, na qual constatou que desde 2002 a profissão de prostituta é reconhecida como ocupação:

A legislação brasileira sobre o exercício das atividades na prostituição reconhece desde 2002 a profissão de prostituta como uma ocupação. Neste ano o Ministério do Trabalho oficializou a profissão em sua Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), item 5198, como contribuição facultativa ao Instituto Nacional de Seguro Social (INSS), número de inscrição 1406, código da atividade 5198-05, definindo quem a pratica como sendo profissional do sexo, garota de programa, garoto de programa, meretriz, messalina, michê, mulher da vida, prostituta, puta, quenga, rapariga, trabalhador do sexo, transexual (profissionais do sexo) e travesti (profissionais do sexo). Isto permite que quem se prostitui possa recolher contribuições previdenciárias, como profissional do sexo, e garantir direitos comuns a todos os trabalhadores e trabalhadoras, como aposentadorias e auxílio doença. Claro que quem trabalha na prostituição podia e pode recolher contribuições previdenciárias declarando outra atividade, o que muitos e muitas ainda preferem ou por ignorância da regulamentação ou por autopercepção (RODRIGUES, 2014, p. 13).

O Código Penal do Brasil data de 1940 e houve poucas alterações até os dias atuais. Como já foi discutida anteriormente, a prostituição no Brasil não é crime, desde que seja exercida por pessoas maiores de idade. As penalidades recaem sobre as pessoas que praticam o rufianismo¹⁴ e exploram a prostituição. Desse modo, a pessoa que mantém um estabelecimento destinado a encontros libidinosos e que tira proveito de prostituição alheia deverá cumprir punição por lenocínio.

Segundo a mesma autora, desde 2011 tramita um Projeto de Lei, do Deputado João Campos (PSDB-GO), coordenador da Bancada Evangélica, que pretende acrescentar um artigo ao Decreto Lei nº 2848, referente ao Código Penal, citado acima. Este artigo se refere ao crime de contratação de serviços sexuais; desse modo, o projeto de lei pretende tipificar o crime de contratação de serviço sexual e inclui na mesma pena quem aceita a oferta de prestação de serviço de natureza sexual, assim como quem contrata serviços sexuais, com a pena de um mês a seis meses de reclusão. Jean Wyllys, deputado federal, apresentou o Projeto de Lei 4211/2012 que anseia por regulamentar as atividades dos e das profissionais do sexo no Brasil. Este Projeto de Lei tem o nome de Gabriela Leite, *in memorian*, (ver anexo 1):

O PL apresentado por Jean Wyllys dialoga com a Lei alemã que regulamenta a relações jurídicas das prostitutas; com o Projeto de Lei 98/2003 do ex-deputado Federal Fernando Gabeira, que foi arquivado; com o PL4244/2004, do ex-deputado Eduardo Valverde, que saiu de tramitação a pedido do autor; e com reivindicações dos movimentos sociais que lutam por direitos dos e das profissionais do sexo. Fica claro que o referido projeto de lei busca descriminalizar completamente o contexto da prostituição, separando-a da discussão sobre o tráfico de pessoas e exploração sexual, principalmente no que se refere ao artigo 4º que exige uma readequação do código penal brasileiro, substituindo a palavra prostituição, como consta atualmente neste, por exploração sexual (RODRIGUES, 2014, p. 15).

Atualmente existe no Brasil em torno de 35 organizações e profissionais do sexo, que formam a Rede Brasileira de Prostitutas (RBP), que debatem sobre o reconhecimento legal da profissão através do PL. Estes movimentos, entre outros

¹⁴ De acordo com o site “Direito Net”, rufianismo: “É crime que consiste em tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça. O rufião visa obter vantagem econômica reiterada em relação à prostituta ou prostitutas determinadas. Trata-se de crime habitual que só se configura pelo proveito reiterado nos lucros da vítima (homem ou mulher que exerce a prostituição)” (<http://www.direitonet.com.br/dicionario/exibir/1245/Rufianismo>. Acesso em 22/11/2015).

motivos já citados, têm como objetivo elucidar a sociedade para que esta não veja as prostitutas apenas como vítimas, mas como mulheres que pensam, que falam, que agem no mundo e o transformam.

Sousa (2012), em sua pesquisa de Doutorado, que tem como título “*A noite também educa: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição*”, e com o objetivo de compreender como prostitutas se educam na prática da prostituição, observou que, para se falar sobre prostituição, é importante a aproximação com elas. Para isso, usou como procedimentos metodológicos: aproximação a campo (como o próprio autor denomina seus contatos com as prostitutas), convivência, conversas com prostitutas e observação com posterior registro em diário de campo:

Assim, por meio da convivência com essas mulheres, passei a compreender prostituição como uma prática social, isto é, como espaço e tempo em que se consolidam valores, posturas e atitudes que são ensinados e partilhados pelas pessoas que se relacionam ao tomarem parte dessa atividade. Compreendi que as pessoas se educam no interior dessa prática social, ao identificarem problemas que lhes desafiam e ao criarem respostas para superá-los, assim, fui apreendendo a face educativa que também compõe a prática da prostituição (SOUSA, 2012, p. 14).

Não basta querer ser prostituta, para sê-la há um processo educativo para tornar-se uma delas. As prostitutas têm que aprender a ouvir, a conversar, a ser simpática, a representar papéis, a seduzir e a identificar fantasias do cliente. Isso que Sousa (2012) chama de processos educativos, é usado pelas prostitutas no sentido de ampliar a leitura que elas fazem do mundo e a compreensão da realidade. Corroborando com Rodrigues (2014), Sousa (2012, p. 19) por meio de sua pesquisa expõe que há um movimento protagonizado pelas prostitutas que se atrevem a viver o mundo de modo diferente, negando o fatalismo: “[...] reconhecem que é possível abrir fendas no que está condicionado, recriando dessa forma a realidade e construindo novas formas de ser e estar no mundo”.

Se a história da prostituição nos mostra um percurso de preconceito, violência, abusos, entre tantos outros fatores, e chega ao século XXI com o cenário de estabelecer novos conceitos e posições na sociedade, Assis (2005), em sua dissertação de Mestrado, cujo título é “*A cidade e o “mal necessário”: prostituição e marginalidade social em Pouso Alegre – MG (1969 -1988)*”, e tendo como objetivo refletir sobre a construção da

Zona de Prostituição enquanto território urbano e explorar as tensões que permearam as relações estabelecidas entre sociedade e Zona no decorrer dos anos, resultando e legitimando em processo de exclusão e o recurso aos preconceitos no reforço de fronteiras simbólicas construídas nas relações entre os sujeitos sociais como critérios de diferenciação entre eles, enfatiza que utilizou o recurso das fontes orais. Segundo o autor, este permite experiências dos mais diferentes sujeitos sociais que viveram o processo de exclusão, que o passado histórico das prostitutas não pode ser esquecido:

Não dá para ser esquecido o fato de que elas mesmas, as prostitutas, são mulheres; mulheres dentro de um modelo que negava às “moças de família”, “direitas” e “honestas” o direito à descoberta do sexo antes/fora do casamento, mas que, apesar de mal vistas pela sociedade, preservavam a virgindade e a reputação dessas moças “honrada” que não podiam se misturar a elas. A prostituta era vista como “desregrada”, “decaída”, era chamada de “mariposa”, era o antimodelo, mas bem servia a sociedade que as condenava e fechava seus espaços urbanos com muros invisíveis construídos pelo preconceito, amalgamados pela hipocrisia, que caminha junto com o chavão do “mal necessário” (ASSIS, 2005, p. 41).

Negar o passado histórico de lutas das prostitutas é fazer com que a sociedade compactue ainda mais com a hipocrisia que envolve todas as lutas dessa classe sofrida e discriminada.

Denardi (2011), em sua dissertação de Mestrado intitulada “*Poder e (des) ordem: preliminares de uma outra história – prostituição e o mercado do sexo em Joinvile (1990 – 2010)*”, que teve como objetivo problematizar as representações acerca das profissionais do sexo em Joinvile, especialmente a partir dos discursos jornalísticos no período entre 1990 e 2010, assim como Assis (2005), utilizou as fontes orais como um dos recursos metodológicos em sua pesquisa, analisa a discriminação e luta das prostitutas de Joinvile em busca de um lugar para se instalarem, devido ao fato da população não as quererem por perto, tornando um grave problema para a cidade. Desde o final da segunda metade do século XX: “[...] as prostitutas são alvos do poder público e da imprensa, que de uma forma arbitrária tentaram segregá-las “confinando-as” longe das zonas residências, mas devido à depreciação social que envolve tal preocupação, nem mesmo os moradores da região aceitaram a sua presença” (DENARDI, 2011, p 64).

Desse modo, tem-se mais um exemplo da hipocrisia que assombra as prostitutas, pois a mesma população que as usa, não as quer por perto. Assim como a mídia que também as usa ao seu bel prazer:

Os jornais são edifícios da construção discursiva de nosso mundo, que além de nos informar, formatam e modelam boa parte da opinião pública. Os mesmos veículos que publicam os anúncios de sexo num dado espaço e momento, em outros, criminalizam as prostitutas” (DENARDI, 2011, p. 18).

Dessa forma, cada vez mais ficam evidentes os interesses de grupos que forjam verdades e mentiras de acordo com as suas conveniências e as prostitutas, por sua vez, são um joguete nas mãos da classe detentora do poder. Enquanto as prostitutas estiverem no pelotão de frente e sozinhas nesta batalha pelo seu futuro, como pessoas dignas e detentoras de uma profissão, independente se forem por opção ou necessidade, não se vislumbra um quadro com matizes favoráveis a elas.

2. A prostituição no Período Pré-histórico

“O mito do matriarcado é apenas uma ferramenta usada para manter as mulheres quietas no seu lugar. Para libertá-las, precisamos destruir o mito”. (JOAN BAMBERGUER – “The Myth of Matriarchy”, 1974, s.p. apud TAYLOR, 1997, p. 113).

A principal característica que diferencia o homem dos outros animais é sua relação com a natureza. Enquanto os animais se adaptam a ela, os homens a dominam, transformando-a de acordo com seus mais diferentes interesses e necessidades. É negando as características da natureza que o homem se constitui como tal, e para que isso ocorra, é necessária a prática do trabalho. Desse modo, o homem recorreu ao trabalho para produzir os bens necessários para sua sobrevivência, iniciando, assim, a sua história.

A Pré-História teve início cerca de 5,5 milhões de anos atrás, com o surgimento dos primeiros hominídeos – família dos primatas ancestrais do homem – e se estendeu até aproximadamente o ano de 4.000 a.C., quando a escrita foi inventada e começaram a aparecer as primeiras civilizações. Esses milhões de anos foram marcados pela evolução das espécies humanas, que culminou com o surgimento – entre 200 mil e 100 mil anos atrás – e a supremacia do homem moderno, chamado de *Homo Sapiens*. Nesse período, ocorreram dois dos eventos mais importantes que marcaram a evolução da espécie da Terra: a revolução agrícola e a revolução urbana.

A fim de organizar os estudos sobre esta época, a Pré-História foi dividida em dois grandes períodos: Paleolítico¹⁵ – ou a Idade de Pedra Lascada – e o Neolítico – ou Idade da Pedra Polida.

Segundo Ferreira Junior (s/d), o que se pode assimilar especificamente na questão da estrutura social dos povos primitivos, é que, com a produção rudimentar e um baixo desenvolvimento das forças produtivas, não havia como desenvolver relações de produção mais complexas. Portanto, estas aconteciam de maneira espontânea, o que, por sua vez, era manifestado na educação, que se dava pela convivência. A divisão do trabalho se dava entre o manual e o intelectual, sendo que os vários formatos que a

¹⁵ Período Paleolítico ou da Pedra Lascada é a era histórica mais extensa da humanidade: abrange por volta de três milhões de anos atrás até cerca de 10.000 a.C.

educação do período assume, torna-se cada vez mais instrumentos políticos e ideológicos de perpetuação da ordem vigente, ou seja, de reprodução das relações de produção, e de distanciamento entre os segmentos componentes dessas formações sociais.

Alguns autores divergem quanto à formação da sociedade Pré-histórica, como é o caso de Taylor (1997), Roberts (1998), Reed (2008), Qualls-Corbett (2012), Beauvoir (1980), Thompson (1981), entre outros. Em sua obra, Taylor (1997) elogia passagens do livro de Roberts (1998), mas ao mesmo tempo a critica quando esta utiliza a imagem da Vênus de Willendorf¹⁶ e denomina a lenda como: “No início era o matriarcado [...]” (Roberts, 1998, p. 191). Para o autor se esta afirmação é verossímil: “[...] era de se esperar que a Deusa estivesse fazendo algo como fazem as vigorosas deusas indianas – matando, parindo, copulando e assim por diante”. (TAYLOR, 1997, p. 117).

A seguir a figura da Deusa, conhecida como a Vênus de Willendorf, usada por Roberts (1998) ao afirmar que a civilização pré-histórica era matriarcal:

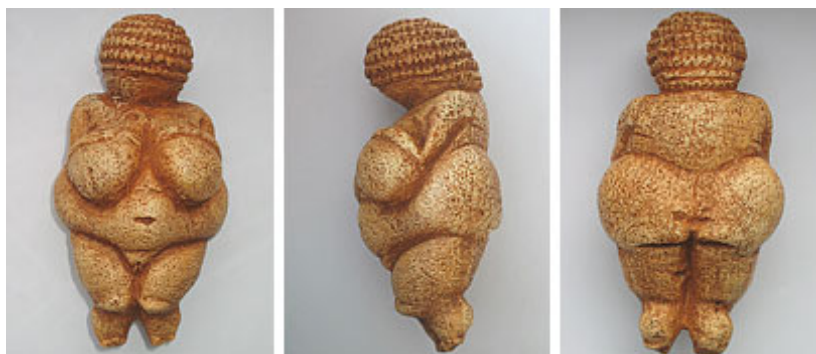


Figura 1: Vênus de Willendorf

Fonte: <http://pichacoesciberespaciais.blogspot.com.br/2009/01/venus-de-willendorf-arte-rupestre.html>. Acesso 21/05/2014.

Por seu lado, Roberts (1998, p. 19), afirma que a teoria da sociedade matriarcal sempre foi rejeitada, devido a “[...] gerações de intelectuais do sexo masculino como uma aberração de “norma” (patriarcal), a longa era de adoração à deusa – estimada em mais de 25.000 anos - em geral, é rebaixada a uma série de “cultos à fertilidade” desajeitadamente explicados, se não totalmente ignorados”. A mesma autora ainda afirma que a mulher, nesta época, é que era considerada a criadora da força da vida e

¹⁶A Vênus de Willendorf, hoje também conhecida como Mulher de Willendorf, é uma estatueta com 11,1 cm de altura representando estilisticamente uma mulher, descoberta no sítio arqueológico do paleolítico situado perto de Willendorf, na Áustria.

que era adorada como a Grande Deusa, e como tal, estava no centro de toda a atividade social.

Reed (2008) afirma que os homens obtiveram sua supremacia social por meio da luta contra a mulher e suas conquistas. Para esta autora, na sociedade primitiva, as mulheres não eram santificadas e nem degradadas, eram apenas dirigentes da sociedade e da cultura. Afirma, portanto, diferentemente de Taylor (1997), que a sociedade primitiva era sim um matriarcado, o que significa um sistema no qual quem organizava e dirigia a vida social não eram os homens, mas as mulheres. No entanto, enfatiza que a distinção entre os dois sistemas sociais vai muito além desta mudança de papel de dirigente dos dois sexos. A direção social das mulheres na sociedade primitiva não estava fundada sobre a opressão do homem. Pelo contrário, esta não conhecia desigualdades sociais, inferioridades ou discriminações de qualquer espécie. Estava fundada sobre uma base de completa igualdade. Dessa maneira, segundo Reed (2008), por meio da direção das mulheres, os homens passaram de uma condição atrasada a um papel social e cultural mais elevado.

Para Qualls-Corbett (2012, p.37), durante o milênio em que a prostituta sagrada existiu, as culturas construíram-se sob o sistema matriarcal. “Matriarcado aqui não significa que as mulheres substituíram homens apenas em cargos de autoridade; ao contrário, o foco situava-se em valores culturais diferentes”, portanto, para esta autora, o matriarcado se relacionava com a autoridade cultural, em oposição ao poder enfatizado pelo patriarcado.

O mundo, segundo Beauvoir (1980, p. 81), sempre pertenceu aos machos e todas as tentativas para explicá-lo de outra maneira não foram suficientes:

Já verificamos que, quando, duas categorias humanas se acham em presença, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma delas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher. Mas que privilégio lhe permitiu satisfazer essa vontade?

Para responder a esta questão a mesma autora argumenta que as informações que os etnógrafos dispõem acerca das sociedades primitivas “são terrivelmente contraditórias e tanto mais quanto eles são mais bem informados e menos sistemáticos. É singularmente difícil ter uma ideia da situação da mulher no período que precedeu o

da agricultura” (BEAUVOIR, 1980, p. 81). O argumento que esta mesma autora sustenta para afirmar que a situação da mulher, neste momento histórico, é de difícil interpretação, deu-se pelo fato de ser sabido que era destinado à mulher o trabalho pesado, era ela que carregava os fardos. Ao mesmo tempo, esta premissa também pode ser contraditória, pois: “é possível que essa função lhe fosse determinada para que, em comboios, o homem conservasse as mãos livres a fim de defender-se contra os agressores ocasionais, indivíduos ou animais. Seu papel era [...] o mais perigoso e exigia mais vigor” (BEAUVOIR, 1980, p. 81). A aparência física das mulheres, de acordo com esta autora, nos remete para figuras robustas e resistentes para participar das expedições dos guerreiros, como podemos verificar, nesta pesquisa, através das imagens das Vênus.

Para as mulheres que se dedicavam à arte da defesa das tribos e na luta contra um mundo hostil, as servidões da reprodução significavam para elas um empecilho, portanto, as amazonas mutilavam seus seios, o que significava que, enquanto se encontravam como guerreiras, a maternidade não lhes pertencia (BEAUVOIR, 1980). Já para as mulheres normais, as gravidezes lhes tiravam a produtividade, obrigando-as a dependerem da proteção de guerreiros, do produto da caça e da pesca, que eram atividades destinadas aos homens. Pelo fato de não haver, nesta época, o controle da natalidade, maternidades repetidas absorviam a maior parte do tempo das mulheres e por conta disso, nasciam muitas crianças em relação aos recursos da coletividade; o grande índice de fecundidade da mulher impedia-a de participar ativamente na ampliação desses recursos, ao passo que criava indefinidamente novas necessidades:

Imprescindível à perpetuação da espécie, perpetuava-a de maneira exagerada: o homem é que assegurava o equilíbrio da reprodução e da produção. Assim, a mulher não tinha sequer o privilégio de manter a vida em face do macho procriador; não desempenhava o papel do óvulo em relação ao espermatozoide, da matriz em relação ao falo; só tinha uma parte no esforço da espécie humana por preservar em seu ser, e era graças ao homem que esse esforço se realizava concretamente (BEAUVOIR, 1980, p. 82).

No entanto, o equilíbrio da produção-reprodução se estabelecia à custa de infanticídios, de sacrifícios e de guerras. Assim, homens e mulheres eram igualmente necessários do ponto de vista de sobrevivência e, poder-se-ia supor que, em certos períodos de abundância alimentar, o papel do homem tenha subordinado o macho à mulher-mãe, como profere Beauvoir (1980).

Beauvoir (1980, p. 83) argumenta em sua obra, *O segundo sexo 1. Fatos e Mitos*, que há fêmeas animais que descobrem na maternidade uma completa autonomia e a partir deste fato questiona:

[...] por que a mulher não conseguiu fazer disso um pedestal?”, ou seja, por que a mulher não soube tirar proveito dessa situação? Para este intrigante questionamento a autora afirma que: “a razão está em que a humanidade não é uma simples espécie natural: ela não procura manter-se enquanto espécie; seu projeto não é estagnação: ela tende a superar-se (Id.).

Desse modo, “[...] as hordas primitivas quase não se interessavam pela sua posterioridade. Não estando fixadas em um território, nada possuindo, não se encarnando em nenhuma coisa estável, não podiam ter ideia concreta da permanência” (BEAUVOIR, 1980, p. 83). Argumenta ainda, que nesta época, não havia a preocupação com a sobrevivência e não se reconheciam na sua descendência:

[...] não temiam a morte e não reclamavam herdeiros; os filhos constituíam para elas um encargo e não uma riqueza; a prova está em que os infanticídios foram numerosos entre os povos nômades e muitos recém nascidos que não eram exterminados morriam por falta de higiene em meio à indiferença, em geral. A mulher que engendra não conhece, pois, o orgulho da criação; sente-se o joguete passivo de forças obscuras e o parto doloroso é um acidente inútil e até importuno (BEAUVOIR, 1980, p. 83).

Com o passar dos tempos é que os filhos começaram a ter importância na vida das pessoas; no entanto, engravidar e amamentar não são atividades, segundo a mesma autora, e sim funções naturais. Assim, a mulher não encontra motivo para uma afirmação ativa de sua existência e ela suporta passivamente seu destino biológico. As atividades domésticas são repetidas e conciliáveis com os encargos da maternidade numa rotina interminável e não produzem nada de novo (BEAUVOIR, 1980).

A divergência entre o papel do homem e o da mulher é transparente. Ele não trabalhou apenas para conservar o mundo: “[...] dilatou-lhe as fronteiras, lançou bases de um novo futuro. [...] O guerreiro põe em jogo a própria vida para aumentar o prestígio da horda e do clã a que pertence. Com isso, prova de maneira convincente que a vida não é para o homem o valor supremo [...]” (BEAUVOIR, 1980, p. 84). Desse modo, a vida deve servir a fins mais importantes do que ela própria. O maior fardo que a mulher sente é estar excluída das expedições guerreiras. “Não é dando a vida, é

arriscando-a que o homem se ergue acima do animal; eis por que, na humanidade, a superioridade é outorgada não ao sexo que engendra e sim ao que mata” (BEAUVOIR, 1980, p. 84). Assim, tem-se a superioridade à mercê da coragem:

No nível biológico é somente criando-se inteiramente de novo que uma espécie se mantém; mas essa criação não passa de uma repetição da mesma Vida sob formas diferentes. É transcendendo a Vida pela Existência que o homem assegura a repetição da Vida: com essa superação, ele cria valores que denegam qualquer valor à repetição simples. No animal, a gratuidade, a variedade das atividades do macho permanecem vãs porque nenhum projeto o habita; quando não serve a espécie, o que faz não é nada; ao passo que, servindo a espécie, o macho humano molda a face do mundo, cria instrumentos novos, inventa, forja um futuro (BEAUVOIR, 1980, p. 84).

Assim sendo, o homem se coloca como soberano e alimenta esta posição na figura da mulher, que por sua vez também é um existente que é habitada pela transcendência e, tendo seu projeto de vida não na repetição, mas sim na sua superação em vista a um futuro diferente; ela acha no fundo do seu ser a confirmação das pretensões masculinas. “Associa-se aos homens nas festas que celebram os êxitos e as vitórias dos machos. Sua desgraça consiste em ter sido biologicamente votada a repetir a Vida, quando a seus próprios olhos a Vida não apresenta em si suas razões de ser e essas são mais importantes do que a própria vida” (BEAUVOIR, 1980, p. 85).

Ainda para Beauvoir (1980, p. 85), as mulheres nunca opuseram valores femininos aos valores masculinos, mas foram os homens, desejosos de perpetuar as prerrogativas masculinas, que inventaram essa divisão: “[...] entenderam criar um campo de domínio feminino – reinado da vida, da imanência – tão somente para nele encerrar a mulher; mas é além de toda especificação sexual que o existente procura sua justificação no movimento de transcendência”, ou seja, a própria submissão da mulher é prova disso.

Thompson (1981, p. 149), por sua vez, também discursa em sua obra sobre esta questão de identidade entre patriarcado e matriarcado, afirmando que

onde o patriarcado estabelece lei, o matriarcado estabelece costume; onde o patriarcado estabelece o poder militar, o matriarcado estabelece a autoridade religiosa; onde o patriarcado encoraja a aresteia do guerreiro individual, o matriarcado encoraja a coesão do coletivo, algo que tem a ver com a tradição.

Assim sendo, para Thompson (1981), a diferença entre o patriarcado e o matriarcado refere-se às diferenças de atitudes, dentro de uma mesma cultura.

Roberts (1998) é mais categórica quanto à importância das mulheres, não apenas culturalmente. Especula-se que a própria linguagem desenvolveu-se por meio do trabalho comunitário das mulheres. Ao referir-se à maternidade, Roberts (1998, p. 20) afirma que “Talvez o mais milagroso de tudo é que as mulheres eram capazes de produzir crianças de seu próprio corpo: um ato de pura mágica criativa aos olhos dos homens que ignoravam sua própria parte na reprodução”. A autora segue defendendo o seu posicionamento ao afirmar que as “[...] mulheres eram muito naturalmente vistas como a incorporação viva de uma força geradora universal, que os humanos da Idade da Pedra conceituavam sob a forma de uma deusa” (ROBERTS, 1998, p. 20).

A arte na Idade da Pedra, de acordo com Roberts (1998), evidencia a posição central das mulheres, visto que as culturas gravettianas e aurignacianas do período Paleolítico, representadas por estátuas e esculturas são de mulheres e os homens não são de modo algum representados, como podemos observar:

Vênus de Savigno



Figura 2: Vênus de Savignano¹⁷

Fonte: <http://modernidadeartes.blogspot.com.br/2009/03/cavernas-saloes-de-arte.html>. Acesso: 27/05/2014.

¹⁷ Considera-se uma das maiores representações da natureza, com 225 mm. de comprimento, 50 de largura e 65 de espessura, pesando cerca de um quilo. Esculpida em pedra-sabão, foi descoberto em 1925, na província de Modena Savignano. Alguns especialistas creem que sua data de criação correspondente ao Paleolítico Superior; para outros ao Neolítico. No entanto, a maioria dos comentários concorda que foi no primeiro, uma vez que a figura tem uma silhueta gravetiense losângica. Fonte: http://progesion21.com.mx/index.php?option=com_content&view=article&id=401:venus-de-savignano&catid=111:paleolitico&Itemid=137. Acesso em: 27/05/2014.

Vênus de Dolni-Vestonice



Figura 3: Vênus de Dolni-Vestonice¹⁸

Fonte: http://essayweb.net/history/ancient/prehistory_04.shtml. Acesso em: 27/05/2014.

Vênus de Hohle Fels



Figura 4: Vênus de Hohle Fels¹⁹

Fonte: http://essayweb.net/history/ancient/prehistory_04.shtml. Acesso em: 27/05/2014.

¹⁸ Está datada entre 29.000-25.000 a.C e é uma das primeiras peças em cerâmica feitas pelo ser humano. Tem a peculiaridade de que encontram uma impressão digital na figura feita antes de ir ao forno. Testes descobriram que se tratava da impressão de um jovem adolescente entre sete e quinze anos, motivo pelo qual não deve ter sido feita por um artesão, senão seu filho que brincava enquanto o pai trabalhava. Fonte: <http://www.mdig.com.br/?itemid=7942>. Acesso em: 27/05/2014.

¹⁹ Esculpida há mais de 40 mil anos, uma pequena escultura de mulher é a mais antiga representação feminina jamais encontrada. Sua recente descoberta, na Alemanha, acendeu vivos debates a respeito do sentido e significado da arte pré-histórica. Fonte: http://www.brasil247.com/pt/247/revista_oasis/50835/V%C3%AAnus-de-Hohle-Fels-a-mais-antiga-figura-feminina.htm. Acesso em: 27/05/2014.

Vênus de Brassempouy



Figura 5: Vênus de Brassempouy²⁰

Fonte: <http://www.dival.es/sala-prensa/content/la-mujer-en-la-prehistoria-yprotohistoria>. Acesso em: 27/05/2014.

Contudo, para Taylor (1997), as Vênus da Era Glacial eram quase que totalmente passivas. As únicas figuras ativas da arte, desta época, são os homens, que eram representados na forma semi-animal, nas paredes das cavernas, e muito raro, objetivados em estatuetas. Reafirmando seu posicionamento, alega que

algumas das estatuetas podem ter objetivado representar a gravidez, mas em nenhuma delas a Deusa está parindo ou amamentando. Algumas usam aventais, mas não aparecem confeccionando-os; não são apresentadas caçando ou matando ou fazendo qualquer outra coisa. Mesmo que fossem ativas, as estatuetas não seriam capazes de ver o que estavam fazendo, pois embora seus atributos sexuais sejam apresentados em detalhes, a grande maioria não tem rosto (TAYLOR, 1997, p. 117).

A pornografia, segundo Taylor (1997), também foi um tema representado nas artes deste período. O autor referencia Karel Absolon, especialista checo da cultura Paleolítica, mencionando que este via as estatuetas como potencialmente eróticas. “Talvez seja um truísmo dizer que a arte erótica antiga não tem mais o poder de excitar e, portanto, pode ser difícil de reconhecer” (TAYLOR, 1997, p. 120). Assim, como atualmente, as cenas de orgias gregas não passam de curiosidades exóticas. Nesta época, devido às baixas temperaturas, as pessoas tinham que ficar muito bem agasalhadas e o fato das estátuas estarem sempre nuas pode ser um indício da pornografia daquela

²⁰ Estátua paleolítica talhada em marfim. Mede aproximadamente 3,5 cm. Encontrada em 1894 por Edouard Piette na França, calcula-se que tem uns 30.000 anos. Acredita-se que na pré-história tinha os lábios e olhos pintados, já que se foram encontrados vestígios de pintura nestas regiões. Fonte: <http://www.portaldarte.com.br/prehistoricavenus.htm>. Acesso em: 27/05/2014.

época. Um dado relevante é que, provavelmente, a sociedade europeia deste período censura as esculturas das figuras masculinas ou as faziam com materiais perecíveis, dos quais não se tem conhecimento atualmente. Os homens, segundo Taylor (1997), executaram grande parte da arte neste período, não porque as mulheres não estavam envolvidas com esta atividade, mas porque a arte rupestre que conhecemos representa fêmeas objetivadas e machos ativos.

Neste sentido, Taylor (1997, p. 133) expressa seu entendimento: “Minha opinião é de que as pinturas foram feitas por homens, [...] devido à ausência de representações de mulheres ativas nas cavernas” e tinham por objetivo ser vistas pelos meninos no seu rito de passagem para a virilidade. E por este aspecto, “[...] precisava ser escondida das mulheres” (TAYLOR, 1997, p. 133).

Os diversos desenhos e esculturas paleolíticas do corpo feminino mostram apenas a área dos seios até as nádegas, sem cabeça, braços ou pernas. Alguns historiadores, como observa Pollack (1998, p. 102), têm sugerido que tais imagens são a pornografia da Idade da Pedra. Já em contrapartida “Ultrajados por essa sugestão, outros defendem a santidade da Deusa e insistem em que essas figuras parcialmente abstraídas significam poder criativo – como se a criatividade e o desejo sexual não tivessem relação com o outro”. A mesma autora não limita a identificação das esculturas estarem ou não ligadas à pornografia, mas sim, ao problema decorrente das figuras de mulheres nuas, que desde aquela época supõe que as partes sexuais das mulheres de alguma forma pertencem aos homens, para serem usadas sem identidade. Questão esta que volta à tona a questão do matriarcado ou patriarcado primitivo.

A teoria do matriarcado passa, atualmente, por novos estudos relacionados ao movimento feminista e alternativo ao machismo arraigado das visões ortodoxas. Marija Gimbutas (1921- 1994), citada por Taylor (1997), foi uma arqueóloga lituana, conhecida por suas pesquisas sobre as culturas do Neolítico e da Idade do Bronze da Europa Antiga e por suas pesquisas avançadas sobre a religião da Deusa mãe, sendo a grande responsável por essa nova visão sobre o matriarcado. Taylor (1997) afirma que a ideia de que a estátua de Vênus representa os ideais de mulheres sexualmente atraentes sempre esbarrou em dificuldades; para alguns ela é sexista, para outros não são atraentes e nem eróticas:

Considerando-se o valor aparente, a mulher paleolítica era uma criatura descomplicada, nua, e de cabelos encacheados, que mantinha as mãos dobradas sobre o peito, com sua cabeça minúscula pairando serenamente acima dos seus seios e quadris pavorosamente flácidos (LEROI-GOURHAN, s.d., apud TAYLOR, 1997, p. 119).

Segundo Taylor (1997), o abade e arqueólogo Henry Breuil (1877 – 1961) acreditava que as figuras apresentavam esteatopigia (um acúmulo excessivo de depósitos de gordura nas nádegas), motivo pelo qual questionou se as mulheres eram bosquímanas (tribo africana), famosas pela esteatopigia, como podemos ver na figura da Vênus de Lespugue seguir:

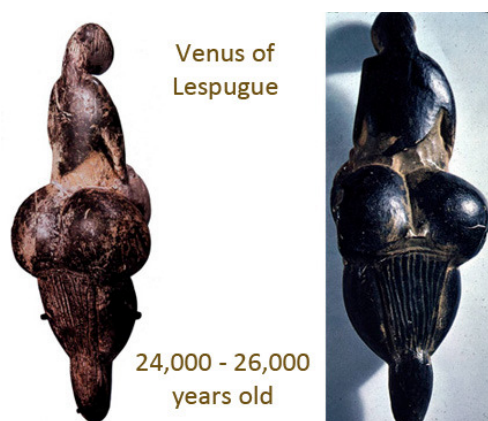


Figura 6: Vênus de Lespugue²¹

Fonte: http://essayweb.net/history/ancient/prehistory_04.shtml. Acesso em: 27/05/2014.

Taylor (1997, p. 119) argumenta que o ginecologista francês J. P. Duhard, em seu livro *“The shape of Pleistocene women”* (1991), propôs que as Vênus representam vários estados da obesidade clínica. Assegurando que: “[...] são deveras atarracadas para serem símbolos de fertilidade e, portanto, representam mulheres na pós-menopausa” e também que: “[...] levando em consideração a ampla viabilidade de tamanhos e formas, propõe que representam dois tipos básicos de mulheres da Era Glacial, “adiposas” e

²¹ Estatueta feminina, uma das muitas steatopygian de Venus esculpidas durante a cultura Gravettense (26.000 - 20.000 aC). Ela foi descoberta por Rene de Saint-Perier (1877-1950), arqueólogo, em 1922, na caverna de Les Rideaux, perto da aldeia de Lespugue em Haute-Garonne perto dos Pirenéus. Cerca de 6 centímetros de altura, a escultura de marfim é conhecido pela sua abstração, e por uma série de gravuras incomuns abaixo das nádegas, o que pode representar um tipo de saia têxtil feito de fiados e fibras retorcidas, ou possivelmente um tipo de decorações de pele ritualísticas. A escultura faz parte da coleção permanente do Musée de l'Homme, em Paris, França. Fonte: <http://www.visual-arts-cork.com/prehistoric/venus-of-lespugue.htm>. Acesso em: 27/05/2014.

“esbeltas”, mas que ambas são igualmente imagens de fertilidade” Taylor (1997, p. 119).

Segundo Sjö e Mor (1991), as estatuetas e pinturas das mulheres representam figuras sagradas que ultrapassam a representatividade da fertilidade e que eram adoradas pelos homens pré-históricos. Roberts (1988, p. 20), fazendo referência a Sjö e Mor (1991), reafirma o fato de que o poder da deusa da Idade da Pedra foi além da noção simplista da fertilidade: “[...] como a atividade criadora das mulheres reais, mas a partir disso se expandindo para simbolizar um princípio ontológico abrangente, ela abarcava tudo e, desse modo, expressava o poder original que animava o universo e toda a natureza.” Assim sendo, a Grande Deusa, que representava a virgem, a mulher e a anciã, era a criadora, a preservadora e destruidora de toda a vida.

Como as mulheres eram consideradas a encarnação terrena da deusa, de acordo com as análises de Roberts (1988), era natural que algumas necessitassem criar um elo entre a comunidade e sua divindade, e para isso se tornaram sacerdotisas xamânicas. Essas sacerdotisas se utilizavam de rituais sagrados e danças com o objetivo de atingir diferentes formas de transe, que são assim exemplificados:

Estes estados de transe eram uma forma de consciência ampliada, em despertar, um sonho, controlado, durante o qual a consciência do cotidiano, e o que podemos chamar de mente inconsciente, se fundia para permitir que as ideias e as imagens tomassem forma – uma antiga técnica criativa que ainda pode ser vista nas sociedades sobreviventes da Idade da Pedra. Os mitos e as formas de arte da cultura surgiram através desta canalização sagrada, tendo a mulher como seu principal transmissor (ROBERTS, 1988, p. 21).

Pelo fato das mulheres ocuparem uma posição de maior destaque na sociedade, a sua sexualidade era controlada por elas mesmas e, portanto, há evidências, segundo Roberts (1998), de que as culturas contemporâneas da Idade da Pedra sugerem que as mesmas eram autônomas e desinibidas em sua expressão sexual.

Segundo Sjö e Mor (1991), nessas sociedades pré-históricas a cultura, a religião e a sexualidade eram interligadas, oriundas da deusa. As sacerdotisas xamânicas lideravam rituais de sexo grupal com toda a comunidade, compartilhando uma união extática com a força da vida.

No desenrolar dos milênios, com a passagem do Período Paleolítico para o Neolítico, que marcou a transição do período nômade para o sedentário, as sociedades humanas desenvolveram técnicas de cultivo e passaram a ter condições de

armazenar seus alimentos. Isso levou grupos humanos a se fixarem por mais tempo em uma região e a se deslocarem com menor frequência. Surgem assim, as primeiras cidades que eram organizadas em torno de templos. As sacerdotisas trabalhavam e administravam a terra em prol da comunidade e continuavam, segundo Roberts (1998), a praticar sua antiga religião, com ritos sexuais através dos quais todas as pessoas tinham acesso ao poder da deusa.

Com a invasão de tribos distintas, as culturas da deusa foram sucumbidas ao poder masculino e, conseqüentemente, há mudanças na sociedade da época. “Novas formas de casamento foram introduzidas, especificamente destinadas a controlar a sexualidade das mulheres, para determinar, sem qualquer dúvida, a paternidade de qualquer criança” (ROBERTS, 1988, p. 22). Desse modo, a linha da propriedade de pai para filho torna-se a base econômica do poder dos homens. Deuses homens disputavam com a deusa a supremacia, assim como a introdução de governantes homens para a submissão do *status* das mulheres. “Foi nesse ponto da história humana, em torno do segundo milênio a.C., que a instituição da prostituição sagrada tornou-se visível e foi registrada pela primeira vez na escrita” (ROBERTS, 1988, p. 22). A prostituição sagrada foi, na verdade, a tradição do ritual sexual que persistiu desde a Idade da Pedra para se tornar parte integral da adoração religiosa nas primeiras civilizações do mundo, de acordo com a autora.

Com o objetivo único de neutralizar o poder da deusa, os governantes das grandes cidades, como Egito e Mesopotâmia, atual Iraque, criaram sacerdotes homens para promover e controlar seus deuses, e ao mesmo tempo, explorar as mulheres do templo. No entanto, a cultura da deusa estava presente no coração das pessoas e quebrar o encantamento e adoração de todo um período não foi uma tarefa das mais fáceis. Pollack (1998, p. 101) ressalta que a Deusa do Amor simbolizava o poder criativo e o prazer físico: “Encontramos sua história arcaica sugerida no mito de origem, pois ele ²² a descreve como uma geração mais velha do que Zeus e os outros Deuses do Olimpo”. Dessa forma, um mito não deixa de existir de uma hora para outra e as pessoas continuavam adorando a deusa, nos templos, através de ritos sexuais, mesmo quando as sacerdotisas estavam sendo destruídas e depositas de suas posições de poder. “É aqui que começa a verdadeira história da prostituição; com as sacerdotisas do templo, que

²² Aqui a autora faz referência ao historiador Elinor Gadon.

eram ao mesmo tempo mulheres sagradas e prostitutas, as primeiras prostitutas da história” (ROBERTS, 1988, p. 23).

Durante todo o nascimento e berço da civilização do antigo Oriente Médio, desde o início da história até cerca de 3000 a.C., a Grande Deusa, inicialmente conhecida como Inanna e, posteriormente, como Ishtar, foi o ícone da prostituição sagrada, que era o ponto focal do ritual religioso. Roberts (1988) coloca as deusas Inanna e a Ishtar como sendo a mesma figura, no entanto, Qualls-Corbett (2012) é mais precisa e enfatiza que a Deusa Inanna foi multifacetada no decorrer dos tempos. Inanna era a Deusa da Suméria²³ e, posteriormente, devido à queda do império sumério, passou a ser a Deusa Ishtar na Babilônia²⁴, com características próprias de cada cultura:

Essa multifacetada deusa do amor, da paixão, da guerra e da morte era chamada Istar²⁵ pelos babilônicos. Sua atividade sexual era enfatizada em descrições dela como “a doce e sonora dama dos deuses”, apesar de ser conhecida também por sua implacável volubilidade em relação a seus amantes. Uma vez que era ela quem trazia o amor e a felicidade sexual, ela também detinha o poder de retirá-los. Sem essa deusa sedutora de seios fartos, nada que dissesse respeito ao ciclo da vida poderia consumir-se (QUALLS-CORBETT, 2012, p.41).

Independente de qual cultura a deusa estava inserida, seu poder e controle sobre a vida dos cidadãos era inegável. A vida deles girava em torno dos desejos e ordens da deusa. Ishtar, de acordo com Qualls-Corbett (2012, p. 41), era denominada como a Grande Deusa Har, Mãe das Prostitutas. Em um antigo entalhe em uma parede de mármore, esta Deusa é retratada sentada à beira de uma janela. “Nessa típica pose de prostituta, ela é conhecida como “Kilili Mushriti”, ou “Kilili que se inclina para fora”. Diz ela: “Uma compassiva prostituta eu sou”” (QUALLS-CORBETT, 2012, p. 41).

²³ No decorrer da história mesopotâmica, os sumérios são considerados como a primeira civilização a ocupar os territórios entre os rios Tigre e Eufrates. No quarto milênio antes de Cristo, as primeiras populações sumerianas teriam se deslocado do planalto do Irã até se fixarem na região da Caldeia, que compreende a Baixa e a Média Mesopotâmia. Provavelmente, Quish foi a primeira cidade fundada e logo foi seguida pelo surgimento de cidades como Eridu, Nipur, Ur, Uruk e Lagash. <http://www.historiadomundo.com.br/sumeria/>. Acesso em 02/06/2014.

²⁴ Por volta de 1900 a.C., um novo processo de invasão territorial dizimou a dominação dos sumérios e acádios na região mesopotâmica. Dessa vez, os amoritas, povo oriundo da região sul do deserto árabe, fundaram uma nova civilização que tinha a Babilônia como sua cidade principal. Somente no século XVIII o rei babilônico Hamurábi conseguiu pacificar a região e instituir o Primeiro Império Babilônico. <http://www.historiadomundo.com.br/babilonia/>. Acesso em 02/06/2014.

²⁵ A autora usa uma grafia diferente dos outros autores para denominar a deusa Ishtar.

Deusa do sexo e do amor, Inanna/Ishtar tinha sua imagem associada também aos elementos relacionados à fertilidade, à prostituição e às batalhas, sendo conhecida também sob os epítetos de Deusa do Amor, Estrela da Manhã e Estrela da Tarde. Dupla (2012, p. 194) complementa com a seguinte informação:

Essa divindade governava o sexo em três modalidades principais: o sexo como reprodução (tanto como sobrevivência quanto como energia criadora), o sexo como prazer (sensual ou selvagem) e ainda o sexo como sagrado (como meio de conhecimento e encontro com o divino).

Inanna/Ishtar, de acordo com Dupla (2012), governou os habitantes da antiga Mesopotâmia e suas instituições, sempre marcando seu território a partir de seu leito; contudo, era capaz de pegar em armas para defender seus amados e seu território. Governou diversos templos grandiosos como o de Uruk, o E-anna, e estendeu seu culto a lugares mais distantes, como o Abgal, em Umma, o Duranki, em Nippur, e o Edilmuna, em Ur.

Murphy (1994) afirma que o *kakum*, também conhecido como templo, era dedicado a esta deusa, que era filha de do deus supremo Anu, que acolhia três classes de mulheres:

O primeiro grupo se limitava a desempenhar funções nos ritos sexuais do templo, enquanto as mulheres de segunda classe se movimentavam por toda a área do santuário e recebiam os visitantes interessados em combinar fornicção com religião. A terceira classe de prostitutas, a mais baixa, vivia na área do templo, mas tinha liberdade para procurar clientes nas ruas e alamedas, gozando de péssima reputação. Com o passar dos anos a mesma classificação das profissionais espalhou-se para o ocidente e oriente – para a Grécia, Roma, Índia, China e Japão (MURPHY, 1994, p. 14-15).

Dupla (2012, p. 195), ao se referir a esses templos, explica que:

Neles construiu sua casa com servos que a alimentavam, sacerdotes para entoar cantos, eunucos que prestavam serviços, sacerdotisas para cerimônias diversas, com seus faustosos guarda-roupas, joias e tecidos dos mais diversos lugares e fiéis que lhe traziam libações.

Nestes templos, segundo a autora, a hierarquia sem função da deusa se mostra evidente. No entanto, cabe aqui uma ressalva a fala de Dupla (2012), devido ao fato

deste ser um olhar contemporâneo a respeito da função da deusa nos templos. A figura a seguir é a representação da Deusa Inanna/Ishtar:



Figura 7: Inanna/Ishtar

Fonte: <http://www.leticialanz.org/o-culto-a-deusa-mae/>. Acesso em: 03/06/2014.

Em outra representação da Deusa Inanna/Ishtar, Dupla (2012) observa que a iconografia presente em cilindros e vasos revelou os símbolos ligados à divindade, como a roseta de oito pétalas e os leões subjugados a seus pés com a estrela de oito pontas, sempre presentes nos relevos. Para os integrantes dessa sociedade, a roseta e a estrela referem-se a símbolos de fertilidade e fecundidade, ligados por dois extremos: o céu e a terra, ou seja, se por um lado um elemento é povoado de estrelas, o outro, por sua vez, enche a terra de beleza e prosperidade. A seguir a Deusa Inanna/Ishtar em outra representação:



Figura 8: Inanna/Ishtar

Fonte: <http://mitographos.blogspot.com.br/2011/01/ishtar-inanna-e-tammuz.html>. Acesso em: 03/06/2014.

Quando o equilíbrio do poder, de acordo com Roberts (1988, p. 24) deslocou-se das mulheres para os homens, a sociedade, conseqüentemente, passou a ser mais hierárquica. Evidenciavam os “bem nascidos” e os “mal nascidos”:

As distinções entre os dois estavam refletidas no mundo sagrado das sacerdotisas do templo, onde, através do compromisso com o novo regime patriarcal, um escalão de prostitutas da classe alta se desenvolveu e conseguiu manter parte dos antigos poderes e privilégios.

Dentre todas estas divisões de classes havia a das prostitutas-sacerdotisas, que foram registradas pelos antigos babilônicos (cerca de 2400 a.C.). Elas documentaram que as sacerdotisas da classe mais elevada da deusa Ishtar, as então *entu*²⁶, eram consideradas em pé de igualdade com os principais sacerdotes homens.

Eram as sacerdotisas *entu* que realizavam funções que, ainda hoje, no século XXI, são destinadas aos homens. Eram elas que realizavam as cerimônias de casamento sagrado, que tinha como objetivo expressar a harmonia entre homens e mulheres de uma forma ritualizada, “[...], pois anualmente a deusa e seu filho/amante celebravam sua união sexual e espiritual. Entretanto, nos primórdios da era patriarcal, o significado do ritual foi perdido; nas cidades-estados da Suméria o casamento sagrado transformou-se em cerimonial do Estado” (ROBERTS, 1988, p. 25), ou seja, uma dramatização do direito do rei de governar o povo.

Além da classe das *entu*, da Babilônia, havia uma segunda, chamada de *naditu*²⁷, que eram mulheres bem nascidas que conseguiam, de acordo com Roberts (1988, p. 26), privilégios especiais em troca de atividades no templo. Elas eram proibidas de se casarem e gerarem uma prole em teoria, mas na verdade faziam as duas coisas, além de se envolverem em vários setores da sociedade, como se pode observar:

²⁶ Na civilização Suméria e Acádia, as *Entu* eram um escalão de sacerdotisas superiores que eram distinguidas com trajes cerimoniais especiais e o estatuto de igualdade com sacerdotes do sexo masculino. Eram donas de propriedade, realizavam transações econômicas, e realizavam cerimônias com os sacerdotes e reis. Fonte: <http://www.espiritualidadefeminina.com.br/o-que-e-sacerdotisa-pitonisas-vestais-sibilas-sacerdotisas-de-isis-inana-sumeri/>. Acesso em 20/06/2014.

²⁷ As *Naditu* serviram como sacerdotisas nos templos de Inanna, na antiga cidade de Uruk. Elas foram recrutadas nas maiores famílias na terra e que deviam permanecer sem propriedade, sem filhos ou negócios. Também nos textos épicos sumérios como “Enmerkar” e o “Senhor de Arata”, Nu-Gig eram sacerdotisas em templos dedicados a Inanna. Fonte: <http://www.espiritualidadefeminina.com.br/o-que-e-sacerdotisa-pitonisas-vestais-sibilas-sacerdotisas-de-isis-inana-sumeri/>. Acesso em 20/06/2014.

Seu poder econômico deve ter sido bastante comparado àquele das primeiras sacerdotisas matriarcais, pois elas se envolviam no comércio “em termos de igualdade, talvez mais de que igualdade, com os homens. Elas, compravam, vendiam e alugavam; emprestavam dinheiro e sementes; investiam, importavam, exportavam, comercializavam escravos, negociavam terras e pessoas, e do seu claustro desempenhavam um papel na... economia do país”.

A hierarquia das prostitutas, na Babilônia, demonstrava que elas tinham um vasto poder sobre a sociedade, não se limitando apenas a encontros sexuais. “As *entu* e as *naditu* eram inquestionavelmente as sacerdotisas de posição mais elevada; abaixo delas estavam as *qadishtu*²⁸ ([...], mulheres sagradas) e as *ishtaritu*²⁹, cujas vidas e trabalho eram especificamente dedicadas ao serviço da deusa Ishtar” (ROBERTS, 1988, p. 26). Havia além destas classes as *harimtu*³⁰, que segundo a mesma autora, trabalhavam tanto no interior dos templos como fora, sendo as primeiras prostitutas a trabalharem nas ruas. Muitas das *harimtu* dos templos eram: “[...] aparentemente escravas capturadas na guerra; para os homens comuns que as adoravam nos santuários, elas também representavam a deusa, mas ao contrário de suas irmãs de classe mais elevada, estavam sujeitas ao controle dos dirigentes do templo” (ROBERTS, 1988, p. 26). Independentemente da sua classe, sendo prostitutas sagradas, elas também enriqueciam os templos com as oferendas que recebiam de seus pretendentes antes de iniciar os ritos sexuais.

Independentemente de qual tenha sido a razão, segundo Qualls-Corbett (2012) não há como se discutir que a prostituição sagrada existiu por milhares de anos em muitas civilizações. A prostituta sagrada era membro integral da comunidade. No entanto, à medida que os governantes e sacerdotes homens se consolidavam no poder, observa-se que:

[...] muitas prostitutas foram despejadas dos templos e formaram *troupes* de cantoras, dançarinas e prostitutas profissionais, viajando pelos circuitos dos festivais religiosos e sociais para proporcionar o entretenimento e sexo ritual que sempre fizeram parte de celebração (ROBERTS, 1998, p. 26, 27).

²⁸ *Quadishtu* serviam nos templos da deusa suméria Qetesh. Fonte: <http://www.espiritualidadefeminina.com.br/o-que-e-sacerdotisa-pitonisas-vestais-sibilas-sacerdotisas-de-isis-inana-sumeri/>. Acesso em 20/06/2014.

²⁹ *Ishtaritu* eram especializadas nas artes, música, dança e canto e serviam nos templos de Ishtar. Fonte: <http://www.espiritualidadefeminina.com.br/o-que-e-sacerdotisa-pitonisas-vestais-sibilas-sacerdotisas-de-isis-inana-sumeri/>. Acesso em 20/06/2014.

³⁰ Descritas por alguns historiadores como prostitutas semi-seculares.

Diante de um número muito grande de mulheres prostitutas perante as não prostitutas, há de se perguntar como se dava esta relação. Na antiga Suméria, em torno de 2.000 a.C., surgiram as primeiras leis segregando estas mulheres. Segundo o Código de Lipit-Ishtar³¹: “Se a esposa de um homem não tiver lhe dado filhos, mas uma prostituta da rua tiver lhe dado filhos, ele deve prover a essa prostituta seu vinho, azeite e roupas, e os filhos que a prostituta gerou serão seus herdeiros [...]” (ROBERTS, 1998, p. 27), porém, enquanto a esposa estiver viva, a prostituta não deverá morar na mesma casa na qual o casal vive.

Desta forma, a prostituta que proporcionava herdeiros a um homem, cumprindo, assim, seu papel viril na sociedade, obtinha sua recompensa, ou seja, era uma troca concedida entre as partes, não só entre a prostituta e o homem, como também entre a esposa. No entanto, nem tudo caminha em perfeita harmonia. Se uma prostituta, que fosse mãe, resolvesse casar, o pai do pretendente poderia se posicionar contra, alegando que ela estava acostumada a aceitar outros homens e, conseqüentemente, não seria uma esposa com boas qualidades. Com o aumento das instituições religiosas e masculinas se estabelecendo, a forma patriarcal de casamento foi se solidificando, iniciando a lacuna entre as boas e as más esposas.

Em 1.100 a.C. os assírios difundiram as primeiras prescrições legais aos códigos para os vestuários das prostitutas. Agora elas teriam que usar jaquetas de couro especiais, com o objetivo de atrair a atenção e não deveriam, de forma alguma, usar o véu, reservado apenas às esposas como um símbolo de submissão. Caso alguma prostituta desrespeitasse esses códigos, recebiam 50 chibatadas e piche sob suas cabeças (ROBERTS, 1998).

A seguir estátua representando uma prostituta, intitulada como “Mulher Destinada ao Prazer”:

³¹ *Lipit-Ishtar* foi o quinto rei de *Isin*, uma dinastia que comemorou seu aniversário de 100 anos durante o seu reinado. A dinastia *Isin* terminou cerca de 150 anos após a morte de *Lipit-Ishtar*. *Lipit-Ishtar*, como outros sumérios e babilônios reis de sua época, apresentou-se como filho de um deus (o filho de *Enhil*, *aka* *Nunamir*). Fonte: <http://www.duhaime.org/LawMuseum/LawArticle-1367/1860-BC-The-Code-of-Lipit-Ishtar.aspx>. Acesso em: 02/07/2014.

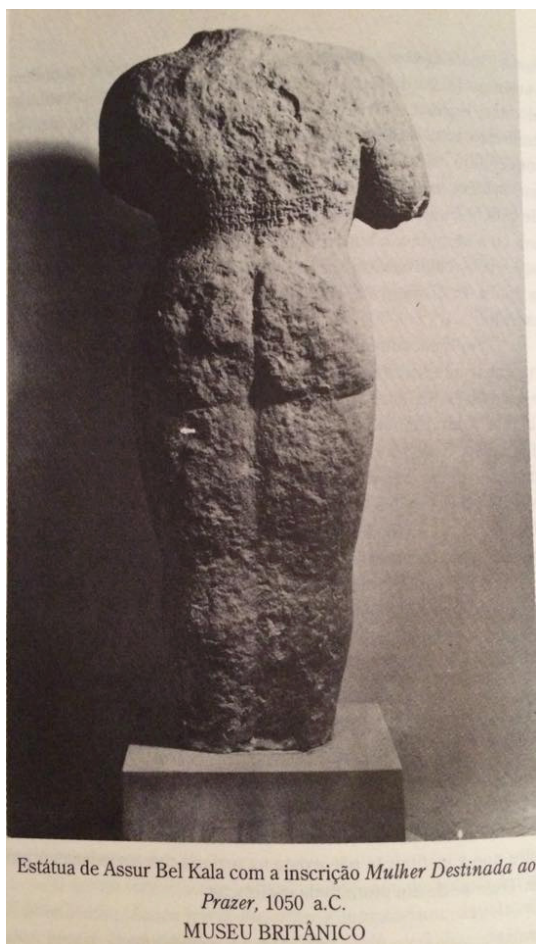


Figura 9: Estátua de Assur Bel Kala com a inscrição *Mulher Destinada ao Prazer*, 1050 a. C. Museu Britânico.
 Fonte: Murphy (1994, p. 12).

Enquanto as prostitutas começavam a perder sua força como ser sagrado, muitas mulheres domesticadas eram tratadas rispidamente pelos seus maridos, e muitas, ainda, abusadas sexualmente por eles próprios, sendo por isso, por eles controladas. Muitos homens, por sua vez, não estavam sabendo lidar com esse novo tipo de relacionamento que a sociedade estava impondo. Os homens não estavam preparados para abrir mão das “[...] antigas liberdades, e assim nasceu um duplo padrão. Não contentes em possuir várias esposas e/ou concubinas, os homens recorriam às relações sexuais com prostitutas quando se sentiam entediados com as restrições do casamento” (ROBERTS, 1998, p. 28). As prostitutas, por sua vez, apesar de terem perdido seu prestígio na sociedade, relutavam em serem domesticadas, mesmo com as leis cada vez mais duras e punitivas. Elas continuavam ligadas às suas tradições de adoração à deusa e asseveravam seu desejo de permanecerem independentes às castrações dos homens, optando, assim, pela profissão de prostituta. “As prostitutas eram, na verdade, as

mulheres obstinadas e rebeldes denunciadas pelos profetas do Velho Testamento – o oposto das esposas submissas e domésticas dos hebreus” (ROBERTS, 1998, p. 30).

Diante de toda essa dominação dos homens sobre as mulheres, o patriarcado ganhava espaço a cada minuto, e a prostituta ainda era uma ameaça ao poderio masculino, devido aos seus princípios de liberdade e a reluta a submissão. Os sacerdotes, por sua vez, lançavam sua ira pelas prostitutas, em nome do patriarcado, e por isso, as personificaram como mulheres do mal. Vem daí a dicotomia discriminativa e preconceituosa da boa e má menina, em que a boa menina é para o casamento e a má é para ter todo tipo de relacionamento. “Das cinzas da compassiva prostituta-deusa, os sacerdotes criaram a Eva pecadora e sedutora, cuja curiosidade carnal – ainda hoje nos ensinam isso – conduziu ao desastre de toda a humanidade” (ROBERTS, 1998, p. 30). Dessa forma, toda uma geração de mulheres tiveram suas vidas controladas por normas e regras que visavam o poderio masculino em detrimento do feminino.

3. A prostituição na Grécia Antiga

É evidente que existe uma necessidade de sacrificar uma parte das mulheres para conservar a outra e evitar uma sujeira de natureza repugnante. (MANDEVILLE, s.d, apud BEAUVOIR, 1980, 323).

A frase acima explicita o preconceito que havia em tempos remotos, mas que ainda existe, sobre o papel das prostitutas. Ao mesmo tempo em que a sociedade as rejeitam, as consideram úteis para servir ao bel prazer e às mais extravagantes e excêntricas fantasias de muitos homens, considerados verdadeiros cavalheiros. Estes mesmos homens que, por prudência, obrigam suas esposas à castidade, mas que não se satisfazem com esta imposição, recorrendo assim, a quem eles mais criticam.

Na Caldeia, segundo Parent-Duchalet *et al* (1948, p. 11), havia costumes não aceitos na atual sociedade com relação ao papel das esposas e seus maridos:

[...] Na Caldéa³², na parte montanhosa [...] vivia uma população selvática, ignara, sem cultura, tendo como única arte a caça, e exercendo, contudo, que por índole, quer pela necessidade de retribuição, a mais larga hospitalidade e a tal ponto, que se chegava a conceber ao hóspede, além do leito e da meza³³, as próprias mulheres da casa. Merece, pois, este povo o direito de ter inventado a Prostituição hospitaleira.

[...] Na outra parte da Caldéa, confinante com a Arábia deserta [...] Sentindo a necessidade de se organizar por meio das crenças religiosas, instituiu ritos, nos quais havia a consagração do amor livre e dando assim a origem da Prostituta Sacra.

Desse modo, ainda de acordo com estes autores, as duas formas de prostituições, a “Sacra e a Hospitalar”³⁴, florescem uma ao lado da outra entre o culto de Vênus e o de Milita. Para Parent-Duchalet *et al* (1948), parece inexplicável que os habitantes deste país consentissem na prostituição de suas mulheres com os estrangeiros, privando-se eles mesmos disso. No entanto, a reciprocidade se fazia: “O culto de Vênus se era sedentário para as mulheres, era nômade para os homens, os quais podiam, portanto, frequentar os templos dos outros países e aí gozar os benefícios da hospitalidade que

³² Grafia original da obra.

³³ Grafia original da obra.

³⁴ Grafia original da obra.

eles concediam no seu país [...]” (PARENT-DUCHALET *et al*, 1948, p. 12), podiam, assim, encontrar-se como estrangeiros as relações sexuais que desejavam.

A visão de Parent-Duchalet *et al* (1948) é contestada por Brasil (2003, p. 1), quando este afirma que:

A prática dos antigos povos do Oriente, seguida ainda hoje por muitas tribos selvagens de oferecer as mulheres e as filhas aos hóspedes e forasteiros, nada tem com a prostituição. É o segmento da tradição poligâmica da comunidade primitiva das mulheres.

A citação acima procede e é pertinente devido ao fato de não se poder julgar fatos do passado com um olhar atual, principalmente em se tratando de culturas diferentes. Essa é uma questão que permeia toda pesquisa, principalmente esta, que se trata de valores culturais.

Já a prostituição sacra difundiu-se por toda a Ásia Menor e em toda a parte se erguiam templos a Vênus com diferentes títulos. De acordo com Brasil (2003, p. 1): “O caráter religioso, isto é, mágico, que sempre andou ligado às revelações sexuais, entre esses povos, levou-os a consagrarem templos aos deuses e deusas da fecundação”.

Este tipo de prostituição teve seu apogeu na cidade de Lidia, influenciando diretamente nos costumes do povo: “As moças praticavam a prostituição por conta própria com a mira de arranjar um dote, com o qual poderiam depois obter um marido. “As moças da Lidia – disse Heródoto, o pai da História – ganhavam o seu dote e continuavam o seu comércio até se casarem”” (PARENT-DUCHALET *et al*, 1948, p. 16).

No entanto, Brasil (2003, p. 1) discorda novamente de Parent-Duchalet *et al*, (1948) sobre a questão da prostituição sacra; para ele:

O contributo que as mulheres da Babilônia eram chamadas a dar ao culto de Milita, oferecendo-se, pelo menos uma vez por ano, aos que visitavam o templo, não significa também que houvesse prostituição. Dado que a poliandria e a promiscuidade eram a tradição, o restabelecimento dessa prática com fins religiosos mediante um donativo para o culto, de maneira nenhuma se deve aproximar da prostituição, exercida permanentemente como profissão, com um objetivo mercantil.

Brasil (2003, p.1) acrescenta à sua fala que hoje, século XXI, há as chamadas “festas de caridade”, em que mulheres da alta sociedade ou atrizes em evidência vendem beijos a favor de obras de caridade: “[...] a retribuição monetária de um prazer-

embora com objetivos altruístas – não é por ninguém considerado um ato de prostituição” e nem as pessoas envolvidas são prostitutas.

A prostituição sagrada tem divergentes conceituações de acordo com as diferentes culturas: “A prostituição sagrada (ou de templo) refere-se a diferentes costumes, nos quais o ato sexual é realizado como parte de um ritual religioso, ou por pessoas que de algum modo possam ser sacramentadas, ou em locais sagrados” (GREGERSEN, 1983, p. 159). Afirma, ainda, que a prostituição sagrada é encontrada em Heródoto e relatada no século V a.C.

Gregersen (1983, p. 160) descreve dois tipos de prostituição sagrada:

Em um, a mulher realiza um único ato de prostituição e nunca mais volta a realizá-lo. O outro envolve a dedicação a um deus ou a um templo, por um período de tempo, talvez toda a vida.

[...] o primeiro tipo, Heródoto relata que toda a mulher babilônica deve ter uma relação sexual com um estranho no templo de Mylitta (uma variante de Ishtar ou Astarte, deusa que Heródoto considera igual a Afrodite), uma vez na vida. Uma vez que ela tenha tomado assento no recinto sagrado, não deve retomar casa até que um estranho lance uma moeda de prata sobre seu colo e, então, sai com ele. Uma vez que ela tenha realizado sua obrigação, retorna para casa e nunca mais se prostitui novamente.

[...] O segundo tipo de prostituição pode ser encontrado na descrição de Heródoto no distrito de Baal na Babilônia. Há uma enorme torre na qual são construídas muitas outras torres umas sobre outras. Na torre mais alta há um templo ricamente adornado que é a morada do deus. Esse recinto é ocupado por uma mulher especialmente escolhida pelo deus para ser sua noiva. Heródoto assinala de passagem, que não acredita em parte na história, mas nota uma semelhança de costumes similares observados entre os egípcios.

Corroborando com Gregersen (1983), Murphy (1994, p. 15) se observa que:

A provação, para as mulheres mais atraentes, obviamente durava pouco. Mas algumas pobres moças, de tão feias, às vezes passavam meses esperando um cliente condescendente. À medida que o império babilônico se expandia, aumentava o número de mulheres pertencentes às tribos dominadas disponíveis para fins comerciais, e os templos se transformaram num mercado de escravas.

Toda a renda obtida por meio destas negociações abastecia o tesouro do templo e, no Oriente, os mercados de escravas existiram por séculos, enquanto no ocidente os nobres e a Igreja assumem este papel (MURPHY, 1994).

Desse modo, a prostituição sagrada existiu entre os hebreus durante o século XII a.C., até 586 d.C. Foi associada ao politeísmo e idolatria, sendo abominada e

condenada, embora a prostituição profana fosse aceita. Tanto o islamismo quanto o cristianismo não eram favoráveis à prostituição sagrada:

Curiosamente, muitas santas cristãs eram originalmente prostitutas, incluindo-se SS Maria do Egito, Pelagia, Theodotea, Afra de Augsburg (que dirigia um bordel antes da conversão). No cristianismo popular, Maria Madalena é vista como uma mulher perdida, embora não haja nenhuma justificativa para esse fato na Bíblia. Apesar do ponto de vista oficial, as prostitutas francesas da Idade Média, que se organizaram em sindicatos, adotaram-na como sua santa padroeira (GREGERSEN, 1983, p. 160).

A prostituição sagrada era encontrada em toda a Ásia Ocidental e na antiga Grécia. Na Índia também era praticada, principalmente na região ao Sul, em Dravidan; nestes locais havia instituições ligadas ao culto da fertilidade de uma deusa-mãe, de maneira que devem ter pertencido a uma única união cultural. As prostitutas dos templos hindus eram as *devadadsii* (séculos IX ou X d.C.): “No entanto, a associação de prostitutas com santuários é provavelmente mais remota e pode ter existido na cultura Harapaa ([...] Paquistão), cultura essa que data de 3.000 a.C.” (GREGERSEN, 1983, p. 161).

As *devadaasii*, ainda segundo o mesmo autor, formavam uma casta de mulheres que assessoravam o deus do templo e se prostituíam com os sacerdotes e com o povo. Elas eram filhas de outra *devadaassi* ou meninas de 12 anos dedicadas ao deus por devoção da mãe, considerada sua esposa ou representante: “Em uma descrição portuguesa do século XVI, descreveu-se que ela precisava ser deflorada ritualmente em um *lingga* (falo sagrado). Ela aspergia o sangue do hímen rompido sobre o *lingga* e sobre as pedras onde ele se encontrava” (GREGERSEN, 1983, p. 161). Estes templos comportavam até 100 prostitutas sagradas, mas, no século XX, devido aos ataques dos reformadores hindus, começaram a desaparecer (Id., 1983).

Com relação ao papel das esposas e das prostitutas, independente da época, Beauvoir (1980, p. 325) argumenta que: “Do ponto de vista econômico, sua situação é simétrica à da mulher casada. “Entre as que se vendem pela prostituição e as que se vendem pelo casamento, a única diferença consiste no preço e na duração do contrato, diz Marro (*La Puberté*)””.

Tanto para a esposa quanto para a prostituta, de acordo com a autora, o ato sexual é um serviço; a primeira é contratada pela vida inteira por um único homem; a segunda tem vários clientes que lhe pagam uma quantia por vez. A esposa é protegida

por um homem contra os outros e a prostituta é defendida por todos contra a tirania exclusiva de cada um.

Os benefícios que os maridos tiram do corpo da esposa são limitados pela concorrência, como descreve Beauvoir (1980, p. 324):

O marido sabe que poderia ter tido outra esposa: o cumprimento dos “deveres conjugais” não é uma graça, é a execução de um contrato. Na prostituição, o desejo masculino, sendo específico e não singular, pode satisfazer-se com qualquer corpo. Esposa ou hetaira só conseguem explorar o homem e assumem uma ascendência singular sobre ele.

Desta forma, a diferença entre elas está em que a mulher legítima, oprimida enquanto mulher casada, é respeitada como ser humano; ao passo que a prostituta não tem os direitos de uma pessoa; nela estão contidos todos os contornos da escravidão feminina. Foi na Grécia Antiga que as prostitutas iniciaram a sua evidência, reforçando a distinção entre elas e as mulheres núbéis.

A civilização grega, na qual foram estabelecidas as bases da política e da cultura ocidentais, começou a se formar em torno de 2.000 a.C., na península Balcânica, e entrou em declínio no século II a.C., quando o território foi ocupado pelos romanos. A história da Grécia Antiga é dividida em cinco períodos: pré-homérico, homérico, arcaico, clássico e helenístico.

A Grécia Antiga era uma sociedade patriarcal, baseada na divisão de classes que variava de uma cidade Estado para a outra. “Em Atenas as mulheres são submissas aos seus maridos, não podem sair sozinhas e têm um espaço na casa destinado a elas – o gineceu. Tem papel social definido – ser filha e mãe – e têm na casa e na família o seu mundo e a razão de sua existência” (RIBEIRO, 2005, p. 21). Já em Esparta, a autonomia da mulher era maior e seu *status* era diferente do das atenienses. Tanto as meninas quanto os meninos espartanos eram educados juntos e os exercícios físicos realizados conjuntamente. “As espartanas usavam saias curtas, que deixavam as pernas à mostra, enquanto que as atenienses usavam longas túnicas. A espartana gozava de uma relativa liberdade, havia, inclusive, escolas especiais destinadas à sua educação” (RIBEIRO, 2005, p. 21).

As prostitutas, por sua vez, eram divididas por categorias e, algumas delas tinham uma conotação diferente do que se tem hoje. A prostituição, nessa sociedade, não era um fato que despertasse alvoroço, e sim, mais um componente da vida cotidiana. “Nos portos das cidades mais importantes, como o porto do Pireu, em Atenas,

ou em bairros como o Cerâmico, prostituição representava uma grande atividade econômica da qual provinha um imposto, como qualquer outro imposto ateniense, chamado *pornikón*” (PETERS; CERQUEIRA, 2013, p. 60). Em Atenas, na antiga capital grega, havia casas de prostituição espalhadas pela cidade, tornando esta prática algo corriqueiro. Essa mesma cidade soube ao mesmo tempo combinar estadistas, heróis intelectuais masculinos, pensadores, grandes filósofos, com um estilo de vida sexual liberado (Roberts, 1998). O filósofo Sócrates, segundo Stearns (2010, p. 57), defendia as prostitutas como uma forma de “liberar as compulsões da luxúria”.

Os homens gregos, de um modo geral, tinham acesso a muitas prostitutas, porém os abastados tinham uma variedade enorme de serviços sexuais, de modo totalmente aberto e sem medo da vergonha ou do estigma social. Para eles:

Havia prostitutas do templo, cortesãs da classe alta, dançarinas-prostitutas, meretrizes, escravas de bordel... e, se a escolha se mostrasse muito limitada, eles sempre podiam ter disponíveis os serviços de meninos adolescentes, concubinas, escravas domésticas, e até mesmo, um pouquinho da sua própria esposa (ROBERTS, 1998, p. 32).

O sexo, nesta época, para os homens significou um momento de intenso prazer, diferentemente de que para as mulheres, que eram as servidoras, provedoras e trabalhadoras de toda uma geração de liberdade sexual. “De acordo com Estrabão, nos templos de Afrodite, em Érix e Corinto, havia mais de mil, enquanto que em cada um dos dois Comanas residiam por volta de seis mil³⁵” (QUALLS-CORBETT, 2012, p. 46). No código de Hamurabi³⁶, havia uma legislação que dava garantias e direitos às prostitutas e o bom nome da prostituta sagrada era protegido contra difamações. Assim, por lei, a prostituta sagrada podia herdar propriedade de seu pai e receber renda da terra trabalhada por seus irmãos (QUALLS-CORBETT, 2012). Este mesmo código, segundo Stearns (2010, p. 39) estipulava que os homens poderiam “[...] manter concubinas e amantes, pelo menos enquanto a esposa não tivesse filhos, embora a concubina não pudesse desfrutar de primazia ou posição superior à da esposa na casa”.

³⁵ A autora se refere às prostitutas sagradas.

³⁶ Hamurabi foi o sexto rei babilônico da primeira dinastia. Nasceu por volta de 1810 a.C. e morreu em 1750 a.C. (datas aproximadas). O reinado de Hamurabi durou 58 anos e foi de 1792 a.C. até 1750 a.C. Foi o primeiro rei do Império da Babilônia.

De acordo com Peters e Cerqueira (2013, p.72), “[...] Sólon³⁷, em seu governo (594-584 a.C.), além de implantar a democracia, fundou vários bordéis públicos, os *ergasteria*, com preços acessíveis para a renda de todos os cidadãos atenienses”. Murphy (1994, p.21) afirma que Sólon confiscou os prédios existentes e os transformou em *dicteria*, que poderiam existir em determinados locais da cidade, assim como as mulheres que faziam uso deles tinham que se vestir de maneira diferenciada e não podiam estar ligadas à religião: “Cada *dicteria* exibia o seu emblema. [...] na época havia símbolos fálicos esculpidos e pintados no exterior das casas, de forma que não restassem dúvidas quanto à natureza do negócio ali exercido”.

A seguir a figura de um símbolo fálico, citado pelo autor:



Foto 10: Insignia fálica: baixo relevo em pedra com exterior de um bordel, Pompéia.
Fonte: Fotografia de Leonardo Von Matt, *in* Murphy (1994, p. 26).

Murphy (1994, p. 21,) ao citar um relato de Ateneu de Naucrates, descreve sua fala sobre estes bordeis:

³⁷ Sólon. (650 - 570 a. C.). Governador de Atenas, nascido nesta cidade, histórico como legislador e como fundador da democracia e considerado um dos sete sábios da Grécia.

Dê uma olhada em tudo; as portas estão escancaradas. Preço: um óbolo. Essas potrancas, feitas para o prazer, estão em pé em fila, uma atrás da outra, suas roupas suficientemente desarranjadas para que possam ver todos os encantos da natureza. Qualquer homem pode escolher o que lhe agrada – magra, gorda, rotunda, esbelta, torta, jovem, velha, moderna, madura.

Os preços eram baixos para se adaptarem a todo tipo de população que frequentasse os bordéis, que, segundo Murphy (1994, p. 22), era a primeira preocupação de Sólon, com a intenção em renda tributária: “Toda pessoa que pagasse a taxa estatal – a *pornikotelos*, ou imposto da prostituta – podia abrir seu próprio *dicterion*”.

De acordo com Anderson (1995), Sólon (que não era um tirano), estava investido com o poder supremo para mediar as amargas lutas sociais entre os ricos e os pobres, na Ática, na virada do século VI: “Sua medida decisiva foi abolir os pagamentos de dívidas sobre a terra, mecanismo típico pelo qual os pequenos proprietários se tornaram presa de grandes latifundiários e se tornaram cativos dos proprietários aristocráticos” (ANDERSON, 1995, p. 32). A consequência desta atitude foi conter o crescimento das propriedades nobres e estabilizar o modelo das pequenas e médias propriedades que, a partir deste momento, passaram a caracterizar o campo na Ática.

Assim, prostituição secular começou a florescer em Atenas em uma escala jamais imaginada, segundo Roberts (1998). Sólon, por sua vez, percebendo que a implantação dos bordéis estava rendendo frutos, começou a organizar, ele próprio, a comercialização de prostitutas. Houve uma proliferação dessas casas de prostituição por toda a cidade; eram os bordéis oficiais, administrados pelo Estado. “Este empreendimento mostrou-se tão bem sucedido que Sólon conseguiu mais que o suficiente para financiar sua imensa máquina militar: constava que o porto ateniense de Pireus foi virtualmente construído com os lucros do seu maciço comércio sexual” (ROBERTS, 1998, p. 35). Como retorno à população pelos lucros obtidos, Sólon construiu um magnífico templo em honra a Afrodite (entre os romanos era conhecida como Vênus), a deusa grega do amor. O escritor sicofântico Ateneus, segundo a mesma autora, agradeceu ao seu governante em estilo tabloidiário:

Tu, Sólon [...] Vendo que o Estado estava cheio de rapazes ousados cujos apetites naturais os estavam conduzindo para onde não tinham o direito de estar, compraste algumas mulheres e as puseste em alguns locais onde elas seriam públicas e disponíveis para todos. Ficam ali despidas. Dê uma boa olhada nelas, rapaz. Não ficará decepcionado. Está satisfeito? Pronto? Aí estão elas. A porta está aberta. O preço é um *obol*. Entre. Aqui não há absurdos, mexericos nem malandragem. Você faz apenas o que quer, da maneira que quer. Você sai: diz-lhe adeus. Ela não quer mais nada de você (O'FAOLAIN; MARTINO, 1973 apud ROBERTS, 1998, p. 35).

Em outra passagem, Ateneus ainda comenta:

[...] seios [estão] nus sob finos vestidos de gaze, e elas se pavoneiam à luz do sol. Você pega a que a sua imaginação sugere... magras ou roliças... As próprias moças arrastam-no para a casa à força, chamando-o de 'Papai' se você é mais velho, e 'Irmãozinho' ou 'Garotinho' se ainda for jovem [...] (HILARY, 1979, apud ROBERTS, 1998, p. 36).

Desta forma, para a população de um modo geral, Sólon havia conseguido satisfazer todo o tipo de homem, desde os mais abastados aos menos favorecidos.

De acordo com Murphy (1994, p. 25), as zonas de meretrício, na Grécia, costumavam se localizar em frente ao mar ou aos seus arredores, como acontecia em Atenas e Corinto. “Atenas, porém, contava com uma segunda zona de meretrício, o *ceramicus*, onde as casas ficavam junto ao distrito dos oleiros, área que se estendia da praça do mercado central até a porta dupla, no perímetro noroeste da cidade”. Ainda completa:

Além dos bordeis públicos meramente funcionais e das casas suntuosas, havia uma terceira classe de acomodações destinadas a atender os viajantes. Na Grécia os albergues de beira de estrada costumavam ser geridos por mulheres e não tinham boa fama para homens como Platão, que achavam que elas minavam a moralidade do Estado ao oferecer prazeres heterossexuais aos viajantes comuns, tanto nativos como estrangeiros.

[...] Os viajantes abastados não precisavam dos serviços oferecidos pelas proprietárias desses albergues [...]. Muitos deles viajavam acompanhados de seu séquito de prostitutas e cortesãs. (MURPHY, 1994, p. 27).

Nestes bordeis, de acordo com Peters e Cerqueira (2013), trabalhavam as prostitutas comuns, em sua maioria, mais conhecidas como *pórnê* ou *deikteriades*, que eram escravas e, como tal, não possuíam o direito à cidadania, estando sob a tutela

oficial de um proxeneta, patrono, que poderia ser um cidadão ou um estrangeiro domiciliado. “Parte da quantia adquirida pela *pórnê* era destinada ao seu proxeneta. A prostituição era um meio de faturamento como qualquer outro; por conta disso, as prostitutas pagavam altos impostos” (PETERS; CERQUERIA, 2013, p.72).

Todo este paraíso sexual masculino, do qual a literatura tanto nos fala, muitas vezes deixa de relatar a posição dessas prostitutas. Por serem escravas, elas eram cativas de guerra, que viviam em condições precárias, em moradias apertadas e insalubres, como se fossem celas. “As leis de Sólon decretavam que elas se prostituíssem quando interpeladas, ao contrário da descrição de Ateneus das moças “arrastando os clientes à força” para os bordeis” (ROBERTS, 1998, p.36). Os salários das prostitutas, registrados pelo Estado, não eram pagos a elas, mas diretamente ao *pronobosceion*, um funcionário que administrava o bordel, como uma empresa meio-privada, meio-estatal. Iniciam-se, portanto, os primeiros esquemas de cafetinagem da história. Muitos homens comuns, coletores de impostos e o Estado começavam a fazer fortunas com a venda forçada de serviços sexuais.

Concomitantemente aos bordeis do Estado, muitas meretrizes independentes exerciam o seu comércio apesar do controle de Sólon. A corrupção e o suborno entre os impostores da lei eram comuns, sendo raro existirem casos de prisões. As zonas de meretrício eram lugares lucrativos, pois as prostitutas que trabalham nesses locais estavam envolvidas em um negócio que os homens não tinham outra posição financeira que não fosse a de clientes pagantes ou funcionários subornados. Elas se organizavam em grupos e trabalhavam em conjunto com uma mulher mais velha, conhecida como cafetina, que cuidava de seus interesses. Havia, também, as meretrizes que trabalhavam por conta própria em aposentos privados, hospedarias e tavernas. Além das prostitutas citadas havia a classe de prostitutos homens, que eram rapazes que desfilavam como suas contrapartes mulheres, vestidos com roupas coloridas e maquiagem exagerada (ROBERTS, 1998).

Outra forma de prostituição existente era a religiosa, que continuou a sobreviver na era clássica grega. Podiam ser encontrados templos por todo o território grego, principalmente em Corinto, que contava com mais de mil prostitutas sagradas. Estas mulheres, as *hieroduli*, eram uma classe curiosa de prostitutas: “não mais sacerdotisas, elas eram tecnicamente escravas, mas, por serem consideradas criadas da deusa, mantinham a aura de sacralidade e eram até certo ponto homenageadas por seus clientes” (ROBERTS, 1998, p. 38). Segundo Vrissimtzis (2002, p, 93) as hetairas eram

outra classe de prostitutas, cujo nome significa “amiga”, “companheira”. Assim, “[...] as hetairas eram as companheiras dos homens nos banquetes e em outros eventos sociais dos quais as esposas legítimas, irmãs e filhas eram excluídas, tanto por causa da austeridade dos costumes, como pelo fato de serem estas pouco instruídas”.

Corroborando Vrissimtzis (2002), Gregersen (1983, p. 153) afirma que as hetairas tinham uma situação diferenciada:

As *hetaerae* eram as prostitutas mais famosas. Eram comparáveis às gueixas japonesas, no sentido de serem “companheiras dos homens”, devido ao seu treinamento intelectual e cultural. A sociedade romana era bastante diferente e não seguiu a tradição. Havia mulheres semelhantes às *hetaere*, sem as conquistas das cortesãs gregas.

Os dois autores trabalham com a concepção de que as hetairas eram prostitutas, apesar de eles mesmos insistirem na diferenciação delas perante a sociedade. Ao analisarem o papel das hetairas por este prisma, não estariam eles vendo-as com um olhar contemporâneo?

Murphy (1994, p. 23) afirma que: “Algumas dessas *hetaere*, altamente valorizadas, alcançavam grande poder público, enquanto outras, graças a suas ligações, adquiriram fama comparável à das estrelas de cinema de nossos dias”, observando ainda que: “O lesbianismo era comum entre elas, mas algumas se tornavam amantes de homens famosos, como Lamia, que se amasiou com o rei Demétrio Poliorcetes no século III a.C.”.

Em Corinto, no templo de Afrodite, de acordo com Friedrich (1978) e Roberts (1998), havia um colégio para a educação das jovens futuras hetairas, que incluíam tanto as questões acadêmicas quanto nas artes do amor sagrado à deusa. Aprendiam as diferentes posições e movimentos do sexo, estilos de canto e dança, a arte dos penteados, uso de óleos e cosméticos, segredo das bebidas e comidas afrodisíacas, habilidade para recitar e compor alguns tipos de poesia, em especial os gêneros relacionados ao canto, à sensibilidade e às núpcias, habilidades de parteira, de herborista e de aromaterapia. Muitas hetairas transmitiam seu aprendizado para as suas próprias filhas e, ainda acolhiam bebês abandonados e os criavam para se tornarem hetairas.

A seguir, a Deusa Afrodite, a deusa do amor, representada em escultura:



Figura 11: Afrodite³⁸

Fonte: <http://www.ancient.eu.com/Aphrodite/>. Acesso em 04/07/2014.

Vrissimtzis (2002) e Alves (2010) afirmam que as hetairas eram conhecidas pela inteligência, pela esperteza e pelo seu desprendimento. Essas mulheres andavam livremente no meio masculino, articulavam politicamente, compartilhavam ideias e participavam de atividades consideradas masculinas.

De acordo com Guimarães Neto (2009, p. 2) “[...] a partir do contato sexual estabelecido entre as *hetairai* e os jovens atenienses inevitavelmente surgiam diversos tipos de relações” e que poderia haver fortes laços de *philia* entre uma hetaira e alguns de seus clientes. Argumenta ainda que pelo fato das hetairas não anteverem seu futuro, agiam visando interesses individuais; assim, cada uma buscava um plano superior às demais:

³⁸ Original: Copy after Praxiteles. Aphrodite of the Syracuse type. Parian marble, Roman copy of the 2nd century CE after a Greek original of the 4th century BCE; neck, head and left arm are restorations by Antonio Canova. Found at Baiae, Southern Italy. National Archaeological Museum, Athens. Department of Sculptures, no. 3524. Former Hope Collection; gift by M. Embeirikos, 1924.

[...] para assim assumir maior destaque ante os olhos dos clientes, se tornarem mais disputadas entre eles, e adquirir maior poder de barganha nas relações de poder com os mesmos. Essa competição em busca de espaço poderia acirrar sensivelmente a rivalidade entre algumas *hetairai*, como nos mostra Luciano: “Taís começou a dançar levantando bastante as vestes, como se fosse a única a ter belos tornozelos! [...] Dífilo começou a parabenizá-la além da conta por seu senso de ritmo e da dança [...] Então, essa Taís – tu sabes como ela é – pôs-se imediatamente a me lançar indiretas: ‘Há uma aqui, dizia, que – se não tivesse vergonha de suas pernas magricelas – também se levantaria para dançar’. [...] Levantei-me e pus-me a dançar. [...] Não podia ficar parada em meu lugar [...] permitindo assim que ela se tornasse a rainha da festa” (LUCIANO. Diálogo das Cortesãs, v.3) (GUIMARÃES NETO, 2009, p. 4).

Guimarães Neto (2009) defende que essa postura assumida pelas hetairas teve consequência no processo de construção do autorreconhecimento de suas identidades. Murphy (1994, p. 25), por sua vez, tem um posicionamento contrário ao de Guimarães Netto (2009) sobre as hetairas. Para este autor, apesar das hetairas terem uma situação diferenciada na sociedade grega, também dispunham de alguns artifícios alternativos quando o assunto era financeiro:

[...] as *hetaerae*, apesar de sua posição elevada, de tempos em tempos trabalhavam nas casas comuns, geralmente entre um e outro patrocinador ou quando enfrentavam alguma dificuldade financeira. Sua beleza rara e sua reputação [...] da época permitiam-lhes cobrar preços altos. Com o tesouro assim acumulado elas tinham condições de fazer gastos impressionantes, como Friné fortificando Tebas [...].

Por sua vez, Beauvoir (1980) afirma que da baixa prostituição à grande hetaira há diferentes e grandes degraus a serem ascendidos. Enquanto a prostituta negocia com sua pura generalidade, de modo que a concorrência a mantém num nível de miséria, a hetaira se esforça para ser reconhecida pela sua singularidade, ou seja, caso se porte adequadamente como tal, pode aspirar a um grande destino.

Na Grécia Antiga as hetairas serviam de inspiração para os mais diferentes tipos de homens, de acordo com Beauvoir (1980, p.337):

É na hetaira que os mitos masculinos encontram sua mais sedutora encarnação: Ela é, mais do que qualquer outra, carne e consciência, ídolo, inspiradora, musa; pintores e escultores querem-na como modelo; ela alimenta os sonhos dos poetas; é nela que o intelectual explora os tesouros da “intuição” feminina; ela é mais facilmente

inteligente que a matrona, menos afetada da hipocrisia.

A fama das hetairas se devia aos banquetes nos quais participavam; estes eram ceias exclusivas para homens, tendo a bebida maior importância do que a comida. “[...] não havia mesas ou cadeiras; os participantes reclinavam-se em divãs festivos e, depois de terem comido, começavam a beber vinho e a conversar. Seus debates variavam desde os assuntos diários até os temas políticos e filosóficos” (VRISSIMTZIS, 2002, p. 94). Inclusos nestas celebrações realizavam-se jogos e divertiam-se com música e dança executadas pelas hetairas. Quando a festa estava no seu ápice e a bebida comandando o ambiente, as hetairas ofereciam seus serviços.

Entre os registros tem-se o nome de algumas delas, tais como: Leóntion, Marmáron, Hedéia e Erótion, companheiras do filósofo Epicuro; Aspásia (não se sabe se realmente ela foi uma hetária) e Péricles; Hiparquia e o filósofo Crates; Taís e Alexandre, o Grande; Agatocléia e Ptolomeu IV, entre tantos outros casais renomados da história grega. Segundo Murphy (1994, p. 24), Aspásia ocupou posição de destaque na sociedade intelectual da época e, de acordo com os poetas cômicos, ela era a principal assessora política de Péricles: “Pouco antes da guerra do Peloponeso, Aspásia foi acusada de impiedade, crime capital naquele tempo, e só as lágrimas e rogos de Péricles perante a corte foram capazes de obter sua absolvição”.

As hetairas, mesmo sendo diferenciadas na sociedade grega, não deixaram de ser alvo de críticas. A hostilidade que era dirigida a elas fez com que estas se organizassem em corporações para se defenderem das leis de Sólon. “As mulheres empregavam clientes como Hipérides, o conselheiro bem sucedido de Frine, para defendê-las: a vitória de uma era encarada como uma vitória de todas [...]” (ROBERTS, 1998, p. 46). Roberts (Id.) ainda argumenta que esta situação pode ser observada na carta escrita a Hipérides por Bacchis, cortesã, logo depois do seu êxito no caso de Frine:

Nós, cortesãs, somos gratas a você, e cada uma de nós está tão grata quanto Frine. Na verdade, o processo [...] envolveu apenas Frine, mas significa um risco para todos nós: pois se pedirmos dinheiro aos nossos amantes e não o conseguirmos, ou se encontramos clientes pagantes e depois tivermos de enfrentar perseguições sob a acusação de impiedade, é melhor abandonarmos este modo de vida e não mais termos problemas nem causar problemas àqueles que desfrutam da nossa companhia [...] Você não somente salvou uma boa amante para você, mas colocou o resto de nós prontas para recompensá-las em nome dela. Além disso, se escrevesse a defesa que improvisou para Frine, nós, cortesãs, com certeza edificariamos uma estátua sua em

ouro, em qualquer lugar da Grécia que você escolhesse (BACCHIS, s.d. apud ROBERTS, 1998, p. 46).

Dessa forma se pode analisar o quão organizadas politicamente elas eram. Às vezes as hetairas envolviam-se em encontros apenas com outras do mesmo gênero, em que organizavam banquetes e festivais para homenagear e convocar a deusa Afrodite, quando bebiam, comiam, cantavam, brincavam e se divertiam.

O comediógrafo Aristófanes, que nasceu em Atenas por volta de 457 a.C., fazia críticas severas a elas. Segundo Vrissimtzis (2002), a Comédia Antiga tratava as hetairas de forma ofensiva. Acusavam-nas de gananciosas, mentirosas, astutas e depravadas. A partir da Comédia Nova passaram a ser tratadas com maior tolerância e, em alguns casos, com simpatia, como ilustrado na comédia *A Arbitragem (Epitréontes)*, de Menandro, em que a hetaira Abrótonon, ajuda seu amante, Carísio, a encontrar o filho perdido.

Na verdade, as hetairas, independente do seu *status*, segundo Vrissimtzis (2002, p. 98), tinham um ideal: “Por fim, o sonho de toda hetaira, mesmo da mais famosa dentre elas, era encontrar um cidadão abastado que a levasse para casa como uma concubina, onde poderia viver comodamente uma relação semelhante ao casamento e ter filhos”. O concubinato, ainda segundo o mesmo autor, é uma instituição cuja origem se perdeu nos tempos mais remotos e é encontrada em todas as regiões do mediterrâneo. Para isso, o autor recorre ao Antigo Testamento para ilustrar o fato. No *Gênesis* (16, 3) Abraão³⁹, instigado pela sua própria esposa, Sara, buscou a serva egípcia Agar para ser sua concubina com a incumbência de lhe prover filhos. O mesmo autor ainda aponta, citando *Gênesis*, 25, 5-7, que Abraão não teve uma concubina, mas sim várias. Estas diferentes referências comprovam que o concubinato era uma prática comum, quando o objetivo era a procriação e, portanto, era permitido e incentivado pela cultura, caso a esposa legítima fosse estéril ou gerasse apenas meninas.

Em tempos distantes a premissa também se fazia presente: “Em Atenas, durante a Guerra do Peloponeso⁴⁰, todo cidadão ateniense casado foi encorajado (se não obrigado) a ter uma concubina, mesmo que fosse estrangeira, para aumentar o número de nascimentos legais e compensar as grandes perdas na guerra” (VRISSIMTZIS, 2002,

³⁹ Abraão nasceu e foi criado em Ur, na Caldeia.

⁴⁰ Guerra entre Atenas e Esparta e seus respectivos aliados, que começou em 481 e terminou em 404 a. C., com a derrota dos atenienses.

p. 63). Assim sendo, os filhos das concubinas eram considerados legítimos, e como prova disso, havia uma lei que assegurava tal legitimidade: “Se alguém mata um homem surpreendido em flagrante de adultério com sua esposa, irmã, filha ou concubina mantida para a procriação de filhos legítimos, então, ele não é condenado por assassinato” (VRISSIMTZIS, 2002, p. 65).

As concubinas eram mulheres livres ou metecos⁴¹, raramente escravas. Como este povo não podia se casar com os atenienses, o concubinato era a única saída para as mulheres estrangeiras. Pelo fato desta imposição, o estadista Péricles não pode se casar com Aspásia, que era uma estrangeira meteca, tomando-a como concubina. Neste sentido, a razão principal que levou as mulheres atenienses a recorrerem ao concubinato está relacionada à extrema pobreza em que viviam, principalmente, por não disporem de dote. “O pai que era incapaz de angariar o dote para sua filha preferia dá-la como concubina a um cidadão rico, assegurando, previamente, a promessa de uma compensação financeira em caso de separação” (VRISSIMTZIS, 2002, p. 64).

O concubinato conservou-se até o início do século XX em algumas regiões da Grécia e, em algumas nações do Oriente, mantém-se até os dias de hoje (VRISSIMTZIS, 2002).

Independentemente de a qual classe as prostitutas pertenciam, muitas eram, e são até hoje, incentivadas pelas próprias mães, como podemos observar no diálogo do escritor clássico, Luciano, citado por O’Faolain e Martino

CROBIL: Tudo o que você tem que fazer é sair com os rapazes, beber com eles e dormir com eles por dinheiro.

CORINA: Do jeito que faz Lira, filha de Dafne!

CROBIL: Exatamente!

CORINA: Mas ela é prostituta!

CROBIL: Bem, e isso é uma coisa assim tão terrível? Significa que você será rica como ela é, e terá muitos amantes. Por que você está chorando, Corina? Não vê quantos homens vão atrás das prostitutas, e mesmo assim há tantas delas? E como elas ficam ricas! Olhe, eu posso me lembrar de quando Dafne estava na penúria. Isso foi antes de Lira crescer. Agora, olhe a sua classe! Ela tem montes de ouro, roupas maravilhosas e quatro criados (O’FAOLAIN; MARTINO, 1973 apud ROBERTS, 1998, p. 40).

⁴¹ Os metecos eram estrangeiros de outra *pólis* (cidade Estado) ou bárbaros residentes no território de Atenas. Viviam do comércio e do artesanato. Não eram considerados cidadãos e eram impedidos de ocupar cargos públicos e ter direitos civis e políticos. Metecos famosos foram Aristóteles (era de Estagira) e Heródoto (era de Halicarnasso). Fonte: <http://avidanagreciantiga.wordpress.com/2010/01/04/os-metecos/>. Acesso em: 10/07/2014.

A vida das prostitutas tinha vantagens sobre aquela da esposa de um cidadão grego; assim, apesar de toda rigidez de Sólon para regularizar e controlar a prostituição, ela ocorria e milhares de mulheres trabalhavam independentes. Com a morte de Sólon, as leis atenienses que envolviam as prostitutas foram amenizadas: “os governantes posteriores reconheceram o valor literal que todas as prostitutas representavam para o Estado, e até às escravas menos categorizadas, as *dikteriades*, foi concedida a liberdade de andar pela cidade” (ROBERTS, 1998, p. 52).

Assim como Beauvoir (1980), que defende a tese de que a diferença entre as mulheres casadas e as prostitutas consiste no preço e na duração do contrato, Roberts (1998, p. 36) afirma que as prostitutas representam o outro lado da moeda, no que diz respeito ao casamento, pois ambos os grupos de mulheres eram inteiramente sujeitos aos papéis e às condições que Sólon havia estabelecido para elas: “As esposas tinham um dono – seus maridos – enquanto as *deikteriades* eram, nas palavras de Ateneus, “públicas e disponíveis para todos””, portanto, ambas viviam e, muitas vivem até hoje, sob o domínio de um homem em troca dos mais convenientes favores e interesses.

4. A prostituição no Império Romano

Ela treme, estremece, balança seus quadris, e se retorce [...].

Teria feito Hipólito perder o juízo. (Hipólito, no mito de Fedra, ficou famoso por sua castidade).

(MARCIAL, s.d. apud ROBERTS, 1998, p. 71)

O Império Romano teve a sua origem na expansão de Roma durante os séculos III e II a.C., tendo seu início com Otávio em 27 a.C. e findando em 476 d.C. Foi um período histórico dividido em duas fases: Alto Império (27 a.C a 235 d.C) e o Baixo Império (235 d.C à 476 d.C.). O Alto Império deve ao modo de produção escravista o seu apogeu e teve, ao longo destes anos, quatro dinastias: Julio-Claudia (14 a 68); Flávios (68 a 96); Antoninos (96 a 192) e a última dinastia, a dos Severos (193 a 235). Esta última não conseguiu conter a decadência do Império diante da pressão dos povos conhecidos como bárbaros, das grandes crises e o fim das conquistas territoriais.

Fundada no século VII a.C. (data ainda discutida), Roma desenvolveu um vasto império, cujas leis, monumentos, táticas militares e instituições influenciaram todo o mundo ocidental. A mítica versão para o seu surgimento foi narrada pelo historiador Tito Lívio e pelo poeta Virgílio na obra *Eneida*, que conta que a cidade foi fundada em 753 a.C. pelos gêmeos Rômulo e Remo. De acordo com a lenda, os dois irmãos foram abandonados ainda bebês no rio Tibre e só conseguiram sobreviver graças a uma loba que os amamentou. A história romana é dividida pelos estudiosos em três grandes períodos: o monárquico, o republicano e o império.

Concomitantemente a todas as mudanças políticas, econômicas e religiosas, as práticas sexuais floresceram das mais diversas maneiras. Segundo Roberts (1998, p. 54), “Rotulá-los como perversos é uma atenuação, pois eles escarneciam de qualquer noção de convenção moral ou sexual e se desviavam de toda norma que houvesse sido inventada até então”. Devido à grande expansão do Império Romano houve um crescimento populacional de ordem gigantesca, alcançando 2,5 milhões de habitantes no seu apogeu, fazendo com que as classes dominantes pusessem em prática todas as suas fantasias sexuais. “A vida era barata, o sexo era mais barato ainda, e a aristocracia romana estava determinada a desfrutar de ambos, sem restrições” (ROBERTS, 1998, p. 54).

Os grandes imperadores romanos manifestavam sua sexualidade de uma maneira que hoje pode ser considerada excêntrica por uma parte da população. Segundo Roberts (1998), o imperador Júlio César era conhecido como o “adúltero manifesto”⁴² e o “marido das esposas de todos os homens”⁴³. O imperador Augusto, ao mesmo tempo em que instituiu as leis que obrigavam o casamento e a fidelidade entre a classe dominante, foi um adúltero inato e em sua velhice fazia com que seus amigos lhe arrumassem mulheres jovens. Tibério, sucessor do padrao Augusto, tinha uma vida pessoal de costumes duvidosos.

Para Roberts (1998), há muitos historiadores que os descrevem como pedófilos e que recrutavam crianças para lhes servirem de lacaios em suas cerimônias pervertidas e lascivas. Gostava de se banhar com tais crianças em piscinas particulares, e fantasiar que elas eram peixes lhe satisfazendo. Calígula, de acordo com a mesma autora, adquiriu notoriedade por cometer incesto com todas as irmãs e ritualmente, por extrair as entranhas de uma delas. “Também se divertia exibindo sua esposa Cesonia nua para seus amigos, e ainda teve um caso famoso com o ator-prostituto Mnester e estabeleceu um bordel no palácio imperial” (ROBERTS, 1998, p. 58).

O imperador Nero foi um visitante frequente de bordéis da cidade e jantava em público no grande circo com várias prostitutas. Instituiu, à beira do Golfo de Nápoles, casas de prostituição. Casou-se com Sporus, seu rapaz favorito (Roberts, 1998). O imperador Domiciano “banhava-se habitualmente em companhia de um bando de prostitutas, e proporcionou um exemplo de vício terrível, ao mesmo tempo em que promulgava leis severas contra a libertinagem” (SANGER, 1859 apud ROBERTS, 1998, p. 58). Comodus, que também violou suas irmãs, transformou seu palácio em um bordel, com mais de 300 mulheres romanas e um número equivalente de rapazes.

Com o imperador Elagábal, Roma teve seu clímax sexual:

⁴² Destaque de Roberts (1998).

⁴³ Destaque de Roberts (1998).

[ele] superou até as infâmias mais audaciosas de seus predecessores [...] Orgulhava-se de ter sido capaz de ensinar até as mais experientes cortesãs de Roma algo mais do que elas sabiam; seu prazer era chafurdar nu entre elas, e atrair para o esgoto da bestialidade em que ele vivia os principais dirigentes do império (SANGER, 1859 apud ROBERTS, 1998, p. 59).

Este imperador teve sua vida a explorar sua sexualidade. Construiu um banho no palácio e o abriu ao povo para que pudesse ter um enorme suprimento de amantes homens. Com tendências masoquistas, tinha como diversão costurar ou fechar com um broche o seu prepúcio. Assim como Nero e Comodus, também se casou com um ator-prostituto, Zoticus.

Júlia, a filha do imperador Augusto, tinha vários amantes: “À noite ela fazia bacanais pelas ruas da cidade; escolhia como cenário de seus abraços o próprio Fórum e a plataforma da qual seu pai havia promulgado suas leis contra o adultério” (ROBERTS, 1998, p. 60) e “tinha relações sexuais diante da estátua de Marsias, pois ela agora havia passado de adúltera a prostituta, e se permitia qualquer licenciosidade com amantes desconhecidos” (Id.). Segundo Murphy (1994, p. 35), Júlia: “[...] registrou um número tão elevado de fornicações, com tantos homens diferentes, que acabou sendo banida de Roma pelo resto de sua vida”. No entanto, vale ressaltar que ter o número elevado de amantes não torna uma mulher prostituta. O que a torna prostituta é ter relação sexual em troca de dinheiro. Se a cultura da época compactuava e dava liberdade às mulheres em manter várias amantes, não nos cabe julgá-las com o olhar contemporâneo.

A seguir, Júlia, filha do imperador Augusto, representada em escultura:



Figura 12: Júlia

Fonte: http://www.andreagaddini.it/SantoStefano_pt.html. Acesso 12/07/2014.

Outra mulher que se tornou notória em Roma por seus relacionamentos sexuais foi Valéria Messalina. Prima e esposa do imperador romano Cláudio, ficou famosa por seu apetite sexual. Casada com um homem ridicularizado por sua falta de controle físico, segundo Kerrigan: “As suas mãos tremiam, gaguejava, tinha tendência a babar, cambaleava, coxeava de uma maneira muito estranha, sempre que tentava andar. Ele também desatava a rir alto, abrupta e incontavelmente. Quando ficava bravo, ele cuspia e babava enquanto gritava” (KERRIGAN, 2009, p. 76). A imperatriz se identificava com as sacerdotisas de Baco⁴⁴, ela costumava todas as noites frequentar um lupanário e pela manhã era convidada a se retirar, já que todas as prostitutas já haviam se retirado: “Cheia de langor, ela se estendia nos lençóis malcheirosos de seu bordel, ocupando o quarto para ela apenas reservado. Desnudava os mamilos pintados e afastava as mesmas coxas que haviam dado à luz o bem nascido Britânico” (JUVENAL, s. d. apud MURPHY, 1994, p. 35).

A seguir, Messalina, esposa do imperador Cláudio, representada em escultura:

⁴⁴ Na mitologia romana, Baco era o deus do vinho, das festas, do lazer, do prazer e da folia. Filho do deus Júpiter (deus do dia) com a mortal Sêmele, Baco era considerado pelos romanos como um amante da paz e promotor da civilização.



Figura 13: Messalina

Fonte: <http://italianalmanac.org/biografie/messalina.htm>. Acesso 12/07/2014. Acesso em 12/07/2014.

Como Júlia, Messalina saía às ruas romanas noturnas para se vender, imitando as prostitutas. Seu caso mais célebre foi contratar uma prostituta conhecida e desafiá-la a competir com ela para ver quem mantinha mais relações sexuais com homens. A imperatriz foi a grande vencedora do desafio.

Faz-se necessário ressaltar que a sexualidade e o sexo para os romanos, assim como para os gregos, eram compreendidos de uma forma totalmente diferente dos dias de hoje, incluindo assédios, abusos sexuais, bissexualidade e relações homoeróticas. Nem toda prática sexual romana envolvendo as mulheres deve ser associada à prostituição, devido ao fato desta ser fruto do olhar do século XX e XXI, que costuma ver os relacionamentos sexuais femininos com preconceito. Considerar Júlia e Messalina como prostitutas é se apoderar deste olhar contemporâneo e desconsiderar sua temporalidade. Assim como no caso das mulheres que eram consideradas prostitutas sagradas e hetairas.

Os escravos eram os que mais sofriam com toda a liberdade sexual. Era vantagem para essa classe se prostituir em bordéis, tanto a mulher quanto o homem, pois pelo menos recebiam para isso.

Segundo Murphy (1994, p. 30), a instituição dos bordéis, conhecidos como *lupanarium*, data praticamente desde a fundação de Roma:

[...] o nome que lhe deram vem da loba, Lupa, que amamentou Rômulo e Remo, [...]. Os etruscos introduziram no país as bigas⁴⁵ puxadas por cavalos, Rômulo dividiu o ano em dez meses e algum empresário cujo nome a história não guardou abriu o primeiro lupanarium, com um plantel de raparigas que talvez gostassem de ser chamadas de lupae. Mais tarde uma das mais notáveis prostitutas de Roma adotaria a loba como emblema em seus anúncios, símbolo de simplicidade [...].

Os bordéis se dividiam em duas categorias: os lupanares licenciados e os locais onde havia sexo à venda como um negócio à parte, como as tabernas, os albergues e os banhos públicos, que na maioria das vezes se encontrava ao redor dos mercados, dos circos e teatros. Eram reconhecidos como um negócio altamente lucrativo (MURPHY, 1994). Desse modo:

O que as *dicterides* eram para os gregos, as *meretrices* eram para os homens e mulheres de Roma. A indumentária das mulheres no interior do lupanar variava, mas na rua era imprescindível o uso de uma peça específica de adorno: a peruca amarela, que as distinguiu da moça ou matrona romana com seus cabelos cor de azeviche⁴⁶. Dentro do bordel a *meretrix* se vestia com as cores que bem entendesse ou não se vestia de todo. Algumas gostavam de dourar os seios ou os mamilos, depois exibi-los sob camisolas diáfanas (MURPHY, 1994, p. 33).

Nesse sentido, a prostituição na antiga Roma era uma profissão natural, aceita e sem nenhum preconceito contras essas mulheres. As atitudes dos romanos eram, de certa forma, parecidas com as dos gregos, que justificavam a prostituição como algo que salvaria seus casamentos, evitando o adultério, visto que a prostituição não era considerada traição. O enaltecimento da prostituição nas palavras do poeta Horácio, segundo Roberts (1998, p. 62), é em oposição ao adultério:

⁴⁵ Muito comum em manifestações artísticas e filmes que representam o período conhecido como Idade Antiga, a Biga era muito utilizada e um importante recurso para combates. Tratava-se de um modelo de carro de guerra que era movido por dois cavalos puxando uma carroceria suportada por duas rodas na qual os combatentes se deslocavam. Fonte: <http://www.infoescola.com/antiguidade/biga/>. Acesso em 16/05/2015.

⁴⁶ É uma variedade compacta de linhito, usada em joalheria. No mercado é chamado de: azeviche, carvão *cannel* betuminoso, âmbar-negro (errôneo), azeviche *Whitby*. Suas cores vão do marrom muito escuro ao preto. Fonte: <http://www.cristaisdecurvelo.com.br/pages/AZEVICHE-%252d-Aprenda-Sobre-Este-Mineral-Organico-Fossilizado.html>. Acesso em 28/09/2015.

Nem (esta mulher casada) tem, entre suas pérolas e esmeraldas, uma coxa mais macia ou pernas mais delicadas que as suas, Cerinto (uma prostituta); não as prostitutas são frequentemente melhores. Acrescente-se a isto que (elas) carregam sua mercadoria sem nenhum disfarce e mostram abertamente aquilo de que dispõem; e, se possuem qualquer coisa mais atrativa que o normal, não se vangloriam nem fazem um espetáculo disso, pois têm o cuidado de ocultar o que é ofensivo [...]. Mas se você busca encantos proibidos (que o deixam louco), envolvidos com uma fornicção, muitos obstáculos surgirão no seu caminho; como guardas [...] camareiras, parasitas [...] uma multiplicidade de circunstâncias, que vão impedi-lo de ter uma visão real. A prostituta não coloca nenhum obstáculo no seu caminho; através da veste de seda você pode discerni-la, quase tão bem como se ela estivesse nua [...]. Nem fico apreensivo quando estou em sua companhia, temendo que o seu marido retorne do campo; que a porta seja arrombada; que o cachorro lata; que a casa, abala, possa ressoar por todos os lados com um grande barulho; que a mulher, pálida de medo, afaste-se de mim; com medo de que a virgem possa chorar, ela é intocada [...] temendo que eu deva fugir com as roupas desalinhadas, e descalço, com medo que o meu dinheiro, a minha pessoa, ou finalmente o meu caráter, sejam arruinados.

Nessa poesia, Horácio (s.d.), descreve uma cena de pesadelo de um adultério e como os romanos agiam sexualmente. Dessa forma, a prostituição estava arraigada à cultura romana e ao mesmo tempo rendia frutos à economia. Após a queda da civilização romana e com influências do cristianismo, os homens que estavam no poder começaram a ver a prostituição com outro olhar, vendo as prostitutas como um mal e uma ameaça à corrupção da sociedade.

A literatura romana deu considerável atenção à sexualidade. Os poemas de amor de Ovídio, segundo Stearns (2010, p. 65), por muito tempo foram considerados pornográficos pela Europa cristã, embora continuassem exercendo fascínio. “Os romanos também produziram um grande número de manuais de sexo, aconselhando as pessoas sobre como obter o máximo de prazer”. Levando em consideração o desejo das mulheres e o prazer dos homens, propunha que os homens deveriam se esforçar para que as mulheres atingissem o orgasmo.

Com relação ao papel das mulheres em Roma, de acordo com Ribeiro (2005, p. 22), a mulher ocupava importante papel social, pois ela: “[...] vai ao teatro, às festas, faz compras, participa de reuniões políticas, embora se submeta à autoridade masculina. A mulher romana se casava jovem, a partir dos doze anos, em geral com um homem bem mais velho”, ou seja, passiva ao predomínio masculino. Mesmo sendo assim, a mulher romana era mais liberal que sua menos afortunada irmã grega. Segundo Roberts (1998, p. 56), por esse motivo as mulheres romanas eram orgulhosas e animadas, valorizando

sua independência: “[...] a tal ponto que, quando o primeiro imperador, Augusto, introduziu leis especificamente destinadas a obrigar as mulheres da classe dominante a se casar e ter filhos, muitas delas preferiram se registrar voluntariamente como prostitutas [...]”.

No entanto, as classes inferiores de Roma ignoravam as formas patriarcais de casamento, preferindo preservar os costumes sexuais de seus antepassados:

O casamento como um elo de união era certamente desconhecido do povo comum; por isso seus filhos pertenciam à família da mãe. Esses [...] relacionamentos sem casamento existiu em Roma em tempos posteriores, e foi a base de um sistema amplamente desenvolvido de amor livre, que logo se transformou em tipos diferentes de prostituição (KIEFER, 1934 apud ROBERTS, 1998, p. 56).

Mas não foram apenas estes os fatores que evidenciaram a prostituição em Roma, como também as suas políticas expansionistas, que garantiam um contingente enorme de prostitutas, que eram capturadas a cada colônia conquistada. Os capturados viviam em condições piores que os escravos, que tinham casa e comida, pois seus donos os viam como investimentos. Como o desemprego para essas pessoas era grande, a prostituição, na maioria dos casos, era inevitável. Mesmo assim, segundo Roberts (1998), a grande parte de prostitutas, na antiga Roma, não era de camponeses nascidos livres, mas sim de escravos.

Os romanos não atuavam em bordéis estatais como faziam os gregos; no entanto, conseguiram introduzir na Europa o primeiro sistema de registro estatal das prostitutas de baixa classe. Para isso, as prostitutas se dividiam em classes: “[...] as *meretrices*⁴⁷ registradas e as *prostibulae*⁴⁸ [...] não registradas. Teoricamente, a lei exigia que todas as prostitutas se registrassem com um funcionário conhecido como *aedile*⁴⁹” (ROBERTS, 1998, p. 63). No entanto, na prática, a grande maioria não o fazia, pois uma vez que o nome de uma mulher fosse colocado na lista, não havia como ser retirado. As prostitutas tinham seu nome, idade e local de nascimento registrados em pergaminhos, em seguida seu valor era estipulado e recebia a licença para exercer a profissão. Já as prostitutas de classe alta não precisavam se registrar, assim como as

⁴⁷ Grifo de Roberts (1998).

⁴⁸ Grifo de Roberts (1998).

⁴⁹ Grifo de Roberts (1998).

dançarinas, atrizes e instrumentistas, que vendiam seus serviços sexuais. Mesmo com toda a inspeção realizada nas casas e nas ruas, grande parte das prostitutas de classe baixa não se importava em se registrar. A cidade era muito grande, o policiamento era ineficaz e quando eram perseguidas por policiais, elas os subornavam.

Havia uma divisão entre as prostitutas da classe baixa: as *dorides*, que se exibiam nuas nas soleiras de suas casas; as *lupae* (lobas) atraíam os clientes com suas imitações agudas de uivos de lobos; as *aelicariae* ou garotas do confeitiro, que vendiam pequenos bolos feitos no formato das genitálias masculinas e femininas para o sacrifício Vênus (deusa do amor) e Príapo (deus fálico); as *bustuariare*, que suplicavam para serem contratadas nos cemitérios da cidade, usavam tumbas como leitos e alternavam a profissão de prostituta com aquela de carpideira de funeral; as *blitidae* que ofereciam-se nas tavernas; as *copae*, que eram as garçonetes que trabalhavam como prostitutas; as *gallinae* (galinhas), que associavam a prostituição ao furto; as *forariae*, que eram moças do campo que pegavam clientes nas estradas rurais; as *diabolaes*, que cobravam apenas dois *obols* por seus serviços e por último as *quadrantariae* que eram as mais inferiores de todas, cobrando tão pouco que seu preço não era quantificado em moeda (ROBERTS, 1998).

Como uma maneira de diferenciar as prostitutas de classe baixa das outras mulheres, as leis exigiam que elas se vestissem com um traje característico delas, que era a *toga* masculina ao invés da *stola* feminina; além disso, não podiam usar roupas púrpuras, sapatos, joias ou adornos na cabeça. As roupas tinham que ser em estampas florais e usar sandálias. Muitas prostitutas resolveram quebrar este padrão e se tornaram espalhafatosas, usando roupas diáfanas de seda e gaze e cabelos amarelos ou vermelhos.

As prostitutas trabalhavam onde suas habilidades lhes fossem mais indicadas; as ruas eram repletas delas tanto durante o dia como à noite. Os *fornices* eram as arcadas sob os teatros, circos e casas particulares que eram populares para a prostituição. Além dos bordéis e as tavernas, havia outros locais destinados e preferidos pela população para a prática da prostituição, como os balcões que pendiam no alto das ruas (*pergulare*); os *stabulae* (locais sem quartos em que as relações sexuais promíscuas ocorriam na frente de qualquer pessoa); as *turturillae* e os jardins sombrios também eram uma opção para as prostitutas. Até mesmo as padarias transformavam-se em locais para esta prática, nos seus celeiros de moinho, muito frequentadas por prostitutas de rua. Os banhos públicos, tão difundidos entre a classe alta, era um local onde as prostitutas obtinham um ganho grande. Esse não era o objetivo inicial das casas de banho, mas com

o passar do tempo, cubículos privados foram construídos para os homens receberem massagens aromáticas das prostitutas (ROBERTS, 1998).

Os lupanares eram os locais destinados à prostituição, mas as prostitutas da classe inferior preferiam as ruas. Nesses locais, os quartos eram: “[...] celas: pequenas, mal iluminadas e mal ventiladas, com um mínimo de mobília; às vezes apenas uma lamparina e algumas almofadas e cobertas no chão” (ROBERTS, 1998, p.65). Na parte de fora da porta havia uma tábua com o preço da mulher e outra com a palavra *occupata*. Havia dois tipos de bordéis na antiga Roma; um em que o dono extraía o seu lucro em cima de um grupo de escravas ou libertas contratadas, às quais pagava um pequeno salário em cima do que elas trabalhavam, e o outro tipo era um local onde os estalajadeiros alugavam quartos para as prostitutas trabalharem livremente.

Com o passar dos tempos os romanos começaram a cobiçar prostitutas virgens. Quando um proprietário de bordel adquiria uma virgem ele deixava uma coroa de louros pendurada na porta, juntamente com uma lamparina iluminando a notícia que descrevia os atributos da menina em detalhes gráficos. O homem que dispusesse de dinheiro suficiente para pagar recebia uma coroa de flores e tinha todo o direito de deflorar a menina.

Nas relações sexuais, de acordo com Ribeiro (2005), o homem deveria ser sempre o ativo e as mulheres e os escravos sempre passivos. Entende-se que ser ativo sexual significa penetrar e ser passivo significa ser penetrado. “Por isso, em Roma, aceitava-se naturalmente que um cidadão tivesse relações sexuais com um escravo. Entretanto, não poderia quebrar a hierarquia e o papel ativo que o cidadão deveria sempre ter” (RIBEIRO, 2005, p. 23). O escravo que mantinha relações sexuais com o seu senhor não poderia ter pelos no corpo, o que significa que este sempre tinha que ser um adolescente, pois “o crescimento dos pelos dava a ele um status de homem, o que o desclassificava como amante do senhor. Em uma sociedade escravagista, o amo exercia seu direito de ser o dono e senhor do escravo, que por sua vez se submetia diante dos desejos dele”. Caso um cidadão se apaixonasse pelo seu escravo e quisesse com ele manter relações sexuais, este teria que depilar o seu corpo, perpetuando, aparentemente, sua puberdade. Não se deve esquecer que a homofilia, neste período, era *habitué*. Outra característica distinta da sociedade romana dizia respeito à maneira de como se dirigir a uma mulher. “Era comum oferecer dinheiro a uma mulher que era cortejada. Uma honesta matrona não ficaria ofendida com este gesto e nem seria tomada por uma prostituta” (RIBEIRO, 2005, p. 25).

Por fim, a prostituição, no período clássico da história, desenvolveu-se para atender, principalmente, os homens. Mesmo que isso tenha causado uma distinção entre as mulheres respeitáveis, que eram destinadas ao casamento, e as mulheres envolvidas com o sexo comercial.

5. A Prostituição na Idade Média

“Não se pode atravessar a ponte de Avignon sem encontrar dois monges, dois asnos e duas putas”.
(E. LE ROY, s.d. apud ROSSIAUD, 1991, p. 23).

“Vocês não sabem que seus corpos são pedaços de Cristo? Então, devo pegar os pedaços de Cristo e transformá-los em pedaços de uma prostituta? Nunca! Vocês não sabem que aquele que se une a uma prostituta torna-se um só corpo com ela? Como está escrito, “Os dois vão se tornar uma carne””.
(SÃO PAULO, s.d. apud ROBERTS, 1998, p.83).

A Idade Média foi um período na história cercado de contradições que culminam em divergências sobre seu início. Segundo Franco Júnior (2000, p. 14), a Idade Média envolve um período da história europeia de cerca de um milênio, ainda que suas balizas cronológicas continuem sendo discutidas:

Seguindo uma perspectiva muito particularista (às vezes política, às vezes religiosa, às vezes econômica), já se falou, dentre outras datas, em 330 (reconhecimento da liberdade de culto aos cristãos), em 392 (oficialização do cristianismo), em 476 (deposição do último imperador romano) e em 698 (conquista mulçumana em Cartago) como ponto de partida da Idade Média. Para seu término, já se pensou em 1453 (queda de Constantinopla e fim da Guerra dos Cem Anos), 1492 (descoberta da América) e 1517 (início da Reforma Protestante).

Pelo fato de a história ser um processo, tem-se que renunciar à busca de um fato específico que marque o início ou o término de um período; “[...] não há unanimidade sequer quanto ao século em que se deu a passagem da Antiguidade para a Idade Média. Tampouco há acordo no que diz respeito à transição dela para a Modernidade” (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 15). Truong (2014, p. 14), ao referenciar sobre esta questão, afirma que

Jacques Le Goff propôs igualmente que nos interessássemos por uma Idade Média que duraria, em sua essência, até o fim do século XVIII – até a Revolução Francesa e a Revolução Industrial – e que incluiria o Renascimento dos séculos XV-XVI, que ele considera um Renascimento medieval.

Do ponto de vista demográfico, a primeira fase medieval foi um prolongamento da situação do Império Romano, em que houve uma desaceleração populacional desde o século II. “Com a crescente desorganização do aparelho estatal romano, foram rareando as importações de gêneros alimentícios que tinham por séculos permitido a existência de uma grande população urbana” (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 19). Desse modo, as cidades começaram a se esvaziar e cada região começou a produzir o que necessitava. Este período foi marcado, de acordo com Anderson (1995, p. 177), com o feudalismo na Europa Ocidental, que: “[...] surgiu no século X, expandiu-se durante o século XI e atingiu o auge no final do século XII e no século XIII. [...] Pelo século XIII, o feudalismo europeu já havia produzido uma civilização unificada e desenvolvida [...]” (Id.), que registrava um enorme avanço em relação às comunidades rudimentares e fragmentadas da Idade Média.

De acordo com Pirenne (1968) tem-se como absolutamente certo que, a partir do fim do século VIII, a Europa Ocidental regrediu ao estado de região exclusivamente agrícola. “É a terra a única fonte de subsistência e a única condição de riqueza. Todas as classes da população, desde o imperador, que não possuía outras rendas além das de suas terras, até o humilde de seus servos, todos viviam, [...] do produto do solo [...]” (PIRENNE, 1968, P. 13). Os bens móveis não tinham valor econômico e toda a existência social funda-se na propriedade ou na posse da terra:

O sistema feudal é tão só a desintegração do poder público entre as mãos de seus agentes, que pelo mesmo fato de possuir cada um parte do solo, tornaram-se independentes e consideravam as atribuições de que se achavam investidos como parte do seu patrimônio” (PIRENNE, 1968, p. 13).

A organização latifundiária não constituiu um fato novo, mas segundo Pirenne (1968, p. 15), o seu funcionamento, a partir do desaparecimento do comércio e das cidades foi uma novidade:

O latifundiário não se adaptou por livre escolha, mas por necessidade, a esta situação. Deixou de vender, não tanto porque não quisesse vender, mas porque não passavam compradores ao seu alcance. O senhor, em falta de alguma coisa melhor, teve que adaptar-se às circunstâncias.

Assim, providenciou a viver de sua reserva, dos atributos de seus camponeses, dos implementos necessários ao cultivo de suas terras e as roupas necessárias aos seus

criados. Desse modo, estabeleceram oficinas, características da alta Idade Média, cujo objetivo era remediar a ausência de comércio e indústria.

Houve também número considerável de mortes masculinas, provocadas por repetidos episódios de tempos ruins na colheita, levando ao aparecimento de inúmeras viúvas. A vida nessa época se resumia a um círculo vicioso, ou seja, a fraqueza demográfica gerava a fraqueza dos rendimentos e esta por sua vez gerava a fraqueza demográfica. Na tentativa de amenizar esta situação, no século V: “[...] um imperador romano proibiu as moças menores de 14 anos de entrar para o clero, além de pressionar as viúvas a se casarem novamente em cinco anos, sob pena de em caso contrário, perderem metade de seus bens” (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 20).

Desse modo, muitos costumes e tradições acabaram mudando de foco e trazendo consequências diversas para a população seguinte: “[...] o progresso econômico e urbano ocorrido a partir do século XI modificou os hábitos alimentares de praticamente todos os seguimentos sociais, a habitação, pelo menos a aristocracia, o vestuário nobiliárquico e burguês” (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 123). Em contrapartida, grupos marginalizados tinham uma rotina diferenciada, como era o caso dos “[...] judeus, hereges e leprosos. Mas eles eram colocados à parte por terem um cotidiano próprio ou tinham essa especificidade cotidiana por serem marginais na sociedade cristã?” (Id.).

A Idade Média foi um período marcado pelo domínio do cristianismo, representado pela Igreja Católica na Europa Ocidental, uma instituição rica, organizada e influente e, por conta destes predicados, a pergunta do autor se faz respondida aqui. Com a transformação do cristianismo em religião oficial do Império Romano, em 391, durante o reinado de Teodósio, a Igreja passou a acumular fortunas e vastos territórios. No século V, a instituição tinha uma organização hierárquica definida – com padres e sacerdotes na base da pirâmide, bispos acima e o papa no topo. Os religiosos dedicaram-se a converter bárbaros e a promover sua integração com os romanos, ganhando prestígio e passando a assumir funções administrativas nos novos reinos.

Além de deter o poder político e econômico, os sacerdotes formavam a elite letrada e passaram a concentrar em si o monopólio do conhecimento. Essa ascendência cultural oportunizou aos religiosos da época serem reconhecidos como os maiores expoentes da filosofia medieval, entre eles, Santo Agostinho (354 d.C. – 430 d.C.) e São Tomás de Aquino (1225 – 1274).

De acordo com Figueiró (2010), é a partir do século IV d.C., com os pensamentos de São Paulo (nascido provavelmente entre 5d.C. e 10 d.C.), Santo

Agostinho e Tomás de Aquino que o cristianismo torna-se universal, assim como sua doutrina moral moderada pela Bíblia:

No entanto, o suporte teórico, a partir do qual o cristianismo formulou toda a sua doutrina, não se restringe a essas fontes precursoras uma vez que muitos dos seus princípios tiveram origem em ideias de vários filósofos da Antiguidade. Cita-se, em especial, a influência da utopia platônica dos séculos IV a I a.C., cujos postulados foram depois lapidados pelo estoicismo dos séculos I, II e III d.C. e ainda vieram a sofrer adaptações no cristianismo (FIGUEIRÓ, 2001, p.10).

Desse modo, os princípios do matrimônio relacionados ao prazer eram formulados de acordo com a filosofia platônica. O cristianismo adotou o vínculo obrigatório da relação sexual com o casamento, tornando a fidelidade conjugal um dever incondicional. A relação entre sexo e pecado e o preconceito cristão contra a atividade sexual tiveram início com as ideias de São Paulo, que “foi o primeiro cristão importante a lidar diretamente com o comportamento sexual e suas ideias tiveram muita influência no pensamento de outros teólogos” (FIGUEIRÓ, 2010, p. 11).

São Paulo desvalorizava o casamento, alegando que este era destinado apenas às pessoas que não conseguiam manterem-se castas. A homossexualidade, o adultério, a fornicação e a prostituição eram condenadas por ele, tendo a mulher submissa e obediente ao marido, como exemplo: “[...] o que São Paulo fez de pior para nossos preconceitos e tabus sexuais foi dizer que a mulher é uma tentação em potencial, desviadora das energias do homem para Deus e para a Salvação” (CUNHA, 1981, p. 21 apud FIGUEIRÓ, 2010, p. 12).

De acordo com Leme (2005), era uma necessidade proteger o corpo, que era considerado templo cristão, da luxúria oferecida pelas prostitutas. Na sua trajetória de evangelização, São Paulo teria aconselhado a todos que usufruíam do corpo, que era consideravam sagrado:

[...] o corpo não é para a devassidão, mas para o Senhor: e o Senhor para o corpo. [...] Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei eu logo os membros de Cristo, e fá-los-ei membros duma prostituta? Deus nos livre de tal. Não sabeis porventura que o que se ajunta com a prostituta, faz-se um mesmo corpo com ela? Porque serão, disse, dois em uma carne. Fugi da fornicção. Todo o outro pecado, qualquer que o homem cometer, é fora do corpo: mas o que comete fornicção, peca contra o seu próprio corpo (1. COR. 6. 13-18 apud LEME, 2005, p. 106).

Nesta fala, segundo o mesmo autor, além de advertir as prostitutas, é dirigida aos cristãos que desfrutavam da prostituição, que era uma prática considerada moralmente ilícita:

Às prostitutas também fora reservada a possibilidade da salvação. A purificação de seu corpo só poderia se realizar através da conversão ao cristianismo. A Igreja fornece-nos inúmeros exemplos de prostitutas arrependidas, muitas das quais foram alçadas à posição de santas, com Maria do Egito, Afra, Pelágia, Taís e Teodora (LEME, 2005, p. 106).

Assim, o corpo feminino passou a ser relacionado com a moralidade e com a desordem sexual. A Igreja começou a defender com veemência o casamento monogâmico e a condenar o adultério.

Com o decorrer dos séculos, de acordo com Leme (2005, p. 108), iniciou-se, entre os pensadores da Igreja, uma corrente de “[...] defensores da incompatibilidade entre o cristianismo e a prostituição. Porém, a consolidação dessa postura no plano doutrinário não impediu a ocorrência de transgressões no interior da própria instituição”. Desse modo, houve diversas denúncias de escândalos entre o clero e mulheres e casas de prostituição.

Santo Agostinho identificou a sexualidade humana com o pecado original. Leme (2005) afirma que este pensador da Igreja, em sua obra intitulada *De Ordine*, datada de 386, faz a seguinte referência às prostitutas:

O que há de mais sórdido, de mais miserável, de mais vergonho e mais desonroso que a condição das prostitutas, dos proxenetas e de todos os outros flagelos da mesma espécie? Bani as prostitutas, e imediatamente as paixões desaparecerão todas. Colocai-as no lugar das mulheres casadas e semeareis a infâmia e a desonra. Embora essas pessoas, quanto aos costumes, tenha uma vida completamente impura, as leis da ordem lhes asseguram um lugar, por mais vil que seja [...] Banindo as prostitutas, introduzireis por toda a parte a desordem das paixões (AGOSTINHO, II, IV, 12 apud LEME, 2005, p. 108 - 109).

A doutrina sexual cristã, abusando da severidade moral, foi se fortalecendo através dos escritos religiosos e bíblicos na Idade Média, controlando, assim, o comportamento das pessoas⁵⁰.

⁵⁰ Foi, no entanto, um processo lento e por muito tempo o povo continuava apegado aos costumes bárbaros e pagãos da época do Império Romano.

Os homens da Igreja Cristã, segundo Roberts (1998, p. 80), inventaram o dogma que superou qualquer coisa que Cristo possa ter dito ou escrito; apesar de que “[...] Jesus tenha condenado a “luxúria” em pensamentos ou atos, parece ter considerado as prostitutas meras pecadoras insignificantes, que teriam alcançado o Reino dos Céus bem antes daqueles principais transgressores, como os fariseus”.

Não se pode deixar de mencionar que foi Maria Madalena⁵¹ (considerada erroneamente como prostituta por muitas pessoas ao longo da história), da Galileia, que desempenhou um dos papéis mais importantes da história de Jesus Cristo, sendo dado a ela o crédito de ter descoberto a tumba vazia do mestre e de testemunhar a sua ressurreição. “No entanto, o mais incrível – infelizmente – foi Maria Madalena ter proporcionado aos cristãos o protótipo de um de seus modelos preferidos: a Prostituta Arrependida [...]” (ROBERTS, 1998, p. 81).

A sexualidade da população tornou-se alvo da Igreja Católica, como consequência da reação da nova religião à vida moral e sensual do Império Romano decadente. Embora os cristãos deplorassem a amoralidade dos romanos, eles adotaram a teoria da dualidade que teve sua origem com os pensadores da Grécia Antiga e foi adotada para o pensamento romano: “[...] aquela de um mundo dividido em pares opostos, com as mulheres, a carne e os sentidos identificados como o mal, e os homens, com sua desincorporada “espiritualidade”, identificados como divinos – e nunca os dois deveriam se encontrar” (ROBERTS, p. 81).

São Paulo, como já mencionado anteriormente nas palavras de Figueiró (2010), foi um dos responsáveis para moldar a ideologia da Igreja, exaltar o celibato e o preconceito contra as mulheres, principalmente as prostitutas, formando um legado que compartilhava de suas ideias: “Deixem a mulher aprender em silêncio e com total submissão. Não permito que nenhuma mulher ensine ou exerça autoridade sobre um homem; ela deve permanecer em silêncio” (TIMÓTEO s.d. apud ROBERTS, 1998, p. 82).

Em uma sociedade tão fortemente penetrada pelos valores da Igreja, muitas atividades anteriormente consideradas de foro pessoal passaram, no decorrer dos séculos, na Idade Média, para a esfera pública. A sexualidade, muito provavelmente, foi a mais atingida. A vida sexual ideal passou a ser inexistente. A virgindade tomou

⁵¹ Ver em anexo trecho do documentário intitulado “*Os mistérios de Jesus*”, produzido pela *National Geographic Channel*, (2014), sobre a importância do papel de Maria Madalena na história e na vida de Jesus, assim como a desmistificação a alusão a sua prostituição.

proporções valorosas, seguindo os modelos de Cristo e sua mãe, Maria. “Vinha depois a castidade: quem já havia pecado podia em parte compensar essa falta abstendo-se de sexo pelo restante da vida” (FRANCO JÚNIOR (2001, p. 127).

No entanto, a interferência eclesiástica na vida íntima dos católicos fiéis não foi aceita com tanta facilidade, como muitas vezes nos parece. Quanto mais recuados no tempo e mais afastados dos grandes centros clericais, mais os medievos puderam viver de forma pagã, segundo a Igreja. Muitos camponeses não foram cristianizados de uma forma completa e por conta disso, fugiam do controle da instituição. Já os aristocratas que tinham como objetivo principal o casamento dos filhos em troca de bons dotes, resistiram por muito tempo ao modelo de união sexual que a Igreja impunha. Até o próprio clero não aderiu de bom gosto ao celibato obrigatório imposto pela Reforma Gregoriana.

Dessa forma, apenas ao longo do século XII a Igreja pôde, com dificuldade, impor o casamento como uma modalidade aceitável à prática da vida sexual cristã. O casamento, segundo a Igreja, apresentava grandes vantagens aos envolvidos. Em primeiro lugar, de acordo com FRANCO JÚNIOR (2001), o casamento cristão combatia a homossexualidade, que era tido como o maior pecado sexual existente, pois visava apenas o prazer e não a procriação. Em segundo lugar, o matrimônio é uma relação monogâmica, ou seja, a união deveria ser construída a partir do afeto conjugal. Em terceiro, por tratar-se de uma união indissolúvel, ao contrário dos vários modelos de aliança conjugal existentes na Roma Antiga, em que os casais podiam se separar sem grandes formalidades.

No entanto, a Igreja medieval aceitava a anulação do casamento quando este não era fisicamente consumado por incapacidade de um dos cônjuges. Um casamento podia também ser desfeito caso houvesse bigamia e traição feminina, entre outros, porém com a influência da parte interessada. Em quarto lugar, pelo fato de o casamento ser exogâmico, na tentativa de dificultar o incesto e de estimular a circulação das riquezas, impedindo sua excessiva concentração em poucas famílias, a Igreja determinou que os noivos não tivessem parentesco abaixo de sétimo grau.

O casamento, contudo, não era premissa para que os casais pudessem ter uma liberdade sexual. “Determinados dias da semana (em especial o sagrado domingo) e certos períodos do ano (festas religiosas, sobretudo a Quaresma) estavam interditados ao sexo” (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 130).

Franco Junior (2001), ao citar uma fala de Jean-Louis Flandrin⁵², menciona que na Alta Idade Média cerca de 180 dias por ano eram liturgicamente proibidos para as relações sexuais, sem contar os dias de menstruação, gravidez e amamentação:

A transgressão era punida de forma visível conforme os locais e as épocas, mas a média girava em torno de 20 a 40 dias de penitência, jejum alimentar e/ou continência sexual. Ademais, o sexo deveria ser apenas vaginal, visando procriação, a mulher colocada debaixo do homem e no escuro, para evitar a nudez. O sexo oral e sodomita, a magia para atrair o desejo de alguém, as práticas anticonceptivas e abortivas, as relações incestuosas e adúlteras eram pecados duramente castigados: de seis a 15 anos de jejum e de excomunhão, geralmente acompanhados de interdição perpétua de qualquer relação sexual e de casamento (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 130).

Como exemplo de posições sexuais, a única permitida era a missionária (conhecida como papai/mamãe). Esse nome é devido ao fato de os missionários cristãos difundirem seu uso em sociedades em que predominavam outras práticas. Para os cristãos, dentro deste contexto, esta era a única posição apropriada, pois de acordo com São Paulo (s.d), a mulher deve sujeitar-se ao marido, ser submissa. Muitos casais levavam esta premissa tão a sério que chegavam a manter relações sexuais com um lençol com um furo para a introdução do pênis na vagina da mulher. A seguir, figura representando a Posição do Missionário:

⁵² Jean- Louis Flandrin (1931 – 2001) - Historiador francês que trabalhou com a história da família, sexualidade e poder.



Figura 14: Posição do Missionário
 Fonte: www.lagartense.com.br. Acesso em 08/09/2014.

A principal autoridade da Igreja inicial sobre a sexualidade e o casamento, como já mencionado anteriormente, foi Santo Agostinho, que também foi impetuosamente contra ao prazer sexual: “Não conheço nada que rebaixe mais a mente dos homens do que as carícias de uma mulher e aquela união de corpos sem a qual não se pode ter uma esposa” (SANTO AGOSTINHO, s.d. apud ROBERTS, 1998, p. 83).

Contudo, o clero tinha que administrar o mundo real dos homens, que insistiam em desconsiderar as regras de monogamia impostas pela Igreja. Assim, “chegou-se a um acordo: um casamento do pragmatismo de Agostinho e do total ódio às mulheres de Paulo” (ROBERTS, 1998, p. 84). Desse modo, as prostitutas passaram a ser identificadas com a luxúria miserável da carne e excomungadas. Com o intuito de manter a ideologia da Igreja, o próprio clero tinha de dar o exemplo, afirmando o celibato. Porém, a carne dos clérigos mostrou-se fraca. Muitos padres se casavam ou mantinham concubinas conhecidas como *focarii* (moças do lar). Em torno do ano 304, o Concílio de Elvira declarou que os padres deveriam viver no celibato com suas esposas ou serem expulsos das ordens sagradas.

Desse modo, a Igreja Católica criou condutas rígidas para as mulheres, buscando garantir a manutenção das virtudes femininas, como a virgindade. Contudo, a prostituição era tolerada, ainda que, com certas ressalvas, com o objetivo de evitar casos de estupros. O sexo pago era uma solução para a libido masculina.

De acordo com Leme (2005, p. 109), a partir do século XIII, com os pensamentos de Tomás de Aquino, a Igreja passou a amenizar a postura severa para com as prostitutas: “A perspectiva de tolerância criou raízes na doutrina católica, a partir da Idade Média, com Tomás de Aquino, que se transformou, no período, em uma das principais fontes do pensamento cristão”. Para este autor, a obra de Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, reforça o princípio da tolerância: “Deus permite que se produzam males no universo [...] Ele os deixa, pois receia que, se forem suprimidos, maiores bens também não advirão, ou até piores males se lhes sucedam” (AQUINO, art. 11 da II^a. II^o apud LEME, 2005, p. 109). Assim, após esta premissa proferida por Tomás de Aquino, a tolerância para com a prostituição, acaba de certa forma, sendo incorporada pela Igreja (Id.).

Pelo fato da prostituição ser um fenômeno muitas vezes desprezado, Rossiaud (1991, p. 19), afirma que este tema não chamou muito a atenção dos medievalistas. No entanto, mais recentemente,

[...] os historiadores não ignoraram o fenômeno da prostituição, mas frequentemente a evocação que fazem dela inscreve-se em uma concepção historiográfica e em uma corrente de pensamento que atribuem às calamidades da baixa Idade Média e à desordem dos costumes a importância dos fatos observados: era tentador associar prostituta e homem de guerra, fornicção e infâmia, *prostibulum* e pátio dos milagres.

Assim, tentar compreender a extensão e o significado social da prostituição é defini-la frente às estruturas demográficas e matrimoniais, às normalidades e desvios sexuais, aos valores culturais e as mentalidades coletivas dos grupos sociais que a toleram ou reprimem. Para inibir essa compreensão, há de se considerar o fato de a Idade Média ter durado cerca de um milênio, em que a concepção de prostituta teve mudanças significativas ao longo dos séculos.

Na Idade Média instala-se um certo caos social, com as tribos germânicas em constante guerra entre si. A moeda corrente e a linguagem escrita desapareceram (com exceção do clero), juntamente com a lei e a ordem dos tempos dos romanos. Como já foi mencionada anteriormente, a vida dos medievos se deslocou dos centros urbanos para as regiões rurais e, no entendimento de Roberts (1998, p. 79), para as prostitutas, “[...] deve ter sido a mudança mais catastrófica que ocorreu em suas vidas durante todo o período”. Se elas não desapareceram com o declínio romano, sua tradição cultural

muito provavelmente sim. As artes civilizadoras do amor, do prazer e do conhecimento, que construíram desde a Antiguidade, desapareceram na Idade Média.

Tais artes tiveram que se ajustar aos novos tempos e uma prática usual eram as feiras, o que, de acordo com Pirenne (1968, p. 103), foi um dos fatos de maior relevância na organização econômica da Idade Média até o fim do século XIII, “Têm, nos diferentes lugares, os mesmos caracteres, de modo que podem ser consideradas um fenômeno internacional inerente às condições mesmas da sociedade europeia. A época do seu apogeu foi a do comércio errante”. À medida que os mercadores se fixaram em suas terras, as feiras caem em desuso.

Com exceção da feira de Saint-Denys, perto de Paris, que remota à época merovíngia e que durante o período agrícola, da Idade Média, só pode vegetar e não provocou imitação alguma, as feiras datam do renascimento do comércio. As mais antigas existiam desde o século XI; no século XII, seu número já é grande e continuou aumentando durante o século XIII (PIRENNE, 1968, p. 104).

Desse modo, multiplicaram-se à medida que, em cada região, a circulação se fez mais profundamente. Como a condição *sine qua non* às prostitutas é o dinheiro, elas também se beneficiavam com a prática das feiras. Cleugh (1964, p. 141), ao fazer referência às feiras, argumenta:

[Elas] atraíam milhares de homens e mulheres de todos os tipos. Cavaleiros e homens de armas atuavam como escoltas de proteção. O clero vinha para cuidar de seus rebanhos. Os mascates e os artesãos se atropelavam, quase esmagando os mercadores e o seu pessoal, que compunham o núcleo destas multidões itinerantes. Eles tinham de ser divertidos em suas longas jornadas. Os músicos e cantores, atores trágicos e comediantes, acrobatas e mágicos, curandeiros e especuladores [...] juntamente com suas famílias, as mulheres mais jovens e as meninas estando praticamente prontas para vender seus favores, e mais uma enorme quantidade de prostitutas profissionais e algumas freiras fugitivas, aumentavam as multidões de caminantes.

Assim, estas feiras eram uma opção de trabalho para algumas prostitutas que se encontravam em condições mais precárias. Roberts (1998) sustenta a premissa que estas mulheres especializaram-se em servir os peregrinos, ou seja, homens que viajavam para os locais de martírio sagrado para pagar suas promessas e que necessitavam satisfazer suas necessidades sexuais durante o caminho. Enquanto isso, “[...] as mulheres peregrinas com frequência se sustentavam vendo o sexo nas cidades por onde passavam;

na verdade, algumas delas até mudavam de carreira no meio da viagem” (ROBERTS, 1998, 91). Vários papas castigavam as mulheres que haviam se entregado à prostituição nesta jornada a caminho de Roma, assumindo a profissão em cidades da França e do norte da Itália, prática esta prevalente entre as feiras inglesas (Id.).

A seguir imagem representando uma feira medieval:



Figura 15: Reprodução de Feira Medieval

Fonte: http://aventurasnahistoria.intervir.net/?page_id=14. Acesso 01/09/2014.

No mesmo contexto, devido ao fato de as cidades romanas, que foram os principais centros do comércio do sexo, terem se desintegrado, as prostitutas urbanas viram seu local de trabalho desaparecer. Dessa maneira, “Parece provável que muitas mulheres devam ter tomado a estrada, oferecendo seu comércio de aldeia em aldeia, sob a forma de troca; enquanto outras teriam seguido os vários exércitos que se deslocavam de um lado para outro da Europa” (ROBERTS, 1998, p. 79).

As prostitutas que serviam os exércitos da Europa medieval eram consideradas essenciais; não apenas como servidoras sexuais, mas também como cozinheiras, faxineiras e enfermeiras. “Em 1476, por exemplo, 2.000 destas viajantes acompanharam o exército de Carlos, o Bravo, Duque de Burgundy” (ROBERTS, 1998, p. 79). Segundo a autora, as mulheres que acompanhavam os exércitos não representavam a classe de prostitutas independentes e autônomas, sendo muito provável que fossem camponesas desalojadas e não tinham outro meio para sobreviver.

Dessa forma, as prostitutas, assim como todos os seguimentos da sociedade, tiveram que se adaptar aos novos tempos, havendo uma florescente prostituição rural. De acordo com Rossiaud (1991, p. 20),

mesmo fora dos grandes cinturões de pobreza, que multiplicavam por todos os caminhos o número de mulheres que se ofereciam, moças vagabundas iam, com ou sem os seus rufiões, de cidade em cidade, reforçando aqui e ali o pequeno grupo de mulheres “comuns a muitos”. Elas adaptavam o seu itinerário ao calendário das feiras e mercados, das peregrinações e dos grandes trabalhos agrícolas.

Os comerciantes alemães que, em comboio, dirigiam-se às feiras de Lyon, tinham o mesmo costume, e no rio as tripulações de ribeirinhos que realizavam viagens de semanas contratavam mulheres nas margens e divertiam-se com elas nos lugares onde mantinham estada, segundo Rossiaud (1991).

Apesar de toda essa mudança geográfica de local de trabalho, foi no meio urbano que a prostituição desabrochou e se institucionalizou. Na maioria das cidades do sudeste da França existia um *prostibulum publicum*, construído, mantido e dirigido pelas autoridades públicas, principescas ou municipais. Eram as chamadas *maison luparde*, *bom hostel*, *bonne carrière*, *château Gaillard*, *maison de ville*, *maison commune*, *maison des filletes* e que a linguagem popular qualificava de bordel (ROSSIAUD, 1991).

O *prostibulum*, bordel público, na grande maioria dos casos, era construído com dinheiro público, e era arrendado a uma *abbesse* ou um administrador, que tinham o monopólio da profissão. Essas pessoas tinham o encargo de recrutar moças, aceitas ou não por um oficial de justiça, “[...] de fazer respeitar certas regras, às vezes de mantê-las e sempre de reinar a ordem na pequena comunidade feminina. Em caso de necessidade, falecimento ou partida da *abbesse* arrendatária, as autoridades passavam a governar diretamente a casa” (ROSSIAUD, 199, p. 21).

Ainda segundo este mesmo autor, normalmente o bordel não era uma “casa fechada”⁵³, onde permaneciam as moças *clostrières*⁵⁴: “As prostitutas públicas, que moram nas ruas “desonestas” ou alojavam-se na cidade, em pleno dia podem circular pelas tabernas e outros lugares públicos, mas devem conduzir seus clientes à *bonne maison*, onde se festeja antes de ir para os quartos” (ROSSIAUD, 1991, p. 21).

Além dos *prostibulum*, nas cidades maiores, havia os banhos públicos, que eram prostíbulos com dupla finalidade: havia os honestos, que eram destinados à população de um modo geral e os desonestos, que contavam com a presença de prostitutas, mesmo

⁵³ Grifo de Rossiaud (1991).

⁵⁴ Termo usado por Rossiaud (1991).

que havendo regulamentos proibindo a entrada delas nestes estabelecimentos. Os banhos públicos eram centros de prostituição notória e permanente, assim como casas de encontro e lugares de alcovitagem. Em Lyon, entre 1470 e 1480, a expressão *aller s'estuver* (ir aos banhos) possuía na linguagem corrente uma característica de prostituição.

O fato de ter havido muitas opções de lugares para as prostitutas exercerem sua profissão gerava entre elas diversas denominações. Exemplificando, Rossiaud (1991, p.23) afirma que

o vocabulário diferencia claramente – prova-se sua permanência – esses diferentes estágios do comércio amoroso: todos os regulamentos, pregões públicos e procedimentos judiciais distinguem as mulheres do *prostibulum* das que exercem sua atividade nos banhos públicos ou em quartos. As mulheres públicas comuns opõem-se às mulheres secretas, as prostitutas de rua às meretrizes de prostíbulo e às mulheres secretas, levianas ou vagabundas.

Se as denominações às prostitutas eram muitas, o fato se deve também ao grande número delas: “[...] por volta de 1435, em Tarascon, uma dezena de mulheres públicas comuns (para cerca de 500 a 600 habitantes); antes de 1480 o seu número era pelo menos de 70 a 80 em Lyon, e de mais de 100 em Dijon (para menos de 10.000 habitantes)” (ROSSIAUD, 1991, p. 24). No entanto, esses dados referem-se apenas às mulheres públicas, já que a prostituição secreta ou ocasional não foi computada devido a suas restrições: “Em todos os lugares adivinham-se taxas de prostituição pública que igualam ou ultrapassam as do final do século XIX e de início do século XX da regulamentação” (ROSSIAUD, 1991, p. 24). No entanto, estes dados não devem ser analisados sem uma prévia justificativa do comportamento sexual da época, ou seja, o que levava a se ter um número significativo de mulheres prostituídas no período, aqui descrito.

Neste mesmo contexto, Rago (1991) afirma que a violência sexual não está excluída como motivo para o ingresso na prostituição neste período histórico devido aos bandos de jovens artesãos e operários que violavam as moças pobres das aldeias, destinando-as à prostituição. Entre 1436 e 1486, segundo Rossiaud (1991, p. 25), na cidade de Dijon, foram apresentadas ao conselho do prefeito 125 casos de violações sexuais para investigações, sentenças civis e julgamentos: “Este número não compreende as violações cometidas contra mulheres levadas – pela própria vontade ou

não – para os prostíbulos e não representa, nem de longe, a cifra real das agressões”. Assim, como também não são computadas, obviamente, as pessoas que não registravam queixa, afinal, não há inquérito sem queixa. Muitas famílias permaneciam caladas por vergonha, por medo de represália, por que a família vitimizada optava por indenização dos agressores e não tinha interesse em ação judicial.

As violações descritas por Rago (1991) e Rossiaud (1991, p. 26) eram organizadas, planejadas e cometidas por grupos de dois a quinze pessoas à noite. Estes grupos forçavam a porta de casas, onde habitavam mulheres, entravam, e

[...] com o rosto descoberto, misturando brutalidades e convites, ameaças e injúrias, violavam sua presa, às vezes na frente de uma ou duas testemunhas horrorizadas, ou a levavam pelas ruas até uma casa cúmplice, onde fazem o que querem durante a noite inteira.

Na maioria das vezes as testemunhas e vizinhos não interviam por medo de represália. Esses grupos eram formados por diferentes estratos da sociedade (principalmente por artesãos, operários), poucos estrangeiros e não por rufiões, somando 85% de jovens, com idade média entre 18 e 24 anos:

Em onze de quinze grupos analisados, mais da metade dos participantes tinha a mesma idade, sendo que a presença entre eles de um ou dois solteiros de mais idade – e de maior experiência – não prejudicava a coerência; duas terças partes dos grupos têm uma conotação sócio-profissional muito forte: operários e filhos de um idêntico *status* social. Na mesma proporção, eles são “formados na rua” e reúnem apenas três a cinco indivíduos que se conhecem bem. Finalmente, e este é o aspecto essencial, não exerceram anteriormente qualquer tipo de delinquência grupal. Em outras palavras, os *juvenes* das cidades muradas, para escapar do tédio, buscam espontaneamente, à noite, a aventura e a briga, ficam à espreita, perseguem as moças e praticam violações (ROSSIAUD, 1991, p. 32).

As punições eram raras; o visconde-prefeito de Dijon emite sentenças que punem crimes e raptos, mas os almotacés⁵⁵ não deliberam nem protestam contra estes grupos, o que vem ao encontro de Rossiaud (1991, p. 27) quando faz a seguinte observação: “Podemos afirmar, portanto, que a violência sexual é uma dimensão normal, permanente a vida urbana”.

⁵⁵ Antigo oficial municipal encarregado da fiscalização das medidas e dos pesos e da taxaço dos preços dos alimentos e de distribuir, ou regular, a distribuição dos mesmos em tempos de maior escassez.

Quando os acusados eram identificados, o que ocorria na maioria das vezes pelo fato dos grupos não disporem de artefatos para esconderem a sua identidade, a data do casamento era marcada. As vítimas das violações coletivas, com idades entre 15 e 33 anos, são moças ou mulheres com idade de casar pela primeira ou segunda vez. As violações de meninas – entre 14 e 15 anos – eram excepcionais e muitas não foram confessadas. As consequências das violações, para as que não conseguiam identificar seus agressores, são idênticas às de uma conduta discutível ou desonrosa. “A vítima, quase sempre difamada, esbarra com dificuldades de reinserção social e mesmo familiar. Se solteira, seu preço diminui no mercado do matrimônio; casada, às vezes é abandonada pelo marido” (ROSSIAUD, 1991, p. 38). Até mesmo os vizinhos que testemunharam a seu favor as olham como degradadas, fazendo com que elas se sintam envergonhadas, culpadas e objeto de escândalo.

Dessa forma, as vítimas se sentem distantes da mulher comum, vêm-se abaladas psicologicamente e fisicamente vulneráveis, o que as levam à prostituição ligando-as à ação dos proxenetas ou alcoviteiros. Em cada cidade, funcionários municipais ou principescos encarregavam-se de fazer respeitar os regulamentos sobre a prostituição, de cadastrar, rejeitar ou admitir as mulheres com pagamentos e taxas. Entre os alcoviteiros, vale ressaltar que esta não era uma atividade exclusivamente masculina, havia uma hierarquia:

[...] algumas limitam-se a organizar encontros amorosos, outras fornecem as moças, algumas possuem abertamente um bordel na sua residência, e finalmente uma elite trabalha para uma clientela de *estat* e oferece ao senhor governador da Borgonha, a monsenhor bailio ou ao deão de Blois mocinhas mais ou menos inocentes enganadas pelas promessas dessas belas “tagarelas”. Confidentes escutadas ou muito persuasivas, elas renovam facilmente suas relações femininas, acolhem as vítimas das agressões quando os autores não as conservam durante algum tempo ao seu serviço, solicitam mulheres “oprimidas pelo casamento”, reprimidas e golpeadas, ou recebem as moças pobres “abandonadas”, quando estas não vão se refugiar nas portas dos hospitais (ROSSIAUD, 1991, p. 40).

Juntamente com as alcoviteiras, os rufiões tinham pouca importância. No entanto, a maioria das prostitutas secretas ou públicas tinha um amigo ou namorado que exercia o papel de um rufião, ficando com parte do lucro obtido. Diferentemente das alcoviteiras, os rufiões não estavam divididos em categorias e não viviam exclusivamente deste dinheiro, pelo fato de exercerem outras profissões.

As prostitutas no século XIV eram divididas em categorias: eram secretas ou públicas. As secretas, segundo Rossiaud (1991), tinham 17 anos, as camareiras de banhos públicos 20 anos e as locatárias dos *prostibulum* tinham cerca de 28 anos. Praticamente todas haviam começado por uma prostituição ocasional, “[...] aliando o trabalho diário ao “abandono” a um ou diversos companheiros dos quais eram efêmeras concubinas ou criadas” (ROSSIAUD, 1991, p. 41). Mais tarde, compradas ou recrutadas pelas alcoviteiras, tornavam-se camareiras de banhos públicos, sujeitas a uma proprietária exigente e a numerosos clientes. Assim, seu destino estava traçado e acabavam no prostíbulo, como consequência de não receberem um valor suficiente nos banhos públicos ou por serem levadas por seus rufiões, pelas autoridades municipais ou até mesmo pelas mulheres comuns.

Já as prostitutas públicas se encontravam, como diz o próprio nome, em lugares públicos e eram estrangeiras que vinham de regiões abaladas por crises ou guerras. Eram recebidas pela cidade e tinham que pagar aluguel semanalmente pelo quarto alugado, pagar o guarda noturno que as protegia e participar das despesas do aquecimento:

Munidas dos nomes de guerra, Margot la Courtoise, la Petite Normande ou Marion la Liégeoise, enfeitadas e com joias, partiam para a sua “aventura” nas portas das igrejas, nos mercados ou na taberna, cantavam à noite nas ruas para atrair clientes ou levavam-nos aos prostíbulos (ROSSIAUD, 1991, p. 42).

Como regra a ser cumprida, tinham que rejeitar os rapazes muito novos, os homens casados, a não irem para a cama em dupla com um homem só, mas tinham o direito de acolher vários ao mesmo tempo desde que não fossem parentes. Rossiaud (1991) afirma que as prostitutas recebiam por programas uma moeda de prata, o que nesta época era referente a uma meia jornada de trabalho feminino nos vinhedos, mas tinham a oportunidade de receberem de três a seis vezes mais se reservassem sua noite a um jovem rapaz.

Como eram visadas e propensas à violência e raptos por grupos que se serviam delas sem pagar, muitas destas prostitutas se mantinham sob a proteção dos guardas, comentados anteriormente, além de carregarem consigo as insígnias, que se por hora as discriminam, por outro lado as protegem contra eventuais violências. Aos 30 anos eram consideradas velhas e tinham que pensar que outra profissão deveriam escolher. Muitas optavam em se tornar *abbesse* ou administradoras de banhos públicos para garantir sua

velhice. Outras optavam por ir para o convento ou a um estabelecimento de arrependidas. No entanto, segundo Rossiaud (1991), estas instituições eram raras e recebiam poucas mulheres e, para serem aceitas, como era o caso na cidade de Avignon, elas precisam ter pouca idade, menos de 25 anos, e serem bonitas. Por outro lado, estas instituições não eram tão bem vistas pelas autoridades, pois contribuía como incentivo à prostituição de moças pobres a fim de solicitar ajuda.

Havia também um número considerável de mulheres que eram levadas à *vagabundagem*, de acordo com as palavras de Rossiaud (1991), que acabavam vivendo na miséria, de esmolas, passando por hospitais até morrerem. Outras ainda, que tinham por volta dos trinta anos, conseguiam a reinserção social e até se casavam, devido ao fato de serem ligadas a sacerdotes e homens da lei. Muitos cidadãos viam na prostituição pública uma etapa na redenção de uma conduta desonesta. Muitos homens, também, sentiam compaixão e simpatia pelas prostitutas e a caridade impulsionava as autoridades municipais a favorecer as prostitutas arrependidas (incoerência defini-las como arrependidas, sendo que muitas entraram para a prostituição devido ao fato de terem sido violentadas sexualmente e não lhes restar outra opção social) e a facilitar o seu casamento por meio de um dote.

6. A Prostituição na Idade Moderna

*“Tu, bedel, velhaco, segura sua mão ferida!
Por que açoitas esta prostituta? Desnuda tuas
próprias costas:
Desejas ardentemente usá-la dessa maneira
E por isso a açoitas”.*
(SHAKESPEARE s.d. apud ROBERTS, 1998, p. 147)

Os séculos XVI e XVII assinalaram o começo de um período histórico chamado de Idade Moderna, que se prolonga até o final do século XVIII. Este período foi marcado por acontecimentos significativos como a Expansão Marítima, o Renascimento e a Reforma.

A partir do século XV, a Expansão Marítima, liderada por Portugal e Espanha, transforma o cenário econômico com a intensa interligação entre os países – a mercantilização. Denominadas como as Grandes Navegações, as expedições marítimas tinham como objetivo a obtenção de riquezas e de trabalho escravo (negros e índios), o desejo de aventura e superação dos perigos do mar – o real e o imaginário e difusão do cristianismo:

A vitória universal do cristianismo é o que anima Colombo, homem profundamente piedoso (nunca viaja aos domingos), que justamente por isso considera-se eleito, encarregado de uma missão divina, e que vê por toda a parte a intervenção divina, seja no movimento das ondas ou no naufrágio de seu barco [...]. Além disso, a necessidade de dinheiro e o desejo de impor o verdadeiro Deus não se excluem. Os dois estão até unidos por uma relação de subordinação: um é meio, e o outro, fim. (TODOROV, 2003, p. 13).

A intenção de Cristóvão Colombo, segundo Todorov (2003), era partir em Cruzada e libertar Jerusalém. No entanto, não havia dinheiro para esta expedição. Assim, era de extrema importância que Colombo precisasse encontrar ouro. Tal situação fica clara ao ser descrito por ele próprio em seu diário, no dia 26 de dezembro de 1492:

[...] “em quantidade suficiente para que os Reis possam, em menos de três anos, preparar e empreender a conquista da Terra Santa. Foi assim”, continua ele, “que manifestei a Vossas Altezas o desejo de ver os benefícios de minha atual empresa consagrados à conquista de Jerusalém, o que fez Vossas Altezas sorrirem, dizendo que isto lhes agradava, e que mesmo sem este benefício este era o seu desejo” (TODOROV, 2003, p. 14).

Independentemente das intenções de Colombo, outros povos partiram em busca de riquezas e interesses particulares e este desprendimento e coragem contribuíram para mudar o cenário da Idade Moderna. Por volta de 1600, aos olhos da maioria dos europeus, o nome Índia era sinônimo de riqueza deslumbrante (BLAINEY, 2011).

O Renascimento, por sua vez, foi o movimento intelectual e artístico que ocorreu entre o século XIV e o XVI na Europa. Representou a nova visão de mundo da sociedade que se formava após o surto de desenvolvimento comercial e urbano iniciado no fim da Idade Média. Se na estática estrutura social dos feudos valia a força da coletividade e uma conformada submissão aos desígnios de Deus, no ambiente dinâmico das cidades modernas valorizavam-se o indivíduo e seu imenso potencial de autoaperfeiçoamento de criação.

O elemento central do Renascimento foi o humanismo, corrente filosófica que se baseava no antropocentrismo – que considerava o ser humano o centro das questões. Para os humanistas, o homem é dotado de uma capacidade quase divina de criar, e, ao exercê-la, aproxima-se de Deus. Ao proporem a superação dos ideais medievais, segundo os quais Deus era o centro de tudo e a fé se sobrepunha à razão, os humanistas julgavam promover um renascimento daquela cultura. Outras características fundamentais do Renascimento foram o naturalismo – busca por uma representação da natureza fiel à realidade; o racionalismo – valorização da razão; e o hedonismo – que defende o prazer individual como único bem possível.

Furlan (2004, p. 9), acredita que

a intensa mudança na concepção e práticas da tradução fomentadas pelo Humanismo e o Renascimento não aconteceram *ex abrupto*, mas pertencem a um processo iniciado claramente no auge da Idade Média e que podem ser mais facilmente detectadas quando contextualizadas num espaço cultural delimitado, como, por exemplo, a Itália.

Desta maneira, mesmo com origens medievais, o Renascimento é responsável por mudanças em todos os setores da sociedade na Idade Moderna. Segundo Beauvoir (1980, p. 133), o Renascimento italiano foi uma época do individualismo que se mostra propício ao desabrochar de todas as fortes personalidades, sem distinção de sexo:

Encontram-se, então, mulheres que são soberanas poderosas como Joana de Aragão, Joana de Nápoles, Isabel d'Este; outras foram *condottieri*, aventureiras que pegaram em armas contra os homens. Assim é que a mulher de Giralomo Riario luta pela liberdade de Forli;

Hipólita Fioramenti comanda as tropas do Duque de Milão [...] Outras italianas se tornaram célebres por sua cultura e seus talentos: Isara Nogara, Verônica Gambará, Gaspara Stampara, Vitória Colona [...], Lucrecia Tornabuoni [...]. Entre estas mulheres distintas, a maioria é constituída de cortesãs; aliando às liberdades dos costumes às do espírito, assegurando-se, pelo exercício da profissão, uma autonomia econômica, muitas delas eram tratadas pelos homens com deferente admiração [...]. Entretanto, para muitas, a liberdade só assume ainda a configuração de licença; as orgias e os crimes das grandes damas e das cortesãs italianas ficaram lendários.

Já a Reforma foi um movimento religioso que também teve início na Idade Média e que eclode no século XVI, culminando com uma fase crítica para a Igreja: “Na Europa, a toda poderosa Igreja Católica encontrava-se em perigo. Ela havia tolerado muitos expedientes e artifícios que garantiam aos ricos e indignos, em troca do pagamento de determinada taxa, a entrada no céu” (BLAINEY, 2011, p. 179). As pessoas, nesta época, acreditavam que os santos mantinham sob vigilância um depósito de misericórdias e indulgências a serem distribuídas a pecadores ricos que, no último momento, desejassem o perdão, a salvação e pudessem pagar por isso:

Quando a imponente igreja de Speyer, na Alemanha, estava sendo construída em 1451, pelo menos 50 sacerdotes se sentavam tranquilamente e, após ouvirem as confissões, concediam perdão aos peregrinos que doassem dinheiro. Um quarto de século depois, o papa permitiu que se vendessem indulgências em nome das pessoas já mortas que viviam no purgatório. Em suma, os ricos podiam comprar o perdão dos pecados cometidos por parentes falecidos que talvez não tivessem sentido necessidade de fazer isso em vida. Aos pobres, por serem pobres, era negada tal concessão (BLAINEY, 2011, p. 179).

A Igreja medieval, por sua vez, acreditava em castigo eterno e a venda de perdões e suspensões de penas contrariava um dos principais dogmas de sua teologia. Segundo Figueiró (2010), tudo o que a doutrina católica proibia era praticado em muitos setores da sociedade, em especial, entre o clero. Contra todas essas questões que exploravam as pessoas em nome de um Deus, Martinho Lutero, monge da ordem católica dos agostinianos, na Alemanha, inicia seus questionamentos à Igreja Católica sobre as vendas de indulgências, alegando que esta estava se desviando de seu caminho. Em 1517, Lutero afixa suas 95 teses, em latim, na porta de Igreja Wittenberg. Com essa atitude iniciou a Reforma Protestante, que culminou com a criação da Igreja Luterana:

Com a Reforma luterana, nascia a Idade Moderna, quando o “povo” tornava-se protagonista na história. Sua concepção de História Moderna não era assim forjada apenas por governantes e sacerdotes. Ela harmonizava-se também às necessidades do Estado prussiano, cuja política eclesiástica naquele momento dependia dos delicados matrimônios mistos entre protestantes e novos súditos católicos, cheios de soberba e inspirados nas tradições renanas ⁵⁶ (MONTEIRO, 2007, p. 131).

De acordo com Figueiró (2010, p. 14), Lutero propôs muitas mudanças: “[...] negação da autoridade espiritual dos padres e da infalibilidade do Papa e a defesa da abolição do celibato eclesiástico, bem como a defesa e a valorização do matrimônio”. Desse modo, além destas mudanças, o monopólio da Igreja Católica sobre a Bíblia se encontrava ameaçado devido à invenção da imprensa. A Bíblia era um livro raro, escrito à mão e eram poucas igrejas que a possuíam. Lutero, utilizando-se da tipografia, fazia as transcrições dos sermões e entregava aos tipógrafos; assim, inicia-se a tradução do latim para o alemão, concluído em 1534 (BLAINEY, 2011). A partir desta data, as pessoas comuns passam a ter acesso aos ensinamentos religiosos e estes não se encontram mais restritos ao monopólio divino que a Igreja Católica queria impor.

Com relação à prostituição e às epidemias de doenças sexualmente transmissíveis, principalmente a sífilis, a Reforma Religiosa foi severa. Na tentativa de acabar com a prostituição, a Igreja Católica, juntamente com as Igrejas Protestantes, lançaram mão de recursos para lidar com este que foi considerado um problema, levando a prostituição à clandestinidade (SANAHUJA YII, 2003).

No entanto, a Itália se torna o palco de florescimento da prostituição, que pode ser atribuído ao fato de este país ter sido o berço do renascimento do classicismo e da razão, pois era uma região técnica e economicamente mais avançada que os outros países europeus durante os séculos XIV e XV. Seus centros de poder e riqueza eram as cidades-Estados, governadas pelas elites burguesas e aristocráticas. “Estes homens poderosos, cujas riquezas originavam-se do comércio, da agricultura, das finanças e da manufatura, usaram os escritos dos pensadores pré-cristãos da antiguidade clássica para libertar a sociedade e a cultura estranguladas pela Igreja” (ROBERTS, 1998, p. 129).

A sociedade emergente era centralizada no homem. As mulheres foram reduzidas de sócias a subordinadas, ou seja, com a ressurreição da doutrina clássica, o domínio público dos negócios e da política deveria ser reservado aos homens, enquanto esfera

⁵⁶ Relativo Renânia, região da Alemanha.

privada e a vida doméstica deveria ser o reino da mulher: “Havia acabado a tradição medieval de mulheres fortes e relativamente independentes que participavam plenamente das questões de sua família” (ROBERTS, 1998, p. 129). Segundo o reinado renascentista, as mulheres casadas tinham de ser obscuras e obedientes, confinadas aos espaços sombrios das vidas de seus homens.

Em contrapartida ao confinamento das esposas neste período histórico, temos o renascimento da cortesã de alta classe:

Como as *hetairae* gregas anteriores, as *cortegiane* de Veneza, Florença e Milão, eram beldades instruídas, influentes e talentosas que se especializaram em se reunir para satisfazer as necessidades sexuais de homens que excluíram suas esposas da plena participação em suas vidas (ROBERTS, 1998, p.129).

Desse modo, as prostitutas italianas de classe alta eram independentes. Recebiam em suas próprias casas artistas, como Ticiano, Rafael e Cellini; filósofos e escritores, como Pietro Aretino⁵⁷, e políticos importantes da época.

Algumas mulheres ficaram conhecidas não apenas na arte do sexo, mas pelas suas expressões artísticas, como é o caso de Tullia d’Aragona, que era filha, supostamente, de um cardeal e uma renomada poetisa que teve como patrono Cosimo de’Medici⁵⁸.

A seguir a figura de Tullia d’Aragona:

⁵⁷ Aretino tornou-se famoso através por seus escritos eróticos, sobretudo as obras *As argumentações, Capítulos e Sonetos luxuriosos*. Fonte: <http://educacao.uol.com.br/biografias/pietro-aretino.jhtm>. Acesso em 16/10/2014.

⁵⁸ Cosimo de’Medici, by name Cosimo, o Velho, italiano Cosimo il Vecchio, Latin By name Pater Patriae (Pai da Pátria), nascido em 27 de setembro de 1389, em Florença e morreu 01 de agosto de 1464, em Careggi, perto de Florença, fundador da uma das principais linhas da Família Médici, que governou Florença 1434-1537. Fonte: <http://global.britannica.com/EBchecked/topic/372301/Cosimo-de-Medici>. Acesso em 21/09/2014.



Figura 16: Representação de Tullia d'Aragon usando veste de Salomé, por Alessandro Bonvicino (II Moretto), Musée Civique, Brescia.

Fonte: <http://fr.academic.ru/dic.nsf/frwiki/1667207>. Acesso em 19/09/2014.

Assim como Tullia d'Aragon, Veronica Franco foi uma intelectual e cortêsã famosa. Era fluente em várias línguas e musicista famosa. De acordo com Roberts (1998) e Rosenthal (s.d.)⁵⁹, Veronica era filha de uma alcoviteira e de um comerciante, foi amiga íntima do pintor Jacopoto Tintoretto (1518 – 1594), e tinha como ilustre cliente o rei Henrique III, da França. Segundo Roberts (1998, p. 130), o “[...] historiador Reay Tannahil cita uma soma de quatro a cinco coroas por um beijo de Veronica Franco (esta era a quantia que um criado poderia ganhar em seis meses), e cinquenta coroas pela “transação completa””. Foi levada aos tribunais da Inquisição, em 1580, por praticar magia, sendo absolvida. Quando faleceu aos quarenta e cinco anos estava pobre e este fato se justifica devido a sua reputação ter sido abalada no período da inquisição e ao período de praga, que assolou Veneza de 1575 a 1577. A seguir a figura de Veronica de Franco:

⁵⁹ Dr^a Margaret Rosenthal, docente do Department of French and Italian, Taper Hall of Humanities, University of Southern California. Fonte: <http://dornsife.usc.edu/veronica-franco/portraits-of-franco/>. Acesso em 21/09/2014. Rosenthal escreveu um livro intitulado: “*The Honest Courtesan*”, baseado na biografia de Veronica Franco, que ganhou a versão cinematográfica tendo como título: “*A Destiny of Her Own*”, que originalmente se chamava “*Dangerous Beauty*” e em português: “Em Luta Pelo Amor”.



Jacopo Tintoretto or Follower, *Portrait of a Lady*. 16th century. Worcester Art Museum, Worcester, Massachusetts.

Figura 17: Representação de Veronica Franco

Fonte: <http://dornsife.usc.edu/veronica-franco/portraits-of-franco/>. Acesso em 21/09/2014.

A prostituição em Veneza, no auge das cortesãs, era passada de mãe para filha: “Quando as jovens eram consideradas prontas para exercer a profissão, as mães as desfilavam na Feira de Maio e nos mercados” (ROBERTS, 1998, p. 134). O comércio das virgens rendia muito, e, uma moça virgem não valia menos que 150 *écus* de ouro, o que na época era equivalente a um ano de poupança (Id.). Dessa maneira, a concepção de prostituição não tinha uma conotação tão preconceituosa: “[...] no início da Veneza moderna, a prostituição não era considerada um meio degradante de ganhar a vida; pelo menos, não para aquelas cuja beleza e educação as qualificavam para se unir à classe de elite das prostitutas” (ROBERTS, 1998, p. 135).

Apesar das prostitutas, ou cortesãs, como eram chamadas nesta época, exercerem um papel de destaque na sociedade “[...] havia uma diferença crucial entre a beleza da Renascença e a da hetaira, sua predecessora: na antiga Grécia, a prostituta da classe alta havia conservado vestígios do carisma religioso nos corações e mentes das pessoas; isto definitivamente não acontecia na Renascença Italiana” (ROBERTS, 1998, p. 135). A cortesã italiana não incorporava o aspecto de deusa e, portanto, era considerada uma mulher sem artifícios sagrados, o que ocasionava a elas problemas como a violência masculina, fazendo com que muitas recorressem ao serviço de guarda-costas:

[...] a vida de uma *cortegiana* não era inteiramente desprovida de seus perigos – mas seu destino era certamente melhor que aquele de sua companheira da classe baixa, a *puttana* das ruas. Para esta última, a vida era totalmente circunscrita aos regulamentos e proibições: a habitual confusão de direitos e (principalmente) restrições. Embora ela tivesse alguns direitos (por exemplo, insultar uma prostituta era passível de punição com uma multa de 100 ducados e um mês de prisão), a prostituta de classe baixa era proibida de frequentar estalagens, tavernas ou igrejas; também não tinha permissão de vender sexo aos turcos, mouros e judeus (ROBERTS, 1998, p. 136).

As prostitutas que transgrediam as regras podiam ser punidas com açoite e o pelourinho. A prostituta de rua dificilmente podia esperar atingir o *status* e a riqueza das prostitutas de alta classe, mesmo que as barreiras entre suas classes fossem menos rígidas.

Neste período da história muitas mudanças ocorrem na vida das pessoas, principalmente das prostitutas. O pano de fundo da mudança nas atitudes, que foi além da marginalização das prostitutas, foi a sequência de alterações econômicas, sociais, políticas e religiosas que moldaram a sociedade ocidental durante o período da Reforma do século XVI. Borges e Petrilli (2003, p. 3) afirmam que “com o advento do êxodo rural a partir da Revolução Industrial, houve um crescimento das populações nas grandes cidades, com as mulheres passando a somar força de trabalho”. Desse modo, diante da grande desvalorização de sua mão de obra e desumanas condições de trabalho, algumas se rendiam à prostituição em troca de favores de patrões ou capatazes.

As mulheres começaram a ser excluídas das profissões e dos negócios dos quais haviam participado em igualdade com os homens na Idade Média (ROBERTS, 1998). As oportunidades empregatícias para os homens eram superiores, apesar de uma baixa considerável nos salários. “Considerando a escolha entre ser uma esposa trabalhadora – sujeita a uma carga esmagadora de desemprego, não surpreendente perceber que um número consistentemente ascendente delas decidiu, em vez disso, trabalhar como prostitutas” (ROBERTS, 1998, p. 138).

Diante de dessas mudanças, as leis que regiam as mulheres e as prostitutas passam por alterações:

De início as leis eram destinadas ao sexo feminino em geral; o jurista francês Tiraqueau deu início a elas em 1552, definindo a “incapacidade” legal das mulheres, o que efetivamente proibia qualquer mulher de realizar contratos ou atuar em qualquer situação dentro do sistema legal. Na legislação criminal francesa, as mulheres passaram a ser consideradas irresponsáveis devido à “imbecilidade”

do seu sexo; logo, como um corolário a isso, o estupro de uma prostituta deixou de ser crime (ROBERTS, 1998, p. 138).

As prostitutas, com estas novas leis, não podiam mais recorrer às autoridades do Estado em busca de proteção. A ordem do dia era o assassinato de dezenas de milhares de mulheres por toda a Europa durante a caça às bruxas. Segundo Roberts (1998), este foi o primeiro holocausto religioso da história e durou mais de três séculos, após uma Bula Papal datada de 1484. O número real de pessoas torturadas e assassinadas pelos cristãos é discutido, porém sabe-se que 80 por cento eram mulheres.

Assim como a Igreja Católica, Martinho Lutero era contra a prostituição e, segundo Roberts (1998), em particular pela variedade de tipos de prostituição legalizados. Em 1520, Lutero, escreveu um *Discurso à Nobreza Alemã*:

Não é terrível que nós cristãos devamos manter os bordéis públicos, enquanto todos fazemos voto de castidade em nosso batismo? Sei bem que tudo o que pode ser dito sobre esta questão que não é peculiar a uma nação, que seria difícil de alterar e que é melhor, por isso, que as virgens, ou as mulheres casadas, ou mulheres honradas devam ser desonradas. Mas os poderes espirituais e temporais não devem se associar para encontrar algum meio de enfrentar estas dificuldades sem essa prática pagã? Se o povo de Israel existiu sem este escândalo, por que uma nação cristã não seria capaz de fazê-lo? (ORME, 1987 apud ROBERTS, 1998, p. 142).

Dessa forma, sob a influência de Lutero, os bordéis foram fechados em toda a Alemanha e em outros países europeus. Com a morte de Lutero, João Calvino⁶⁰, de certa forma, assume seu posto (guardadas as devidas diferenças religiosas e ideais entre ambos) com relação à posição contrária à prostituição. Segundo Blainey (2011), Calvino despertou animosidade até entre os próprios seguidores ao denunciar como papistas muitos dos antigos nomes cristãos, muito populares na cidade. De acordo com Roberts (1998), Calvino foi ainda mais implacável em sua oposição contrária ao comércio do sexo do que seu contemporâneo alemão. Ele afirmava que todas as formas de libertinagem eram detestadas por Deus e que deveriam ser esmagadas. Na véspera da

⁶⁰ João Calvino foi professor e teólogo cristão de nacionalidade francesa. Nasceu na cidade de Noyon em 10 de julho de 1509 e faleceu na cidade de Genebra (Suíça) em 27 de maio de 1564. Calvino teve um papel histórico fundamental no processo da Reforma Protestante. Foi o iniciador do movimento religioso protestante conhecido por Calvinismo.

chegada dele à Genebra: “[...] o conselho municipal rapidamente decretou que todas as suas prostitutas deveriam se arrepende e abandonar imediatamente o seu comércio, ou seriam exiladas” (ROBERTS, 1998, p. 143). Calvino garantiu que esta lei fosse rigorosamente cumprida, assim como as medidas draconianas similares, que puniam a fornicção e o adultério com multas, prisões e banimentos.

Silva (2014) afirma que a Reforma embutia um novo padrão moral e religioso, indo contra as práticas medievais da Igreja Católica. A importância desse período para a história da prostituição é grande, uma vez que é neste período que a mesma enfrenta seus maiores entraves. Com ideais de uma nova moralidade protestante se tem uma nova moralidade sexual, muito mais repressiva que a católica: as relações extraconjugais e o sexo como forma de obtenção do prazer foram amplamente combatidos.

A visão de sexo para o protestantismo é ligado à reprodução e esta é permitida apenas nos moldes da estrutura familiar. Nesse mesmo contexto, o celibato é atacado e a importância do sexo dentro do casamento é enfatizada e ao mesmo tempo são condenados a contracepção, o aborto, a sodomia, a prostituição e o adultério. Outra questão polêmica e discutida nesta época foi a libertinagem:

Se os primeiros libertinos surgiram no século XVI – movimento entendido muito mais como libertinagem espiritual, “religiosidade herética”⁶¹ contra o processo de acumulação primitiva segundo as bases ideológicas defendidas por Calvino -, a libertinagem vai se constituir como força sistematizada apenas no século XVIII, desta vez através da filosofia e da literatura libertinas contra os costumes e a velha moral. Pode-se dizer, entretanto, que ela nunca perdeu sua marca de origem, isto é, sua relação com a religião (NOVAES, 1996, p. 10).

A palavra libertino – *libertin* – foi usada pela primeira vez em 1554, por Calvino. No ano seguinte, o religioso, redige um tratado: “*Contre la secte phantastique et furieuse des libertins que se nomment spirituels*”, em que acusa os dissidentes anabatistas ⁶² de: “considerarem as religiões reveladas como imposturas, defenderem a

⁶¹ Grifo do autor.

⁶² O anabatismo foi um movimento religioso protestante radical do período da Reforma Protestante do século XVI na Europa, caracterizado pela discordância das reformas realizadas por Lutero e Zuínglio. Ele pode ser considerado protestante, mas não reformado. Essencialmente, os anabatistas protestaram contra as reformas que não realizavam aprofundamentos e mudanças como idealizavam. Tal movimento, então, opôs-se a católicos e reformadores. Basicamente reivindicava separação entre Igreja e Estado, a não

moral natural como a única possível, e ainda praticarem a “escandalosa liberdade de costumes baseada na negação do pecado”” (NOVAES, 1996, p. 10).

Novaes (1996, p. 9) analisa a libertinagem por outra perspectiva ao dizer que:

Para certo exagero de moral, a leitura libertina não é mais do que um exercício da maledicência, um momento envergonhado, às escondidas, de impropriedades. Essa crença na hipocrisia ignora – ou faz de conta que ignora – que muitos libertinos foram homens engenhosos, de rara inteligência crítica profana e profunda, que souberam muitas vezes associar vício e virtude: homens que produziam fantasia inventaram a linguagem que faz coincidir o sentido e o signo, espíritos livres, livres-pensadores que seguem em curso das palavras e dispensam as metáforas.

Os libertinos foram muito criticados e discriminados. Nomes como os do Marquês de Sade (ligado à cruzeza), Restif de la Bretonne (ligado ao deboche) e Diderot (ligado às ironias) pertenceram à geração da Revolução Francesa e estavam no centro da controvérsia política e revolucionária. Estes nomes, segundo Novaes (1996), caçoaram do poder despótico, combateram as superstições e a moral, atacaram a tirania literária e a pureza dos artifícios poéticos e dialogaram com os filósofos do seu tempo.

O fato dos libertinos não terem seus escritos divulgados em massa não se deu apenas pelo fato da moralidade: “Materialistas, dissidente em relação à ordem estabelecida, o libertino é, antes, um contestador: através do romance, tendo como tema central o prazer sexual e o prazer do conhecimento, ele é o filósofo discreto e também o provocador erótico” (NOVAES, 1996, p. 9). Aliados à anarquia moral, os libertinos defendiam a criação de uma comunidade com divisão de bens, outro motivo para serem criticados e discriminados, como podemos observar na figura a seguir:

aceitação do batismo infantil e pregava o próprio afastamento e isolamento da sociedade de modo pacífico. Esses elementos combinados causaram uma das maiores perturbações na Europa do século XVI. Fonte: <http://www.monergismo.com/>. Acesso em 10/10/2014.



Figura18: OS DISSOLUTOS. *The rake's progress* (O progresso do libertino), ilustração de 1735 de William Hogarth. (Foto: Ann Ronan Pictures/Heritage Images/Glow Images).
Fonte: <http://epoca.globo.com/>. Acesso em 29/09/2014.

A pornografia foi mais uma questão efervescente neste período. Ela não constituía uma categoria de literatura ou de representação visual independente e distinta antes do início do século XIX. De acordo com Hunt (1999), se considerarmos a pornografia como representação explícita dos órgãos e das relações sexuais para estimular sensações, então, até meados ou final do século XVIII, ela era quase sempre algo além: “Na Europa, entre 1500 e 1800, era mais frequentemente um veículo que usava o sexo para chocar e criticar as autoridades políticas e religiosas” (HUNT, 1999, p. 10). Entretanto, emergiu lentamente como categoria distinta nos séculos entre o Renascimento e a Revolução Francesa, devido, em parte, à propagação da própria cultura impressa. A ampliação da pornografia se deu a partir dos avanços e retrocessos da atividade desordenada de escritores, pintores e gravadores, atraídos por colocar à prova os limites do decente e a censura da autoridade eclesiástica e secular.

A pornografia, no sentido atual da palavra, só foi definida e difundida no século XIX:

Por isso, alguns estudiosos consideram o final do século XVIII e o início do XIX decisivos para o desenvolvimento da noção moderna de pornografia. Mas as fontes principais da tradição pornográfica moderna e de sua censura podem ser buscadas na Itália do século XVI e na França e Inglaterra dos séculos XVII e XVIII, apesar dos antecedentes da Grécia e Roma antigas (HUNT, 1999, p. 10).

Os autores e gravadores pornográficos eram hereges, livres-pensadores e libertinos de reputação duvidosa, que tinham uma posição inferior entre os promotores do progresso do Ocidente. A pornografia não foi espontânea, foi deliberada num longo processo de conflitos entre escritores, pintores e gravadores, por um lado, e espiões, policiais, padres e funcionários públicos, por outro. Assim, seu significado político e cultural não pode ser apartado de seu aparecimento como categoria de pensamento, representação e regulamentação. Ela começou a aparecer como gênero distinto de representação quando a cultura impressa possibilitou às massas a obtenção de escritos e ilustrações.

A seguir a figura de Thérèse Philosophe, literatura erótica e pornográfica:



Figura 19: Thérèse Philosophe⁶³, publicação francesa de 1748, escrita provavelmente por Jean-Baptiste de Boyer, marquês d'Argens.

Fonte: <http://www.zvab.com/buch-suchen/titel/therese/autor/d-argens>. Acesso em 29/09/2014.

Desse modo, qualquer filosofia ou ideal de vida que contribuísse para melhoria na qualidade de vida dos cidadãos e que colocasse em xeque o poder das igrejas era veementemente criticado e abolido. Na sequência de fatos desta época, como reação à Reforma Protestante, a Igreja Católica lança outro movimento intitulado como a Contra-Reforma Católica. Entre os anos de 1545 e 1563 foi convocado o Concílio de Trento, na cidade de italiana de Trento, pelo papa Paulo III. Algumas medidas foram tomadas,

⁶³ Esta publicação, que se tornou um dos livros de circulação proibida na França do período, foi clandestinamente divulgado e “devorado” pelos submundos das letras.

como a retomada do Tribunal do Santo Ofício, ou seja, da Inquisição, a criação do “*Index Librorum Prohibitorum*” (uma relação de livros proibidos pela Igreja), e o incentivo à catequese dos povos do Novo Mundo. Segundo Figueiró (2010, p. 14), tanto a Reforma como a Contra-Reforma “foram portadoras de pedagogia e moral bastante negativas, austeras e castradoras, nas quais o sexo permanecia reduzido à procriação”. Além disso, deve-se citar a afirmação da autoridade papal, a manutenção do celibato eclesiástico e reformas na instituição, como a adoção de uma tradução oficial da Bíblia (Vulgata) e o fim dos abusos pelas vendas de indulgências (SILVA, 2014).

Em 1563, sobre o Conselho de Trento, Roberts (1998, p. 144) traz a seguinte observação:

[...] em um decreto sobre o casamento, solicitava a proibição de qualquer tipo de atividade extraconjugal. Tendo isso em mente, em 1586 o Papa Xisto V introduziu a pena de morte para o adultério e todos os “vícios não naturais”. Nesse ínterim, Pio V fez um esforço conjunto para erradicar a prostituição na cidade de Roma – de algum modo uma tarefa fácil. Pio deve ter tido um gosto pelo sensacional, pois escolheu o dia 22 de julho – dia da comemoração de Santa Maria Madalena – de 1566 para publicar seu decreto expulsando todas as prostitutas da cidade.

Essa conduta gerou uma grande mobilização por parte das prostitutas de ruas e as da elite:

O conselho municipal enviou uma comitiva de quarenta cidadãos para protestar junto ao Papa. O decreto iria provocar uma grave recessão econômica. Conduziria ao despovoamento da cidade, a uma queda na importação dos produtos de luxo, à falência de comerciantes respeitáveis. O corpo diplomático ficou em polvorosa, e os embaixadores da Espanha, de Portugal e de Florença uniram seus protestos (ORME, 1987 apud ROBERTS, 1998, p. 144).

Diante de toda essa situação houve nas ruas de Roma um pânico em massa, pois 25.000 pessoas (entre prostitutas e seus dependentes) preparavam-se para deixar a cidade. Em menos de um mês, desde a publicação do decreto, o Papa foi obrigado a revogá-lo e as prostitutas permaneceram na cidade, mesmo fazendo pressão sobre as de classe baixa de Roma. Embora tenha poupado o comércio da luxúria, a prostituta de rua foi alvo de ira do Papa; ela enfrentou o banimento ou, como outra opção, alojou-se em guetos, dos quais era proibida de sair sob pena de ser açoitada ou exilada (ROBERTS, 1998).

Além de toda essa influência repressora das religiões sobre a vida sexual das pessoas, o século XVI é atingido pela chegada, na Europa, da sífilis, *doença venérea*, que provoca mudanças em todos os setores da sociedade e se espalhou por todo o continente. Diferentes nomes foram utilizados para se referir a essa enfermidade:

A princípio, a doença recebeu várias denominações, como Mal de Nápoles, Mal Francês e outras, cada povo culpando os inimigos. O termo sífilis foi introduzido por Girolamo Fracastoro em 1530, mas seu uso tornou-se corrente apenas no século XVIII (BENEDITO *et al*, 2009, p. 1).

O quadro clínico, nesta época, era muito grave, surpreendendo a população e os médicos que não sabiam como enfrentá-la. O modo de transmissão não era compreendido, muitos achavam que ela podia ser transmitida pelo ar, pela comida, amamentação, compartilhamento de objetos e utensílios domésticos, entre outras maneiras. Segundo Roberts (1998), não havia razão médica para vincular a doença à prostituição:

O medo da sífilis não parece ter sido primordialmente responsável pela mudança da atitude medieval de tolerância à prostituição. O fechamento geral dos bordéis oficiais [...] não parece ter tido relacionamento direto com a disseminação da doença ou das opiniões delas. Os motivos sanitários não eram fundamentais nos pronunciamentos oficiais que ordenavam o fechamento dos bordéis (ORME, 1987 apud ROBERTS, 1998, p. 150).

As autoridades estavam mais preocupadas com as condições morais do que com a saúde da população. Todo tipo de pestes e epidemias eram vistas como um castigo de uma divindade zangada sobre o mundo pecador.

Apesar de toda repressão e perseguição, a prostituição se mostrava cada vez mais impossível de ser disseminada. Os bordéis continuavam ilegais sob suborno das autoridades. Os proprietários e os cafetões continuavam a obter seus lucros; os clientes podiam se divertir e as prostitutas ganhavam seu dinheiro.

Na França, segundo Roberts (1998), todos os bordéis (públicos ou privados) deveriam ser fechados e a prostituição abolida da sociedade, mas na prática a situação era inversa:

Os bordeis de propriedade dos ricos, que tinham amigos e clientes influentes, mantinham-se abertos através de acordos particulares com as autoridades; o restante teve que depender da corrupção tradicional dos funcionários encarregados de fazer cumprir os novos regulamentos (ROBERTS, 1998, p. 152).

A maioria dos bordeis conseguia se manter, mas não possuía nenhum direito legal. Desse modo, como alternativa para driblar esta situação de repressão, surgiu o sistema francês das *maisons de tolérance*, que eram casas selecionadas que eram toleradas, mas sempre mantidas sob severa vigilância pela lei, perpetuado até meados do século XX.

Em Londres a situação era parecida. No final do século XVI, a enorme inflação e o prosseguimento dos cercos e dos despejos garantiram que milhares de mulheres chegassem à capital em busca de trabalho. “As ruas da Londres elizabethana estavam cheias de prostitutas, especialmente na Southwark, em torno da área onde ficavam os bordéis, os jardins e os teatros recém-abertos” (ROBERTS, 1998, p.153). O número de clientes era grande, visto que nesta época os homens ricos do campo vieram para a cidade no início da centralização do poder e da criação das burocracias governamentais.

Com o aumento da prostituição devido à procura, as prostitutas começaram a se especializar. Algumas conservavam as antigas tradições e se tornaram namoradas dos padres ou concubinas de nobres e burgueses, enquanto outras optaram por tavernas e teatros. Havia também as chamadas *bawdy baskets* – cestas de indecências. De acordo com Roberts (1998) as *bawdy baskets* iam até as casas com a desculpa de vender alfinetes e entre outras coisas banais como disfarce para a venda de sexo e ao mesmo tempo faziam o reconhecimento do local para seus sócios: “Eram *punks* (prostitutas) conhecidas como *crossbiters* (trapaceiras), que, juntamente com seus *apple-squires* (cúmplices do sexo masculino), praticavam os logros e os furtos sobre seus ricos *simplers* (vítimas)” (ROBERTS, 1998, 154). Segundo a mesma autora, é neste período que surgem os primeiros bordeis infantis na Inglaterra, que ofereciam aos clientes ricos meninas com idade entre sete e quatorze anos, que eram filhas de pobres, que em muitas situações vendiam as próprias filhas. Além de haver, nesta mesma época, maridos burgueses atuando como alcoviteiros e proxenetas das suas próprias esposas.

No século XVIII a classe alta estava interessada em experiências sexuais e, para tanto, os bordeis proliferam. Um exemplo deste modelo foi o bordel de Mme. Gourdan, famosamente localizado na *rue des Deux-Portes-Saint-Sauveur*, em Paris. Há muitas incertezas sobre Madame Gourdan, inclusive seu próprio nome; há fonte em que se

chama Alexandrine Ernestine e, em outras, Marguerite. Conhecida como *la petite comtesse*, a seguir figura de Mme. Gourdan:



Figura 20: Madame Gourdan

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Marguerite_Gourdan.jpg. Acesso em 05/10/2014.

Uma das inovações de Mme. Gourdan foi estabelecer em seu bordel o modo das prostitutas se propagandarem; estas anunciavam seus serviços aos clientes através de poses provocativas:

Madame também oferecia uma variação extremamente abrangente de serviços sexuais, um menu que na verdade satisfaria os gostos mais variados e bizarros. Pornografia e “escravos estimulantes estavam disponíveis para aqueles que requeriam um pouco de ajuda; para os *vouyers*, havia um aposento de observação de onde podiam assistir as atividades sexuais dos outros; e, para clientes com uma inclinação sadomasoquista, havia os encantos da “câmara dos horrores” (ROBERTS, 1998, p. 191).

As prostitutas que trabalhavam neste estabelecimento tinham que ser profissionais e adaptáveis, devido à clientela que buscava experiência diferenciada, e para isso, recebiam treinamentos. “Este teria início na chamada *piscine*, onde as meninas recém-chegadas das províncias ou dos guetos da cidade eram lavadas e tornadas apresentáveis; depois passavam pela *Cabinet de Toilette*, para serem instruídas nas artes da prostituição” (ROBERTS, 1998, p. 191).

Os clientes eram homens ricos e poderosos, inclusive homens da Igreja. Como manobra de disfarce para estes homens frequentarem o bordel sem serem vistos, foi

criada uma entrada secreta em uma casa de aparência inocente em uma rua lateral: “Isso permitiu o acesso incógnito ao bordel: era suficiente abrir um armário, que mascarava uma porta de comunicação com o estabelecimento de Gourdan” (<http://www.nicolaslefloch.fr/Lieux/maisonGourdan.html>. Acesso em 05/10/2014). Este bordel, em 1768, foi atingido por um incêndio que destruiu parte de sua sala de estar e em 1773 foi fechada devido à propagação da sífilis.

A seguir fotos do Bordel de Mme. Gourdan:



Figura 21: La maison de la Gourdan, à l'angle de la rue Dussoubs (anciennement rue des Deux-Portes-Saint-Sauveur) et de la rue Saint-Sauveur. Fachada atual.

Fonte: <http://www.nicolaslefloch.fr/Lieux/maisonGourdan.html>. Acesso 05/10/2014.



Figura 22: Au 12, rue Saint-Sauveur, la porte des gens "honnêtes". Fachada atual.

Fonte: <http://www.nicolaslefloch.fr/Lieux/maisonGourdan.html>. Acesso 05/10/2014.

A idealização de Mme. Gourdan foi vastamente copiada, em exemplo clássico é o de *Madame Paris* e *Dupuis*. Outros bordeis foram criados em Paris para grupos específicos, como foi o caso dos que atendiam homens do clero, outro apenas com mulheres negras, outro com meninas virgens e casas de mulheres supostamente de

origens nobres. O comércio do sexo começou a render muitos frutos e, segundo Roberts (1998), a diversidade e a competitividade eram grandes e por conta disso o comércio da propaganda foi criado como subproduto. Assim, os proprietários de bordéis colocavam homens nas partes movimentadas das cidades para distribuir cartões das prostitutas e suas especificidades. As prostitutas independentes distribuía seus próprios cartões e, dessa maneira, a prostituição foi amplamente divulgada.

A cidade de Londres se inspirou na prostituição parisiense e são criadas as *maison*, tornando-se um fenômeno. De acordo com Arnold (2010, s.p.), outra cafetina, Miss Fawkland, inspirada em Mme. Gourdan, colocava suas prostitutas sob treinamento rigoroso, em *St. Jame's Street*, em *Westminster*:

Miss Fawkland, treinava rigorosamente suas prostitutas antes de trabalharem nas três casas adjacentes em St. James's Street, conhecidas como 'templos'. O primeiro foi o "Templo de Aurora", que se especializou em meninas muito jovens, com idade entre onze e dezesseis anos, que foram escolhidas a dedo em uma multidão de meninas trazidas à Miss Fawkland por seus pais. Aqui os clientes idosos foram autorizados a acariciar e babar⁶⁴ sobre as prostitutas estagiárias, mas oficialmente não ir mais longe. Após sua formação, as meninas iam ao "Templo de Flora", que funcionava como um bordel de luxo convencional, enquanto a terceira casa, ou "Templo dos Mistérios", concentrou-se em gostos mais estranhos e as práticas sadomasoquistas, tão populares nas classes superiores. Como muitos previam, os estabelecimentos de Miss Fawkland foram muito bem sucedidos e tinha como clientes Lords Cornawallis, Buckingham, Hamilton e Bolingbroke, e os escritores Sheridan e Smollet.

Ainda segundo Arnold (2010, s.p.), nos bordéis de alta classe, como o de Mrs. Hayes, conhecido como “claustro”, havia uma linha de entretenimento com reconstruções teatrais baseadas na Renascença e no pornógrafo Arentino, já citado anteriormente. Era oferecido um *menu* satírico a alguns clientes do bordel a um alto custo para serviços específicos, como por exemplo: “*Sunday the 9th January. A young girl for Alderman Drybones. Nelly Blossom, about 19 years, who has has no one for four days, and who is a virgin 20 guineas*⁶⁵”. Neste *menu* havia uma gama de especialidades disponíveis para a alta classe do bordel, tais como, masturbação, carícias

⁶⁴ Na versão original a autora usa a palavra “*slobber*”, que significa babar, mas que podemos interpretar por cortejar, paquerar, galantear.

⁶⁵ Domingo, 9 de janeiro. Uma menina para o conselheiro municipal Drybones. Nelly Blossom, cerca de 19 anos, que há quatro dias não tem ninguém, e que é uma virgem, 20 guinéus.

sem penetração, defloramento de virgens, flagelação e um prostituto para as clientes femininas e ricas. *Mrs. Hayes* não era a única dama a oferecer sexo comercial às damas da alta classe, *Mrs. Banks*, de *Curzon Street*, oferecia prostitutos e prostitutas para a sua clientela mista. Assim como *Mrs. Redson*, de *Bolton Street*, oferecia suas dependências para damas da sociedade terem encontros românticos à sua escolha (ROBERTS, 1998).

De acordo com Roberts (1998) e Rosenthal (2008) *Mrs. Wisebourn* também foi uma cafetina que dirigia um animado comércio de virgens. Para recrutar meninas virgens ela percorria estalagens e tavernas na busca de meninas que chegavam do campo ou subornava carcereiros para libertarem as mais belas moças ou, ainda, as buscava à venda ao lado de fora da Igreja de *St. Martin in the Fields*. Assim, que as meninas eram compradas por ela, eram vestidas e maquiadas de acordo para serem vendidas a homens que procuravam moças virgens; como a demanda era grande, havia o costume: “Quando as realmente virgens eram oferecidas à oferta mais alta, “suas virgindades eram restauradas quantas vezes fosse necessário”, pois a demanda de virgens sempre superava a oferta. O uso de técnicas para “restaurar os botões amassados da rosa”” (ROBERTS, 1998, p. 196) era procedimento tão comum que o preço de uma virgem caiu de 50 para 5 libras durante o século. Os bordéis de flagelação, a partir de 1777, proliferaram devido ao período libertino, as casas de banho também voltaram à moda e a prostituição de classe alta cresceu, tanto em Paris como em Londres.

Neste período, apesar da efervescência de aberturas de bordéis e afins, a classe burguesa cada vez mais tentava almejar se igualar a aristocracia e para isso usava os valores morais, visto que a aristocracia, muitas vezes, era avessa à moralidade. Assim, o ideal de família nuclear e a castidade feminina tomavam corpo. No entanto, a família passou a ser alvo primordial para as ideias dos pensadores do Iluminismo.

Dabhoiwala (2013), Martins (2013) e Roberts (1998) ligam as ideias do Iluminismo aos bordéis. Dabhoiwala (2013) afirma que foram as prostitutas e os libertinos dos anos 1700 que lutavam nas ruas de Londres e na Justiça contra a polícia dos costumes. Segundo Martins (2013, s.p.),

o Estado, antes do século XVIII, tinha o direito de se imiscuir no comportamento íntimo das pessoas, porque não existia a noção da privacidade do corpo ou da vida. Tudo era público, e discutido publicamente, segundo os preceitos da religião e das leis, que se misturavam arbitrariamente. O Estado tinha o direito de investigar, julgar e executar, com base em ritos sumários, que dispensavam a

necessidade de evidências factuais e testemunhos isentos. As pessoas eram condenadas por “fama” e “circunstâncias suspeitas”.

Assim, o Iluminismo surge em combate a estas repressões. Este movimento teve suas origens na França, onde os pensadores lutavam contra: “[...] rígido triunvirato composto pela Igreja Católica, o Estado absolutista e a aristocracia complacente” (ROBERSTTS, 1998, p. 199). O modelo de família burguesa estava ameaçado, visto que a mesma pretendia se ancorar e se estabelecer durante o caos potencial da transição de um passado aristocrático decadente para um futuro capitalista, que soava como próspero. Desse modo, os valores da classe média eram reproduzidos e, segundo Martins (2013), um dos fundamentos desse mundo repressivo era a concordância coletiva em torno de seus valores. As pessoas acreditavam que o sexo fora do casamento era pecado e tinham certeza de que Deus as puniria por seus erros. Compactuavam com as ideias de que a comunidade tinha o direito de vigiar e denunciar infratores, pois eles poderiam colocar a coletividade em desgraça junto a Deus.

Martins (2013), referenciando Dabhoiwala (2013), afirma que a moral esvaece devido a alguns fatores como: o crescimento das cidades, pois vigiar e punir, em metrópoles como Londres e Paris, eram impossíveis; as guerras religiosas entre protestantes e católicos, a partir do século XVI, que deram início ao dissenso radical das ideias que levaria, gradualmente, ao rompimento do fundamentalismo religioso e ao questionamento da ordenação divina da sociedade e, por fim, a noção de indivíduo onde antes havia apenas Deus, a família e a comunidade. O indivíduo abstrato, com seus direitos e aspirações, passou a ocupar o centro das atenções dos intelectuais e agitadores políticos.

Do ponto de vista das prostitutas, elas têm papel considerável no movimento iluminista, pois representavam o avesso da moralidade. Quanto maior a idealização da esposa e mãe, mais vilipendiada era a prostituta. Ao mesmo tempo, a prostituta permanecia mais essencial do que nunca à sociedade, como suplemento à família que permitia aos homens evitar prática da abstinência sexual que era pregada.

7. A Prostituição na Idade Contemporânea

“Não é possível escrever a história do século XX como a de qualquer outra época, quando mais não fosse porque ninguém pode escrever sobre seu próprio tempo de vida como pode (e deve) fazer em relação a uma época conhecida apenas de fora, em segunda ou terceira mão, por intermédio de fontes da época ou obras de historiadores posteriores”.
(HOBBSAWM, 1995, p. 7)

“A guerra, a princípio, é a esperança de que a gente vai se dar bem; em seguida, é a expectativa de que o outro vai se ferrar; depois, a satisfação de ver que o outro não se deu bem; e finalmente, a surpresa de ver que todo mundo se ferrou”.
(KARL KRAUL⁶⁶)

A Idade Contemporânea é um tempo histórico em aberto, que compreende o final do século XVIII, com a Revolução Industrial (1760) e a Revolução Francesa (1789), até os dias atuais. O desenvolvimento do capitalismo, que instaurou como forma de organização econômica para todos os continentes, e a ascensão dos valores de um mundo em progresso contínuo concebem importantes fatos e correntes de pensamento do século XIX. Em oposição ao capitalismo liberal nasceu, no início do século XX (chamado por Hobsbawm (1995) de Breve Século XX), uma alternativa na organização social representada pela antiga URSS, atual Rússia.

Este é um período de grandes guerras e massacres. Em seu livro⁶⁷, Hobsbawm (1995), cita Karl Kraus⁶⁸ que, ao escrever “Os últimos dias da Humanidade⁶⁹”, viu a guerra mundial como o fim do mundo; no entanto:

⁶⁶ Fonte: http://pensador.uol.com.br/autor/karl_kraus/. Acesso em 19/10/2014.

⁶⁷ “A Era dos Extremos: o breve século XX – 1914 – 1991”.

⁶⁸ Foi dramaturgo, ensaísta, satirista e poeta austríaco (1874 – 1936).

⁶⁹ “Os Últimos Dias da Humanidade” começou a ser escrito em 1915. A primeira versão da obra foi publicada na revista Die Fackel, em 1918-1919, tendo sido publicada em livro em 1922. Kraus encena o moderno mercado da violência que tornou a humanidade cúmplice do seu próprio extermínio.

Não foi o fim da humanidade, embora houvesse momentos, no curso dos 31 anos de conflito mundial, entre a declaração de guerra austríaca à Sérvia, a 28 de julho de 1914, e a rendição incondicional do Japão, a 14 de 1945 – quatro dias após a explosão da primeira bomba nuclear -, em que o fim de considerável proporção da raça humana não pareceu muito distante. Sem dúvida houve momentos em que talvez fosse de esperar-se que o deus ou os deuses que os humanos pios acreditavam ter criado o mundo e tudo o que nele existe estivessem arrependidos de havê-lo feito (HOBSBAWM, 1995, p. 30).

A humanidade sobreviveu, mas teve e convive com a ameaça de muitas outras guerras. Desde o século XIX o fantasma da guerra ronda a humanidade, alterando vidas e mudando o rumo da história.

O século XIX foi marcado por mudanças que influenciaram a vida de todos os cidadãos, independente da sua classe social. Começamos, por exemplo, pelo êxodo rural, em que inúmeras pessoas trocam o campo pela cidade devido à industrialização. A economia industrial criou um setor de manufatura em ascensão, que persiste até os dias atuais. Os lucros obtidos e acumulados pelos trabalhadores (incluindo mulheres e crianças, no primeiro momento) em fábricas, onde o trabalho escravo era a ordem do dia, proporcionou uma classe emergente do povo. O número de fábricas ainda era pouco para proporcionar trabalhos para a grande parte dos camponeses, no entanto, isso não foi motivo inibidor para o fluxo de ex-camponeses que invadiram as cidades em busca emprego nas fábricas.

A “desruralização”⁷⁰ da cidade é um fenômeno do século XIX. Até o século XIX, persiste uma certa atividade rural nas cidades, e ela é sempre suscetível a ser retomada em caso de necessidade. Vi isso recentemente na China: a casa de família, com o quintalzinho para os legumes, os frutos necessários ao consumo familiar e que são trocados com os vizinhos [...]. A cidade, portanto, pode ser penetrada pelo campo; não seria pertinente, a este respeito, uma separação absoluta (LE GOFF, 1998, p. 33).

No entanto, nessa época, o movimento de retorno ao campo devido à miséria que se espalhou no final do século XVIII e às condições de vida que se deterioraram em proporção alarmante não foi motivo suficiente para que o retorno se efetivasse. A revolução econômica teve consequências importantes para as mulheres trabalhadoras. Uma pequena minoria se encontrava empregada nas fábricas, tais como oficinas de

⁷⁰ Grifo de Le Goff (1998).

roupas, costureiras, operárias ou serviços domésticos e, para isso, recebiam um salário miserável e eram obrigadas a cumprir jornadas escravas de trabalho. As condições sociais e econômicas eram propícias ao florescimento da prostituição, primeiramente na Grã-Bretanha, França, Estados Unidos e nos países ocidentais (ROBERTS, 1998).

Homens e mulheres ocupavam e ocupam, mesmo que isso seja um contrassenso, lugares distintos na sociedade. Perrot (1998, p. 7) afirma que no espaço público homens e mulheres estão em lados opostos com escala de valores diferentes:

[...] o homem público desempenha um papel importante e reconhecido. Mais ou menos célebre, participa do poder. Talvez lhe deem um enterro com honras nacionais. É candidato em potencial ao Panteão dos Grandes Homens que a Pátria reconhecida homenageia. Depravada, debochada, lúbrica, venal, a mulher – também se diz “rapariga” – pública é uma “criatura”, mulher comum que pertence a todos.

O homem público, sujeito eminente da cidade, deve encarnar a honra e a virtude. A mulher pública constitui a vergonha, a porta escondida, dissimulada, noturna, um vil objeto, território de passagem, apropriado, sem individualidade própria.

Por espaço público entende-se o equivalente à cidade, um espaço sexuado em que homens e mulheres se encontram, evitam-se ou se procuram. É nele que as relações acontecem e, para isso, ele regula e exprime a dinâmica das mesmas. Para Perrot (1998), o espaço público para a mulher sempre foi problemático, pelo menos no mundo ocidental: “Uma mulher em público está sempre deslocada” (PITÁGORAS, s.d. apud PERROT, 1998); o termo deslocada, empregado nesta citação, tem a conotação de mulher leviana. A mulher noturna é, ainda, considerada: “[...] mais ou menos feiticeira, desencadeia as forças irreprimíveis do desejo. Eva eterna, a mulher desafia a ordem de Deus, a ordem do mundo” (PERROT, 1998, p. 8).

As mulheres têm seus próprios lugares: os mercados, os lavadouros, as lojas, são os poucos lugares de sociabilidade, além das igrejas. Vários locais são mistos ou neutros; existem locais de encontros organizados, como os bailes. “Mas a diferenciação sexual dos espaços e o caráter não misto continuam a ser o modelo de organização principal, em ação na escola, bem como nas saídas das fábricas ou dos escritórios” (PERROT, 2005, p. 462).

Dessa maneira, a geografia das cidades foi se alterando em função das mudanças que foram ocorrendo:

A casa é, com certeza, o lugar das mulheres, mas também o da família e fronteiras complexas regulamentam a sua circulação e a distribuição de suas peças. Patrões e empregados, pais e filhos, marido e mulher cruzam-se ali. A relação público/privado insinua-se nela: a sala de visitas, que Habermas vê como epicentro da “publicidade” burguesa, diferencia-se da sala de jantar das refeições familiares e mais ainda dos quartos onde se desenvolvem a conjugalidade e a intimidade (PERROT, 2005, p. 462).

A casa burguesa, no decorrer do século XIX, confere cada vez mais aos homens: escritório, bilhar, sala para fumar, marcando seu território como se fosse necessário escapar da onipresente mulher. Independente do espaço em que a mulher está inserida, seja ela dentro de casa, na cidade, no campo, diurna ou noturna, cada vez mais se torna motivo de preconceito e reservas:

O corpo das mulheres, seu sexo, esse poço sem fundo, apavora. E, deste ponto de vista, as ciências naturais e biológicas, em pleno florescimento a partir do século XVIII, nada resolvem. Ancoram um pouco mais a feminilidade no sexo e as mulheres em seus corpos, escrutados pelos médicos. Estes as descrevem como doentes perpétuas, histéricas, à beira da loucura, nervosas, incapazes de fazer abstração, de criar e, acima de tudo, de governar. Elas inquietam os organizadores da cidade, que veem nas multidões, onde elas estão presentes, o supremo perigo (PERROT, 1998, p. 8).

A imagem que se pretendia para a mulher, neste período, era a de que ela havia sido criada para a família e para as ocorrências domésticas, ou seja, ser mãe e dona de casa é sua vocação e, portanto, benéfica para toda a sociedade. A Igreja, que era a grande repressora da época, interferindo na vida íntima dos casais, pregava que mesmo entre quatro paredes deveria prevalecer a castidade de sentimentos, era pecado qualquer exaltação amorosa que tivesse como objetivo o prazer.

As prostitutas eram alvo da Igreja, advertindo-as sobre o pecado, assim como aos homens que as procuravam. No entanto, a prostituição foi julgada como um pecado menor que o adultério e a homossexualidade:

Assim como o verdugo, por repugnante que seja, ocupa um posto necessário na sociedade, assim, as prostitutas e seus similares, por mercenárias, vis e imundas que pareçam, são também necessárias e indispensáveis na ordem social. Retirai as prostitutas da vida humana e chegareis ao mundo da luxúria. (SANTO AGOSTINHO, s.d., apud CARMO, 2011, p. 72).

Muitos religiosos, segundo Carmo (2011), compreenderam estas palavras de Santo Agostinho de maneira equivocada, aceitando a tolerância e a justificando como um mal menor. Desse modo, a Igreja contava com a prostituta como um anteparo à virgindade das moças casadouras e também como carga negativa da moral católica, mostrando às donzelas o quanto as prostitutas eram antiexemplo de mulheres. Essa mesma Igreja que condenava a prostituição fazia vista grossa em casos de extrema miséria, reforçando uma visão burguesa da sociedade.

A primeira legislação eclesiástica da Colônia, de 1707, denominada de *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, negava o sacramento da Eucaristia às prostitutas e determinava que as mulheres que cometessem tal pecado fossem advertidas paternalmente e admoestada pelos visitantes (CARMO, 2011).

O século XIX trouxe consigo a *Belle Époque*, que foi um momento na trajetória da história francesa, por volta de 1880 e que se estendeu até a Primeira Guerra Mundial, em 1914, que influenciou toda uma geração. Foi considerada a era do ouro e de beleza, visto que novas invenções (telégrafo, telefone, bicicleta, automóvel, avião, entre outras) tornavam a vida do cidadão mais fácil. O cenário cultural florescia com a abertura dos cabarés, café-concertos, balés, óperas, teatros, livrarias, *boulevard*, a alta costura, a propagação do *cancan*⁷¹ e do cinema e a arte ganhavam novos contornos como Impressionismo⁷² e com a *Art Nouveau*⁷³, alterando o modo de pensar e viver o

⁷¹ É uma dança francesa. Desde 1850, Céleste Mogador, dançarina vedete do Bal Mabille, em Paris - que mais tarde se juntaria a orquestra do cabaré *Moulin Rouge* - inventou uma dança nova, a quadrilha: Oito minutos para cortar a respiração em harmonias perfeitas e com Offenbach como mestre da música incontestável. A quadrilha era composta por meninas de 1,70 metros de altura, vestindo roupas coloridas e esvoaçantes, com liberdade de movimentos, ao som de trombones e cornetas. A nova dança foi considerada um ritmo endiabrado, de contrapeso, flexibilidade, em passos extremos de sensualidade e acrobacias, em que as dançarinas, em seu traje fascinante, faziam perder a cabeça de toda a Paris. Em Londres, em 1861, Charles Morton, inspirado pela quadrilha francesa, inventou o *cancan*. O termo refere-se aos ruídos provocados pelos passos marcados da própria dança. Enquanto na Inglaterra a dança chocava os ingleses, que chegavam a condená-la como "indecência", na França, o *cancan* não parava de crescer, mantendo como quesitos as dançarinas de 1,70 metros, e a arte de mexer os quadris, levantar as saias e *frou-frous*, exibindo as jarreteiras, encantando e provocando o desejo no público entusiasmado. Fonte: <http://biografiae curiosidade.blogspot.com.br/2013/08/a-origem-da-danca-cancan.html>. Acesso em 26/10/2014.

⁷² Impressionismo é o termo usado para designar uma corrente pictórica que tem origem na França, entre as décadas de 1860 e 1880, e constitui um momento inaugural da Arte Moderna. A origem do nome remonta a um texto jornalístico que, inspirado na tela *Impressão, Sol Nascente*, 1872, de Claude Monet (1840 - 1926), rotula de Exposição dos Impressionistas a primeira apresentação pública dos novos artistas no estúdio do fotógrafo Nadar (1820 - 1910), em 1874. Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3638/Impressionismo>. Acesso em 26/10/2014. Este movimento criou uma nova visão conceitual da natureza utilizando pinceladas soltas, dando ênfase na luz e no movimento. Geralmente as telas eram pintadas ao ar livre para que o pintor pudesse capturar melhor

cotidiano. Paris passa a ser o sonho de consumo das elites e visitá-la significava estar em sintonia com a modernidade.

O *Cancon* era o símbolo da modernidade em termos de dança nos salões, como podemos ver na figura a seguir:

Cancon



Figura 23: Jean-François Raffaelli (1850-1924), A Quadrilha naturalista nos embaixadores (1886).

Fonte: <http://biografiae curiosidade.blogspot.com.br/2013/08/a-origem-da-danca-cancon.html>. Acesso em 26/10/201

Henriette Rosine Bernhardt, atriz e prostituta, ficou conhecida internacionalmente como Sarah Bernhardt, e considerada, nesta época, como a mais famosa atriz da história do mundo. Na tela, abaixo, Sarah Bernhardt⁷⁴ (1844 -1923), exemplifica a *Art Nouveau*:

as nuances da luz e da natureza. A arte alegre e vibrante dos impressionistas enche os olhos de cor e luz. A presença dos contrastes, da natureza, transparências luminosas, claridade das cores, sugestão de felicidade e de vida harmoniosa transparecem nas imagens criadas pelos impressionistas. <http://www.maguetas.com.br/impressionismo.php>. Acesso em 26/10/2014.

⁷³ Estilo artístico que se desenvolve entre 1890 e a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) na Europa e nos Estados Unidos, espalhando-se para o resto do mundo, e que interessa mais de perto às Artes Aplicadas: arquitetura, artes decorativas, *design*, artes gráficas, mobiliário e outras. O termo tem origem na galeria parisiense *L'Art Nouveau*, aberta em 1895 pelo comerciante de arte e colecionador Siegfried Bing. Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo909/Art-Nouveau->. Acesso em 26/10/2014.

⁷⁴ Encarna a mulher-flor do *Art Nouveau*, mulher esfinge, rodeada de animais exóticos, atraente e inacessível, que exerce a sua sedução como um poder. Filha de uma *demi-mondaine*, de origem judia, aquela de quem Proust fez a Berma em *Busca do tempo perdido* foi uma grande profissional de reputação internacional, que transformou a condição de atriz, confundida até então com a de cortesã, numa verdadeira profissão. Georges Clairin (1843-1919), Sarah Bernhardt, Petit Palais, Paris, 1876. Fonte: Perrot (1988, p. 25).



Figura 24: Sarah Bernhardt encarna a mulher-flor do *Art Nouveau*.
Fonte: Perrot (1988, p. 25)

O Movimento Impressionista, aqui citado, faz-se importante devido ao seu envolvimento com o período da *Belle Époque*, por meio da sua expressão ligada à sexualidade das mulheres, nesta época. Teve grandes representantes, como o pintor Vicent Van Gogh, que fez um autorretrato, ao ter sua orelha decepada, como podemos observar a seguir:

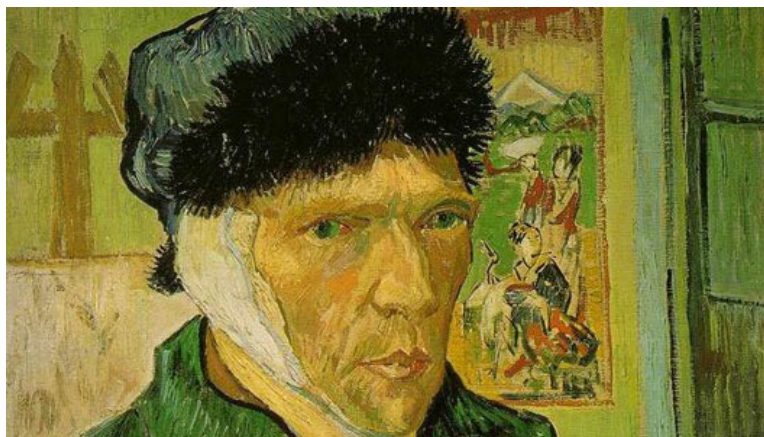


Figura 25: “Autorretrato com orelha cortada”⁷⁵ (1888), Vincent Van Gogh.

Fonte: <http://www.infoescola.com/pintura/auto-retrato-com-a-orelha-cortada/>. Acesso em 26/10/2014.

A tela denominada “Passeio ao Crepúsculo”, de Van Gogh, que se encontra no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) é, por exemplo, uma representação do estilo Impressionista, como podemos observar a seguir:

⁷⁵ Van Gogh cortou sua orelha após uma discussão com Paul Gauguin. A versão mais conhecida é de que Vincent pegou uma navalha e cortou uma parte de sua orelha esquerda e embrulhou o pedaço em um jornal. Vestindo um chapéu que escondia o ferimento, foi até um bordel das redondezas e entregou a parte mutilada para uma prostituta chamada Rachel, dizendo a ela para que guardasse o objeto com cuidado. Ao chegar à casa de Vincent, a polícia encontrou sangue por todo canto e havia marcas de mãos pelas paredes. Há outra versão para este acontecimento. De acordo com Kaufmann e Wildegans, pesquisadores de arte da Alemanha, a orelha foi cortada por Gauguin, que era um *expert* em esgrima. Em entrevista ao portal do jornal britânico "The Guardian", Kaufmann afirmou que "perto do bordel, a cerca de 300 metros da casa onde moravam, houve um último encontro entre os dois: Van Gogh teria atacado Gauguin, que, para se defender da fúria do holandês, sacou sua arma. Em seguida, fez alguns movimentos na direção de Van Gogh e depois disso cortou sua orelha". Fonte: <http://www.infoescola.com/pintura/auto-retrato-com-a-orelha-cortada/>. Acesso em 26/10/2014.



Figura 26: Passeio ao Crepúsculo, VAN GOGH, Vicent. (Groot Zundert, Holanda/Netherlands, 1853 – Auvers-sur-Oise, França/France, 1890).

Fonte: Arquivo Pessoal, in MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 06/11/2014.

A *Art Nouveau*, exemplificada na figura a seguir e intitulada como as “Quatro estações”, é um estilo de arquitetura de artes decorativas aplicada à indústria, que foi muito apreciado de 1890 até o início dos anos de 1900.



Figura 27: Litografia em estilo *Art Nouveau*, as Quatro Estações, de Alphonse Mucha (1890).

Fonte: <http://books.google.com.br/>. Acesso em 26/10/2014.

O pintor Pós-impressionista se fez representar em telas como A Dançarina, demonstrada a seguir:



Figura 28: A Dançarina Loïe Fuller vista dos bastidores – A roda, de TOULOUSE-LAUTREC, Henri de ⁷⁶. (Albi, França/ France, 1864 – Château de Malromé, France, 1901).

Fonte: Arquivo Pessoal, in MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 06/11/2014.

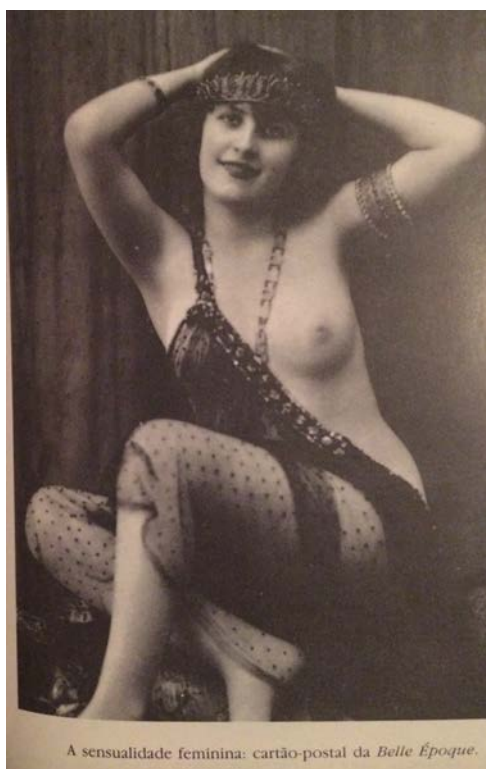
O período da *Belle Époque* foi muito representado por meio de fotos, como as a seguir:

⁷⁶ Henri Marie Raymond de Toulouse-Lautrec Monfa foi um pintor pós-impressionista e litógrafo francês, conhecido por pintar a vida boêmia de Paris do final do século XIX.



Uma cena de flagrante: cartão-postal da *Belle Époque*.

Figura 29: Cena de flagrante: Cartão Postal na *Belle Époque*.
Fonte: Rago (1991, p. 181).



A sensualidade feminina: cartão-postal da *Belle Époque*.

Figura 30: A sensualidade feminina: Cartão Postal da *Belle Époque*.
Fonte: Rago (1991, p. 177).

Neste contexto, e diante de tantas transformações na vida urbana, incitou-se uma maior visibilidade da mulher na esfera pública. Rago (1991, p. 63) compactua com as ideias de Perrot (1998) de que a mulher se torna alvo constante de críticas e vigilância e

afirma, ainda, que “[...] o preço que pagava era o de enorme vigilância sobre seus mínimos gestos e a elaboração de uma nova imagem que associava a mulher ociosa e passiva do passado à figura de jovem sem nenhuma densidade, preocupada apenas com frivolidades”. Nascia a consumidora fútil, mais precisamente, a melindrosa. A mulher na cidade moderna tornara-se extremamente:

[...] consumista, narcisisticamente obcecada com a própria aparência, com as novas modas e perfumes, com as maquiagens importadas, como novos cortes de cabelo, e esquecera-se do espírito. Ao contrário da avó, ociosa e desleixada, recuperara o corpo, porém, apenas ele (RAGO, 1991, p. 64).

Assim, as mulheres se preocupavam em estarem bem arrumadas, com muitas rendas, enfeites, chapéus, muitas joias para ostentar o poder da burguesia, enfim, um modo de chamar a atenção pelo valor material: “A *Belle Époque* amou as minúcias e os paulistanos amaram a *Belle Époque* francesa” (RAGO, 1991, p. 64).

Rago (1985) e Rebolho (2007, 2014), ao se referirem ao processo observado no Brasil, compartilham a ideia de que, contrariando uma parcela da sociedade, a prostituição atingiu seu ápice, no Brasil, no período da *Belle Époque*. Com a vinda das meretrizes francesas, no final do século XIX, o papel da prostituta ganhou ares renovados. A figura desprezada cedeu espaço para a figura necessária, pois ela cumpria um dos objetivos da época, que era preparar o jovem burguês para o casamento com moças recatadas da sociedade.

O comércio do sexo na Europa, mais especificamente na Grã-Bretanha, não difere dos outros países:

Os mesmos locais continuavam como os centros do mercado do sexo, os mesmos clientes eram satisfeitos, e as mesmas especialidades oferecidas. Diferente, no entanto, era a escala íngreme da indústria vitoriana: havia mais mulheres operárias como prostitutas do que jamais antes. Havia também mais clientes; as cidades em expansão estavam inundadas de homens de todas as classes que estavam, como sempre, à procura de diversão (ROBERTS, 1998, p. 231).

A classe trabalhadora frequentava os *pubs* como local de lazer e, para aproveitarem este nicho, as cervejarias construíram em suas instalações salões e salas de dança onde a classe trabalhadora podia se divertir. Já a classe média se horrorizava com operários, marinheiros e prostitutas que se divertiam em público, dançando

lidibinosamente e se expondo de maneira indecente para os padrões desta classe. Muitos, ainda, acertavam o preço sob as vistas de todos, antes de se retirarem para as ruelas que ficavam nos fundos e que ligavam os salões aos bordéis (ROBERTS, 1998).

De acordo com a mesma autora, como todas as instituições vitorianas, os salões de dança e os cassinos refletiam as estreitas hierarquias da classe social, como pode ser observado por Roberts (1998, p. 232): “Um pouco mais elevados na escala social que os estabelecimentos característicos da classe trabalhadora eram os “refúgios do prazer”, como o *Holborn Casino*, um imenso salão “reluzente com a miríade de prisma””, onde os dançarinos rodopiavam ao som das polcas e quadrilhas. Neste local os jovens de classe média (estudantes de medicina, funcionários, jovens comerciantes prósperos) podiam se misturar e ficarem com as prostitutas da classe trabalhadora. “Um conjunto mais brilhante podia ser visto nos *Argull Rooms*, no *Haymarket*, de Londres, onde as *sporting ladies* (eufemismo vitoriano popular para as prostitutas) podiam se divertir com aristocratas animados [...]”(ROBERTS, 1998, p. 232). O luxuoso *Portland Rooms* era frequentado por prostitutas mais caras, que oferecia os serviços das mesmas entre meia-noite e cinco da manhã, onde dançavam o *cancan* de uma forma mais incontida e a polícia raramente interferia.

O teatro, que se encontrava no auge, mantinha sua tradição como mercado sexual. Segundo Roberts (1998), as atrizes eram ainda associadas ao *demi-monde*, enquanto as prostitutas trabalhavam abertamente na plateia, especialmente nos camarotes e bares dos teatros. Após dançarem durante a noite ou até mesmo visitas aos teatros, as prostitutas e seus clientes iam aos cafés, tabacarias e restaurantes, como podemos observar no relato:

Ora, se não tenho cartas para escrever ou a visita de nenhum de meus amigos, levanto-me mais ou menos às quatro horas, visto-me e janto. Depois disso, posso perambular pelas ruas durante uma ou duas horas e pegar alguém que tenha a sorte de encontrar, ou seja, se quero dinheiro. Depois, vou até *Holbeorn*, danço um pouco, e, se alguém gosta de mim, levo-o para casa comigo. Se não, vou até o *Haymarket* e fico passando de um café para outro – do *Sally's* para o *Carlton*, do *Barns'* para o *Sams'*, e se não encontro ninguém lá, vou, se tiver vontade, até às tabacarias. Gosto mais do *Grand Turkish*, mas não é garantido se encontrar bons homens em qualquer tabacaria (relato de uma prostituta ao jornalista Bracebridge Hemyng, na década de 1850 apud ROBERTS, 1998, p. 233).

Sendo assim, de acordo com Perrot (1998), um cenário urbano saturado de figuras femininas é a marca do século XIX. Não são apenas as prostitutas que tomam conta dos lugares públicos. O corpo da mulher ganha suporte nas esculturas, alegorias religiosas, cartazes publicitários e políticos. Nos teatros, nas óperas, nos cafés-concerto, nos bulevares, nos concertos, até mesmo nas telas dos cinemas as mulheres estão cada vez mais em evidência. Sua elegância, seu luxo e mesmo sua beleza exprimem a riqueza e o prestígio de seus maridos ou de seus companheiros, como pode ser evidenciado por Perrot (1998, p. 15):

Espectáculo do homem, elas são também o objeto deles, não raro aguçado pelos interditos de uma sexualidade mais presa. A prostituição, do bordel popular à casa de *rendez-vous*, da clandestinidade perseguida à *demi-mondaine* ostentada, assume as formas mais diversas.

Tanto as prostitutas quanto as mulheres da alta sociedade se misturavam no cenário urbano, como podemos observar nas figuras a seguir, intituladas como *Danse à la ville* e *Danse à la campagne*:



Figuras 31 e 32: *Danse à la ville* e *Danse à la Campagne*⁷⁷, RENOIR, Pierre Auguste (1841-1919).

Fonte: Perrot (1998, p. 14)

Os sentimentos amorosos tomam espaço nas conversas e trocas de confidências entre as mulheres. A dualidade entre amor sonhado e sexualidade trivial, segundo a mesma autora, está no coração do romantismo. A mulher ideal, que é a musa e madona, é inacessível ao homem comum. “A sexualidade cotidiana declina-se em gestos decepcionantes, realizados com mulheres ignorantes ou desencorajados por uma violência conjugal dominadora e pouco preocupada com seu próprio prazer” (PERROT, 1998, p. 20). Assim, esse afastamento em ascensão entre coração e corpo da mulher, mãe e dona de casa, gera uma “miséria sexual”⁷⁸ que alimenta a prostituição e a galanteria e o local escolhido para suprir os dissabores sexuais era o bordel.

Para Foucault (1988, p. 9-10), a sexualidade, neste período, é cuidadosamente encerrada:

⁷⁷ Entre os sexos separados, o baile é o encontro permitido e ritualizado. Eis que duas imagens, finamente contrastadas pelo fundo, pelo traje e pela postura do corpo, mais sensual de um lado, mais comedida do outro. A Igreja condenava a valsa, que lhe parecia indecente. Mas, nesse fim de século, a atração sexual exprime-se mais abertamente. Fonte: PERROT (1998, p. 14).

⁷⁸ Grifo de Perrot (1998).

Muda-se para dentro da casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se o modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais.

Desse modo, o decoro das atitudes, segundo o mesmo autor, esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. As crianças são consideradas assexuadas e o sexo inexistente para elas: “[...] razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venha manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado” (FOUCAULT, 1988, p. 10). O que é próprio da repressão, ou seja, “[...] a condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação da inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber” (FOUCAULT, 1988, p. 10), típica representação da hipocrisia orquestrada pela sociedade burguesa. Caso as pessoas, principalmente os homens, necessitem manifestar a sua sexualidade fora do ambiente caseiro:

O rendez-vous e a casa de saúde serão tais lugares de tolerância: a prostituta, o cliente, o rufião, o psiquiatra e sua histérica – estes “outros vitorianos”, diria Stephen Marcus – parecem ter feito passar, de maneira subreptícia, o prazer a que não se alude para a ordem das coisas que se contam; as palavras, os gestos, então autorizados em surdina, trocam-se nesses lugares a preço alto. Somente aí o sexo selvagem teria direito a algumas das formas do real, mas bem insularizadas, e a tipos de discurso clandestinos, circunscritos, codificados, fora desses lugares, o puritanismo moderno teria imposto seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo (FOUCAULT, 1988, p. 10).

Assim sendo, para Foucault (1998), se o sexo é reprimido, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples ato de falar sobre ele soa como transgressão deliberada. Ao contrário, dizer que o sexo não foi ou é reprimido e até mesmo que entre sexo e poder não há repressão, corre-se o risco de ser um paradoxo estéril.

A seguir, figura representando as Casas de Tolerância, conhecidas como *Maison de Tolérance*:



Figura 33: Maison de Tolérance – Marseille – 1874.

Fonte: <http://www.geneprovence.com/>. Acesso em 29/09/2014.

No século XIX, no meio de toda turbulência em torno da sexualidade, havia bordéis de todas as categorias para suprir a necessidade do sexo fora de casa. O burguês tem gostos cada vez mais refinados, que o fazem procurar lugares mais sofisticados do que o prostíbulo de subúrbio, que tinha como característica um número grande e uma lâmpada vermelha.

O burguês pode ter várias mulheres em sua vida: a mulher dos seus sonhos, idealizada ou erotizada; a “regular”, a esposa que cuida de sua casa; a amante de suas escapadas na cidade, que pode ser discreta “boa amiga” das casas de *rendez-vous* ou a amante que aqueles que têm meios de acesso à elite da galanteria e à liberdade de ostentação gostam de exibir (PERROT, 1998, p. 22).

Rago (1991) e Perrot (1998) enfatizam o papel da mulher ociosa, onde a burguesia reproduz um modelo segundo a divisão dos papéis sexuais que delega às mulheres: a ostentação do luxo e do lazer. Rago (1991) afirma que se cobrava das mulheres uma aparência mais cuidada do que do homem e Perrot (1998) observa que os homens ocupados, sem tempo, vestido de negro (só os *dandies* se permitem ao refinamento) contrastavam com mulheres ociosas. Havia também a preocupação com a escolha das roupas não decotadas, saias curtas, uso de maquiagem exagerada, e excesso de joias para que as mulheres burguesas não fossem confundidas com as prostitutas: “o fantasma da prostituição incitando as moças a observarem os mínimos detalhes de sua aparência” (RAGO, 1991, p. 66).

Ao mesmo tempo, as prostitutas eram interessadas em serem identificadas como tal para conquistar um elegante público. Para as feministas, da época, ainda de acordo com esta autora, a vaidade era um sentimento condenável na mulher, visto que se ela se preocupasse apenas com o corpo e com a sua imagem, o esvaziamento espiritual imperava.

No Brasil, a prostituição, para Rago (1991, p. 72), não era um assunto que interessa à mídia da época:

Nas revistas femininas como *A Mensageira*, *A Cigarra*, *A Vida Moderna* e a *Revista Feminina*, não se discutia direta e explicitamente esse fenômeno social, tema indecoroso demais para as mulheres da classe média e alta, donas de casa e profissionais liberais, a quem se destinava.

Portanto, a prostituição ainda não se configurava como um assunto feminino, embora na imprensa anarquista fosse um tema coligado por militantes de ambos os gêneros. Eram os homens que debatiam o problema da prostituição e a condição da mulher pública. Embora não se falasse “abertamente sobre os “amores ilícitos” do outro lado da margem, os “casos” famosos circulavam nas conversas cotidianas e houve ocasiões em que mulheres da elite se fizeram vingar fisicamente das cortesãs que ameaçavam suas relações” (RAGO, 1991, p. 72). Preocupados com a moralidade pública e com a preservação de antigos valores e até mesmo hábitos, muitas pessoas passaram a se preocupar com o outro lado da margem, expressão utilizada por Rago (1991), para se referir à prostituição. Por conseguinte, a geografia do prazer assume como alternativa para driblar os moralistas da época:

O processo de modernização, de crescimento econômico, de explosão demográfica e de desterritorialização das subjetividades impulsionou o alargamento dos territórios do desejo. [...]. Nas grandes áreas de concentração do capital financeiro - áreas de concentração do capital financeiro – áreas de bancos, casas comerciais, sedes de sociedade anônimas -, instalaram-se cafés, restaurantes e centros noturnos de diversão. Expandiam-se as formas de consumo do amor venal. Crescia a prostituição profissionalizada, enquanto o bordel se tornava o ideal de toda uma geração, como lembrava Oswald de Andrade (RAGO, 1991, p. 81).

Este processo não se deu unicamente no Brasil, na verdade foi uma cópia do que ocorria nos países da Europa, principalmente França e Inglaterra, como Roberts (1998)

e Perrot (1998, 2005) enfatizam. Assim, a prostituição concentrava-se nas áreas centrais e comerciais da cidade, tendo sempre por perto bares, cafés, cabarés, teatros e cinemas que atraíam a burguesia em ascensão, e sempre se inspirando nas prostitutas francesas.

A seguir representação de centros comerciais, como o Café Rio Branco e *Brasserie Lipp*, inspirados nos países europeus:



Figura 34: O Café Rio Branco, fundado em 1908, pertencia a Rodolpho Ribeiro de Souza e foi o primeiro café de Vitória, Espírito Santo, com luz elétrica. Ficava localizado na Praça Oito de Setembro, e seu nome era uma homenagem ao Barão do Rio Branco.

Fonte: <http://www.meridiano.com.br/blog/tag/historia/>. Acesso em 04/11/2014.



Figura 35: Lipp é um pedaço da história francesa. É um endereço mítico entre Parisienses e também turistas até hoje.

Fonte: <http://alquimiadacozinha.blogspot.com.br/2012/06/especial-bistrot-e-historia-dos.html>. Acesso em 04/11/2014.

As prostitutas invadiram o centro e procuravam se exhibir, desfilarem em carros abertos, expor o corpo aos olhares dos curiosos nos espaços elegantes da vida boêmia, ou mesmo nas ruas ocupadas pelo baixo meretrício. Não havia, para Rago (1991, p. 82), uma rígida separação geográfica entre o universo da prostituição e o mundo da respeitabilidade burguesa. “Algumas confeitarias dividiam seus horários de atendimento entre as famílias e as *demi-mondaines*, enfeitadas e vistosas, enquanto os teatros eram obrigados a abrigar esses diferentes setores da sociedade”, quando ocorriam apresentações artísticas internacionais. No entanto, Rago (1991) afirma ainda que nem sempre o convívio entre as prostitutas paulistanas e as mulheres da sociedade era harmônico. Muitos moradores solicitavam das autoridades a transferência das pensões para bairros distantes.

Na cidade de São Paulo, o baixo meretrício, em 1913, localizava-se na Rua Líbero Badaró. Lá as prostitutas se postavam “[...] nas janelas ou portas das casas situadas naquelas ruas do baixo meretrício costumavam enfeitar os cabelos com flores, exprimindo com esses emblemas sua condição de “mulheres da vida” e usavam “galhos de arruda nas coxas, para evitar mau-olhado e doenças venéreas” (RAGO, 1991, p. 83). Essas casas eram frequentadas por caixeiros, soldados, estudantes e boêmios. Um frequentador assíduo desta área, segundo a autora, era Oswald de Andrade⁷⁹, que fez sua iniciação sexual numa das casas, onde conheceu francesas, polacas, italianas, ainda nos primeiros anos do século XX. São deles as palavras:

Ao descer a Rua Líbero Badaró na direção de casa, após as aulas, eu fazia parada habitual na venda do pai Ponzini. Era um ambiente popular e curioso [...] É sabido que antes do alargamento da Rua Líbero Badaró [...] era ela uma augusta passagem do centro de São Paulo que levava do fim da Rua José Bonifácio ao Largo de São Bento. Nessa via central, concentrava-se o mulhério da vida que permanecia, da tarde à noite, seminua e apelativa nas janelas e nas portas abertas a qualquer um. Na venda do Ponzini, travei relações com mais de uma prostituta, sobretudo uma cafetina gorda e maternal chamada Olga, que se sentava comigo em torno de uma mesa. Mas não foi aí que perdi minha virgindade, cautelosamente vigiada por mamãe (ANDRADE, 1940, p. 54 apud RAGO, 1991, p. 83).

Ainda mais:

⁷⁹ José Oswald de Sousa Andrade (1890 – 1954) foi um escritor, ensaísta e dramaturgo brasileiro.

Caí afinal num bordel da Rua Líbero Badaró. Procurava, porém, dourar sempre de romantismo minhas visitas noturnas e rápidas. E muito me desgostei quando uma mulher que se desnudara no leito exclamou para mim: - Não precisa tirar as botinas! (ANDRADE, 1940, p. 54 apud RAGO, 1991, p. 83).

A prostituta, ao se dirigir a Oswald de Andrade da maneira descrita, coloca a ele o seu real papel no mundo da prostituição. A figura a seguir ilustra a rua Liberó Badaró, da qual Andrade era frequentador:



Figura 36: Rua Líbero Badaró, no baixo meretrício.
Fonte: Rago (1991, p. 184).

Muitas pessoas conhecidas, na época, frequentavam estas casas de prazer, onde as prostitutas ficavam nas janelas acenando e chamando os clientes e estes, por sua vez, antes de entrarem: “[...] tomavam mil e uma precauções, olhando à esquerda e à direita, disfarçavam e, de repente, numa espécie de mergulho, embarafustavam-se pelas escadas acima” (MARQUES, 1957 apud RAGO, 1991, p. 84).

De acordo com Rago (1985), a mulher pobre que se prostituiu, como as da Rua Líbero Badaró, no final do século XIX e início do XX, era associada à imagem da

criança ou a do selvagem que necessitava de cuidados do Estado e das classes dominantes na condução da sua vida: “Imatura, ela é uma pessoa desorientada que se perdeu na vida e que precisa dos socorros dos especialistas para reencontrar o bom caminho e reintegrar-se na sociedade” (RAGO, 1985, p. 87). Este pensamento da época é uma análise paradoxal, já que esta mesma prostituta não é uma criminosa que deva se arrepender e voltar à sua condição normal de mulher, sua função vai além, como afirmava o Dr. Simões e Silva, de acordo com Rago (1985), em seu trabalho: “*Fiscalização da Prostituição no Brasil em Favor da Infância*”, de 1924:

[...] a prostituição numa cidade, numa vila, em qualquer lugar de certo movimento, é uma necessidade vital, torna-se uma válvula de segurança social, com especialidade, coibindo vícios no elemento púbere varonil e mantendo um certo e determinado equilíbrio na ação popular da localidade (SILVA, 1924 apud RAGO, 1985, p. 87).

Dr. F. Ferraz de Macedo, ainda segundo Rago (1985), em sua tese de Doutorado de 1873⁸⁰, criou um “mapa classificativo”⁸¹ da prostituição na cidade do Rio de Janeiro, segundo o qual as prostitutas eram divididas e subdivididas em classes, gêneros e espécies, a exemplo de borboletas e mariposas. Para ele existem dois tipos de prostituição, a Pública e a Clandestina. A prostituição pública era dividida em três classes (RAGO, 1985):

1ª classe (das difíceis) – que são subdivididas em dois gêneros:

- 1º gênero – das prostitutas “trabalhadoras”: floristas, modistas, costureiras, vendedoras de charuto, figurantes de teatro, comparsas, etc.
- 2º gênero – das prostitutas “ociosas”: isoladas em casas aristocráticas e reunidas em hotéis aristocráticos.

2ª classe (das fáceis):

- prostitutas de colégios, de sobrados, de estalagens, bordéis etc.

⁸⁰ Rago (1985) não cita o título da Tese.

⁸¹ Grifo da autora – Rago (1985).

3ª classe (das facilíssimas):

- prostitutas inferiores, reformadas ou gastas, de zungus e amancebadas.

A *Prostituição Clandestina* é dividida em duas classes:

a) 1ª classe – mulheres – que são subdivididas em dois grupos:

- mulheres em boas condições: viúvas, casadas, divorciadas e solteiras.

- mulheres em baixas condições: livres, escravas libertas etc.

b) 2ª classe - subdividida em dois grupos:

- práticas antifísicas nas mulheres: doutrinas lesbianas, coito contra a natureza e onanismo.

- sodomia ou prostituição masculina: pederastas, ativos, passivos, mistos e onanismo.

De acordo com Rebolho (2013, p. 93), essa classificação “distancia cada vez mais as mulheres prostituídas da esfera social. Assim, temos dois perfis distintos de mulher: a dessexualizada e purificada e a mulher sensual, pecadora, associada à figura do mal: a perdição dos homens!”.

Os sanitaristas brasileiros, de acordo com Rago (1985) e Rebolho (2013), com o objetivo de enfatizar essa distinção, recorrem ao perfil de prostituta elaborado por Parent-Duchâtelet e que se transformou em literatura prostitucional⁸², tendo aceitação mundial. O modelo de mulher mundana construído por ele reforçou o modelo de mulher ideal, ou seja, a casta, e as prostitutas tinham – e ainda têm - como características a preguiça, a aversão ao trabalho e a perseguição ilimitada do prazer.

Ela tem um andar, um sorriso, um olhar, uma atitude que lhe são próprios; é preguiçosa, mentirosa, depravada, extremamente simpática ao álcool, despreocupada do futuro, e muitas vezes destituída de senso moral. [...] É burra e ignorante: “Limitadíssimos são os seus recursos intelectuais, raríssimas mulheres poderiam sustentar uma conversação em que seja necessário o manejo do raciocínio ou pequena contribuição lógica [...]”. “[...] incapazes de seguir um assunto até o fim, levianas, exaltadas, irritáveis, e muitas vezes insolentes”. A puta é aquela que, gulosa e incontrolável, adora os excessos: de álcool, de fumo e de sexo (RAGO, 1985, p.89).

⁸² Termo utilizado por Rago (1985).

Além dos inúmeros adjetivos pejorativos atribuídos às prostitutas, os sanitaristas atribuíam-lhes uma “observação considerável”: “Mas chegam a ter boas qualidades: O sentimento de caridade não só para os colegas como para o próximo é uma das virtudes mais salientes das prostitutas” (RAGO, 1985, p. 90).

Ainda de acordo com Rago (1985) e Rebolho (2013), foi criado na França, no século XIX e, posteriormente, adotado no Brasil, no século XX, um sistema regulamentarista de domesticação das práticas sexuais. Esse projeto visava definir uma nova economia do sexo, com o objetivo de amenizar o fenômeno da prostituição, exterminando a prostituição clandestina: “O ideal de puta para os regulamentaristas é a mulher recatada e dessexualizada, que cumpre seus deveres profissionais, mas sem sentir prazer e sem gostar de sua atividade sexual” (RAGO, 1985, p. 92).

Desta forma, foram criados as casas de tolerância e os bordéis, que deveriam ser registrados na polícia e vigiados pela administração e pelas autoridades sanitárias. Não poderiam ser localizados em bairros centrais, perto de escolas, de igrejas e de internatos. Esses estabelecimentos deveriam ser os cortiços, que eram o oposto das casas de prostituição clandestina e que também deveriam seguir algumas regras do tipo: o sexo grupal ou homossexual era proibido, embora não fossem respeitadas. A prostituta que trabalhava nesses locais deveria ser registrada na polícia e portar carteira sanitária de identificação, submetendo-se, assim, ao constrangimento de passar por exame periódico.

Com a intenção de disciplinar o fenômeno da prostituição, em 1897 é criado, segundo Rago (1985) e Rebolho (2013), um regulamento provisório para prostitutas: não são permitidos os hotéis ou conventilhos, podendo as mulheres públicas viver unicamente em domicílio particular, em número nunca excedente a três; as janelas de suas casas deveriam ser guarnecidas por dentro de cortinas duplas e por fora de persianas; não era permitido chamar ou provocar os transeuntes com gestos e palavras e entabular conversação com os mesmos; das 6 horas da tarde às 6 horas da manhã, nos meses de abril a setembro, inclusive, e das 7 horas da tarde até às 7 horas da manhã nos demais meses, deveriam ter as persianas fechadas, de modo aos transeuntes não devassarem o interior das casas, não lhes sendo permitido conservarem-se às portas; deveriam guardar toda decência no trajar quando se apresentassem às janelas ou saíam à rua, usando vestuários que resguardassem completamente o corpo e o busto e, por último, nos teatros e divertimentos públicos que frequentassem, deveriam guardar todo

recato, não lhes sendo permitido entabular conversação com homens nos corredores ou nos lugares em que pudessem ser observados pelo público.

Todas essas regras intimidavam e despertavam o sentimento de medo por parte das prostitutas. As casas de tolerância e as prostitutas deveriam ser transparentes à vigilância, à polícia de costumes e à polícia médica. Para conseguir tal transparência, muitos policiais usavam da violência física com as prostitutas e homossexuais (essa atitude persiste até nos dias de hoje, principalmente com as prostitutas de rua; com as prostitutas de boates os policiais tendem a ser menos agressivos); eram presas, apanhavam, recebiam ducha de água fria e tinham a cabeça raspada.

Esse sistema regulamentarista, na década de 20, de acordo com Rebolho (2013), recebe inúmeras críticas pela arbitrariedade imposta. Aos homens que se beneficiavam dos serviços prestados pelas prostitutas não havia nenhum tipo de pena. No entanto, as prostitutas, quando pegas, eram sequestradas e confinadas em casas isoladas e especiais, fichadas na polícia como prostitutas profissionais, vigiadas severamente pela polícia e pelos médicos e acusadas de serem transmissoras de doenças venéreas. Todo esse controle, muitas vezes, “transformava as “putas ocasionais” em “putas eternas” (RAGO, 1985, p. 95), pois, uma vez fichadas, seriam vítimas de preconceito a vida inteira.

O sistema de regulamentação das prostitutas, na França, neste mesmo período, segundo Roberts (1998), inevitavelmente tornou a vidas destas independentes, e das mulheres de classe trabalhadora bastante difícil e até mesmo perigosa, pois a burguesia considerava todas as mulheres operárias prostitutas ou prostitutas potenciais. Já a polícia definia como prostitutas clandestinas não somente aquelas mulheres que tinham relações sexuais com vários homens, mas também aquelas que mudavam de amantes com certa frequência. Assim, qualquer mulher da classe trabalhadora que não se conformasse à norma da classe média da monogamia era passível de ser estigmatizada e registrada como prostituta, como salienta Roberts (1998, p. 244):

Como uma única denúncia anônima era o bastante para uma mulher ser investigada pelo esquadrão da moral, a vida sexual de uma mulher operária era efetivamente encurtada. Nas ruas qualquer mulher encontrada sem um homem para se responsabilizar por ela era um alvo para a polícia.

Os hotéis e as pensões, no final do século XIX e início do XX, onde mulheres operárias moravam sozinhas, podiam ser inspecionados a qualquer momento. Na

verdade, qualquer mulher que vivesse sozinha e recebesse amantes estava sujeita a ser investigada. De acordo com Roberts (1998), o relato a seguir era comum nesta época:

Uma mulher [...] modista, dizia o registro do hotel [...] desempregada e envolvida na prostituição clandestina, diziam os registros dos inspetores. Ela criou algumas dificuldades para abrir a porta. Havia um homem com ela. Ela demonstrou indignação e ele também. Falaram de abuso de poder, de violação de domicílio, de honra ultrajada [...] o *commissaire* (delegado de polícia) ouviu com paciência esta torrente de polícias. Depois, sem lhes responder, disse sucintamente:

- “Levante-se e vista-se.”

- “Você vai deixar que ele me leve deste jeito?”, gritou a mulher em uma explosão de soluços.

-“Senhor, esta mulher é minha amante; eu respondo por ela!”, disse o homem com um ar de perfeita dignidade.

-“Ah! Muito bem, senhor, assim é diferente. Seu nome, profissão e endereço?”.

-“Para quê?”.

-“Bem, se está respondendo por ela, precisamos saber com quem estamos lidando, e também se sua situação moral nos permite acreditar em sua palavra [...] quando esta pequena investigação tiver terminado, temos apenas de lhe pedir desculpas pela inconveniência que lhe causamos”.

-“M-m-mas, senhor”, gaguejou ele.

-“Eu já imaginava! Tem algum documento com o senhor para provar a sua identidade? Isso simplificaria as coisas”.

-“Mas eu não queria que ninguém soubesse”.

-“Bem, então, fique quieto e nos deixe fazer o nosso trabalho”.

O homem voltou para a cama e a moça teve de se vestir e sair. A mesma cena, ou quase, repetia-se em dez outros quartos [...] Era uma visão estranha, ao mesmo tempo sedutora e repulsiva, ver moças, algumas delas criaturas magníficas, saírem na frente de uma dúzia de homens, nesses antros miseráveis, à luz de três velas (HARSIN, 1985 apud ROBERTS, 1998).

Desse modo, na França, para o esquadrão da moral, todas as mulheres sozinhas da classe trabalhadora que tivessem uma vida sexual ativa eram consideradas culpadas. O trabalho da polícia era constranger e prender estas mulheres e, portanto, todos os tipos de abusos eram cometidos pelos policiais, desde a hipocrisia com relação aos casos extraconjugais até mesmo extorsão de dinheiro, como maneira de se calarem diante do delito, que era considerado na época.

No Brasil, de acordo com Rago (1995), ao contrário dos regulamentaristas, os abolicionistas recusavam a legalização da prostituição, pois viam neste ato uma medida de repressão e de controle sobre as mulheres públicas:

O objetivo dos abolicionistas não era, no entanto, a eliminação da prostituição que também consideravam necessária, mas a libertação das prostitutas das garras da polícia, que exercia sobre elas um poder arbitrário e violento, e a destruição de um sistema que marginalizava as mulheres e violava o direito de liberdade individual (RAGO, 1985, p. 95).

Entretanto, se por um lado os abolicionistas defendiam a liberdade individual, assim como os direitos dos homens e o fim da intervenção do Estado nas relações pessoais, por outro, a campanha abolicionista era levada em nome da decência de família, das ruas e da salvação do casamento, sem apologia ao prazer.

Rago (1985) afirma que os médicos abolicionistas, como o Dr. Flávio Goulart, eram alvos de ataques devido ao fato de as visitas sanitárias serem forçadas e muito rápidas, o que não permitia diagnosticar seguramente a sífilis; à brevidade dos tratamentos; ao medo do internamento em hospitais, levando as prostitutas a fugirem ou ao usarem estratégias para não realizarem o exame. Esta afirmação se configura nas observações de Rago (1958, p. 95): “Apesar do discurso liberal dos abolicionistas, vale lembrar que é em nome da moralização das condutas, da repressão dos instintos e do controle das pulsões que eles batalham e nisso distinguem-se radicalmente dos anarquistas”.

Para Silva (2005, p. 98), os anarquistas: “[...] sempre foram vistos como muito liberais na questão sexual e no papel da mulher na sociedade por quebrarem tabus característicos da sociedade conservadora-católica”. Mendes (2008) afirma que, para as anarco-feministas, assim como para todos os anarquistas, a mulher é responsável por sua libertação, opondo-se, assim, a qualquer forma de organização burocrática e autoritária que se digam revolucionária.

Em um momento histórico com os ânimos exaltados por mudanças de paradigmas, tais como papel da família, emancipação da mulher, amor livre, moral sexual, direito ao prazer, moralidade decadente, exploração do trabalho, dominação política, surgem, de acordo com Rago (1985), núcleos de problematização. É nesse clima e momento que os anarquistas abordam de maneira mais efetiva as questões que procuravam definir uma nova economia do desejo sobre os temas já salientados, e mais especificamente, sobre a emancipação da mulher, as relações afetivas e a moral sexual, e as práticas condenáveis.

Com o objetivo de discutir categoricamente a emancipação das mulheres surgem nomes como Maria Lacerda de Moura, Matilde Magrassi, Maria de Oliveira, Tibi, Josefina Stefani Bertacchi e Maria S. Soares, que eram responsáveis por artigos em jornais que discutiam sobre o mito da passividade da mulher, sentimento, abnegação, estar à sombra do homem, entre outros temas pertinentes a esta temática.

A seguir figura representando Maria Lacerda de Moura⁸³:



Foto 37: Maria Lacerda de Moura, anarquista brasileira.

Fonte: <http://libertariosufpel.blogspot.com.br/2014/03/serie-educadoras-libertarias-maria.html>. Acesso em 01/12/2014.

Rago (1985, p. 96) afirma que “Se é possível perceber no conjunto dos textos libertários uma representação masculina da mulher, que a torna símbolo da maternidade, da passividade e da fragilidade, a esta se opõe outra construção contestadora dos valores dominantes”. A partir dos pensamentos feministas no interior anarquista, estas propõem a emancipação da mulher, independente de sua classe social e dos papéis que lhes são atribuídos.

Neste contexto, Rago (1985, p. 97) faz a seguinte colocação:

[...] ao lado da tradicional representação da mulher-submissão, emerge outra figura feminina, simbolizada pela combatividade, independência, força, figura que luta pela transformação de sua realidade cotidiana, tanto a partir da própria presença destas ativistas, quanto pelas suas projeções.

⁸³ Maria Lacerda de Moura foi uma educadora anarquista brasileira que se notabilizou por seus escritos feministas, foi militante, jornalista, conferencista e pensadora. Mineira, nascida em 1887, se casou aos 17 anos, mas aos 27 anos começa a recusar a identidade doméstica e estudar diversos assuntos, até se encontrar em uma posição de feminista radical. Formou-se na Escola Normal de Barbacena e trabalhou como educadora, adotando a Pedagogia libertária de Francisco Ferrer i Guardia e lecionando nas Escolas Modernas. Fonte: <http://libertariosufpel.blogspot.com.br/2014/03/serie-educadoras-libertarias-maria.html>. Acesso em 01/12/14.

Desse modo, Maria Lacerda de Moura foi uma lutadora veemente sobre a condição feminina. Sempre preocupada com a libertação da mulher frente à sujeição da sociedade capitalista, portanto, pregava a luta pelos direitos das mulheres, a necessidade da sua instrução, da educação sexual aos jovens, ao amor livre, a maternidade livre e consciente e a independência da mulher diante da imposição social do casamento.

Com respeito às relações afetivas e à moral sexual, Maria Lacerda de Moura, segundo Rago (1985, p. 104), discutia fervorosamente sobre a virgindade das mulheres, pois estas tinham que se manter virgens para garantirem casamentos bons ou convenientes: “A crítica à virgindade, exigência “ridícula para o homem” e “profundamente humilhante para a mulher”, segunda esta mesma autora, remete efetivamente à negação do casamento como relação monogâmica eterna, legitimada pelo clero e pelo Estado”.

A Igreja era alvo constante dos contrários aos casamentos forjados e à repressão sobre a mulher. Rago (2007, p. 196) destaca em seu livro o papel da médica baiana Francisca Prager Fróes, ao publicar em artigos em jornais temas que abordavam a igualdade de direitos e deveres, trabalho remunerado, voto feminino, maternidade e moral sexual, fato desencadeador para a fundação da Federação Bahiana pelo Progresso Feminino, em 1931. Esta médica causa furor na Igreja Católica quando pregava a relevância da lei do divórcio ou quando critica: “[...] a assiduidade com que as soteropolitanas frequentavam as igrejas da cidade de Salvador. Certamente a Igreja Católica não compartilhava dos ideais de renovação cultural, buscando manter os mesmos papéis femininos ditados pela tradição”. Neste sentido, a influência clerical sobre as mulheres era considerada por Francisca como algo ultrapassado.

Ao longo da história sempre houve mulheres que lutaram por liberdade e muitas vezes pagaram com suas próprias vidas. Pinto (2010) disserta sobre o fato de a Inquisição da Igreja Católica ter sido implacável com qualquer mulher que desafiasse os princípios por ela pregados como dogmas insofismáveis:

[...] a primeira onda de feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto. As *sufrajetes*, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greve de fome. Em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à

frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918 (PINTO, 2010, p. 15).

Já no Brasil, a primeira onda de feminismo se manifestou por meio da luta pelo voto, tendo como representante Bertha Lutz, bióloga, que estudou no exterior e voltou ao Brasil na década de 1910, iniciando esta luta.

Outra vertente do feminismo brasileiro foi o movimento das operárias de ideologia anarquista, reunidas na União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas. Em manifesto de 1917, pregavam e tentavam manifestar a indignação feminina ao cenário existente: “Se refletirdes um momento vereis quão dolorida é a situação da mulher nas fábricas, nas oficinas, constantemente amesquinhas por seres repelentes” (PINTO, 2003, p. 35). Este feminismo inicial, tanto nos Estados Unidos e na Europa, quanto no Brasil, perdeu forças a partir da década de 1930 e reaparecerá na década de 1960.

Para a anarquista Tibi (s.d.), o casamento monogâmico, outro tema polêmico, na época, da maneira que se encontrava estruturado, no início do século XX, gerava algo oposto, que era a prostituição. “Ao menos a prostituta não precisa fingir. Todos sabem que o seu amor é vendido, a ninguém engana”. (TIBI, s.d., apud RAGO, 1985, p. 105).

Seguindo esta linha de pensamento, na sociedade desta época, as relações afetivas entre o homem e a mulher eram falsas e imorais, porque se fundavam em interesses econômicos e consagram uma situação de dominação: a mulher se torna escrava do homem, a quem deve obedecer servilmente. Isto, por sua vez, significa sua total anulação social, refletindo a hipocrisia dos sentimentos.

Os libertários, por sua vez, discutiam a institucionalização das relações afetivas e a forma pela qual as relações sexuais se manifestam numa sociedade autoritária e repressiva. Muitos livros, artigos e matérias foram publicados, no início do século XX, sobre esta questão, entre eles, por exemplo, destaca-se um trecho de um artigo da época:

O matrimônio apenas serve para abreviar a duração do amor, tornar odiosa a união. No lar, a mulher é escrava, o homem é o senhor; este tem o direito de mandar, aquela o direito de... obedecer. [...] Como pode existir a amor entre uma escrava e um senhor? [...] Por isso, se diz: casamento é a morte do amor... (TIBI *in* “O Amigo do Povo”, 1902, apud RAGO, 1985, p. 105).

Assim, era incitado nas mulheres que se revoltassem contra os papéis humilhantes que elas deveriam passar para viver um casamento de aparências. Os

libertários, embora acreditassem na possibilidade da constituição de uma nova família na sociedade anárquica, como os marxistas, não se embrenharam no exame da natureza do laço conjugal futuro: “No regime capitalista, a família se funda sobre relações de interesse e pretende manter unidas pessoas cujos desejos são divergentes, cujas ligações são artificiais, que se ofendem, que se violentam, ou que se odeiam, pois umas oprimem as outras” (RAGO, 1985, p. 106), trata-se, portanto, de desmistificar os dois pilares de sustentação da ordem burguesa, que são o contrato de trabalho e o contrato de casamento.

No comunismo anárquico, a base exclusiva da família é o amor e não uma relação mercantil: “[...] livres de preocupações econômicas, seus membros se respeitam e se aproximam por amizade. Se acaso estas relações se alterarem e tornarem-se insuportáveis, dissolve-se a família e a comunidade ampara seus filhos” (A Plebe, 1919, apud RAGO, 1985, p. 106). Esse pensamento ainda era amparado na condenação do casamento indissolúvel, em que os anarquistas defendiam o divórcio, alegando que o mesmo não traria discórdia no interior das famílias:

[...] oferecer um abrigo seguro, um porto de salvação àqueles para os quais não mais sorria na terra a esperança de um clarão de ventura. [...] O divórcio não facultará a separação completa dos casais, senão em casos perfeitamente definidos e quando a separação dos cônjuges redundar em felicidade relativa para ambos (A Lanterna, 1912, apud RAGO, 1985, p. 106).

Propunha-se nesta época, o amor livre entre duas pessoas, um amor que não dependa de regras, que fuga das normas estabelecidas pelo imaginário social. Portanto, Maria Lacerda de Moura (s.d.), de acordo com Rago (1985), referia-se à liberdade de cada pessoa aprender a amar, sem regras, com liberdade, sem qualquer interferência externa sobre as opções individuais, sem imposições sociais e partidárias. É com esta mesma intenção que Beauvoir (1980, p. 9) causa furor na sociedade ao dizer que

ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma como a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.

Corroborando com as ideias de casamento das autoras citadas anteriormente, Perrot (2005) discursa sobre os escritos de Michel Foucault, no que se refere à mulher e ao papel da família:

É por meio da família que as mulheres tomam pé na obra de Michael Foucault. É pela sexualidade que elas tomam corpo. Desde a *História da loucura*, Michael Foucault sublinha a importância crescente da família como instância de regulação da moral e da razão. Desde o século 17, “assiste-se à grande confiscação da ética sexual pela moral da família”. “O amor é dessacralizado pelo contrato”. As velhas formas do amor ocidental são substituídas por uma nova sensibilidade: a sensibilidade que nasce da família e na família; ela exclui, como sendo da ordem do não razoável, tudo o que não está de acordo com sua ordem ou com seu interesse (PERROT, 2005, p. 493).

O casamento fundado em bases políticas burguesas capitalistas, com objetivo essencialmente em arranjos bilaterais entre as famílias, é objeto de inúmeras reprovações por escritores renomados da época (Tibi, Lacerda de Moura, Perrot, entre outros), que segundo os mesmos, em muitas ocasiões levava os homens a encontros extraconjugais, que na grande maioria das vezes, recorriam às prostitutas. Assim sendo, os anarquistas a denunciam em relação à dominação de classe. Para eles, o burguês é um sedutor inato que explora operárias inocentes; a fábrica, neste caso, é um antro da perdição e a miséria financeira leva as mulheres pobres a venderem seu próprio corpo para garantirem sustento da família, ou seja, a origem da prostituição, para eles, era essencialmente econômica: “Sabemos, e temos consciência de estar com a verdade, que a mulher de nossa época que recorre à vida ignominiosa e antinatural da prostituição, a ela foi levada principalmente por motivos econômicos” (A Plebe, 1935 apud RAGO, 1985, p. 109).

Este discurso segue uma trajetória oposta ao burguês, que apresenta o estado da prostituição como antinômico ao de trabalho. A prostituta trabalha, cansa, é usada e explorada tanto quanto a operária. Portanto, ela não necessita ser desprezada nem marginalizada, dizem os libertários, visto que é mais uma vítima da exploração sexual. Rago (1985, p. 109) faz referência a este fato:

O burguês sedutor, eternamente insatisfeito, vai buscar a satisfação de seus caprichos libidinosos nas jovens de classe social inferior, iludidas com promessas de luxo, de ascensão ou de conforto, e não entre as mulheres de sua própria classe, embora isto também possa ocorrer.

Já os médicos burgueses diziam que a vocação à prostituição era um instinto natural. A imprensa libertária, por sua vez, é contra esta teoria, e assim, é a única a reintegrar a prostituta na sociedade, como pode ser observado:

Os médicos e os sociólogos, “esses falsos homens de ciência que folheiam os livros e reviram bibliotecas, com o intuito de, por todos os meios, mesmo os mais repugnantes, fazerem a defesa do atual regime”, querem explicar a existência da prostituição por outros motivos que não os econômicos (A PLEBE, 1935 apud RAGO, 1985, p. 109).

A supressão da prostituição, portanto, só poderá ocorrer com a revolução social e as mudanças radicais das estruturas econômicas, com o fim do Estado e, sobretudo com a reversão da moral burguesa. Este compunha o conjunto de pensamentos da época.

As práticas condenáveis, tema discutido pelos anarquistas, focavam o carnaval, o baile, o álcool, o fumo e o futebol, que eram considerados sinais de degeneração da sociedade instituída, e que foram manifestadas de diferentes formas: “De fato, uma certa assimilação das representações burguesas do lar, do sexo, do alcoolismo ou do fumo pode ser constatada no discurso libertário, que revela nítida intenção pedagógica de controlar as formas de lazer do proletariado” (RAGO, 1985, p. 111). Em contrapartida, é escasso constatar a contradição que permeia tal discurso, visto que ao mesmo tempo em que “[...] se prega o amor livre e o direito ao prazer para homens e mulheres, condena a dança, o bar, a bebida ou o esporte. Talvez se possa enveredar por uma outra direção e perguntar sobre os objetivos e os adversários visados pela doutrina anarquista” (RAGO, 1985, p. 111).

Desse modo, a condenação de certas práticas sociais tinha como objetivo garantir o controle sobre a organização do lazer do operário, proteger o proletariado contra a violência do exercício da dominação burguesa, conseqüentemente, formar o militante combativo, dedicado, laborioso, imagem com a qual os trabalhadores urbanos desta época queriam se espelhar.

Na década de 1960 inúmeras mudanças ocorrem no cenário feminino. Nos Estados Unidos já vinham desde os anos 50 nuances do que veio a se consolidar como movimento *hippie*, na Califórnia, mais precisamente na cidade de São Francisco, propondo uma forma alternativa de vida, que contrariava os valores morais de consumo norte-americanos, vigentes nos ditames da sociedade capitalista, propagando seu

famoso lema: “*Peace and Love*” (Paz e Amor). Os *hippies* muitas vezes abandonavam suas famílias e o conforto do lar para se dedicarem a uma vida de sons, drogas alucinógenas e a busca por padrões de comportamento.

Para Souza (2014, s.p.), o movimento *hippie* foi além das características descritas acima:

Quem se toma por essa rasa descrição dos hippies, esquece de que muitos deles não se portavam simplesmente como um bando de hedonistas, drogados e alheios ao que acontecia ao seu redor. Ao longo da década de 1960, junto do movimento negro, os integrantes dessa geração discutiram questões políticas de grande relevância e se organizaram para levar o público uma opinião sobre diversos acontecimentos contemporâneos.

Conseguindo mobilizar uma enorme quantidade de pessoas, os hippies lutaram pela ampliação dos direitos civis e o fim das guerras que aconteciam naquele momento. Em várias situações, a influência das autoridades sobre os meios de comunicação acobertavam a discussão que se desenvolvia, para assim reforçar os comportamentos marginais dos hippies. Não raro, a força policial era acionada para que esses “desordeiros” fossem retirados do espaço público.

Embora projetassem outra sociedade almejando novas formas de percepção, os *hippies* se colocavam como uma voz ativa contra algumas ações políticas da época. O Festival de *Woodstock*⁸⁴ foi o marco da contracultura e a consolidação do Movimento *Hippie*, como influência nos anos 1960 e 1970:

Os hippies contribuíram em massa com a Revolução Sexual, pois eles a colocaram em prática, viveram a chamada era da experimentação, fizeram parte da Era de aquário. Eles estilhaçaram a redoma de cristal que envolvia as hipócritas famílias americanas da década de 60. Acreditavam, sobretudo, no amor livre, no sexo, na paz, na igualdade

⁸⁴ O Festival de Woodstock, três dias de paz e música, ocorreu nos Estados Unidos, e contou com a presença de 500.000 mil pessoas, que só queriam se divertir e ouvir boa música. Nomes como Janis Joplin, Jimi Hendrix, The Who e Joe Cocker se apresentaram. Ocorreram três mortes, nenhuma por violência, duas por *overdose* de drogas, e uma por atropelamento acidental. Era a ideologia posta em prática. O uso de drogas era uma forma de contestação. Eles buscavam uma inteligência maior, outra realidade, era um meio de se desligar da realidade que era cruel. No Brasil, o movimento se consolidou um pouco mais tarde. Não teve a mesma repercussão dos Estados Unidos, mas teve na sua essência a mesma importância. Juntamente com o Movimento Tropicalista, os *hippies* do Brasil, remontaram uma nova era, construíram uma nova juventude, pensante, contestadora, libertária, revolucionária. Fonte: <http://profusaosubjetiva.blogspot.com.br/2010/05/em-agosto-o-festival-de-woodstock.html>. Acesso em 06/12/2014.

e no uso de drogas para que se pudesse alcançar uma realidade desconhecida. Respeitavam o meio ambiente, e lutavam para que este fosse respeitado. Eram a geração do futuro, e como tudo que é novo, foram ridicularizados, como ainda hoje o são (NEDER, 2010, s.p.).

Os *hippies* eram jovens escolarizados, que queriam mudar o mundo sem pegar em armas, que acreditavam na bondade do ser humano, que entregavam flores a policiais que vinham com armas. Tudo isso ao som do chamado *rock* psicodélico, que conta com nomes como Janis Joplin, Bob Dylan, Jimi Hendrix, Beatles, Raul Seixas, Zé Ramalho, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Os mutantes. Foi marcado também pelo uso de roupas coloridas, o desapego às características estéticas, o uso do LSD, da maconha, o *rock* psicodélico, o amor livre, os movimentos pacifistas (Neder, 2010). A seguir representação do Festival de Woodstock:



Figura 38: Foto sem identificação do Festival de Woodstock.
Fonte: <http://4.bp.blogspot.com>. Acesso em 06/12/2014.

Ao mesmo tempo em que nos Estados Unidos efervesciam as ideias do Movimento *Hippie*, na Europa aconteceu o “Maio de 68”, em Paris, quando estudantes ocuparam a Sorbonne, “[...] pondo em xeque a ordem acadêmica estabelecida há séculos; somou-se a isso, a própria desilusão com os partidos burocratizados da esquerda comunista” (PINTO, 2010, p. 16). Este movimento se espalhou por toda a França, onde os estudantes tentaram uma aliança com operários, refletindo no mundo todo.

Foi um momento histórico de grandes inovações e conquistas. A pílula anticoncepcional é lançada, nos Estados Unidos, o que influencia toda uma geração. Betty Friedan lança em 1963 o livro *A mística feminina*, que se torna referência para as feministas. No Brasil, em 1964, instaura-se o golpe militar, relativamente moderado no

seu início, mas que se tornaria mitológico em 1968, por meio do Ato Inconstitucional n.5 (AI-5), transformando o Presidente da República em um ditador (Pinto, 2010).

Trilhando o caminho de conquistas históricas, o Dia Internacional da Prostituta foi instituído em 02 de junho devido a uma manifestação ocorrida em 1975, e comemorado a partir de 1976, entre 150 prostitutas francesas. Estas invadiram a Igreja de Saint-Nizier, em Lyon, protestando contra as multas e detenções, em nome da batalha contra o rufianismo, assim como contra assassinatos de colegas que sequer eram investigados.

De acordo com o *site* da ex-prostituta Gabriela Leite, *in memorian*, (Disponível em: <<http://www.umbeijoparagabriela.com/?p=2947>>. Acesso em 09/01/2015), maridos e filhos de prostitutas eram processados como rufiões por se beneficiarem dos rendimentos das mulheres. Desse modo, as tabernas deixaram de alugar quartos para as prostitutas com medo da repressão policial. A Igreja e a população de Lyon apoiaram a manifestação e as apoiaram.

Segundo o *site* da Prefeitura de Porto Alegre (Disponível em: <<http://proweb.procempa.com.br/>>. Acesso em 09/01/2015), a ocupação da Igreja foi transmitida pelos meios de comunicação em todos os países:

As mulheres exigiam que o seu trabalho fosse considerado “tão útil à França como outro qualquer”. Outras 200 prostitutas percorreram as ruas de carro distribuindo folhetos, com denúncias de que eram “vítimas de perseguição policial”, o que as impedia de trabalhar. Uma carta foi enviada ao presidente Giscard d’Estaing. O movimento se ampliou para outras cidades francesas, como Marselha, Montpellier, Grenoble e Paris, onde colegas também entraram em greve. No dia 10 de junho, às 5 horas da manhã, as mulheres da igreja de Saint-Nizier foram brutalmente expulsas pela polícia.

Esta manifestação rompeu o silêncio contra o preconceito e as discriminações sofridas pelas prostitutas de Lyon e estas entraram para a história a partir desta data. Este fato foi representado em tela, intitulada como “Prisão de prostitutas”, como se pode observar a seguir:



Figura 39: Prostitutas francesas são levadas para a Salpêtrière, a prisão para mendigos, vagabundos e prostitutas.

Fonte: Étienne Jeaurat - The Yorck Project: 10.000 Meisterwerke der Malerei. DVD-ROM, 2002. ISBN 3936122202. Distributed by DIRECTMEDIA Publishing GmbH. Acesso em 10/01/2015.

No Brasil o Dia Internacional das Prostitutas também é lembrado por meio de cartazes, como se pode observar:



Figura 40: Dia Internacional das Prostitutas

Fonte: <http://www.papodehomem.com.br/a-felicidade-das-prostitutas/>. Acesso em 21/12/2014.

Desse modo, enquanto nos Estados Unidos e na Europa o cenário era de surgimento de movimentos libertários, no Brasil a trajetória era inversa. Aqui se vivia um momento de repressão da política legal, obrigando os grupos de esquerda à clandestinidade e à guerrilha. Na década de 1970 acontecem as primeiras manifestações feministas do Brasil, como já foi citado anteriormente.

Rago (2008) e Rebolho (2014) discursam sobre as novas concepções de relacionamentos decorrente das movimentações feministas. A prostituição, seguindo a linha já discursada acima, ganha nova concepção:

[...] a prostituição era encarada como um fenômeno decorrente da exploração capitalista do trabalho, e certamente seria eliminada num mundo fundado na justiça social. Os anarquistas, portanto, estavam bem afastados das teorias eugenistas defendidas pelas elites, segundo as quais a origem da prostituição estava na constituição biológica deficiente da mulher, que possuiria “taras hereditárias no sistema nervoso” (RAGO, 2008, p. 598).

A nova concepção de mulher foi ampliada. O direito à maternidade consciente, ao prazer sexual e o fim da valorização burguesa da virgindade feminina ganharam espaço. Assim, inicia-se um momento da história, como diz Telles (2008, p.669), referenciando as palavras de Norbertto Bobbio: “A revolução da mulher foi a mais importante revolução do século XX”. Foi uma revolução com características divergentes das outras inúmeras, pois essa foi mais prudente e mais paciente.

Com relação ao papel da família, segundo Peixoto, Heilborn e Barros (2004) e Rebolho (2013), esta passa por uma crise existencial, que é consequência da baixa taxa de fecundidade, do aumento de expectativa de vida, do crescente declínio da instituição casamento e da aceitação social do divórcio. Rebolho (2013, p. 55), neste sentido, observa que: “Na verdade, não é a família que está em crise; são novos modelos familiares surgindo devido às transformações nas relações de gênero, ou seja, as relações entre família e sexualidade estão sendo modificadas consideravelmente nas últimas décadas”. O exercício da atividade sexual, de acordo com Peixoto, Heilborn e Barros (2004), deixou de ser circunscrito à esfera do matrimônio. Surgem relacionamentos que geram famílias homossexuais ou homoparentais⁸⁵. A sexualidade humana não é um dado da natureza. Ela é construída socialmente pelo contexto cultural em que está inscrita e na “[...] maioria das sociedades, a sexualidade tem um papel importante não apenas na legitimação da ordem estabelecida entre os sexos, como também na representação da ordem das gerações” (BOZON, 2004, p. 14).

⁸⁵ É um neologismo criado em 1997 pela Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas (APGL), em Paris, nomeando a situação na qual pelo menos um adulto que se autodesigna homossexual é (ou pretende ser) pai ou mãe de, no mínimo, uma criança (Zambrano et al, 2006, p. 10).

Gerações estas que foram influenciadas, no final do século XX, pelo surgimento da AIDS. O vírus HIV (AIDS), no início de sua disseminação, de acordo com Simão (2008), transformou a enfermidade em uma verdadeira epidemia. Houve a necessidade de o Estado intervir no controle e prevenção da doença, visto que a mesma atingiu níveis de epidemia no final do século XX e início do XXI, quando parte considerável com comportamento de risco veio a falecer. Desde modo, o sexo passou a merecer atenção pública, principalmente pelo fato das prostitutas, em muitos casos, recusarem-se a usar preservativos.

Atualmente as prostitutas lutam por seus direitos perante a sociedade, inclusive cobrando valores diferenciados de acordo com o uso ou não de preservativos. Atitudes mais conscientes das prostitutas resultaram num ganho maior de espaço na sociedade. Dentre essa visão de luta pela profissionalização das prostitutas, destaca-se o papel de Gabriela Leite, ex-prostituta, que faleceu em 2013 devido a um câncer. Leite estudou Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP), autora do livro *Filha, Mãe, Avó e Puta: história de uma mulher que decidiu ser prostituta* (2009).

A autora, em seu livro, faz referência à Rede Brasileira de Profissionais do Sexo, cuja missão é:

Promover a articulação política do movimento organizado de prostitutas e o fortalecimento da identidade profissional da categoria, visando o pleno exercício da cidadania, a redução do estigma e da discriminação e a melhoria da qualidade de vida na sociedade (Disponível: <http://www.redeprostitutas.org.br>. Acesso em 19/12/2014).

Em 2005 criou a grife Daspu, ironizando a loja de artigos de luxo Daslu. Em 2010 foi candidata à deputada federal pelo Partido Verde (PV). Era, também, dirigente da Organização Não-Governamental, ONG Davida. Com sua morte, o Deputado Federal Jean Wyllys, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL/RJ), vem lutando pelo Projeto de Lei Nº 4211/ 2012⁸⁶, intitulado Lei Gabriela Leite, para a regulamentação dos profissionais do sexo. A seguir a figura de Leite:

⁸⁶ Ver em anexo 1.



Figura 41: Gabriela Leite, ex-prostituta

Fonte: <http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/posts/2013/10/10/morre-gabriela-leite-criadora-daspu-511677.asp>. Acesso em 18/12/2014.

O século XXI acrescenta ao leque de conceituação das prostitutas outra roupagem. Agora, elas estão preocupadas com as novas conotações que lhes são atribuídas. Muitas não aceitam mais serem chamadas de prostituta, passando a preferir as denominações de garotas de programa, profissionais do sexo e acompanhantes, na tentativa de amenizar o preconceito a elas atribuído. Esta conceituação foi discutida no “Segundo Encontro Nacional de Prostitutas”, realizado em Florianópolis, em 1990, onde o jornalista e ex-Deputado Federal pelo Rio de Janeiro Fernando Gabeira defendeu o nome de “profissionais do sexo” às prostitutas. No entanto, Leite (2009) não compartilha da ideia de Gabeira. Para ela: “E todo mundo passou a chamar prostituta de profissional do sexo. P.S.: Sou contra. Para o movimento é importante assumir o nome, não fugir dele” (LEITE, 2009, p. 158).

Fernando Gabeira, ex-deputado, foi o autor do Projeto de Lei 98/2003, que atualmente se encontra arquivado, defendia a legalização da profissionalização das prostitutas:

Pelo projeto, o pagamento pelos serviços de natureza sexual passa a ser obrigatório por lei e manter casa de prostituição deixa de ser crime. O favorecimento ao comércio sexual também sai do Código Penal, assim como o tráfico de mulheres, já que o artigo só se preocupa com quem exerce a profissão do prazer. [...] Gabeira defendeu seu projeto, mostrando como a sociedade tem uma visão confusa sobre a prostituição, ora tentando acabar com ela, ora buscando favorecê-la. Segundo Gabeira, todas as tentativas foram

mal-sucedidas porque não houve consultas aos principais interessados e especialistas no assunto. (NOBRE, 2002, disponível em: <http://www.beijodarua.com.br/materia.asp?coluna=6&edicao=5&num=1&reportagem=148>. Acesso em 13/10/2015).

Essa sociedade que não acolhe as prostitutas ao ponto de elas terem que se manifestar e criar um projeto de lei para regularizar a sua profissão é a mesma que as usa e age com hipocrisia, pois, de um lado, mostra-se moralista, condenando-as, e, de outro, sacia-se com os serviços que lhes são prestados. A mídia, por sua vez, tem um papel crucial nessa mudança de comportamento. A todo o momento são lançados livros autobiográficos e romances⁸⁷, novelas, filmes que exploram este tema, mas que raramente mostram a vida real destas mulheres.

A prostituta, desde o final do século XX, principalmente no início do XXI, faz uso da mídia da melhor forma que lhe convém. Não há tanta preocupação em esconder sua profissão, como em tempos passados, e assim, ela usa as redes sociais e jornais para se autopromover. Muitas vezes a relação entre a prostituta e a imprensa privada vai além da mercantilização de corpos. De acordo com Sader (2010, s.p.), o jornal *El País*, o de maior circulação na Espanha, de orientação socialista neoliberal, ocupa quase três páginas diárias, sob o título *Relax*, com mais de 200 anúncios de prostitutas se oferecendo, das formas mais diversas. “Oferecem-se, desde uma “paraguaia com dificuldades econômicas” até brasileiras que anunciam seus dotes, passando por uma “agência de contactos (sic) necessita senhoritas”, explicitando: “Experimente conosco, notará a diferença. Inclui alojamento””.

Desse modo, segundo Sader (2010), o negócio do sexo e sua publicidade rendem 50 milhões de euros por dia, 18 bilhões de euros por ano. 90% das prostitutas envolvidas são estrangeiras, metade delas são sul americanas, 13% menores de idade. 300 mil mulheres são exploradas sexualmente na Espanha. 40 milhões de euros são arrecadados por jornais como *El País*.

O governo espanhol, ainda segundo o mesmo autor, através do Ministério da Igualdade, e sua representante, Bibiana Aído, há anos vem tentando encontrar formar de

⁸⁷ “*O doce veneno do escorpião: o diário de uma garota de programa*” (2005), de Bruna Surfistinha, “*O diário de Marise*” (2006), de Vanessa de Oliveira, “*300 Clientes Habituais*” (2006), de Carla de Almeida, “*Alugo meu corpo*” (2007), de Paula Lee, “*Filha, mãe, avó e puta*” (2009), de Gabriela Leite, “*O prazer é todo nosso*” (2014), Lola Benvenuti.

coibir e proibir anúncios publicitários referentes à prostituição: “[...] enquanto continuem existindo anúncios de contatos na imprensa séria se estariam contribuindo para a normalização da exploração sexual” (AÍDO, s.d. apud SADER, 2010, s.p.). Nessa visão, Aído (s.d.) afirma que estes anúncios deveriam ser eliminados, pois os considera “uma vergonha” e “atentam contra a dignidade da mulher”⁸⁸.

O Ministério da Igualdade, por sua vez, segundo Sader (2010, s.p.), busca formas legais que permitam: “atuar contra essa cínica atividade comercial da imprensa, considerada “séria”, que resiste, alegando a “liberdade de expressão” – neste caso, significativamente vinculada, de forma direta à prostituição”. Apelou-se, portanto, para a autorregulação, em que os jornais *Público*, de esquerda, e *La Razón*, nacionalista, decidiram que não aceitariam esse tipo de publicidade, mas os outros jornais continuaram a publicar e auferir os correspondentes milhões de euros, que lhes ajudam a enfrentar a crise financeira que afeta a todas as empresas de comunicação.

Já no Brasil este tipo de anúncio pode ser encontrado nos mais diferentes jornais de pequena, média e grande circulação, em variados tempos históricos. A escolha para o tipo de anúncio de prostitutas é vasto, além dos estabelecimentos intitulados como “Casas de *Show*”, “Casas de Massagem”, entre outros, há os anúncios que as próprias prostitutas fazem particularmente. Estes podem ou não conter as fotos das prostitutas, como se pode observar:



Até que enfim uma casa de massagens com terceiras intenções!

A primeira intenção é fazer você entrar num ambiente de sonho: climatizado, bem decorado, original, gostoso. A segunda, é oferecer serviços reais, que ninguém tem: saunas dinamarquesas, banhos exóticos com sais aromáticos, suítes de massagem relax, show “alive” com drinks afrodisíacos. E a terceira é ter sempre a mais luxuriante equipe de “hostesses” e massagistas... Todas essas ótimas intenções custam menos do que você pensa. E são muito mais interessantes...

Relax Center

- Rua Pires da Mota, 494 (esq. Av. Adimação)
- Praça Roosevelt, 47 (esq. R. Augusta - Aberto das 10 às 2 da manhã, inclusive aos domingos)
- Av. Pompéia, 1022

Das 12 à 1 da manhã. Estacionamento com manobristas. Aceitamos todos os Cartões de Crédito.

Figura 42: Casa de Massagem, anúncio em jornal do século XX.

Fonte: <http://blog.pittsburgh.com.br/2010/12/reclame-jornal-da-tarde/>. Acesso em 15/12/2014.

⁸⁸ Grifos de Sader (2010).

Casas de massagem, boates, *nigth clubs*, assim como as próprias prostitutas fazem uso de todo tipo de mídia para ser autopromoverem, como pode ser observado:

Bante Stripp Dancing Night Club!
 The Best Stripper!
 Flávia Freitas e Jilly

ENTRADA TODOS OS DIAS R\$ 25,00 - CONSUMO 4 LATAS

MASSAGEM A PARTIR DAS 16 HORAS

FAÇA SUA DESPEDIDA DE SOLTEIRO NA STRIPP DANCING

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO: DE SEGUNDA À SÁBADO A PARTIR DAS 16 HORAS

BAILE DO HAWAII
 05 de dezembro

NICOLLE BITENCOURT
 (20, 21 e 22 de novembro)

TIFFANY FERREZ
 (04, 05 e 06 de dezembro)

Rua Lázaro Zamenhof, 590 - (antiga Coiote)
 ESTACIONAMENTO PRIVATIVO COM TOTAL SEGURANÇA
 (16) 9 9618-2869 vivo (16) 9 9343-9504 claro

Night Club Kartye
 apresenta

ENTRADA TODOS OS DIAS R\$ 25,00 - CONSUMO 4 LATAS

MASSAGEM A PARTIR DAS 16H

FAÇA SUA DESPEDIDA DE SOLTEIRO OU CHURRASCO PARA OS AMIGOS NA KARTYE

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO: SEGUNDA A SÁBADO A PARTIR DAS 16H

JACK DE OLIVEIRA
 05, 06 e 07 de novembro

Rua Caetano Scalise, 116 - Jardim Maracanã
 ESTACIONAMENTO PRIVATIVO COM TOTAL SEGURANÇA
 (16) 9 9193-6063 claro (16) 9 9608-2438 vivo

Figura 43: *Nigth Club*

Fonte: Jornal Primeira Página, São Carlos, SP, 07/11/2014.

RCM
www.rcmodells.com.br

Acompanhantes Em Região!

Monike
 99212-4836

Suzan
 99154-8779

Agata
 99616-8933

Juh Duarte
 99227-8520

Figura 44: Acompanhantes em Região

Fonte: Jornal Primeira Página, São Carlos, SP, 20/10/2014.



Figura 45: Café Show

Fonte: Jornal Primeira Página, São Carlos, SP, 30/10/2014.

O site do jornal *Estadão*, de grande circulação em nosso país, em sua página na Web (Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/classificados/oportunidades/>>. Acesso em 15/12/2014), conta com uma sessão intitulada como *Relax Acompanhantes*, em que as prostitutas e os clubes podem fazer seus anúncios sem qualquer dificuldade.

Em uma busca no site do jornal *Folha de S. Paulo* (Disponível em: <<http://search.folha.com.br/search?q=garota%20de%20programa&site=online>> Acesso em 15/12/2014), tendo como palavra-chave “acompanhante”, o mesmo foi remetido à outra palavra-chave: “book rosa”, que são *books* de modelos que prestam serviços sexuais. Através destas palavras-chave, chega-se a outra, como “ficha rosa” e “ficha azul” em que se podem encontrar agências de modelos que selecionam garotas e garotos para programas sexuais. Há uma página no *Facebook* intitulada como “*Eventos Ficha Rosa*” (Disponível em: <<https://www.facebook.com/EventosFichaRosa>>. Acesso em 15/12/2014), criada em 05 de setembro de 2012, em que os seguidores postam anúncios procurando pessoas para fazerem filmes pornográficos ou acompanhantes, como podemos observar nas figuras a seguir:

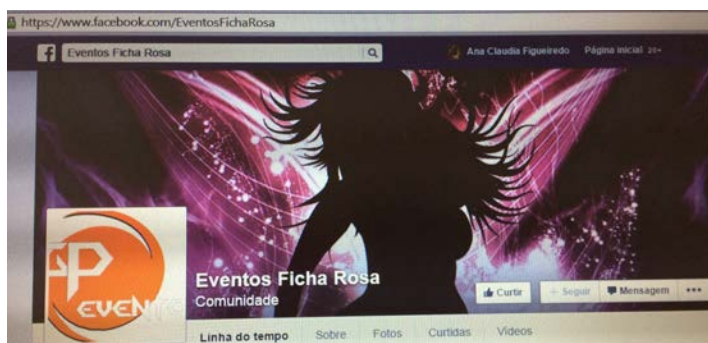


Figura 46: *Eventos Ficha Rosa*

Fonte: <https://www.facebook.com/EventosFichaRosa>. Acesso em 15/12/2014.

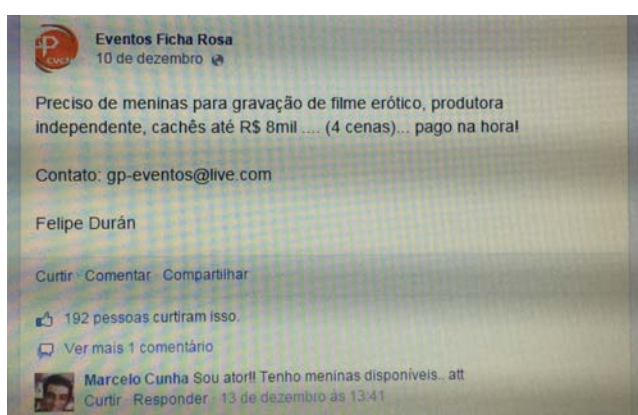


Figura 47: Anúncio em *Eventos Ficha Rosa*

Fonte: <https://www.facebook.com/EventosFichaRosa>. Acesso em 15/12/2014.

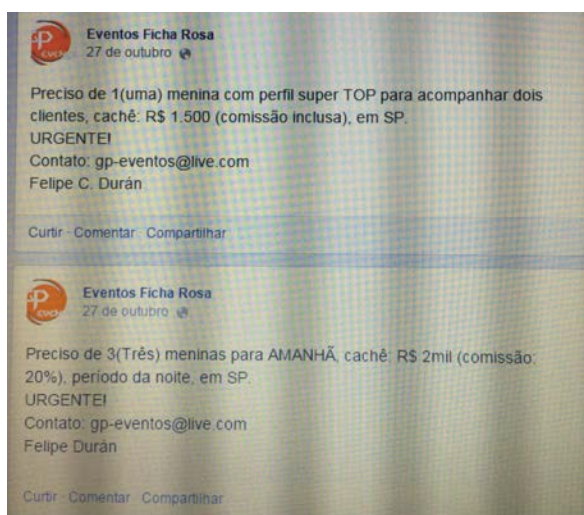


Figura 48: Anúncio em *Eventos Ficha Rosa*

Fonte: <https://www.facebook.com/EventosFichaRosa>. Acesso em 15/12/2014.

Cada vez mais as pessoas usam a mídia como meio de se autopromoverem; desse modo, as prostitutas e os agenciadores também usam este recurso:

[...] a prostituição foi uma das profissões de fato revolucionadas pela internet, ao permitir que as trabalhadoras do sexo criassem seus próprios *sites* e escolhessem clientes livremente, diminuindo ou eliminando a necessidade de cafetinas, bordeis ou intermediárias, e tornando-se assim verdadeiras profissionais liberais (CASTRO, 2013, s.p.).

De fato, a internet revolucionou o mundo da prostituição. Muitas mulheres se libertaram de cafetões exploradores, outras ainda preferem por diversos motivos o agenciamento. Um nome muito conhecido, no Brasil, nesse *metiê* é o de Oscar Maroni Filho, de 63 anos, empresário e psicólogo. De acordo com o *site* Portal Terra (Disponível em: <<http://www.terra.com.br>>, matéria do dia 15 de setembro de 2014 e acessado em 18 de dezembro de 2014), Maroni ganhou fama ao inaugurar a boate *Bahamas Night Club*⁸⁹, na cidade de São Paulo. Devido ao sucesso da casa, seus empreendimentos foram expandindo e com isso vieram outras opções. Atualmente, possui shows eróticos, sauna mista, restaurante executivo e mais de 20 suítes luxuosas para encontros íntimos.

Em entrevista antiga à TV Bandeirantes, o empresário admitiu que o hotel servia como abrigo para prática de "prostituição de luxo". Dias depois, a boate recebeu uma intimação para que o local fosse lacrado. Durante esse tempo, cerca de seis anos, o Bahamas perdeu mais de R\$ 200 mil, muito por conta de não poder participar de eventos como o grande prêmio do Brasil de Fórmula 1, quando a casa costuma receber mais de 400 novos clientes. O empreendimento de Maroni também não tinha alvará de funcionamento (Disponível em: <<http://diversao.terra.com.br/tv/a-fazenda/prostituicao-e-fama-de-mau-relembre-quem-e-oscar-maroni,2339d45c67978410VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>>. Acesso em 18/12/2014).

O proprietário foi preso várias vezes. Na prisão que ocorreu em 2009 foi acusado pelos crimes de formação de quadrilha, exploração de prostitutas e tráfico externo de pessoas, como podemos ver a seguir:

⁸⁹ Acesso virtual à boate: <http://boatebahamas.com/>. Acesso em 18/12/2014.



Figura 49: Oscar Maroni Filho e prostitutas da *Bahamas Night Club*.

Fonte: <http://diversao.terra.com.br/tv/a-fazenda/prostituicao-e-fama-de-mau-relembre-que-m-oscar-maroni.2339d45c67978410VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>. Acesso em 18/12/2014.

O tráfico de mulheres para a prostituição em países, principalmente para a Europa, é uma prática comum atualmente, o que no Brasil é crime. Segundo Salas (2007, c.p.)⁹⁰

As coisas não são tão simples como pode pensar quem não vive dentro do mundo da prostituição. Não se trata de bom ou ruim, branco ou preto. Para muitas garotas traficadas, os mafiosos não são simplesmente homens desapiadosos e gananciosos. Eles podem representar a esperança de um futuro melhor. Claro que os traficantes de mulheres mentem sobre o dinheiro que elas vão ganhar e as condições de vida que terão, mas elas escolhem este caminho. É um sonho que sempre acaba em pesadelo. Infelizmente a maioria nunca acorda.

Salas (2007, p. 28) afirma que em junho de 2003 houve uma operação policial que acabou com quase vinte presos em diferentes cidades espanholas:

Agentes do Corpo Nacional de Polícia ligados à Unidade contra Redes de Imigração e Falsidade Documentais (UCRIF) Central e à Chefatura Superior de Polícia da Valência, à Unidade de Delinquência Especializada e Violência (UDEV) de Cádiz, à Brigada Provincial de Estrangeiros e Documentação de Córdoba e à Delegacia Provincial de Huelva desarticularam um rede internacional de crime organizado implantada em Valência, Huelva, Córdoba e Cádiz, na qual o *Showgirl* estava envolvido.

⁹⁰ Antonio Salas, espanhol, é o pseudônimo de um jornalista investigativo que usa o anonimato para explorar temas polêmicos. Em 2006, lançou o livro *Diário de um skinhead*, em que relata sua vivência com neonazistas. Após o lançamento do livro recebeu ameaças de morte, optando, então, pelo anonimato. Em 2007 lançou o livro *O ano em que trafiquei mulheres*, relatando sua jornada de um ano investigando meretrizes de rua, apresentadoras, atrizes e modelos famosas que exercem a profissão secretamente.

As investigações, segundo Salas (2007), deram-se devido a denúncias apresentadas por três romenas que alegavam terem sido cooptadas pela máfia de tráfico de pessoas e levadas a Valência, onde foram obrigadas a se prostituir mediante falsas promessas e ameaças.

Este mesmo autor, na sua investigação, foi a uma boate, pagou 60 euros a uma prostituta apenas para obter informações, como podemos ver na transcrição da conversa entre eles:

- De onde você é, de que parte da Nigéria?
- De Benin.
- Há muitas garotas que vêm de Benin, não?
- Sim, muitas.
- Da cidade ou de algum povoado?
- De Benin, Edo – Edo é o Estado a quem Benin City pertence.
- Há quanto tempo está aqui na Espanha?
- Cheguei há dois anos.
- E fala tão bem o espanhol?
- Eu pouco, eu falei italiano antes.
- Você é nigeriana, não?
- Sim.
- Ou seja, foi da Nigéria à Itália...
- Da Nigéria à França. Na França pouco tempo, e Itália.
- Da Nigéria à França, da França à Itália, e da Itália à Espanha?
- Sim.
- De avião?
- Sim (SALAS, 2007, p. 63).

Salas (2007) continua o relato dizendo que esta mesma prostituta teve que suportar a atroz viagem a pé, atravessando o deserto do Saara, assim como muitas compatriotas. Ela tinha um patrocinador que seria ainda sua *madame* ou *mamy*, que lhe pagaria a viagem de avião até a Europa. Desta forma, muitas mulheres se iludem com as propostas de traficantes na esperança de mudarem de país, juntarem dinheiro e retornarem ao país de origem com uma situação financeira tranquila. Lee (2008)⁹¹, em seu livro, relata a experiência ao ser traficada conscientemente a Portugal. Há passagens em que relata como as mulheres são traficadas e qual a fonte maior de ganho em uma boate:

⁹¹ Paula Lee, pseudônimo, brasileira, foi traficada conscientemente a Portugal e ao retornar ao Brasil escreve o livro *Alugo meu corpo*, em que relata sua experiência como prostituta traficada.

[...] a rotina costuma ser essa: meninas chegando e meninas partindo. Sempre chegam até nós de duas formas principais: através de meninas que já se prostituem, informando que há uma casa de estrangeiras que precisa de “colaboradoras”, ou através de classificados nos jornais, onde anunciam uma oportunidade de trabalho no exterior, boa remuneração, às vezes citando o trabalho como “dançarina” ou mesmo como “acompanhante”. Vinham todas por um período de três meses, e nesse tempo só poderiam trabalhar ali, até o regresso ao Brasil (LEE, 2008, p. 71).

Não é incentivado que uma mulher fique no trabalho por mais de três meses por conta do tempo legal permitido aos estrangeiros. Desse modo, é mais vantajosa a rotatividade de turistas recém-chegadas, não caracterizando tráfico de seres humanos.

Em uma boate a fonte de maior ganho das prostitutas é o consumo de bebidas que estas são forçadas a oferecer aos seus clientes. Lee (2008, p. 68-69), relata o truque que lhe foi ensinado:

Nos copos você trabalha por porcentagem. Metade do preço do copo é seu. O preço varia de acordo com aquilo que você for beber. Um uísque é 30 euros, um licor 40 euros, uma garrafa pequena de champagne é 50 euros, e uma garrafa normal de champagne é 75 euros. Uma garrafa de champagne francesa de qualidade, por exemplo, pode chegar a 350 euros ou aos 500 euros. Tudo vai depender da maneira que você souber levar o cliente. [...] trabalhamos com a ilusão. Portanto, para isso também temos truques. Quando você pedir um uísque com cola, nunca diga “coca” porque acharão que você é drogada, colocaremos mais Coca-Cola do que uísque. Uísque puro será suco de maçã puro com algumas gotas de uísque. Já vi uma menina ganhar muito dinheiro alternando a noite inteira com café com leite frio. E o cliente pensava que ela bebia licor de uísque. É preciso tomar cuidado, porque alguns clientes fazem questão de constatar que a menina está bebendo aquilo que ele acha que está pagando. Por isso costumamos molhar a borda do seu copo com a bebida original que você pedir, para o caso de o cliente decidir cheirá-lo. Tente pedir sempre champagne, que você ganha mais. Colocaremos um guardanapo dentro do pires da sua taça, com palitinhos ao lado para você fazer borbulhas na bebida, como se fosse para tirar o gás, e na verdade o que você faz é jogar o líquido para o guardanapo, que, ao ser encharcado, não dá para notar quanta bebida você jogou fora. Sempre alguém irá à sua mesa para trocar os pires da bebida discretamente. Em último caso, peça suco, mas ganhará menos. O resto aprende com o tempo. [...] Fica aproximadamente uns dez ou quinze minutos com o cliente conversando enquanto bebe o seu copo. Se for champagne convencional pode ficar entre quinze e trinta minutos. Não ultrapasse muito este tempo, porque, afinal, você já deve ter dado a sua companhia gratuita durante alguns minutos enquanto tentava convencê-lo a pagar. Quando acabar, peça logo outra bebida. Depois convide para o quarto. [...] Os quartos custam no mínimo trinta euros por cada meia hora, sendo cinco euros para a casa e o restante para você.

Estas dicas de como as prostitutas devem agir nas boates da Europa não diferem das de outros países. Rebolho (2007, p. 87)⁹² relata um trecho de uma entrevista com uma prostituta que se depara com situações semelhantes:

Você tem que pedir para ele te pagar uma bebida, um whisky, no caso. Tinha dose mais barata e de R\$20,00⁹³, no caso. [...] Ia dormir tarde [...] não tinha hora, né? Ter que beber. Não tem que beber, você não é obrigada a beber, bebe se você quiser, tem bebida com álcool e sem álcool, mas se eu ficasse sem beber parece que eu não enxergava aquilo ali, entendeu? Quando eu bebia muito, aí tudo bem. [...] Tem que consumir quinze doses por semana. [...] Teve uma noite que eu cheguei a tomar 10/12 whisky e 12 energéticos.

Neste caso a prostituta não foi traficada, mas o esquema de bebida e de saídas da boate ao motel é praticamente o mesmo. A prostituta é obrigada a fazer seus clientes consumirem o máximo possível de bebidas, porque é onde elas mais faturam. Muitas, para suportar este tipo de trabalho, acabam fazendo uso constante das bebidas que solicitam aos clientes e o índice de consumo de drogas é alto entre elas:

Aí eu comecei a cheirar cocaína. Aí eu não tinha mais controle, parecia que cheirava, dava o primeiro twit e sempre queria, então, só gastava dinheiro. [...] Chegava na segunda-feira acabada, aquele gosto de cocaína que não deixa dormir, que tira o sono, acabada, feia, magra. E dinheiro? Cadê o dinheiro? A metade já tinha ido embora. Isso foi durante um tempo, durante uns três meses. Aí comecei a tomar bala também. [...] É uma droga tipo um comprimido. Aí comecei a ter muita depressão, passava mal, um começo assim de overdose, comecei a sangrar o nariz, conforme eu respirava, sabe? Comecei a ver que eu estava no fim, né? (REBOLHO, 2007, p. 97).

Assim sendo, as prostitutas estão à *mercê* de situações que exigem delas equilíbrio para se manterem focadas em seu objetivo único, que é a obtenção de dinheiro, independente de serem prostitutas que atuam livremente ou a serviço de cafetões.

⁹² Trabalho de Conclusão de Curso, em Licenciatura em História, tendo como título: *Nas avenidas da libido, prostituição em São Carlos: história oral temática de prostitutas são-carlenses*.

⁹³ Valores referentes ao ano de 2007.

Outro problema atual com características próprias, mas também ligado à prostituição, é o turismo sexual que atinge países com economia fragilizada. O Brasil sofre com esta problemática há anos, principalmente nas regiões norte e nordeste do país e em datas de grandes eventos. De acordo com a matéria do *site* da Revista Carta Capital do dia 26/02/2014, campeonatos mundiais trazem à tona a exploração sexual:

O histórico dos megaeventos pelo mundo revela um dado preocupante: em Copas e Olimpíadas a exploração sexual de crianças e adolescentes cresce, além do tráfico de pessoas. A Fifa já declarou que não tem nada a ver com isso, eximindo-se de qualquer responsabilidade. Os governos locais não apresentam campanhas de prevenção a esses abusos, e a situação tende a piorar (Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/conheca-denuncias-sobre-o-turismo-sexual-na-copa-2115.html>>. Acesso em 21/12/2014).

Durante a Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil, esta problemática veio à tona. Ainda segundo a mesma revista, a cidade de Florianópolis, capital de Santa Catarina, que não foi cidade-sede, mas que esteve inclusa no calendário para receber alguns eventos, como por exemplo, uma *Fan Fest* e o Congresso Técnico da Fifa, que reuniu a comissão técnica das 32 seleções participantes da Copa do Mundo: “Os grupos foram recebidos com um caderno intitulado “*Welcome to Florianópolis*” encartado dentro do Diário Catarinense com a foto de várias mulheres de biquíni e embaixo uma propaganda “do melhor clube de *striptease* da cidade” (Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/conheca-denuncias-sobre-o-turismo-sexual-na-copa-2115.html>>. Acesso em 21/12/2014). A seguir se pode ver a foto do caderno:

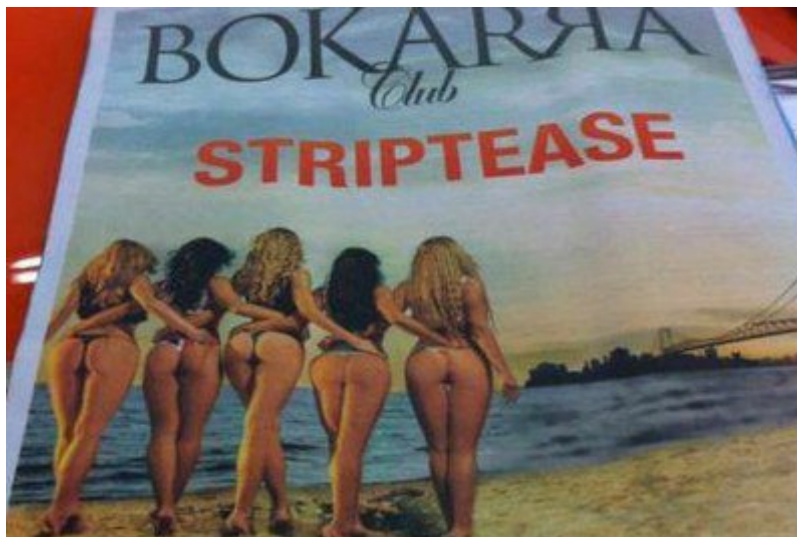


Figura 50: Propaganda veiculada durante encontro oficial em Florianópolis.

Fonte: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/conheca-denuncias-sobre-o-turismo-sexual-na-copa-2115.html>. Acesso em 21/12/2014.

O *site* da Revista Carta Capital informa ainda que, na cidade de São Paulo, uma reportagem do jornal britânico *Mirror* revelou que garotas de 11 a 14 anos se prostituem na região de um dos estádios da Copa, na zona leste de São Paulo. Um estudo da fundação francesa *Scelles* comprova que: “[...] as grandes competições internacionais permitem que as redes criminosas “aumentem a oferta” de pessoas que são prostituídas. Na África do Sul, por exemplo, o número estimado aumentou de 100 para 140 mil durante o megaevento de 2010” (Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/conheca-denuncias-sobre-o-turismo-sexual-na-copa-2115.html>). Acesso em 21/12/2014).

O Brasil, segundo esta mesma revista, possui um dos maiores níveis de exploração sexual infanto-juvenil do mundo. O Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil - ONG estima que existam 500 mil crianças e adolescentes na indústria do sexo no Brasil (dados de 2012). No Estado da Bahia, que é o terceiro em denúncias de violência sexual, lançou uma campanha com o título “Fim da Prostituição e do Tráfico Infantil”, porém campanhas deste nível não atingem a grande parte da população.

Segundo Rebolho (2014, p. 9), a exploração sexual de menores, por ser crime, no Brasil, é tratada, na maioria das vezes, de forma camuflada perante os meios legais da sociedade:

Pobreza, miséria e drogas são fatores, entre outros, causadores da exploração sexual de crianças e adolescentes. A falta de renda para manter casa e família, a pobreza crônica, a fome e a necessidade de encontrar alguma forma de sobrevivência empurram a vítima fragilizada rumo à exploração sexual de menores.

A exploração sexual de menores é um mal que está presente no mundo todo e, particularmente no Brasil, em quase todas as localidades, principalmente nas regiões norte e nordeste do país. Normalmente é uma atividade que envolve o crime organizado, pois alicia crianças e adolescentes que, devido à pouca idade, não têm discernimento ou, por serem obrigadas, não optam pela recusa a tal exploração. Sem a mínima maturidade sexual ou emocional, elas não têm capacidade para avaliar e, muito menos, optar por essa atividade.

A falta de estrutura familiar é um dos fatores constantes na exploração sexual de menores. Muitas meninas já sofreram algum tipo de violência ou abuso sexual vindo de sua própria família e acabam fugindo para as ruas. Ao ganharem as ruas, em muitos casos, e com o passar do tempo, perdem os vínculos com a casa e com a família, seduzidas pelos atrativos efêmeros desse local. Libório (2005) afirma que essa situação ocorre em âmbito internacional e que tem mobilizado organizações não-governamentais, governamentais e diversos setores da sociedade no sentido de se discutirem encaminhamentos para combater essa terrível forma de violência. Libório (2007, p. 57) observa que:

[...] para as meninas vitimizadas pela exploração sexual, o dinheiro é também sujo (como elas), não devendo servir para se viver dignamente, precisando ser gasto no consumo imediato de comida, roupas, perfumes ou drogas. Na lógica dominante, a prostituição não é uma forma de se ganhar a vida, mas de perdê-la.

Quando a criança e o adolescente são explorados sexualmente lhes são tirados o direito à vida digna, pois as consequências físicas e psicológicas exercerão poder eternamente em suas vidas. A primeira legislação específica da criança e do adolescente, na América Latina, segundo Saliba (2006, p.25), foi promulgada na Argentina no ano de 1919, recebendo o nome de Lei Agote. No Brasil, leis que se dedicavam à criança e ao adolescente demoraram um pouco mais para se efetivar. O primeiro Juízo de Menores foi criado no Brasil em 1923, mas, somente em 12 de outubro de 1927, com o Decreto 17.343/A, foi aprovado o Código de Menores brasileiro, que estabelecia o limite de menoridade penal em dezoito anos e buscava regulamentar o trabalho das crianças e dos adolescentes. Esse instrumento jurídico definia o menor como perigoso quando decorrente da situação de pobreza e miséria.

O Serviço de Atendimento ao Menor (SAM) foi criado em 1940 e estava subordinado ao Ministério da Justiça, tendo como objetivo o internato e a reeducação dos menores infratores. A Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem) foi criada em 1964, pela Lei 5.413, cujo objetivo era proteger e corrigir as causas do desajustamento. No entanto, a Funabem somente se concretizou por meio da criação da Fundação Estadual de Bem Estar do Menor (Febem), em nível estadual, em 1976, com a proposta de reintegração, reeducação e ressocialização do menor. O Serviço de Liberdade Assistida (SLA) foi criado em 1971, que possibilitava acompanhamento individualizado aos adolescentes egressos do internamento (SALIBA, 2006).

De acordo com Rebolho (2014), o novo Código de Menores, aprovado pela Lei 6.679 entendia a delinquência como reflexo da situação irregular:

Art. 2- para efeito deste Código considera-se em situação irregular o menor: I – privado de condições essenciais à sua subsistência, saúde e instrução obrigatória, ainda que eventualmente, em razão de: a) falta, ação ou omissão dos pais e responsáveis; b) manifesta impossibilidade dos pais ou responsáveis para provê-las. II – vítima de maus tratos ou castigos imoderados impostos pelos pais ou responsável. III – em perigo moral devido a: a) encontrar-se de modo habitual em ambiente contrário aos bons costumes; b) exploração em atividade contrária aos bons costumes. IV – privado de representação ou assistência legal, pela falta eventual dos pais ou responsável. V – com desvio de conduta, em virtude de grave inadaptação familiar ou comunitária. VI – autor de infração penal (Código de Menores, 1980, p.13 apud SALIBA, 2006, p.26).

Segundo com o Código acima, entende-se que o menor que vive em situação irregular é aquele cuja vida é marcada por privações, pelas quais os pais e a sociedade são responsáveis.

Para Saliba (2006), compreende-se como “recuperação” medidas curativas, disciplinares e educativas mediante o recolhimento dessas crianças e adolescentes, cujas famílias não podem proporcionar-lhes o devido desenvolvimento moral, educativo e intelectual, papel que passa a ser assumido pelo Estado. Uma vez tuteladas pelo Estado, essas crianças e adolescentes deverão passar por um processo de reeducação que terá como objetivo reintegrá-los na sociedade.

Um ano antes da criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no Brasil, houve, em 1989, a Convenção Internacional dos Direitos da Criança, que contou com o apoio da Organização das Nações Unidas (ONU). Essa convenção garantiu os direitos das crianças e dos adolescentes da América Latina, mudando sua visão. “Esse

novo paradigma é uma ruptura com a doutrina da situação irregular quando evidencia que as legislações referentes à criança e aos adolescentes devem ser instrumentos eficazes na defesa e promoção dos direitos humanos” (SALIBA, 2006, p. 26).

A Lei Federal 8.069, de 13 de junho de 1990, no Brasil, aprovou o ECA, cujo Estatuto substituiu totalmente o Código de Menores de 1979 e representou uma ruptura com a doutrina da situação irregular, na medida em que instituiu mudanças substanciais no tratamento dado às crianças e adolescentes. Segundo Saliba (2006), os princípios do ECA entendem que não são as crianças ou adolescentes que estão em situação irregular e sim as condições de vida a que estão submetidos. A criança e o adolescente passam a ser vistos como pessoas em desenvolvimento e as pessoas que são destinadas à operacionalização das medidas impostas têm o papel de proteger e de garantir o conjunto de direitos e educar, inserindo-os na sociedade. A responsabilidade pelo desenvolvimento integral da criança e do adolescente é da sociedade e do Estado.

Em seu artigo 106, o ECA proíbe prisões arbitrárias e prevê, no artigo 112, medidas sócio-educativas diante de ato infracional. Apesar de ter sido um avanço extremamente considerável com relação ao tratamento dado à criança e ao adolescente, Saliba (2006, p. 16) salienta que:

Na sociedade brasileira, o Estatuto da Criança e do Adolescente sofre uma crítica ambígua: por um lado, ele supostamente protege em demasia o infrator, sendo conivente com suas práticas e extremamente permissível; por outro lado, é bastante elogiado por um segmento que vê, na sua suposta função educativa, a expressão da democracia.

Além dessas críticas mais elaboradas, existem as que são fundamentadas no senso comum, ainda segundo Saliba (2006, p. 17): “As críticas que mais se ouvem são: “a Justiça não faz nada contra os meninos infratores!”, ou “a polícia prende, o juiz solta!””. Na verdade, o infrator menor de idade não pode ser tratado como um criminoso adulto. No sistema judiciário da infância e da juventude:

[...] não se prende uma pessoa, mas, de acordo com as inovações terminológicas do Estatuto da Criança e do Adolescente, se “apreende”. O adolescente pode ser apreendido pela polícia em um flagrante, ou em decorrência de investigações policiais. Sua passagem pela delegacia é estritamente técnica, pois, se o caso não é considerado grave, a autoridade policial faz um boletim de ocorrência e o entrega aos pais ou responsáveis [...]... sob o termo de responsabilidade de sua apresentação ao representante do Ministério Público (SALIBA, 2006, p.32-33).

Os elogios referem-se ao avanço democrático na relação entre a justiça e o infrator, sendo que todas as medidas preconizadas pelo ECA têm caráter educacional. A educação é tida como forma de possibilitar ao infrator sua reinserção social. A medida sócio-educativa mais aplicada aos adolescentes que cometeram infrações consideradas graves, ou reincidentes, é a liberdade assistida.

No entanto, uma lei não vive apenas de elogios e críticas. Ela precisa ser efetivada. Por mais que o Estatuto da Criança e do Adolescente seja admirado por sua democracia e modernidade, num país como o Brasil, marcado por tantas injustiças políticas, sociais e judiciais, ele também poderia trabalhar com maior afinco.

Em seu artigo 15, segundo Mello (1999), o ECA trata dos direitos que a criança e o adolescente têm às condições dignas de vida, enfatizando o direito à liberdade, ao respeito e à dignidade, direitos estes muitas vezes lembrados apenas diante de catástrofes ocorridas que abalam a opinião crítica da população ou em situações eleitoreiras. A liberdade e o respeito são condições *sine qua non* para uma criança viver com dignidade.

Tanto a exploração sexual de menores, o tráfico de seres humanos e a prostituição são assuntos que merecem toda a atenção do governo e da população, pois são temas que trazem consequências para todos.

A prostituição perante a lei, seja no Brasil ou em nível mundial, pode ser proibida ou tolerada, dependendo das leis que regem tais países. Nos Estados Unidos, a prática da prostituição é proibida, ou seja, está sujeita a enquadramento criminal. Já na Alemanha, Suíça, Holanda e Paraguai, a profissão é regulamentada e permitida de acordo com as especificidades da lei vigente. No Brasil, a prostituição não é enquadrada legalmente como crime, embora se estiver mediante a exploração de um proxeneta, passa a ser considerado crime, fato que se será abordado mais adiante.

7.1. Considerações culturais sobre a prostituição

“O amor pelas prostitutas é a apoteose da empatia pelas mercadorias”.
(Walter Benjamin (s.d.) apud RAGO, 1991, p, 31).

Nas sessões anteriores o tema prostituição foi retratado de uma maneira histórica com suas implicações ao longo dos tempos. Esta temática merece ser estudada e pesquisada, principalmente, de modo a desmitificar tabus e preconceitos que pairam sobre as prostitutas. A prostituição teve e tem conotações diferentes ao longo dos tempos em cada sociedade distinta.

A prostituição não pode ser caracterizada como um trabalho comum. Ela existe pelo fato de uma classe pagante tornar a mulher objeto de prazer, e esta por sua vez, que é fruto de uma pobreza crônica, sujeita-se. Algumas mulheres optam pela prostituição, mas de uma forma geral, são poucas que têm autonomia de si mesmas, na medida em que a subjetivação da sua identidade é socialmente transformada.

A sociedade ocidental construiu a prostituição como algo imoral e que deve ser reprimido e execrado da sociedade. De acordo com Simmel (1993), em alguns países, tendo determinadas regiões da África como exemplo, as mulheres se ofereciam por dinheiro para formar um dote. Esse mesmo costume ainda é válido atualmente e não é caracterizado como desrespeito a elas, assim como na Grécia Antiga. Corroborando Simmel (1993), Silva (2011, p. 6) afirma que: “Temos aí, resquício de um estado antigo da sexualidade ainda não regulamentada, a ideia de que cada mulher pertence à etnia em sua globalidade e, portanto, entregar-se a vários homens faz parte de um costume e de uma conduta altamente elevada na ordem moral”.

Rago (1991) e Simmel (1993) buscam hipóteses para o ingresso de mulheres na prostituição nos países desprovidos culturalmente da ideia legal da prostituição. Rago (1991, p. 21) afirma que

as figuras polarizadas da prostituta que emergem na documentação – de um lado a meretriz vitimizada pelas condições econômicas adversas e por um destino implacável; de outro a *femme fatale*, que, embora não seja originalmente prostituta, é frequentemente associada a ela para designar a cortesã poderosa e cruel.

A esta visão, Rago (1991, p. 21) enfatiza dizendo que a mulher se prostitui para complementar “[...] o salário miserável ou porque não tem qualificação profissional –

campo de atuação da prostituta-vítima. Ou trata-se nas análises psicologizantes de algum caso patológico: traumas de infância, complexos de edípianos mal resolvidos e sexualidade exuberante”.

Ao tentar compreender os motivos que levam uma mulher a se prostituir, Simmel (1993), elenca um quadro de vulnerabilidades a que estão sujeitas essas mulheres, como falta de recursos, ausência de educação moral ou mau exemplo do ambiente familiar, entre outros. Desse modo, estes fatos instigam uma mulher a se prostituir e ser discriminada pela sociedade. No entanto, paradoxalmente, o autor enfatiza o fato de esta mesma sociedade ser mais tolerante com a prostituição superior, ou seja, aquela em que mulheres refinadas prestam serviços à alta classe.

Silva (2011, p.7), ao citar os estudos de Simmel (1993), observa que

[...] a indignação moral da “boa sociedade” com a prostituição deve ser vista como uma hipocrisia social que, ao mesmo tempo em que impele alguns grupos a se sacrificarem “na e pela sociedade”, relega-os ao invisível ou ao fardo da exclusão social, cuja única visibilidade gira em torno da imoralidade a eles atribuída e, por consequência, da marginalidade ou da criminalidade que a lei a serviço da sociedade burguesa não hesita em construir como reflexo de seus valores. Assim, a “boa sociedade” louva, ainda que de forma camuflada, a necessidade social da prostituição, concebendo-a como um “mal necessário” que atende a satisfação sexual das “pulsões pré-nupciais” do gênero masculino, enquanto preserva a sexualidade intocável das futuras esposas.

Rago (1991, p. 20) compactua com esta afirmativa ao dizer que: “somos levados a pensar que as “mulheres públicas” nunca foram importantes para a sociedade, a não ser na função de garantir a ordem na desordem das paixões, sem muita publicidade”. Esse pensamento vem de tempos atrás; Rago (1985) observa que, com a vinda das meretrizes francesas ao Brasil, no final do século XIX, o papel da prostituta ganhou ares renovados. A prostituta, com sua imagem monstruosa, cede espaço à figura necessária ao cumprir um dos objetivos da época, que era preparar o jovem burguês para o casamento com moças recatadas da sociedade. Desta forma, o papel da prostituta é construído socialmente de acordo com os interesses vigentes. Ora é necessário, ora é descartado. Simmel (1993, p. 6-7), neste sentido, faz a seguinte afirmação:

[...] um homem compra uma mulher por dinheiro, vai-se um pouco do respeito devido à essência humana; e nas classes ricas, onde tal prática é cotidiana, é esse fato, sem dúvida, uma poderosa alavanca da presunção que a posse do dinheiro gera, dessa mortal ilusão a respeito de si que leva a pensar que tal haver confere à personalidade como tal um preço qualquer, ou um sentido interior. Essa total deformação de valores, que cava um abismo cada vez mais intransponível entre o possuidor e a pessoa obrigada a deixar-se comprar, é a sífilis moral que decorre da prostituição [...].

Independentemente dos diversos fatores que levam um homem a pagar por uma mulher, o que merece atenção, no caso as prostitutas ocidentais, que se prostituem por dinheiro e não por costume, como em outras civilizações, é a maneira que a sociedade as trata. Corroborando as ideias de Simmel (1993), Rago (1985 e 1991) e Silva (2011), a prostituição, neste caso, precisa ser vista como uma hipocrisia social: “[...] ao mesmo tempo em que impele alguns grupos a se sacrificarem “na e pela sociedade”, relega-os ao invisível ou ao fardo da exclusão social [...]” (SILVA, 2011, p. 7), sendo que a única visibilidade gira em torno da imoralidade a elas atribuída e, por consequência, da marginalidade ou da criminalidade que a lei a serviço da sociedade burguesa não hesita em construir como reflexo de seus valores.

Se no cenário do século XIX a prostituta era vista como um mal necessário, como Rago (1991) afirma, há uma vaga alteração neste quadro no século XXI, pelo fato delas estarem lutando por seu espaço na sociedade, apesar de ainda, esta mesma sociedade, de forma camuflada, enaltecer a necessidade social da prostituição. Se a virgindade das moças casadouras não é mais tão valorizada na sociedade ocidental, como em outras épocas em que a prostituta cumpria muito bem este papel, ainda hoje ela é importante no comércio lucrativo sexual.

Mesmo que a mentalidade da sociedade tenha mudado com relação à iniciação sexual dos jovens, há ainda frequentes casos de rapazes que procuram prostitutas para essa iniciação e, ainda segundo Simmel (1993), mesmo que seus estudos datem do final do século XX, enquanto houver instituído que o casamento seja monogâmico com a obrigação de fidelidade, haverá prostituição: “É só com o amor plenamente livre, quando caducar a oposição entre legitimidade e ilegitimidade, que não se precisará mais de pessoas especiais dedicadas à satisfação sexual do gênero masculino” (SIMMEL, 1993, p.10). Visão, esta, que descarta a prostituição por opção e que a concebe apenas como objeto submisso aos meros prazeres de uma sociedade capitalista, preconceituosa e que despreza as conquistas femininas, tanto em âmbito social quanto sexual. A

prostituição é compreendida, segundo Alves (2010), como inquisidora da ordem oficial, uma possibilidade de se revelar. No entanto, a pressão social e as normas reduzem a prostituta a um ser inferior, apedrejada quando ousa romper com as estruturas sob o discurso machista:

Discutir a condição da mulher e os desafios impostos pela sociedade à luta das mulheres pela igualdade começou a ser possível a partir de 1949, quando Simone de Beauvoir escreve *O segundo sexo*. Não se tratava mais de conquistar direitos civis para as mulheres, mas antes descrever sua condição de oprimida pela cultura machista, de revelar os mecanismos psicológicos e psicossociais dessa marginalização e de projetar estratégias capazes de proporcionar às mulheres uma liberação integral, que incluísse também o corpo e os desejos (ALVES, 2010, p.1).

Ao analisar o papel das mulheres na sociedade, Alves (2010), ao referenciar Beauvoir, em seu ensaio *O segundo sexo* (1949), que é um ensaio crítico imprescindível para compreensão do histórico movimento feminista e o debate sobre a diversidade do gênero, enfatiza a análise em que a autora examina a condição feminina em todas as suas dimensões: sexual, psicológica, social e política, propondo, assim, caminhos que possam levar à libertação das mulheres. É um debate sobre a situação da mulher, vislumbrando interpretações acerca de preconceitos associados à noção de identidade. Uma destas interpretações diz respeito à situação e ao direito das prostitutas e o respeito que se deve a elas, analisando a construção social da mulher como o outro, onde a mesma identifica como sendo fundamental à opressão da mulher. Ao falar das prostitutas e hetairas, por exemplo, a autora afirma que o casamento tem como correlativo imediato a prostituição:

Esposa ou hetaira só conseguem explorar o homem se assumem uma ascendência singular sobre ele. A grande diferença entre elas está em que a mulher legítima, oprimida enquanto mulher casada, é respeitada como pessoa humana, esse respeito começa a pôr em xeque a opressão. Ao passo que a prostituta não tem os direitos de uma pessoa; nela se resumem, ao mesmo tempo, todas as figuras da escravidão humana. (BEAUVOIR, 1980, p.324).

Dessa forma, de acordo com Beauvoir (1980), a mulher casada e a prostituída se diferem na forma como a sociedade as concebem, pois as duas estão à mercê das imposições de seus homens, uma fazendo em nome de uma relação contratual e a outra recebendo financeiramente pelos serviços sexuais a que ambas estão submetidas.

8. A voz das prostitutas

“Vendera o corpo para conservar a alma, mas sentia que até a alma estava a perder nesta voragem. Sem alma, que espécie de significado teria a minha vida? E como continuá-la?”
(Carla de Almeida, 2006, p. 187).

Esta sessão é dedicada às produções em forma de livros, *sites*, *blogs*, entrevistas em *sites*, escritas pelas próprias prostitutas e/ou por pessoas que discursam⁹⁴ sobre elas. De acordo com a revista virtual *Germina – Revista de Literatura & Arte*⁹⁵, na sessão intitulada *Eróticos & Pornográficos*, em um texto escrito pelo jornalista e colunista Xico Sá, cujo título é *“Amor ao primeiro cheque”*, o discurso se inicia com um questionamento muito comum que se refere ao que leva um homem, mesmo os que têm mulheres incríveis e maravilhosas, a procurarem uma puta⁹⁶.

Para esta resposta, Sá (2009) recorreu ao ator americano Jack Nicholson, que apesar de ser uma celebridade e por este motivo poder ter as mulheres que deseja, ainda assim, contrata prostituta em domicílio. Como argumentos, Nicholson respondeu: “Ora, não pago somente para que estas respeitáveis mulheres se desloquem até a minha casa. Pago caro sim, pela possibilidade de mandá-las embora na hora que eu bem entender, nisso elas são lindas, generosas e imbatíveis”. Essa liberdade, de acordo com Sá (2009), é a vantagem do comércio do sexo sobre as mulheres consideradas pela sociedade como normais. Acrescenta ainda uma crítica às atuais prostitutas:

Mas falo de putas de verdade, luz vermelha n’alma, olhos que não enganam, tenham qualquer corpo ou idade, as damas que nos acolhem além do amor possível, além da própria psicanálise, um colo além-mãe, do calor dos amigos, outra linguagem, linguagem própria que vai além do sexo, além do colo, além de dizer coisas, um denego parado no tempo, suspenso, cafunés nos cinco sentidos.

⁹⁴ Vale ressaltar que neste capítulo as citações diretas são mais longas, do que o costume, pelo fato de estarmos dando voz às prostitutas. Do que nos vale falarmos sobre as prostitutas se não podemos ouvi-las? Vamos ouvi-las sem julgamentos e falsos moralismos.

⁹⁵ Disponível em <http://www.germinaliteratura.com.br/>. Acesso em 14/03/2015.

⁹⁶ As palavras: incríveis, maravilhosas e puta são do próprio jornalista.

Falo das putas de verdade. Não essas garotas neoliberais ao extremo que praticam um sexo-chuchu para pagar faculdade, para comprar roupa de grife... Parecem mulheres com taxímetros, sexo do tipo flat-cemitério-apartamento... Essas não entram na minha casa nem no lar do velho amigo Nicholson (SÁ, 2009, disponível em <http://www.germinaliteratura.com.br/2009/volupiaverbal_xicosa_jun09.htm>. Acesso em 14/03/2015).

Ser prostituta que pratica sexo-chuchu⁹⁷ não é condição dos tempos mais atuais. O próprio Oswald de Andrade, como já foi citado anteriormente, reclamava de uma prostituta que nem sequer o deixou tirar as botinas. No entanto, a fala de Sá é compreensiva quando relacionada às garotas que estão de passagem na prostituição. Há muitos casos de garotas que se prostituem para pagar faculdade, comprar roupas, carros, enfim, cada uma com suas necessidades, mas que, na verdade, não abraçam a prostituição como profissão. Muitas a têm como um trabalho eventual, o que no linguajar popular, pode ser chamado de bico.

Desta forma, da mesma maneira que as prostitutas se dividiam em categorias nos séculos passados, assim as fazem na atualidade. O preconceito para com elas, atualmente em relação há tempos passados, pode ser menos intenso, mas a categorização é algo também atual.

No cenário atual fica evidente, para muitas pessoas, essa nova categorização que se aplica às prostitutas, e que podem ser assim consideradas: as de luxo, que na maioria das vezes, são contratadas por valores altos, agenciadas por meio de hotéis e motéis de luxo, principalmente nas metrópoles. Há situações em que elas nem chegam a manter relação sexual com os clientes, apenas os acompanham a eventos nos quais necessitam da companhia de uma mulher bonita, elegante, culta, entre outros predicados); as universitárias (na maioria das vezes, assim como as de luxo, escondem das pessoas próximas que trabalham como prostitutas, geralmente usam *sites* próprios para se promoverem); as que trabalham em boates (que usam a boate como local de trabalho e, no caso das que são traficadas, as boates as agenciam da forma como melhor lhes convém); as que trabalham na rua (na maioria dos casos, são as que mais sofrem, pois têm que lutar pelo seu ponto, brigam com travestis que disputam o mesmo ponto e o negócio em pé de igualdade, diversidade climática, muitas são dependentes de cafetões e drogas, violência dos clientes e da polícia, entre tantos outros problemas).

⁹⁷ Segundo o site <http://www.germinaliteratura.com.br/2009/volupiaverbal_xicosa_jun09.htm>. Acesso em 14/03/2015, Sexo-chuchu é conhecido popularmente por ser uma relação sexual fria e sem emoção.

Com o intuito de dar voz às prostitutas, esta pesquisa recorreu às produções de prostitutas que editaram livros narrando suas histórias e às entrevistas feitas por esta pesquisadora em 2007, já citado nas “Palavras Iniciais” desta mesma. Nesta ocasião, as prostitutas afirmaram que há três motivos primordiais que as levaram a prostituição: condição financeira, abusos sexuais sofridos na infância e por opção, que de certa forma corroboram com o trabalho de Rago (199, p. 21) ao dizer que os motivos são: “[...] completar o salário miserável [...] análises psicologizantes [...] sexualidades exuberantes.”, como já citado anteriormente.

Assim sendo, por meio das leituras das produções das prostitutas, iremos confrontar a fala delas com as afirmações de Rago (1991) sobre os motivos que as levam à prostituição. Portanto, esta discussão não tem a intenção de julgar e nem ao menos falar em nome das prostitutas na tentativa de explicar sua opção pela prostituição. Nesta sessão serão levantadas várias questões que não cabem aqui serem julgadas por se tratarem de respostas pessoais; são questionamentos para se refletir sobre a prática da prostituição. Somente cada uma delas sabe os reais motivos que as levaram à prostituição.

Já ressaltado anteriormente, as publicações que foram analisadas e serviram de base para essa discussão e que foram mencionadas na sessão “A Prostituição na Idade Contemporânea” foram: “*O doce veneno do escorpião: o diário de uma garota de programa*” (2005), de Bruna Surfistinha, “*O diário de Marise*” (2006), de Vanessa de Oliveira, “*300 Clientes Habituais*” (2006), de Carla de Almeida, “*Alugo meu corpo*” (2007), de Paula Lee, “*Filha, mãe, avó e puta*” (2009), de Gabriela Leite, “*O prazer é todo nosso*” (2014), Lola Benvenuti. O livro “*Cem escovadas antes de ir para a cama*” (2003), de Melissa Panarello, não é sobre prostituição, mas sim uma produção que relata, em forma de diário, sem pudores, as precoces e variadas experiências sexuais vividas por uma colegial italiana entre os 15 e os 16 anos. Ele também será comentado devido ao fato de na ocasião do lançamento ter chocado os leitores, chegando a ser confundido com prostituição.

Nestes livros podemos identificar algumas categorias de prostitutas e supor os motivos que as levaram a prostituição. Em “*O doce veneno do escorpião: o diário de uma garota de programa*”, Raquel Pacheco (2005), mais conhecida pelo pseudônimo de Bruna Surfistinha, revela em seu livro como fugiu de casa aos 17 anos para se tornar uma prostituta. A seguir foto da autora:



Figura 51: Raquel Pacheco, pseudônimo: Bruna Surfistinha.
 Fonte: <https://www.facebook.com/BSurfistinhaOficial>. Acesso em 15/03/2015.

Filha adotiva de um casal de classe média de São Paulo, teve a oportunidade de estudar nos melhores colégios da cidade, mas o peso de ser adotiva a acompanhava e até justificava seus atos, em sua concepção:

Não me lembro por que, quando foi ou quantos anos eu tinha, mas não esqueço que cresci com a história de ser adotada na cabeça. Quando tinha cinco anos, perguntei à minha mãe. Diante da resposta positiva, não tive coragem de perguntar o que significava afinal adoção. Levei minha dúvida para a professora da escola, que me explicou que as pessoas adotadas foram bebês abandonados em um lugar porque a mãe não podia ou não queria criar. Depois disso, vem um casal e escolhe uma dessas crianças para a adoção. “Escolhe?” Me senti um objeto. Por mais que meus pais sempre tivessem me tratado como filha, foi difícil não me revoltar, mesmo que guardasse isso só para mim (SURFISTINHA, 2005, p. 20).

O fato de ser adotiva e de se sentir um objeto poderia ter levado Raquel Pacheco a se tornar Bruna Surfistinha e fugir de casa? Seria este um fator psicológico, justificando sua escolha pela prostituição?

Aos 13 anos, Raquel conta que:

Eu dançava sozinha quando esse menino me puxou para um beijo. Minha primeira balada à noite. Nem perguntei seu nome. Meu primeiro programa “adulto”. Liberdade aos 13 anos, quase 14. Não fazia nem meia hora que eu havia chegado. Meu primeiro beijo. Ali mesmo, do beijo passamos ao amasso, no meio da pista. Quando eu menos esperava, ele me largou. Tudo assim, sem sentimento, sem trocar uma palavra. Naquela noite, fiquei com outros dez garotos

diferentes. Não bastava um: tinham que ser vários para me satisfazer. Raquel despertava para o sexo (SURFISTINHA, 2005, p. 14).

Neste trecho de seu livro, podemos observar os desejos sexuais da então adolescente Raquel se manifestando, assim como em qualquer outra adolescente. Isso não significaria que ela iria se tornar uma prostituta. É um período de descobertas e autoafirmação pelo qual a maioria dos adolescentes passa, como podemos analisar em outra passagem do seu livro:

Na pista da Krypton, em plena Vila Olímpia, a cada noite de balada eu queria mais e mais. Ia de saia curta, para facilitar as coisas para quem quisesse sentir com as mãos o que a quase escuridão não deixava mostrar. Se não transei bem ali, se não quis perder no meio da pista minha virgindade, não foi por falta de oportunidade. O prazer que experimentava ao sentir o pênis do garoto, duro por minha causa debaixo das calças, me roçando aqui e ali, era quase irresistível. Quase... (SURFISTINHA, 2005, p. 16).

Ainda:

A fama de galinha no colégio pouco me importava. Era como se eu fosse um menino. Para eles, ter fama de galinha era sinal de macheza. Para mim, era um troféu, a prova de que alguém me desejou numa noite (SURFISTINHA, 2005, p. 34).

Seria a sexualidade exuberante, como afirma Rago (1991), pela opção à prostituição que teria levado Raquel a se tornar Surfistinha? O que teria levado uma menina de classe média, acostumada com roupas de *grife*, colégios caros, viagens, mordomias, a uma vida totalmente diferente daquela em que foi criada? O fato da adoção não pesou? Iniciar-se na prostituição em uma casa, cujo nível estava longe de ser de luxo, era uma maneira de autopunição?

No meu primeiro dia na casa da Franca, a última coisa que eu queria era que descobrissem minha falta de experiência. Cheguei lá pelas duas da tarde, depois de ter caminhado desde o Paraíso, onde morava, deixando para trás tudo o que tinha: mãe, pai, quarto, roupas. Carregava um fichário e a mochila do colégio com poucas roupas e muitos biquínis para usar no meu primeiro emprego. Perda de tempo: nenhuma das garotas trabalhava de biquíni...

Sem roupa decente para trabalhar, as outras garotas me arrumaram coisas horrorosas. Justo eu que sempre me expressei pelo uso de marca de *grife* [...] Tive de me conformar. Sabia que um dia ganharia

meu dinheiro e compraria tudo outra vez (SURFISTINHA, 2005, p. 19).

De um início na prostituição pobre, vício em drogas pesadas, atriz de filme pornográfico, a se tornar garota de programa de luxo com seu próprio *flat*, seleção de clientes e posteriormente blogueira, ex-prostituta, escritora, celebridade chegando a participar de programa de *reality show*, atualmente DJ, Surfistinha passou por vários momentos marcantes em sua vida:

Tomei um baita susto. Numa noitada, eu estava numa fissura danada e desatei a cheirar. Nem tenho ideia de quanta coca eu aspirei naquele dia. Até uma hora que parecia que eu não estava mais dentro de mim. Meu corpo não respondia. Minha respiração estava estranha. Um gosto estranho subiu a minha boca. *Overdose*. Me olhei no espelho e me vi morta: sem cor, a boca seca, os lábios roxos. Meu coração, de tão disparado, parecia que ia explodir (SURFISTINHA, 2005, p. 116).

A prostituição trouxe consequências marcantes na vida sexual de Raquel, como podemos observar a seguir:

Até hoje, às vezes, tenho nojo de ver uma mão fazendo carinho no meu corpo. Faço neles, mas nem sempre curto receber. Só transo ouvindo música, que me ajuda a divagar, a entrar em outra sintonia (além de o CD durar exatamente o tempo do programa, o que me ajuda a controlar a hora trabalhada). Há vezes em que imagino outro homem ali, um namorado. E olho para o lado, só para não ver a mão passeando em mim, pela minha intimidade (SURFISTINHA, 2005, p. 25).

Raquel Pacheco ou Bruna Surfistinha é um exemplo de pessoa que optou pela prostituição, que fez uso dela até quando achou conveniente. Por opção própria resolveu compartilhar sua história em forma de livro e filme. Se seu objetivo foi um alerta para outras garotas não entrarem neste mundo, se foi *marketing* pessoal ou apenas mais uma estratégia financeira, não nos cabe aqui julgar.

Em “*O diário de Marise: a vida real de uma garota de programa*”, Marise, na verdade, é Vanessa de Oliveira. Em 2006, quando lançou o livro, era estudante de enfermagem. No primeiro capítulo do livro deixa clara a sua intenção:

Estou de férias da faculdade e passando, agora, uns dias na Boate Kity House, uma casa de programas na cidade de Jaraguá do Sul. Preciso juntar dinheiro antes de voltar às aulas. Meu projeto de vida é me formar (no máximo em dois anos) e, depois, ir para os EUA. Trabalhar, me estabilizar e voltar ao Brasil para morar no litoral, em um lugar lindo e quente o ano todo, que tenha bastante natureza, mar, sol, areia, alegria; um lugar seguro... Eu fico, aqui, só imaginando uma areia bem branquinha, um mar lindo, um barulho suave de ondas, uns coqueiros enormes, eu, a minha filha Yumi e a praia... (OLIVEIRA, 2006, p. 10).

Atualmente, Vanessa de Oliveira é escritora, se intitula como sexóloga do “*Programa Mulheres*”, palestrante, trabalha junto a *sex-shop* (dando consultoria aos proprietários de como as mulheres podem usar os produtos da loja), consultora da “*Revista Playboy*” e autora dos *eBooks*: “*Como enlouquecer os homens na cama e fora dela*” e “*Mulher Magnética*”, tendo uma vida bem diferente da calmaria que almejava em 2006. A seguir foto da autora:



Figura 52: Vanessa de Oliveira, pseudônimo: Marise.

Fonte: <https://www.facebook.com/vanessadeoliveiraoficial>. Acesso em 15/03/2015.

Em seu livro, Oliveira (2006) diz na contracapa que já fez cerca de cinco mil programas, relatando sua vida entre faculdade e prostituição, deixando evidente que entrou na prostituição por questões financeiras: “[...] me pagou bem pouco pelo

programa, 80 reais. E olha que minha saída da Boate, à noite, são 50 reais. Que coisa, não? Mas eu estou bem precisada de dinheiro, e disposta a juntar os dois mil reais de que preciso para fazer a matrícula da faculdade” (OLIVEIRA, 2006, p. 13). Acrescenta ainda: “Bem, na minha opinião, toda estratégia vale para ganhar um cliente. É um jogo sadio; a ilusão vale, aqui, porque se está pagando para isso mesmo” e “Eu sempre penso em mim como uma mulher sincera, verdadeira, mas minto tanto aos clientes, e, às vezes, nem tem necessidade. Nem sempre me reconheço. Quem é sincera, não deveria ser sempre?” (OLIVEIRA, 2006, p. 18).

Surfistinha (2005) assim como Oliveira (2006) criaram estratégias para agradar seus clientes e ao mesmo tempo para se auto protegerem do peso de manterem relações sexuais com eles, visto que o mundo da prostituição é marcado por fantasias, mistérios e curiosidades para quem está de fora deste mundo. Como podemos observar no comentário a seguir:

Pra mim, todo cliente é igual, independentemente do peso, da idade e da cor. Não alimento por eles sentimentos de afeição. Eles é que ficam apreensivos de curiosidade de saber como somos e sobre o que haverá atrás da porta, antes de a abriremos para eles (OLIVEIRA, 2006, p. 213).

Assim como Raquel Pacheco, Vanessa de Oliveira não teve uma relação familiar harmônica. Sempre apanhou do seu pai, posteriormente do pai de sua filha e com a mãe havia uma barreira, como ela mesma diz. Também fugiu de casa (aos 21 anos) com a intenção de se livrar das surras e do desprezo do pai de Yumi.

Com relação à condição pessoal de uma prostituta ela diz:

Quem cobra cem ou dez reais vale a mesma coisa como ser humano, e está na mesma condição subumana de vida. Não pela questão moral. Que se foda a moral imposta pela sociedade. Mas está na mesma situação de perda psicológica, enfrentando os mesmos dilemas (OLIVEIRA, 2006, p. 83).

Em outro momento do seu livro, Oliveira (2006) relata como se sentia sendo prostituta. Pode-se perceber que, mesmo falando que pouco importa o que a sociedade pensa, mostra-nos que não é bem assim o que pensa:

Ganhei muita experiência, mas perdi a vida. Ganhei algum dinheiro, mas perdi amor. Eu trocaria todos esses cinco mil clientes por um único homem.

Esse é um número bem considerável: CINCO MIL CLIENTES! Mas ele não fez de mim uma *expert* na cama. *Expert*, para mim, é aquela mulher que está casada há mais de dez anos, consegue tornar sua relação com o marido proveitosa e fazer do dia-a-dia um bom convívio. Eu não me sinto uma mulher sexualmente realizada. Números nada significam. Sou perita em fazer os meus clientes gozarem rápido, e mais perita ainda em mexer com sua imaginação. Nisso, sou fera. Eles se realizam, mas eu não. Tenho muitos desejos de sexo e de amor reprimidos aqui dentro. Estão todos reprimidíssimos. Não acho que devo expressá-los com meus clientes. Nem é porque eles não merecem minhas gozadas, mas é que não quero mais que aconteçam de maneira tão vil, em encontros superficiais. [...] Cada vez gozo menos nos programas. Quando acontece é porque estou realmente necessitada. Eu quero sexo com amor (OLIVEIRA, 2006, p. 411).

De acordo com suas falas⁹⁸ podemos perceber que a prostituição para Oliveira (2006) foi minando suas potencialidades como uma mulher realizada. O peso da prostituição recai sobre ela de maneira negativa: ““NÃO! Não acho que valeu tanto esforço, não viveria novamente tudo isso. Não, NÃO!”Acho que teria preferido que as coisas fossem diferentes. Adrenalina é bom, mas não em exagero” (OLIVEIRA, 2006, p. 413).

Com relação aos papéis que assume nos diferentes programas, ela interpreta como:

Eu vendo, já há um tempo, uma imagem, e essa imagem é ótima. É a imagem de uma ruiva de olhos verdes, seios perfeitos e lábios carnudos. Mas é uma imagem, vendida nos anúncios de jornais, nos álbuns de acompanhantes dos motéis e hotéis, nas agências da região. O produto externo vendido é bom, mas é fabricado. E nem sempre é tão bom quanto o que a propaganda promete. Tem dias em que não tenho tanta vontade de me arrumar e, por isso, vou aos programas quase de qualquer jeito.

No final do espetáculo, chego em casa, deixo a máscara de lado, a fantasia de outro. Entro direto no quarto, tiro a maquiagem e meu cabelo postiço, visto minhas roupas simples, aquela velha calcinha de que tanto gosto. [...] Meu corpo não é tão perfeito como as lentes mostram, e até tenho duas celulites mais expressivas na nádega direita, por isso não caminho de costas para o cliente. E há uma barriguinha que por nada consigo tirar. Durante uma hora, é fácil escondê-la.

⁹⁸ Esta premissa se relaciona à época em que escreveu o livro. Atualmente, pelas entrevistas que têm dado e pelo seu posicionamento em seu *site*, mostra-se uma mulher feliz com as escolhas que fez.

Mas meu produto interno é melhor do que o externo, que eu vendo. Ele é mais valioso, embora não seja perfeito, porque é verdadeiro. Mas este ninguém vê. A Vanessa não é tão bonita por fora quanto a Marise.

[...] A Marise é perfeita, mas ela não existe... Eu sempre soube que um dia ela morreria e se tornaria apenas uma lenda... (OLIVEIRA, 2006, p. 413).

De acordo com as informações que se tem da Vanessa Oliveira nas redes sociais, realmente Marise morreu. Quando, na época do lançamento do livro, diz que não se considera *expert* na cama, está bem longe da imagem que atualmente ela vende em seu *blog*, em sua página no *Facebook*, no *Youtube* e em seu *site*. Nove anos a teriam tornado *expert* na cama ou é sua nova estratégia de *marketing*? O *slogan* do seu *site*: “*Como enlouquecer um homem na cama e fora dela!*” é mais uma estratégia?

Em uma entrevista ao “*Programa Provações*” (sem data), de Antônio Abujamra, ao ser questionada quem ela é, responde:

Eu sou uma mulher, assim como todas as mulheres, tem mais de mil mulheres dentro de mim. Então, eu tiro de dentro de mim aquela que se faz necessário no momento. Eu vim da zona, mas eu vou em destino à liberdade. Então, se no futuro eu tiver vontade de fazer A, B ou C é para lá que eu vou (OLIVEIRA, Disponível em: <<http://www.palestrasvanessadeoliveira.com.br/videos/>>. Acesso em 16/03/2015).

Abujamra evidencia o fato de Oliveira ser consultora da “*Revista Playboy*” e a questiona sobre o que ela ensina para esta revista. Como resposta, ela diz: “Como os homens vão fazer para manter a ereção. Dez passos para que eles não falhem na hora H. Que é o maior medo dos homens, né?” (OLIVEIRA (2015) Disponível em: <<http://www.palestrasvanessadeoliveira.com.br/videos/>>. Acesso em 16/03/2015). Mesmo não mais exercendo a prostituição, ela ainda lucra com as experiências vividas. Dessa forma, suas experiências sexuais se tornaram estratégia rentável.

Em outro momento, Abujamra faz o seguinte questionamento: “Por que ao escrever, as ex-prostitutas só dão dicas sobre sexo e não aprofundam uma reflexão sobre a vida?”. Para responder a este questionamento, a entrevistada faz a seguinte colocação:

Mas eu aprofundo. “*O diário de Marise*”, na verdade, é muito mais um diário comportamental de como os homens agem e de como as garotas de programa agem... Qual a relação do homem e da mulher do que um livro erótico. Por que na verdade nenhum homem vai ter uma ereção ao ler “*O diário de Marise*”, mas em muitos momentos você irá ficar abismado e vai pensar: Nossa! Eu penso assim. Nossa! Na

verdade minha esposa age assim. As garotas de programa são assim. (OLIVEIRA (2015). Disponível em: <<http://www.palestrasvanessadeoliveira.com.br/videos/>>. Acesso em 16/03/2015).

Abujamra também a questiona sobre o fato de ter escrito duas biografias diferentes e para isso ela responde:

A primeira autobiografia é de quando eu era uma garota de programa. Tudo aquilo que passava na minha mente, tudo o que eu pensava dos homens e o que eu observava nos clientes. O segundo foi quando eu tive um relacionamento e que eu casei. Então, eu escrevi tudo aquilo que estava acontecendo dentro do meu relacionamento, que casualmente eu casei com um psicopata. Aí eu escrevi uma autobiografia do meu relacionamento com ele. Disponível em: <<http://www.palestrasvanessadeoliveira.com.br/videos/>>. Acesso em 16/03/2015).

Dois livros autobiográficos⁹⁹ não seriam mais uma maneira de obtenção de dinheiro? Ou seria uma ânsia de estar na mídia? O que leva Vanessa de Oliveira a se expor tanto em livros? Promoção? Vaidade? Dinheiro? Ser escritora? Independente de qual seja a sua intenção, qualquer uma dessas possibilidades é plausível para alguém que ainda precisa gerar recursos para sobreviver pós prostituição.

Além dos referidos livros, a ex-prostituta também escreveu mais oito livros que tratam da questão da sexualidade e um sobre administração e *marketing*; Abujamra não perdeu a oportunidade para questionar sobre o motivo deste último tema. Para isto, ela respondeu que:

É um livro que ensina empresário e estudantes de *marketing*, dona de casa, quem vai começar um negócio... As principais regras do *marketing*. Só que o que eu fiz? Quando eu dei os exemplos do que funcionava no mercado, eu dei os exemplos... Eu usei os mesmos exemplos da profissão do sexo. Porque profissão do sexo é um mercado e é um trabalho como outro qualquer trabalho. [...] As mesmas técnicas que uma garota de programa usa para se vender para o cliente são as mesmas que uma grande empresa usa para se vender para os consumidores (OLIVEIRA, Disponível em: <<http://www.palestrasvanessadeoliveira.com.br/videos/>>. Acesso em 16/03/2015).

⁹⁹ A segunda autobiografia tem como título “*Psicopatas do coração*”, de 2012.

Fica evidente observar, pelo exposto anteriormente, que, para a entrevistada (Vanessa de Oliveira), a prostituição estava intimamente relacionada ao negócio, que pode lhe trazer benefícios financeiros importantes. Essa possibilidade na escolha da prostituição como forma de garantir o sustento ou obter ganhos financeiros corrobora com o trabalho realizado por Rago (1991) e já citado anteriormente.

Com relação às crenças religiosas que estão presentes na vida da entrevistada, Abujamra faz os seguintes questionamentos:

Abujamra: Quem o maior mal o fez ao mundo? Os preconceitos, a religião ou os bancos?

Oliveira: A Igreja. A Igreja.

Abujamra: Você é religiosa?

Oliveira: Eu acredito em Deus. A minha religião chama-se “liberdade”. Eu não acredito em nenhuma instituição que compele culpa a uma pessoa. Então, uma religião que diz para mim que: “Ah! É seu carma, você tem que aguentar”. Eu não quero. Uma religião que diz para mim: “Aquilo que Deus uniu na terra você não pode separar” e você tem que pagar, porque o filho dele morreu por você. Eu também não quero. Aquela religião que diz: “Não! Você pode estar obsequiada obsediada???” pelo capeta”. Eu também não quero. Porque para mim tudo isso é forma de manipulação e se Deus existe a última coisa que ele é manipulador. Para mim, Deus é uma coisa de liberdade, então, minha religião chama-se liberdade (Id.).

Ao observar o histórico da Igreja, principalmente a católica, podemos nos deparar com uma doutrina manipuladora da vida sexual dos seus fiéis. No entanto, há pessoas que conseguem romper com a doutrina religiosa em função de seus interesses, como no caso de Vanessa de Oliveira.

Abujamra faz uma pergunta provocante que nos remete a relacionar sua resposta com sua fala anterior relacionada às suas diferentes facetas de mulher, mostrando uma dicotomia interessante:

Abujamra: Vanessa, você mente?

Oliveira: Pouco. Eu minto se eu estiver precisando me salvar. Mas, muito pouco. Às vezes eu me ferro por aquilo que eu digo. Mas eu ainda prefiro estar dizendo a verdade do que estar me moldando, porque eu me sinto envergonhada se eu tiver que ter uma postura hipócrita [...] Eu não floreio verdades (Id.).

Ao responder que mente pouco ela parece se contradizer, visto que busca dentro de si, mediante uma necessidade, algum tipo de mulher que corresponda às

expectativas, como expressa no início de sua entrevista: “Eu sou uma mulher, assim como todas as mulheres, tem mais de mil mulheres dentro de mim. Então, eu tiro de dentro de mim aquela que se faz necessário no momento” (Id., 16/03/2015). Qual dessas mulheres, Vanessa de Oliveira, dispõe para não ter uma postura hipócrita? Ao se ser mil mulheres dentro de uma mesma, não há mentiras para que seu produto seja vendido?

Fato que também merece ser abordado e discutido durante a entrevista diz respeito ao modo com que se comporta emocionalmente mediante a sua concepção de vida:

Abujamra: Você chora?

Oliveira: Muito pouco. Sabe por quê? Quando eu era pequena eu chorava muito e eu via que não adiantava nada [...] e numa época muito difícil da minha vida, eu tinha que lutar, então, eu me acostumei a não chorar.

Abujamra: Você sente emoções cívicas ao ouvir o Hino Nacional?

Oliveira: Nunca.

Abujamra: O que é a vida?

Oliveira: É uma experiência. Você veio aqui para experimentar. Experimentar. Você sabe que às vezes as pessoas pensam que eu tenho por objetivo da vida em ficar milionária ou ganhar dinheiro. Não. É aprender. Eu tenho paixão por aprender (Id.).

O discurso de mulher não realizada, que Oliveira (2006) passa no livro aqui analisado, não corresponde mais à mulher que se tem atualmente. Uma mulher, aparentemente, segura de si e do que quer para a sua vida. Maturidade? Necessidade? Consequência de uma vida nada fácil? Estratégia de *marketing*?

Independentemente de se obter razões precisas sobre os motivos pela procura da prostituição, ou do julgamento dessa escolha, fica claro que essa opção está em algum momento relacionada ao já observado por Rago (1991) em que a situação financeira dita as regras para o ingresso a prostituição.

O livro que iremos abordar neste momento é: “*300 clientes habituais*”, de Carla de Almeida. A autora nasceu em Portugal, mas mudou-se para a Inglaterra aos dois anos. Licenciou-se em Economia e Estudos Europeus na Universidade de Gales, regressando a Portugal, onde vive atualmente. A seguir foto da autora:



Figura 53: Carla de Almeida, pseudônimo: Diana
 Fonte: ALMEIDA, Carla de. In: “300 clientes habituais”.

Almeida (2006), em seu livro, relata sua vida a partir do ano de 2003, quando resolve mudar de vida, por questões financeiras, assim como Oliveira (2006):

Corriam os primeiros dias de fevereiro de 2003. Acabava de completar trinta anos. Minha situação financeira tinha-se deteriorado até ao ponto de perder quase tudo o que eu tinha. Possuía apenas a empresa de importação e exportação, era a minha derradeira fonte de recursos.

Vivia quase há seis anos em Portugal. Com a ilusão de abrir meu próprio negócio, regressara ao país pouco tempo depois de ter concluído um mestrado em Direito, em Londres.

Na origem deste colapso houve um período negro na minha vida, que começou em 2001. Sofri um terrível acidente de automóvel e fiquei em coma durante três meses. Quando me recuperei, era uma mulher endividada. Devia 150 mil euros.

Eu pertencia ao gênero de pessoa frente à qual se deduz que tem tudo: independência, atitude e sucesso. Não eram poucas as mulheres que desejavam trocar de posição comigo [...] O meu sucesso era invejável e, ao volante do meu novo Mercedes CLK prateado, aparentava a ilusão de triunfo numa falsa sociedade como esta. Por outro lado, os homens sentiam-se atraídos por mim (ALMEIDA, 2006, p. 7).

Com esta breve introdução podemos imaginar que seu ingresso à prostituição foi intimamente relacionado às questões financeiras. De certa forma, a fórmula pela opção à prostituição se repete, ou seja, mulheres necessitadas por dinheiro e sem recursos para consegui-lo de outra forma veem na prostituição o caminho mais acessível para se apegarem. Essa observação se concretiza ao observarmos o pensamento expresso pela autora:

Não houve nada que não me passasse pela cabeça, do suicídio ao tráfico de drogas, ou à prostituição. Suicidar-me era o mais simples. Ser traficante de droga? Demasiado arriscado.

Havia, ainda, a prostituição. Se era <<isso>> que me resolveria o problema, então que fosse! Mas, convenhamos, não era uma opção assim tão fácil de tomar. Admiti-la era fácil. Confessá-la também. Mas como poderia uma pessoa como eu abalançar-se a uma coisa dessas? (ALMEIDA, 2006, p. 7).

Ao relatar sobre o seu primeiro cliente, fica claro a necessidade de, primeiramente, contemplar sua necessidade financeira, e, por conseguinte, ainda desfrutar de prazer. Este cliente foi um amigo que, ao confessar que iria se prostituir por questões financeiras, de imediato se ofereceu para ser o primeiro:

Simão conhecia muitos dos meus segredos. Ao longo dos anos tinha compartilhado as minhas confidências com ele. Mas esta nova situação era excepcional. Pela primeira vez, encontrava-me na iminência de praticar sexo com um amigo e estava incrivelmente nervosa. Mas tinha um papel a desempenhar, um papel em que, como em tantos outros, misturavam-se trabalho e prazer. Eu era agora uma prostituta e tinha de portar-me como tal. Não podia dar-me ao luxo nem de falhar esta oportunidade nem de perder o amigo (ALMEIDA, 2006, p. 9).

Cabe aqui relacionar as falas expressas por Almeida (2006) e Surfistinha (2005), como forma de analisá-las e confrontá-las segundo as concepções de Rago (1991). No relato de Almeida (2006, p. 9) aparecem as palavras “trabalho e prazer”. Nas de Surfistinha (2005, p.14): “Naquela noite, fiquei com outros dez garotos diferentes. Não bastava um: tinham que ser vários para me satisfazer”. Lembrando, que nesta fala, Raquel Pacheco ainda não era Surfistinha.

Seria este prazer, que as autoras citam, relacionado à sexualidade exuberante mencionado por Rago (1991)? Raquel Pacheco, no início da sua adolescência, dava indícios de uma sexualidade exuberante? Ter sexualidade exuberante é pré-requisito para a prostituição?

Almeida (2006, p. 13), ao terminar seu primeiro programa, diz: “O serviço estava terminado. Depois da saída de Simão, continuei na cama, pensando em quão fácil tinha sido. O signo do Euro dominava o meu espírito. [...] estava determinada a fazê-lo de novo se a liquidação da minha dívida dependesse disso”. Neste momento, assim como Raquel Pacheco se tornou Bruna Surfistinha, Carla Almeida se tornava Diana.

Ao se referir aos homens que contratam uma prostituta por meio de anúncios de jornal, que foi por onde Carla Almeida optou ao ingressar na prostituição, ela faz uma reflexão:

Fiquei agora a perceber que alguém era capaz de vir ter comigo para fazer sexo sem conhecer sequer a minha aparência, confiando numa figura imaginária. Eu julgava que os homens faziam sexo com as mulheres por se sentirem atraídos por elas e, naquela altura, concluí que nós, fêmeas, estamos iludidas (ALMEIDA, 2006, p. 24).

O que leva um homem a contratar uma prostituta por meio de anúncios de jornal? Discrição? Fetiche pelo desconhecido? Aventura? Anonimato?

Carla Almeida, assim como Raquel Pacheco e Vanessa de Oliveira, abandonou a prostituição. Com os desenrolares da vida de maneiras distintas, estas três mulheres usaram da prostituição quando e como melhor lhes foi conveniente. Almeida (2006, p. 192) tem como palavras finais no seu livro:

Quando já estávamos na cama, pensei em mil outras coisas. Tinha atingido o bonito número de mais de 300 clientes regulares, muitos dos quais me visitavam algumas vezes por mês. Alguns vinham todas as semanas. Alguns apaixonaram-se por mim. Outros tentaram comprar-me, houve também os que tentaram subornar-me. Vira muitas coisas que nem sonhara ou imaginara possíveis. Era cúmplice destes homens que andavam por aí com as mulheres e namoradas. Sentia a dor de muitos, compreendi também as angústias de muitas esposas traídas. Nunca vi o problema apenas de um lado [...] Esta experiência transformou-me para a vida. Enfrentei riscos sérios, escapei de situações terríveis, não fui psicologicamente imune. Nunca mais voltei a ver o mundo do ponto de vista feminino. Aprendi a vê-lo através dos olhos dos homens [...] Larguei o ofício de prostituta três semanas antes da data planejada.

Ao dizer que agora vê o mundo com uma perspectiva masculina, Almeida (2006) traz consigo esta característica para sua vida pós-prostituição. Teria valido a pena? O dinheiro que conseguiu em 15 meses de prostituição compensou sua mudança de vida quando se refere às questões emocionais e financeiras?

O livro que iremos abordar neste momento é do de Paula Lee, intitulado “*Alugo meu corpo*”, em que relata que o motivo que a levou a Portugal para se tornar uma prostituta, assim como Oliveira (2006) e Almeida (2006), foi o financeiro. Ex-atendente de telessexo, acompanhante *freelancer*, massagista em Lisboa, e autora dos livros: “*O dobro e da metade*” e “*Sexo não rima com nexo*”.

Na foto a seguir, Paula Lee, no “*novobloguerotico*”:



Figura 54: Paula Lee.

Fonte: <http://novobloguerotico.blogspot.com.br/2009/09/paula-lee.html?zx=a47930e0d5338354>. Acesso em 18/03/2015.

Sobre sua vida sexual antes da prostituição, considera o telessexo como: “[...] primeira experiência sexual no âmbito comercial [...]. Ali vendia palavras, fantasias, erotismo, conselhos, incitação verbal. A imagem que deveríamos passar era a de mulheres excitadas e isentas de quaisquer pudores” (LEE, 2008, p. 27). A autora atualmente se encontra incógnita na mídia; seu *site* e seu *blog*, atualmente, encontram-se inativos.

Lee (2008) conta em seu livro que não passou grandes necessidades financeiras, mas que também nunca sobrou dinheiro. Inclusive estava empregada na ocasião em que aceitou o convite de uma amiga, que já tinha ido à Espanha, para se prostituir no exterior:

Tive uma fase muito difícil financeiramente quando vivi com meus pais. Agora estava numa empresa importante, tinha certa estabilidade. Uma estabilidade que garantia que eu pagasse minhas contas em dia e que pudesse ajudar minha avó [...]. Amava estar naquele emprego, que me garantia *status* e uma remuneração certa, mas tive medo das incertezas, porque já estava andando de bicicleta em cima da corda bamba. Até quando seria assim? E quando saísse do emprego, visto que já me incomodava o assédio e, principalmente, em não saber lidar com isso? Conseguiria rapidamente outro emprego ou voltaria a mendigar por um? Voltaria a entregar currículos, a passar minha juventude esperando respostas até envelhecer e ter que passar pelo

mesmo? Voltaria a fazer as contas na ponta do lápis, tirar daqui para colocar ali, vender o almoço para comprar o jantar? Teria que voltar a comprar o que precisava pagando 36 prestações, ou a não ter direito de fazer cursos que não fossem gratuitos? Voltaria a só pegar livros na biblioteca e continuaria conhecendo as livrarias apenas pelo lado de fora da vitrina, por saber que na verdade não poderia comprá-lo? [...] O pior problema era o financeiro (LEE, 2008. p. 138).

Todos os motivos apresentados pela autora justificam sua entrada na prostituição? São justificativas que convencem o leitor? A princípio, numa leitura descomprometida, somos levados a acreditar que, já que ela se encontrava empregada em uma multinacional, mesmo não tendo um salário generoso, a opção pela prostituição, no caso dela, beira a ambição. No entanto, não se fazem necessários aqui julgamentos. O que teria realmente passado em sua mente ao largar o país para se prostituir e correr o risco de ser presa em Madri (visto que usou esta cidade como porta de entrada na Europa, indo posteriormente de carro a Portugal, para não levantar suspeita da polícia)? Como resposta, Lee (2008, p. 138) faz a seguinte declaração:

Não acabei optando por entrar na prostituição porque tinha uma vida miserável, porque já estava bem distante, nas minhas memórias de infância e adolescência. Não entrei por causa do desemprego, porque ainda se consegue sobreviver sem emprego fixo, tem a opção de fazer pequenos trabalhos para fora. Não entrei na prostituição porque era drogada e precisava sustentar o meu vício. Não entrei na prostituição porque tinha filhos para criar, apesar de ser esse o grupo com o qual me identificava mais, mesmo não tendo filhos. Nem foi porque era tarada por sexo e tinha fantasia de experimentar homens diferentes ou porque queria aprender mais sobre sexo, liberar minhas fantasias; há métodos mais eficazes para atingir esse fim, com a vantagem de que poderia estar com quem pudesse escolher, em vez de ser habitualmente escolhida. Não entrei na prostituição porque era uma menina irresponsável ou mimada [...].

Entre na prostituição porque, na verdade, era ambiciosa. Ambiciosa, não gananciosa, porque são palavras com sentidos muito diferentes. Não queria passar por tantas restrições e privações novamente [...]

Entre porque vi que tudo rodava em volta do sexo. Que este era algo que eu poderia comercializar. Porque seria mais aceitável me alugar do que me vender. Com um cliente saberia o preço de acordo com o tempo; saindo com alguém por interesse, não saberia o que realmente estaria ganhando, ou talvez até perdendo.

Nesta passagem do livro a autora deixa claro suas intenções ao entrar na prostituição e descarta a opção de sexualidade exuberante, que Rago (1991) usa como umas das justificativas pela prostituição.

Após se tornar uma prostituta famosa em Portugal em uma matéria no *site* português “*Correio da manhã*”, de 26/03/2006¹⁰⁰, Paula Lee, ao falar sobre a legalização da prostituição observa:

A partir do momento em que se legaliza, legaliza-se tudo em volta. Hoje temos uma certa autonomia. Aos homens que querem forçar a gente a fazer certa coisa, de certa maneira, podemos perguntar onde é que isso está escrito. Se tal não bastar, pode sempre perguntar se ele quer que se chame a polícia. Se a profissão for legal, não posso fazer isso. E é o meu corpo. Eu vendo um serviço, a partir do momento em que me vão ditar o que devo ou não fazer, vou me tornar num produto (Disponível em: <<http://www.cmjornal.xl.pt/domingo/detalhe/sexo-on-line.html>>. Acesso em 18/03/2015).

O *site* complementa esta fala da autora dizendo que a opinião de Lee não está formada em cem por cento: “Preciso pesquisar informação sobre a realidade nos países em que a prostituição foi legalizada” (Disponível em: <<http://www.cmjornal.xl.pt/domingo/detalhe/sexo-on-line.html>>. Acesso em 18/03/2015).

Devido ao fato de Paula Lee não manter mais seu *blog*, recorremos a *blogs* e *sites* que falam a seu respeito, mesmo com datas retroativas. O *blog* português, “*O mal da indiferença*”¹⁰¹, fez uma entrevista com ela, via e-mail em 11/05/2006, onde ela fala, assim, como fala no livro como ficou endividada com a máfia que a levou para Portugal:

Dos 30 euros do preço do programa, cinco eram para a boite e 25 meus. Entretanto, informaram-me que eu tinha que pagar a passagem, e só depois que o fizesse que poderia receber diariamente. Algum tempo depois descubro que o valor que me cobriam pela passagem não seria aquele do bilhete, mas um outro muito maior, porque incluíam uma "taxa de exploração", digamos assim. Quando conseguia levar um homem para o quarto, quase me arrependia, porque não sabia o que fazer com ele. Além de não saber trabalhar, tinha a preocupação do preço exorbitante da passagem. Ninguém ajudava nada, nem explicava muita coisa. Garota nova era sinônimo de concorrência. Ali dentro tinha conseguido um contato de um outro puteiro - eu uso muito essa palavra, mas quer dizer "boite" - que pagava melhor, onde o preço do programa era 75 euros. Foi assim que

¹⁰⁰ A data desta matéria é dois anos antes da edição do seu livro, onde a mesma relata o desejo em escrever um livro.

¹⁰¹ <http://feministactual.blogspot.com.br/2006/05/entrevistas-e-tactos-prostituio.html>. Acesso em 18/03/2015.

eu fui me mudando, com a mala nas costas, de puteiro para puteiro, nunca sem ter um lar que pudesse chamar de meu. Só algum tempo depois resolvi trabalhar como independente e aluguei um apartamento. Tinha saudade de ter uma vida mais parecida com uma vida normal (Disponível em: <<http://feministactual.blogspot.com.br/2006/05/entrevistas-e-tactos-prostituio.html>>. Acesso em 18/03/2015).

Os agenciadores raramente informam as contratadas sobre esta dívida, e por meio desta, eles as obrigam a trabalharem praticamente de graça, pois seguram o passaporte das garotas e devolvem somente quando a dívida for saldada, garantindo assim, uma forma de contrato financeiro em que a vantagem é apenas dos agenciadores. Por outro lado, a rotatividade de garotas nas boates é vantajosa, por não ultrapassar os três meses em que um estrangeiro pode permanecer em um país que não seja o dele. Caso a polícia tenha um mandado de busca nas boates e encontre passaportes com datas de permanência no país acima do permitido, os proprietários passam a ter sérios problemas.

Quando questionada em como define a prostituição, Paula Lee argumenta:

É algo que só existe porque existem clientes. A lei da oferta só existe se há procura. Muito se preocupa com a prostituição, mas ninguém quer ver o motivo de existirem os clientes, que são na verdade os que mantêm o "negócio". Por que procuram? De que necessitam? O que lhes faz falta? É claro que a mulher só decidiu se prostituir porque viu que o seu corpo e o prazer que proporcionaria era algo que poderia negociar. Por que é tão visível que é maior o número de mulheres que se prostituem do que de homens? Serão eles mais carentes que as mulheres? Gostam mais de sexo? Ou a sociedade machista determina que assim seja? Apesar de toda a repressão e preconceito, a prostituta continua sendo procurada pelos homens. Será por ser o fruto proibido? Mas em Janeiro de 1983 a prostituição deixou de ser proibida em Portugal (Disponível em: <<http://feministactual.blogspot.com.br/2006/05/entrevistas-e-tactos-prostituio.html>>. Acesso em 18/03/2015).

Teria Portugal dado um passo atrás com a liberação da prostituição ou um sinal de avanço? Quais consequências essa liberação acarreta às prostitutas e à sociedade de um modo geral? Essa atitude acarretou vantagens às prostitutas? Alguém deu voz às prostitutas sobre tal atitude?

Outra brasileira que mudou a trajetória, praticamente traçada, de sua vida foi Gabriela Leite. Assim como Raquel Pacheco, a situação financeira não foi motivo para

que ela optasse pela prostituição. Em seu livro: *“Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta”*, ela narra sua vida, assim como os dez mandamentos da puta:

Primeiro mandamento da puta: Serás discreta. Jamais apontarás um homem na rua e dirás que ele é teu cliente (LEITE, 2009, p. 6);
 Segundo mandamento da puta: Não beijarás na boca. Beijo na boca é afetivo, só o darás a quem quiseres (LEITE, 2009, p. 50);
 Terceiro mandamento: Não terás café. Não cairás nesta cilada, sob pena de acabares na sarjeta (LEITE, 2009, p. 60);
 Quarto mandamento: Não revelarás a fantasia do próximo. A fantasia do teu cliente é secreta e sua identidade jamais poderá ser violada (LEITE, 2009, p. 68);
 Quinto mandamento e mais importante de todos os mandamentos: Não te apaixonarás pelo teu cliente (LEITE, 2009, p. 78);
 Sexto mandamento: Não sairás da zona para morar com o cliente, sob pena de na primeira briga ele jogar na tua cara: “Fui eu que te tirei da vida!” E tu voltarás para a zona com o rabinho entre as pernas (LEITE, 2009, p. 84);
 Sétimo mandamento: Terás ética. Nunca misturarás diversão e trabalho, mas deverás desfrutar das suas coisas (LEITE, 2009, p. 88);
 Oitavo mandamento: Cobrarás. Dentro da zona jamais poderás receber um cliente sem que ele pague por teus serviços (LEITE, 2009, p. 104);
 Nono mandamento: Desconfiarás da cafetina. Por mais que a dona da casa seja boazinha, não poderás ficar na mão dela. Terás que mostrar, com educação, que tu também és esperta (LEITE, 2009, p. 114);
 Décimo mandamento: Terás orgulho da tua profissão e usarás camisinha (LEITE, 2009, p. 148).

Qual o motivo que teria levado Gabriela Leite a falar em regras para as prostitutas em linguagem referenciada aos “Dez Mandamentos” da religião católica? Seria uma crítica à Igreja? Seria uma afronta? Seria uma maneira de chamar a atenção de outras prostitutas para questões importantes neste *metier*? Ao longo de seu livro, a autora vai deixando algumas dicas com relação à religião, mas não responde a esta questão propriamente: “Eu tinha fome de entender a complexidade de uma formação baseada nos valores católicos, e por isso conversava muito. Queria fazer sexo e exercer a minha sexualidade sem culpa” (LEITE, 2009, p. 49). A seguir Gabriela Leite durante uma participação no programa *“Roda Viva”*:



Figura 55: Gabriela Leite

Fonte: Gabriela Leite entrevistada no “*Roda Viva*”, TV Cultura, 2009. <http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva/assista-aos-melhores-momentos-da-entrevista-com-gabriela-leite>. Acesso em 19/03/2015.

Em seu livro, Leite (2008) conta que era filha de um *crupiê*, filho de uma família quatrocentona de São Paulo, proprietária de uma fazenda na cidade de Araras, interior do Estado de São Paulo, e de uma filha de um capataz da fazenda. Casamento não aceito pela avó paterna, mas muito festejado pelos avós maternos. Seus pais se separaram quando ela era adolescente e a partir disso sua vida muda, principalmente pela falta de liberdade imposta. Dinheiro não faltava, mas não sobrava. Ingressa na faculdade de filosofia da USP, em segundo lugar, no ano de 1969, auge da ditadura, mesmo contra a vontade da mãe, como expõe em uma de suas falas: “Claro que o desejo de minha mãe era que eu fizesse o curso de normalista para ser professora da escola pública e esperar o noivo e o casamento” (LEITE, 2008, p. 21). Porém, este não era seu desejo e seu objetivo.

Na universidade, a maioria dos seus professores, devido ao momento histórico em que viviam, tinha ido para o exílio e restavam as aulas com Marilena Chauí: “[...] que precisava dar aula suas aulas no imenso auditório dos barracões, tal o sucesso que fazia nos ensinando o que era estruturalismo em aulas que mais pareciam palestras” (LEITE, 2008, p. 30). No entanto, transfere-se de curso optando por sociologia e, apesar de toda a modernidade que estava vivendo, ainda carregava uma série de dúvidas e incertezas próprias dos jovens da época:

[...] ainda era uma menina da periferia que morria de medo de transar, perder a virgindade e, o pior dos desastres. Ficar grávida. Essa turma

só falava de sexo, sexualidade, virgindade. [...] Eu e minha amigas, todas virgens enganávamos os rapazes com histórias de experiências sexuais e um ar de modernidade no rosto (LEITE, 2008, p. 31).

Perder a virgindade para a autora era uma questão primordial, apesar de sentir todo o medo da gravidez. A fala da autora mostra todo seu embaraço e insegurança, ao relatar sua primeira vez. Foi em uma noite, ao se envolver com um diretor de teatro que era assediado por todas as estudantes que o fato se consuma:

Madruga já alta, ele me convidou para ir a sua casa e eu senti um frio na barriga. [...] Na rua ele não me abraçou, nem fez qualquer gesto de carinho, mas assim que fechou a porta me agarrou e começou a me beijar e arrancar minha roupa. Um tanto sufocada, pedi para apagar a luz. Foi então que ele me largou e começou a fazer um discurso sobre a modernidade do sexo às claras. Disse que eu era uma menina conservadora, filhinha de mamãe e que todas nós queríamos era um casamento com véu e grinalda. Humildemente, disse a ele que tinha vergonha de me mostrar nua para um homem e que ainda era muito difícil para mim, assumir sexo como algo absolutamente normal. Acho que ele perdeu, nesse momento, um pouco de tesão por mim, mas, como eu já estava lá, voltou a me agarrar e a me beijar sem nenhum carinho, machucando a minha boca. Finalmente tirou as calças na sala mesmo, enfiou o pau em mim e gozou. Deitado no chão caiu numa gargalhada sem fim e disse: “Então é essa a menina cheia de experiências? Só me faltava essa, foder uma virgem babaquinha.” Depois de muito rir olhando para a minha cara de tonta, ele me indicou o banheiro para eu me lavar e me mandou embora, dizendo que não queria complicação com meninas inexperientes (LEITE, 2008, p. 34).

Além de ter passado por toda essa situação, a autora ainda conta que neste dia, quando chegou ao bar que frequentava, todos, desde o garçom às amigas, estavam sabendo do ocorrido e ainda, em tom de deboche, perguntaram a ela se poderiam apagar a luz, em referência ao ocorrido. Com o passar dos tempos, Gabriela Leite engravida de um namorado, opta por não contar a ele, mas a convivência com sua mãe se torna cada vez mais insuportável ao ponto de sair de casa e abandonar a filha com a avó.

Sua ânsia em conhecer o mundo e contradizer os valores católicos a impulsionavam para caminhos distintos aos que sua mãe sonhara:

Queria fazer sexo e exercer minha sexualidade sem culpa. Queria abraçar, beijar, conhecer melhor o corpo masculino, seus desejos e suas fantasias. Queria ser uma mulher desejável, usar calcinhas e sutiãs vermelhos, sentir os homens em meu corpo, transar muito e nunca me faltar. Não queria casar nem viver junto com ninguém. Somente ver e sentir muitos homens me desejando. Por que eu não

poderia viver como eles, que sempre estavam com mulheres diferentes? Por que nós, mulheres, tínhamos que nos contentar em ter um único homem ao longo de toda a vida? Eu queria ter a liberdade sexual deles e não sabia por onde começar (LEITE, 2008, p. 49).

De acordo com esta citação, podemos afirmar que Gabriela Leite, assim como outras prostitutas citadas nesta sessão, optaram pela prostituição por terem sua sexualidade exuberante, como afirma Rago (1991)? Esse seria o motivo principal que a levou à prostituição?

Gabriela Leite, ao adentrar o mundo da prostituição, conheceu a boate de prostituição *La Licorne*, ícone da prostituição de luxo nos anos 70 e 80, mas opta por um prédio de prostituição na Avenida Rio Branco, 623, em São Paulo: “Por opção, nunca trabalhei na Boca do Luxo, não gosto de boate, não gosto de som alto, da escuridão. Não para trabalhar. Eu gostava disso para as minhas horas vagas [...]” (LEITE, 2008, p. 55).

Em 1987 organizou o “Primeiro Encontro Nacional de prostitutas”, no Rio de Janeiro:

[...] foi um sucesso absoluto. Mais de 2 mil pessoas estiveram lá. Entre elas, Rose Marie Muraro, Lúcia Arruda e Lucélia Santos. [...] Houve uma presença maciça da imprensa, do Brasil todo e do mundo. Foi um evento maduro e bem feito. Eu acho que aquele era o momento certo. Estava no inconsciente coletivo, a sociedade precisava dar um grande passo em relação à puta. Nós fomos abrindo caminho, saímos do escuro para praticamente um estrelato (LEITE, 2008, p. 149).

A partir deste momento, Leite (2008), conta que muitas pessoas as procuravam:

Os pesquisadores de prostituição até, então, viam a prostituta como vítima, e tudo que eles buscavam era apenas para provar a sua tese. Já havia alguns bons autores, como Magali Engels e Margareth Rago. Com os tempos as pesquisas ficaram mais sofisticadas, e acho que isso se deve a nós, com nossa iniciativa de discutir sobre nós mesmas. Hoje é difícil uma pesquisa sobre prostituição que não nos cite, e tudo começou com esse movimento. [...] Tudo isso aconteceu numa época em que a sociedade ainda não estava interessada no discurso das minorias. Foi muito antes da era Lula, quando a responsabilidade social e as minorias viraram moda. (LEITE, 2008, p. 150).

Para a autora, esse encontro mudou o rumo da prostituição no Brasil, pois as meninas que participaram dele voltaram para suas cidades e conseguiram apoio de autoridades e intelectuais na luta para a profissionalização da prostituição. Em 1992 fundou a ONG Davida. Em 2005 criou a grife Daspu¹⁰² (“Das Putas”), ironizando a loja de artigos de luxo Daslu¹⁰³ (“Das Lu”). Em 2010 foi candidata a deputada estadual, pelo PV, quando defendia o fortalecimento do Sistema Único de Saúde, a união civil de homossexuais, o direito ao aborto e a regulamentação da prostituição. Não se elegeu, mas não deixou de brigar pelos direitos nos quais acreditava. Atualmente, como se pode ver em anexo e já comentado, o deputado Jean Wyllys é o autor de um Projeto de Lei para regulamentação da prostituição no Brasil como profissão. De acordo com o *site* www.umbeijoparagabriela.com, dedicado a sua historiografia:

Diante das frequentes violações dos direitos de suas colegas, iniciou trabalho nacional de organização da categoria, a partir da desconstrução de representações socialmente aceitas sobre a prostituição, dando-lhe novos sentidos e buscando o seu reconhecimento como profissão. Foi também durante a década de 1980 que promoveu os primeiros encontros nacionais de prostitutas, passou a fazer parte do movimento internacional e criou o jornal

¹⁰² Prostitutas do Rio de Janeiro ligadas à ONG Davida tiveram, em 2005, a ideia de criar esta grife para gerar visibilidade e angariar fundos para projetos da organização. Com estampas, frases e design inspirados no mundo da prostituição, a *grife* não pretende tirar ninguém da prostituição, já que a ONG luta pela cidadania das prostitutas, como o direito ao próprio trabalho em melhores condições, pelo acesso aos serviços públicos e a outros bens da sociedade sem discriminação, pela elevação da autoestima, prejudicada pelo estigma. Fonte: <http://www.daspu.com.br/>. Acesso em 23/03/2015. A ideia de criar uma marca de moda, conta Gabriela Leite, surgiu depois de o governo brasileiro ter recusado uma oferta de financiamento norte-americano de 40 milhões de dólares para a luta contra a Sida (Aids) condicionada a que o Brasil condenasse a prostituição. "Decidimos que podíamos angariar o dinheiro à nossa própria maneira". A ideia permaneceu no papel, porém, até ao lançamento da primeira linha de *t-shirts*, e desde então a exposição pública da Daspu tem crescido a olhos vistos, principalmente depois de a loja de luxo de São Paulo Daslu ter ameaçado processar as prostitutas caso não mudassem o nome da nova marca. O fato foi ridicularizado na imprensa, acabando a Daslu por recuar nas intenções litigiosas e a Daspu ganhou projeção que, segundo Gabriela Leite, "veio mesmo a calhar". Até final de Junho passado a Daspu tinha mais de três mil clientes registrados no *site* (www.daspu.com.br) e vendera acima de quatro mil *t-shirts*. Estas peças - com dizeres humorísticos como "*As mulheres perdidas são as mais procuradas*" ou "*Somos más e podemos ser piores*" ou ainda "*Maria Madalena: a quem muito foi perdoado porque muito amou*" - constituem o grande sucesso comercial da Daspu. Fonte: <http://www.publico.pt/ultima-pagina/jornal/marca-de-roupa-de-prostitutas--e-fenomeno-cultural-no-brasil-90605>. Acesso em 23/03/2015.

¹⁰³ A loja de produtos de luxo iniciou com as sócias Lucia Piva de Albuquerque e sua sócia Lourdes Aranha em São Paulo. Com o falecimento de Lucia, sua filha, Eliana Piva de Albuquerque Tranchesi, assumiu o negócio e propôs várias mudanças para a empresa, inclusive a criação de uma linha própria da Daslu. Fonte: <http://www.daslu.com.br/>. Acesso em 23/03/2015.

‘Beijo da rua’, para fazer circular os novos discursos e afirmar como sujeitos sociais as mulheres da vida. Incentivou ainda o movimento a entrar na luta contra a Aids, incorporando a saúde como direito, instrumento de cidadania e de controle social de políticas públicas (Disponível em: <www.umbeijoparagabriela.com>. Acesso em 23/03/2015).

Gabriela Leite faleceu aos 62 anos, na cidade do Rio de Janeiro, vítima de câncer no pulmão, mas deixou um legado de pessoas fiéis à sua causa. A seguir, foto de Gabriela Leite juntamente com o Deputado Federal Jean Wyllys:



Figura 56: A ex-prostituta Gabriela Leite e o Deputado Federal Jean Wyllys.

Fonte: <http://40graus.al/2013/12/relembre-dez-personalidades-brasileiras-que-morreram-em-2013/>. Acesso em 23/03/2014.

Ainda hoje, como já exposto anteriormente, tramita no Congresso Nacional o projeto de lei para a profissionalização da prostituição, idealizado por Jean Wyllys, inspirado na luta de Gabriela Leite.

A autora a que iremos nos referir neste momento é Gabriela Natália da Silva, cujo pseudônimo é Lola Benvenuti¹⁰⁴, ex-puta (assim como Gabriela Leite, Lola prefere o termo puta: “Eu gosto assim porque não quero amenizar o que eu vivi, não quero esquecer de um passado tão importante pra mim”, Disponível em:< <http://www.lolabenvenuttioficial.com.br>>. Acesso em 29/03/2015), é autora do livro “*O prazer é todo nosso*”¹⁰⁵, formada em Letras pela Universidade Federal de São

¹⁰⁴ Gabriela Natália da Silva assume o nome de Lola Benvenuti no seu dia a dia. O seu livro, seu *blog* e na mídia, de um modo geral, é esse o nome que usa.

¹⁰⁵ Diferentemente dos outros livros analisados, Lola Benvenuti se detém mais nos relacionamentos que teve enquanto foi prostituta. Apenas no final do livro relata de maneira sucinta como foi contar à família que havia optado pela prostituição. A autora foi mais cuidadosa em poupar sua família em relação às outras autoras aqui citadas.

Carlos – UFSCar, defensora da liberdade sexual e reivindicadora do direito de fazer suas próprias escolhas. Ao fazer sua apresentação em seu livro, observa que nem sempre foi “saidinha”¹⁰⁶: “De “patinho” feio da escola à Lola Benvenuti, o caminho foi longo e a travessia ainda continua, em meio a muitos redemoinhos e reverses” (BENVENUTTI, 2014, p. 171). Mesmo fazendo uma auto avaliação mais conservadora com respeito a sua iniciativa às questões do sexo, em contrapartida relata: “[...] meu tempo sempre foi precoce se comparado com o tempo das minhas amigas, que foram ter suas primeiras experiências lá pelos 15 ou 16 anos” (Id., p. 172).

Diz que quando adolescente iniciou suas aventuras na internet:

Ainda na adolescência, iniciei minhas aventuras de conquista nas salas de bate-papo na internet. Sempre que eu começava um papo com homens desconhecidos nos *chats*, o assunto predominante era sexo, claro. Alias, acho que esse era o assunto predominante da maioria das pessoas que procuravam esses caminhos de interação. [...]

No entanto, os encontros presenciais eram escolhidos a dedo. Só saía com pessoas que eu achava que valeria muito a pena conhecer. Então, depois de muito tempo conversando pela internet, marcávamos um encontro pessoal (BENVENUTTI, 2014, p. 173).

Filha de pai militar, tradicional e conservadora, do interior do Estado de São Paulo, teve problemas ao contar para a família que havia se tornado uma prostituta. Inicialmente contou para o irmão: “Disse que eu saía com pessoas que me proporcionavam algo em troca. Lembro-me perfeitamente de sua expressão de decepção. Ele ainda pediu que não contasse à minha mãe, mas eu disse que não tinha jeito. Era melhor contar antes que alguém o fizesse” (BENVENUTTI, 2014, p. 182).

Essa passagem sobre a insegurança e medo de contar a família é retratada pela autora, evidenciando ainda, sua mágoa com relação à atitude de sua mãe:

[...] o choro me tomou e comecei a soluçar. Conteí a história como pude e as lágrimas escorreram do seu rosto. Ela não estava surpresa, mas muito decepcionada, triste e dilacerada. Aquilo me doeu, mas eu sabia que era melhor assim. Depois de dizer tudo a ela, minha mãe me perguntou se eu contaria ao meu pai e eu disse que sim, mas que precisaria me preparar antes.

No entanto, antes que eu pudesse ter me preparado para contar, ela se adiantou e disse tudo ao meu pai. Eu me senti traída, pois entendia que

¹⁰⁶ Termo usado pela própria autora.

minha mãe não tinha o direito de antecipar uma notícia que só eu podia dar, só eu podia explicar.

Não tive coragem de ligar pra ele e o silêncio que se seguiu nesses meses, entre mim e meu pai, foi mortificante. Um tempo depois conversamos pessoalmente. Segurei a emoção o quanto pude e falei com convicção sobre o caminho que havia escolhido. Eu via a tristeza nos olhos do meu pai, inconformado por ouvir sua filhinha dizendo que gostava de transar com outras pessoas cobrando tributos e que achava isso uma coisa muito natural. [...]

Com muito pesar, ele me disse que nunca pactuaria com aquilo e que preferia que eu nunca tocasse no assunto com ele (BENVENUTTI, 2014, p. 182).

O que teria levado Lola Benvenuti à prostituição, já que o fator financeiro não foi o motivo? A sexualidade exuberante teria sido o motivo? Raquel Pacheco, Gabriela Leite e Gabriela Natália da Silva teriam algo em comum? O que leva uma pessoa a cobrar por serviços sexuais prestados se o fator financeiro não é o preponderante, mesmo tendo consciência do possível afastamento e rejeição familiar? Mesmo sabendo das possíveis consequências, estas três mulheres optaram pela prostituição; no caso de Benvenuti (2014, p. 185)

quando ocorreu essa explosão sobre Lola Benvenuti, minha família, após a minha exposição na mídia, afastou-se de mim. Meu pai porque dizia que eu havia mentido para ele e que eu sabia que tudo isso iria acontecer. E minha mãe porque não suportava o desgosto e a vergonha de ter todos os dedos da cidade apontados para si, no momento em que ainda tentava se recuperar do choque que teve quando contei a ela pela primeira vez.

Atualmente, segundo o que conta no livro, a autora mantém contato com os pais. Com relação ao ato de se prostituir afirma:

Para mim, tornar-se puta significa superar barreiras a mim impostas. Embora a vida de prostituta tenha seus dissabores, o universo da prostituição representava, em meu ideário, luxúria, *glamour*, poder e transgressão. Além disso, são muitas as formas de potencializar o prazer no âmbito sexual e eu gosto de conhecer coisas novas e estimulantes (BENVENUTTI, 2014, p. 177).

Seria, então, esta a resposta para a menina, ex-patinho feio, ter entrado no mundo da prostituição, visto que não teve uma infância e uma adolescente desprovida financeiramente, chegando inclusive ao nível superior de ensino em uma universidade

pública? A liberdade sexual que tanto preza e valoriza é pré-requisito para a prostituição? A seguir figura de Lola Benvenuti:



Figura 57: Gabriela Natália da Silva, pseudônimo: Lola Benvenuti
 Fonte: <http://jornalprimeiraimpressao.com/site/?p=7628>. Acesso em 29/03/2015.

Vanessa de Oliveira, em entrevista a Antônio Abujamra, como vimos anteriormente, diz existir mais de mil mulheres dentro de si; coincidentemente ou não, Lola Benvenuti diz algo semelhante:

Todos nós nos constituímos como sujeitos fragmentados. Cada situação, cada vivência, cada contexto exige que lancemos mão de diferentes “eus”: somos de um jeito no ambiente profissional, agimos de outra forma no ambiente familiar e mudamos novamente quando o assunto é relacionamento. Em se tratando de aspecto sexual, nem sempre somos honestos para assumir o que uma parte de nós realmente quer e deseja (BENVENUTTI, 2014, p. 177).

Ao afirmarem esta posição, Vanessa de Oliveira, assim como Gabriela Natália da Silva, estariam trazendo “Marise” e “Lola Benvenuti” para a vida real? Ou “Marise” e “Lola Benvenuti” estariam trazendo Vanessa de Oliveira e Gabriela Natália da Silva para a vida real? Ser prostituta é assumir vários papéis ou viver a vida como ela se apresenta é viver vários papéis? Em que aspecto, essas diferentes representações se diferenciam da vida real experimentada, reservadas as intenções, locais e interesses da vida de qualquer pessoa?

Atualmente, Lola Benvenuti¹⁰⁷ se dedica ao seu *blog*, palestras e é mestranda em Educação Sexual, na Unesp de Araraquara. Em seu *blog*, falou sobre o fato de ter deixado de ser prostituta, quando participou de um evento na Livraria Martins Fontes, em São Paulo:

[...] Lembro de muitos me questionarem pelo fato de que nas entrevistas eu dizia que, se pudesse, seria puta pra sempre, mas eu também sempre disse que a beleza da vida é poder mudar e experimentar coisas novas. Mais do que uma história de vida cheia de sexo e transgressão, minhas escolhas sempre prezaram pela liberdade, por poder ser quem queremos ser a despeito dos julgamentos alheios. Nesse sentido, decidi viver a prostituição e enfrentar tudo e todos porque aquela era eu e eu queria viver esse universo de peito aberto, nem sempre tão destemida, mas disposta a me superar e eu consegui. As pessoas pararam pra me ouvir, aquela caipira de mecha loira recém-saída do interior; muitos me odiaram, é verdade, mas eles me liam e assistiam as entrevistas. Talvez até tenham parado pra pensar no assunto e eu acho isso bárbaro. Fico muito feliz quando encontro alguém que diz que admira meu trabalho. O meu trabalho, meus queridos, foi viver e descobrir essa menina tão fragmentada que eu sou. Certo ou errado, cabe a cada um pensar por si, mas a verdade é que eu tentei, arrisquei-me e não foi fácil. Eu chorei muito no meio da travessia, perdi a família, perdi Diadorim, perdi uma porção de coisas pra ganhar o que eu considerava essencial: ser quem eu realmente era. Fui puta por três anos e vivi situações que foram muito além de sexo; eu entendi muito sobre a humanidade, sobre as fragilidades, sobre ser mulher, sobre ser homem, sobre ser gay, trans, mas a verdade é que eu comecei a sentir uma falta imensa de estudar e me faltava tempo para me dedicar à pesquisa.

Minha vida era uma loucura, entre atendimentos, entrevistas, *blog* e livro, uma correria só. Comecei a sentir que estava fazendo tudo pela metade e essa não era eu. Além disso, comecei a ver as dificuldades pelas quais tantas meninas passavam, com tanto preconceito e julgamentos e percebi que apenas trabalhando como puta eu não poderia fazer muita coisa além de dar algumas entrevistas, o que é ótimo, mas não é tudo. Agora que eu tinha know how, eu poderia estudar, reunir provas e publicar livros e teses que possam ter peso nessas discussões e quem sabe, melhorar a vida de tantos que trabalham com prostituição.

Novamente, tive que fazer uma escolha e eu decidi priorizar o lado intelectual. Se eu disser que foi fácil, estarei mentindo. Cada escolha exige sacrifícios e essa não foi diferente. Meu estilo de vida mudou radicalmente para foco e disciplina nos estudos e nos cursos que ministro.

Algum tempo depois, conheci o Gerald e não tenho a menor vergonha em dizer que nos apaixonamos assim de cara; logo a dona Lola Benvenuti, que nunca tinha acreditado muito nessas histórias de amor. Ao contrário do que eu imaginava, tempos depois, quando

¹⁰⁷ A citação acima é longa para os padrões de uma pesquisa acadêmica, mas como foi dito anteriormente, este capítulo foi destinado a dar vozes às prostitutas, portanto, se justifica.

finalmente reuni coragem para contar minha história, ele se mostrou tão orgulhoso de mim, da minha coragem e determinação, sem nunca me julgar, que eu soube que ele era o cara.

Se eu encaretei e virei princesa da Disney? É claro que não! Continuo transando bastante, com ele, minha vida está longe de ser boring, e eu trabalho muito, muito, todos os dias: escrevendo, criando cursos e palestras e agora, finalmente, tendo tempo para alavancar o blog e youtube, que era algo que eu queria muito fazer e nunca me sobrava tempo. Finalmente agora, posso responder às dúvidas e e-mails de vocês e manter contato mais frequentemente.

Os meus desafios agora são outros, mas eu prometo que vocês gostarão muito de fazer parte dessa nova jornada (Disponível em: <http://www.lolabenvenuttioficial.com.br/post/191/Put+a+aposentada%3F+%C3%93+meu+deus%21>). Acesso em 29/03/2015).

Gabriela Natália da Silva, assim como as outras autoras, também estuda propostas para transformar o seu livro em filme. Ela, assim como as outras ex-prostitutas, revela como a prostituição a fez crescer e ver o mundo por outro prisma. Quando diz que se arriscou, que chorou e que perdeu muitas coisas para ser quem realmente é, assim como todas as prostitutas e ex-prostitutas descritas nesta pesquisa, ela mostra o peso da escolha por esta profissão, independentemente dos distintos motivos que as levaram à prostituição, as consequências são pesadas. Até que ponto o dinheiro, a sexualidade exuberante ou ambos os motivos compensam o fardo de se tornar uma prostituta? Ser prostituta é um fardo? Quantas prostitutas obtiveram e obtêm proveito desta situação? Quantas prostitutas acabam morrendo por DST, vícios com drogas ou pela violência de pessoas intolerantes e preconceituosas? Quais consequências de ordem psíquica e moral acarretam a prostituição na vida das mulheres que optam por este caminho?

Mesmo não se tratando de um livro sobre prostituição, faz-se pertinente discutir a obra intitulada “*Cem escovadas antes de ir para a cama*”¹⁰⁸, da autora italiana Melissa Panarello. Embora não tenha sido escrito por uma prostituta, será abordado pelo fato de, na época do lançamento, a autora ter sido considerada como tal. Até hoje, ao fazermos buscas na internet, deparamo-nos com a palavra prostituição relacionada à autora, como por exemplo, no *blog*: Disponível em: <http://laviestallieurs.blogspot.com.br/2013/11/resenha-100-escovadas-antes-de-ir-para.html>. Acesso em 01/04/2015, quando diz: “O livro é fácil de ser lido e tudo mais, só que não consegui captar o que a Melissa (que por sinal é a autora) estava pensando

¹⁰⁸ Antes de dormir, Melissa escova cem vezes os longos cabelos, num ritual de purificação quase infantil, que segundo sua mãe é o ritual das princesas.

no momento que decidiu se tornar uma prostituta”. O livro, na verdade, relata as aventuras de uma adolescente descobrindo sua sexualidade, porém devido ao fato de ela ter exposto publicamente suas experiências sexuais diante de uma sociedade mundialmente preconceituosa, foi confundida como prostituta, nos mais diferentes países por onde o livro foi lançado.

A obra, relatada em forma de diário, mostra sem pudores as precoces experiências sexuais de uma adolescente filha de pais um tanto ausentes. Panarello (2004, p, 106), com relação à indiferença que observava em seus pais, faz o seguinte relato:

Quando saí de casa, meu pai estava sentado no sofá olhando a telinha com expressão distante. Com ar apático, perguntou aonde eu ia, mas achei desnecessário responder, já que não importa o que eu dissesse, a expressão de seu rosto não mudaria, ele continuaria ali passivamente. Se eu tivesse dito: “Vou à casa que um homem casado com quem estou trepando acabou de comprar”, teria provocado o mesmo efeito da minha resposta:
- Vou estudar na casa da Alessandra.

O fato de ter pais ausentes teria levado a adolescente Melissa Panarello a se entregar a tantos rapazes e homens em sua vida? O que leva as pessoas a confundirem uma suposta sexualidade exuberante ou a descoberta sexual de uma adolescente com prostituição? Uma das passagens mais intrigantes de seu livro, e talvez tenha sido o ponto crucial para tanta repercussão, é o relato que ela faz sobre quando, ao sair com um rapaz que a leva para uma casa, é vendada e descobre que está sendo possuída por cinco homens:

- Que bunda gostosa você tem... – dizia uma voz desconhecida. Macia, branquinha, dura. Posso dar uma mordida?
[...]
- Faz e pronto, não pergunta. Só quero saber uma coisa: quantos vocês são?
- Fique tranquila, amor – disse uma voz nas minhas costas. E senti uma língua lambendo as vértebras da minha espinha. Agora a imagem que eu tinha de mim era sedutora: vendada, seminua, cinco homens que me lambem, me acariciam, me mordem e excitam todo o meu corpo. Eu estava no centro das atenções e eles faziam comigo tudo o que era permitido na câmara dos desejos. Não se ouvia uma voz, só suspiros e carícias.
[...] Durante aqueles momentos, tive a sensação e a ilusão de que o prazer era só carnal, que era beleza, alegria, liberdade. E estando nua no meio deles senti que pertencia a um outro mundo, desconhecido. Mas quando saí por aquela porta, senti o coração despedaçado e uma vergonha indescritível (PANARELLO, 2004, p. 56).

O que leva as pessoas a rotularem uma adolescente que está descobrindo a sua sexualidade como prostituta? Porque mulheres que querem descobrir o mundo da sexualidade são discriminadas e relacionadas à prostituição e/ou a termos pejorativos, como vagabunda, por exemplo? Novamente a pergunta se repete: a sexualidade exuberante de que Rago (1991) fala é pré-requisito para a prostituição? No caso de Melissa Panarello pode-se perceber que não, pois ela não transformou sua curiosidade sexual em prostituição.

A seguir imagem de Melissa Panarello:



Figura 58: Melissa Panarello em entrevista para a RDS, na Itália.

Fonte: <http://www.rds.it/melissa-panarello-presenta-in-italia-si-chiama-amore/>. Acesso em 26/03/2015.

Seu livro vendeu mais de meio milhão de cópias somente na Itália e foi adaptado para o cinema, assim como o livro de Bruna Surfistinha, porém, de acordo com o *site* G1, o filme gerou tanta polêmica quanto o livro, se não mais:

Além de levar à tela cenas para lá de picantes, que foram consideradas pelo jornal local "*Corriere della Sera*" "um péssimo exemplo para os jovens", o filme provocou a ira da autora do romance original.

Melissa, que hoje tem 20 anos, declarou que o longa é superficial e cheio de clichês. "Tento esquecer que eu sou autora do livro que o inspirou", escreveu em carta aberta publicada em diversos jornais italianos. "O filme é cheio de preconceitos, que inevitavelmente se degeneraram em psicologia barata", diz. Rapidamente, o *blog* de Melissa <http://www.melissap.org> foi inundado de mensagens de fãs do romance atacando a adaptação para a telona e apoiando a posição da escritora (Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Cinema/>>. Acesso em 01/04/2015).

Diante de tamanha polêmica em torno do filme, este atingiu o topo do *ranking* de bilheteria italiana com mais de 7,5 milhões de espectadores. Segundo o mesmo *site*, no festival de filmes, no Rio de Janeiro, em 2006, houve mais de um milhão e quatrocentos mil espectadores. Provando que a fórmula “vida real X sexo” é uns dos feitos mais rentáveis em uma sociedade sedenta pela vida alheia.

Um fato curioso que pode ser tratado como de estratégia de *marketing* (por algumas pessoas) ou um alerta para o preconceito contra as prostitutas se deu no mês de abril de 2015, quando a prostituta australiana Tilly Lawless se rebelou em rede social contra a Revista *Mamamia*. De acordo com o *site*, disponível em: <<http://www.bbc.com/>>, acessado no dia 16/06/2015, as prostitutas da Austrália estão lançando uma campanha para desmistificar o preconceito para com elas: “Jovens garotas de programa na Austrália estão perdendo a inibição e declarando abertamente sua profissão nas redes sociais, na tentativa de desmistificar noções preconcebidas sobre elas”.

Esta ação partiu da estudante de história e prostituta Tilly Lawless, de 21 anos, em resposta a uma revista feminina popular *online* chamada *Mamamia*. No dia 02/04/2015, esta mesma revista publicou uma matéria para destacar o 25º aniversário do filme “*Uma linda mulher*”, que foi estrelado por Julia Roberts e Richard Gere e que teve como trama o envolvimento de uma prostituta com um bem sucedido empresário, terminando com a protagonista abandonando a prostituição para namorar o empresário. O destaque da matéria, na verdade, foi o comentário que diz que: “a realidade de profissionais do sexo é muito mais dura do que a apresentada no cinema” (Disponível em: <<http://www.bbc.com>>. Acesso em 16/06/2015).

A partir deste comentário da *Revista Mamamia* foi postado em seu *Instagram*¹⁰⁹, segundo o *site* da BBC¹¹⁰ o comentário: "Estudante universitária. Aspirante a advogada. Ativista. Filha, irmã, profissional do sexo. Não preciso ser resgatada". Esta foi a maneira pela qual Lawless optou para mostrar que este *métier* não retrata apenas experiências ruins:

¹⁰⁹ O *Instagram* é uma maneira simples de capturar e compartilhar momentos do mundo. Fonte: <https://play.google.com>. Acesso em 16/06/2015.

¹¹⁰ A *British Broadcasting Corporation* é uma emissora pública de rádio e televisão do Reino Unido fundada em 1922. Fonte: www.bbc.com. Acesso em 16/06/2015.

[...] criticou a forma como o texto "generalizava os profissionais do sexo" e "retratava toda a prostituição como danosa". Ela trabalha como garota de programa há dois anos, mas apenas começou a se identificar publicamente como tal dois meses atrás em Sydney, onde a prostituição é legalizada.

Ela decidiu postar uma foto de si própria em sua conta no Instagram para mostrar uma outra face da prostituição - a de uma jovem que diz ter feito uma escolha informada para se tornar uma profissional do sexo - como um protesto contra o blog (Disponível em: <<http://www.bbc.com>>. Acesso em 16/06/2015).

Sua foto no *Instagram* causou tanto furor que ela foi procurada pela Associação Australiana de Profissionais do Sexo perguntando se ela poderia postar *hashtag*¹¹¹ também no *Twitter*¹¹². Esse fato desencadeou o movimento que foi notícia em todo mundo: centenas de jovens (em sua maioria mulheres e australianas) prostitutas postaram imagens mostrando seus rostos ao mundo.

A seguir Lawless em seu *Instagram*:



Figura 59: Tilly Lawless em seu *Instagram*.
Fonte: www.bbc.com. Acesso em 16/06/2015.

A partir desta atitude, prostitutas australianas estão fazendo o mesmo, usando a *hashtag* #*facesofprostitution* para postarem suas fotos e se unirem como uma classe que não vê a prostituição como algo constrangedor e preconceituoso como grande parte da

¹¹¹ As *hashtags* são utilizadas para categorizar os conteúdos publicados nas redes sociais, ou seja, cria uma interação dinâmica do conteúdo com os outros integrantes da rede social, que estão ou são interessados no respectivo assunto publicado. Fonte: <http://www.significados.com.br/>. Acesso em 16/06/2015.

¹¹² *Twitter* é uma rede social e um servidor para *microblogging*, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, por meio do *website* do serviço, por SMS e por *softwares* específicos de gerenciamento. Fonte: <https://twitter.com>. Acesso em 16/06/2015.

sociedade. Lawless comentou à BBC: "Fiquei positivamente surpresa", porque profissionais do sexo "raramente são humanizados como indivíduos; com frequência falam de nossos corpos, mas colocar nossos rostos nas redes sociais é algo tão poderoso" (Disponível em: <<http://www.bbc.com>>. Acesso em 16/06/2015).

A prostituição, por ser um assunto polêmico, gera muitas discussões e as pessoas envolvidas, que têm um suporte por meio de agenciadores que as promovam e um trabalho de *marketing* eficiente, conseguem se projetar na mídia e por conta disso podem usufruir da fama e dinheiro que tanto almejam. Atualmente, as redes sociais estão ocupando a função de agenciadores, de cafetões e até mesmo da prostituição de rua. Até que ponto Tilly Lawless teve a intenção de fazer este alerta contra o preconceito? Não teria ela pensado nisto como uma estratégia de marketing, já que na cidade de Sydney a prostituição é legalizada?

Independente de qual seja a intenção de Lawless e das outras prostitutas que foram analisadas nesta sessão, tem-se que levar em consideração que estas mulheres têm um fator diferencial das outras, não apenas na questão sexual, mas também na maneira que elas concebem o mundo e todos os tipos de relações advindas desta concepção. São mulheres que se abstiveram de um padrão normal de vida (que fugiram da história traçada na maternidade: namoro, casamento, casa, filhos, animais, viagens entre tantos outros requisitos) para se dedicarem a um mundo cercado de preconceito. Assim sendo, as prostitutas merecem um lugar na sociedade, assim como qualquer pessoa que se dedique a outra profissão.

8.1. O lado nada glamouroso da prostituição de rua

*“Sexto mandamento da Puta:
Não sairás da zona para morar com o cliente, sob
pena de na primeira briga ele jogar na sua cara:
“Fui eu que te tirei da vida!” E tu voltarás para a
zona com o rabinho entre as pernas”.*
(Gabriela Leite, 2009, p. 84)

Falamos, até então, de mulheres que se prostituíram, mas que, independentemente das experiências que tiveram e do rumo de suas vidas, obtiveram de certa forma êxito dentro dos padrões que almejavam.

E as inúmeras prostitutas de rua? E as que se vendem por uma pedra de *crack*? E as que são vítimas de maus tratos de cafetões gananciosos que não as veem como cidadãs, mas sim como um meio de obtenção de dinheiro? E as que são abandonadas pela família? E as que são estupradas e mortas? Porque essas prostitutas não são ouvidas? Porque as prostitutas que mais sofrem não têm espaço na mídia? Porque não se têm campanhas de peso na mídia em favor dos direitos das prostitutas? Porque o governo demora tanto para aprovar leis que beneficiem as prostitutas? Até quando as prostitutas serão motivo de desprezo pela sociedade? Até quando as prostitutas serão apontadas na rua com dedos julgadores de pessoas que apenas as enxergam como a escória da sociedade? Quando e quem terá as respostas para tantos questionamentos a respeito dessas mulheres que se submetem a situações de humilhação, de desprezo, de violência, de pobreza, entre tantos outros fatores, para satisfazer uma parte da população que as usa e as descarta quando mais lhe convém? Respostas se fazem cada vez mais urgentes.

Pudemos observar através das análises dos livros e relatos das prostitutas, tanto em seus livros quanto em seus *sites* e *blogs*, que os motivos que as levam a optar pela prostituição corroboram as ideias apresentadas por Rago (1991) e que o lado glamouroso faz parte apenas de uma parcela das prostitutas. A grande maioria delas se vê à mercê de cafetões, explorações e violências. Independentemente de qual seja o motivo, todas estas mulheres têm histórias marcadas por momentos de tristeza, humilhação, preconceito e discriminação.

Nem mesmo as prostitutas que lançam livros e filmes com suas histórias estão imunes a estes momentos. O *glamour* não é condição *sine quo non* para a prostituição,

por mais que a mídia queira passar esta imagem para vender livros e arrecadar bilheterias recordes nos cinemas.

No subitem anterior, como já mencionado, podemos observar histórias de algumas prostitutas pertencentes a uma classe social não tão desfavorecida que optaram pela prostituição por opção e outras por motivos financeiros que de maneira alguma beiravam a pobreza. O fato parece se relacionar mais fortemente à possibilidade de ascensão financeira que poderia ser resolvida por outras vias que não fossem a prostituição, no entanto, não nos cabem aqui julgamentos e nem análises simplistas. Desta forma, neste momento, iremos observar alguns casos de prostituição em que algumas mulheres foram e são submetidas à situação de exploração e maus tratos devido à sua condição financeira e social inferior.

De acordo com o *site*, disponível em: <<http://www.reporterunesp.jor.br/>>¹¹³. Acesso 18/06/2015, na matéria intitulada “*Como você sofreu violência se o cliente estava pagando?*”, postada no dia 20/05/2014, pode ser observado o comentário de uma prostituta, ao relatar o que outra havia passado:

Ela estava parada, estática, sem reação. A dor era insuportável. Ela não tinha mais sexo, estava mutilada. Depois, vieram as folhas de cana que desfiguraram seu rosto, enquanto corria tentando escapar. Talvez a culpa tivesse sido dela. Por ser mulher. Por ser prostituta.

Este relato foi feito pela prostituta Ana Paula, conhecida como Paulinha, da cidade de Ribeirão Preto, interior do Estado de São Paulo, alertando sobre a violência vivida por prostitutas de rua, que não tem outro recurso para a prestação dos seus serviços que não seja a rua, onde acabam entrando em qualquer carro com clientes totalmente desconhecidos, sujeitas a todo tipo de violência que elas mesmas não imaginam.

Ainda segundo o site vinculado à Unesp, muitas prostitutas alteraram o seu horário de trabalho, passando a trabalharem no período diurno, em uma tentativa de driblarem a violência contra elas: “Foram muitos estupros, assaltos, espancamentos. Então desenvolvemos um método para tentar reduzir essa violência. De fato,

¹¹³ O Repórter Unesp é um portal jornalístico multimídia desenvolvido junto ao Laboratório de Estudo em Comunicação, Tecnologia e Educação Cidadã (Lecotec) da Faac da Unesp de Bauru. Fonte: <http://www.reporterunesp.jor.br/>. Acesso 18/06/2015.

conseguimos minimizar um pouco, porque até então todo mundo era puta e não tinha direito a nada” (PAULINHA (2014), Disponível em: <<http://www.reporterunesp.jor.br/>>. Acesso em 18/06/2015).

Com relação às prostitutas que fazem pontos nas ruas, de acordo com a matéria intitulada “*Jovens bem vestidos espancam prostituta em Copacabana*”, do site Folha Uol (Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/>>. Acesso em 18/06/2015), no dia 07/07/2007, jovens espancaram prostituta de rua. Uma prostituta de 27 anos procurou a polícia dizendo fazer ponto perto ao Palace Hotel e que foi abordada por três rapazes, mas, ao se recusar a fazer o programa, foi espancada por eles. Esse caso desencadeou uma onda de medo por parte das prostitutas que fazem programa nas ruas da cidade de Rio de Janeiro. Segundo o site do Portal Terra (Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/>>. Acesso em 18/06/2015), com matéria intitulada “*Rio: prostitutas temem nova agressão*”, as prostitutas que atuam nos bairros de Copacabana e Barra da Tijuca temem ataques de jovens de classe média e para isso criaram uma rede de proteção: “Trabalhar nas ruas é difícil. A gente nunca sabe quem está dentro do carro. Sempre que as amigas entram num veículo, anotamos a placa. Essa é uma forma de ajudar a polícia em caso de problema” (SUZANA, 25 anos. Disponível em <<http://noticias.terra.com.br/>>. Acesso em 18/06/2015).

Ainda no site do Portal Terra, a mesma matéria traz:

Perla, 22 anos, disse que foi atacada por um jovem que não tinha dinheiro no ano passado. Ela afirmou que, após sofrer a agressão dentro de um motel perto do Morro do Vidigal, foi recebida com ironia pelos policiais quando chegou à delegacia.

“Os caras viraram pra mim e falaram que se eu fosse garota de família não estaria enfrentando aquela situação”, disse.

Uma colega de trabalho de Perla, Cristiane, 28 anos, trabalha na Barra da Tijuca e afirmou que poderia ter sido sequestrada por um grupo preconceituoso, mas escapou. Ela percebeu que os jovens agiam de forma agressiva, quando estacionaram para conversar na Avenida Sernambetiba. “Eu fiquei com medo e não entrei no carro”

As prostitutas que não têm condições financeiras para trabalharem em boates, em hotéis e ou até mesmo em suas próprias residências estão sujeitas à violência com maior frequência. A grande maioria delas não tem a quem recorrer, visto que na maior parte dos casos a polícia não age a seu favor e, em muitos casos, aproveita-se da condição superior, abusando dessas mulheres.

A seguir, uma foto de prostitutas cariocas à espera de clientes na Avenida Atlântica, em Copacabana:



Figura 60: Prostitutas que atuam na Avenida Atlântica, em Copacabana.

Fonte: <http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0..OI1726957-EI8139.00-Rio+prostitutas+temem+novas+agressoes.html>. Acesso em 18/06/2015. Créditos da foto: Ernani Alves.

É de conhecimento de boa parte da população que muitos policiais não agem de acordo com os parâmetros da justiça com as prostitutas. De acordo com o *site* Mundo Invisível (Disponível em: <<http://www.mundoinvisivel.org/>>. Acesso em 18/06/2015), matéria intitulada “ *Prostitutas são despejadas e estupradas pela polícia civil em Niterói – RJ*”, em uma operação ilegal, no dia 23/05/2014, policiais da 76^aDP e da DEAM de Niterói agiram da seguinte maneira:

[...] invadiram os 4 andares onde funcionavam salas de prostituição auto-organizadas, que também eram residência de diversas mulheres no prédio em cima da Caixa Econômica, no centro de Niterói.

A operação é parte do projeto de reurbanização (higienização) do centro. Sem mandado judicial, os policiais invadiram diversos apartamentos, levaram mais de 100 mulheres para delegacia e apreenderam bens. Mulheres foram agredidas e estupradas – policiais forçaram a fazerem sexo oral e colocaram as mãos nas genitais de mulheres. Ao final do dia, elas denunciaram o roubo de bebidas (cerveja, whisky, vodka e redbull) e dinheiro).

[...] Um dos policiais que agrediu uma das mulheres gritava a quem quisesse ouvir: “Bati mesmo! Ela tava xingando palavrão” – como se isso fosse motivo para agredir uma mulher e como se aquelas mais de 100 mulheres tivessem que ficar quietas ao serem enfiadas juntas em um micro-ônibus de 20 lugares com mais de 50 mulheres. Esse

mesmo policial disse “A juíza do inquérito não mandou levar ninguém pra DP, mas a gente trouxe, né?!” Reconhecendo que não tinha sequer autorização judicial para a ação. (Disponível em: <<http://www.mundoinvisible.org/prostitutas-sao-despejadas-e-estupradas-pela-policia-civil-em-niteroi-rj/>>. Acesso em 18/06/2015).

Nesse caso, ficou comprovado o abuso de autoridade por parte de policias descomprometidos com a justiça, mesmo assim, não haverá nenhuma punição para eles, visto que as prostitutas não têm voz na sociedade e os policiais tiram proveito desta situação. No entanto, quantos casos de violência de policiais contra as prostitutas não são comprovados? Quantos policiais abusando de sua autoridade estupram, agredem e roubam as prostitutas, pois sabem que elas não têm significância perante as autoridades?

Este problema também é compartilhado em Portugal. De acordo com o *site* português TVI24 (Disponível em <<http://www.tvi24.iol.pt/>>. Acesso em 18/06/2015), com matéria intitulada “*Prostitutas de ruas são as mais agredidas*”, esta situação é recorrente: “Em Portugal, tal como noutros países, a vitimação sobre os trabalhadores do sexo atinge níveis bastante elevados, mas os mais afetados são os que se prostituem na rua, com 80 a 90% a afirmarem já terem sido agredidos”.

Ainda de acordo com o mesmo *site*:

Alexandra Oliveira, investigadora da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, defende que devia haver formação para os profissionais que trabalham com prostitutas e transexuais, nomeadamente na área das forças de segurança, saúde, justiça e segurança social.

“Os profissionais que têm uma visão quase desumanizada destas pessoas deviam receber formação que os ajudasse a tratar melhor estas pessoas”, sustenta a investigadora.

[...] “Consideramos que, apesar de remetidos para as margens da sociedade e socialmente invisibilizados, [os trabalhadores do sexo] merecem o mesmo respeito, os mesmos direitos e a mesma igualdade que qualquer outra pessoa” (Disponível em <<http://www.tvi24.iol.pt/>>. Acesso em 18/06/2015).

O mesmo *site* diz que o Dia Internacional Contra a Violência sobre os Trabalhadores do Sexo (como é chamado em Portugal) data de oito anos e é comemorado em 17 de dezembro devido ao episódio ocorrido nos Estados Unidos, nesta mesma data, com Gary Leon Ridgway:

Gary Leon Ridgway foi considerado culpado do homicídio de 48 mulheres nos Estados Unidos, a maioria trabalhadora do sexo. Condenado a prisão perpétua, Ridgway declarou que escolheu deliberadamente as trabalhadoras do sexo como vítimas porque “provavelmente, ninguém iria fazer queixa à polícia. Escolhi prostitutas porque pensava que podia matar quantas quisesse sem ser apanhado” (Disponível em <<http://www.tvi24.iol.pt/>>. Acesso em 18/06/2015).

Se os próprios agentes da justiça não agem com respeito com as prostitutas, o que esperar de uma sociedade preconceituosa que as usa quando lhe convém e depois as descartam como meros objetos?

Outros casos de exploração de prostitutas podem ser observados na cidade de São Carlos, interior do Estado de São Paulo. De acordo com o *site* São Carlos Dia e Noite (Disponível em: <<http://www.saocarlosdiaenoite.com.br/>>. Acesso em 19/06/2015 e matéria intitulada “*GV tem dona: Prostituta apanha por não aceitar pagar taxa para explorar ponto*”, do dia 04/02/2015, uma prostituta de 26 anos foi agredida e teve sua bolsa roubada por outras prostitutas por disputa de ponto na Avenida Getúlio Vargas, que é uma avenida tradicional pelos pontos de prostitutas na cidade:

O fato ocorreu na noite desta terça-feira. A mulher declarou que estava em um ponto da avenida, quando foi abordada pelas ocupantes de uma Ecosport com placas de São Paulo. Uma das mulheres, identificada como Jaqueline, disse à prostituta que ela deveria pagar R\$ 80,00 por dia se quisesse fazer ponto naquela avenida. A prostituta negou a pagar tal taxa, foi quando passou a ser agredida com socos e pontapés, depois teve sua bolsa com celular, documentos e R\$ 200,00 em dinheiro roubado. O caso foi registrado no Plantão Policial (Disponível em <<http://www.tvi24.iol.pt/>>. Acesso em 18/06/2015).

Mais um caso registrado no Plantão Policial e que com certeza, não teve solução. Casos de exploração por ponto de prostituição são comuns entre as prostitutas. Quando não são elas mesmas que brigam por ele, são os cafetões que exploram estes locais e tentam extorquir o máximo que podem das prostitutas.

Estes poucos casos analisados aqui são uma amostra mínima e reduzida sobre os inúmeros casos de violência e exploração para com as prostitutas. Muitas delas adentram ao mundo da prostituição por casos de extrema pobreza, mas não podemos deixar de considerar o número considerável delas que opta pela prostituição por se inspirarem em filmes, novelas e pela própria mídia. Porém, a grande maioria não obtém

o retorno financeiro e a ascensão que vislumbra, daí o fato de muitas prostitutas se encaminharem para o mundo das drogas e do crime.

Muitas idealizam um mundo diferente e de glamour que a mídia constrói em cima da prostituição. No entanto, o choque com a realidade é cruel para com essas mulheres que se prostituem. A violência e a exploração acabam sendo sua companhia diária, visto que muitas são vítimas de preconceito. Até que ponto vender o corpo por dinheiro é uma solução viável para a grande maioria das mulheres que se encontram em situações desesperadoras?

9. Considerações Finais

“No ano de meus noventa anos quis me dar de presente uma noite de amor louco com uma adolescente virgem. Lembrei de Rosa Cabarcas, a dona de uma casa clandestina que costumava avisar aos seus bons clientes quando tinha novidade disponível...”

(Gabriel Garcia Marques, 2005, p. 7).

Com a finalidade de contemplar os objetivos desta pesquisa, foram feitas análises bibliográficas referentes ao papel da mulher e da prostituta ao longo da história. Com relação ao papel da mulher na sociedade foi feita uma análise histórica que englobou desde a Pré-História até o século XXI. Podemos observar os vários momentos de submissão, repressão e lutas pelos direitos de igualdade das mulheres. Esta história é marcada por momentos de extrema importância para a atual situação das mulheres, assim como as mulheres prostituídas na sociedade; vale ressaltar que em algumas sociedades a luta pela igualdade entre homens e mulheres ainda mal se iniciou.

Uma questão divergente entre os autores que trabalham com o tema prostituição na Pré-história e na Grécia Antiga diz respeito à prostituta sagrada e a hetaira, já que muitos as analisam e acabam qualificando-as como prostitutas devido ao olhar contemporâneo destes autores. Na verdade, estas pertenciam a uma classe diferenciada na sociedade com privilégios distintos tanto das mulheres comuns quanto das prostitutas. Colocá-las no mesmo patamar das prostitutas comuns é desconsiderar as características de cada época e descaracterizar sua origem. Portanto, o olhar fidedigno e contextualizado da época em que ocorre é condição primária ao se estudar qualquer fenômeno.

Pode ser constatado também que os mais distintos autores possuem diferentes formas para caracterizar o ato de se prostituir, utilizando termos como: prostituta, puta, meretriz, garota de programa, funcionárias do sexo, profissionais do sexo. Parece claro enfim, que todos eles, de uma maneira ou de outra, tentam com isso amenizar o peso que recai sobre a palavra. Embora seja uma tentativa válida, deve-se ter o cuidado em não tornar ainda mais invisível o problema de ordem financeira, social e de falta de políticas públicas que acometem as prostitutas. Menos ou mais agressivos, mudar a

denominação de um problema não ameniza o peso que as mulheres prostituídas sofrem constantemente no seu dia a dia.

Quando se tem por escopo falar das mulheres que se prostituem como uma condição de exclusão social, de fenômeno, de piedade, a sociedade, de um modo geral, opta por palavras mais brandas (uma maneira, muitas vezes inconsciente, de se autopenalizar diante da inércia que se tem sobre o papel das prostitutas na sociedade). Já quando se quer ofender uma mulher, sendo ela prostituta ou não, opta-se por termos como: puta, mulher da vida, vagabunda, sem vergonha, entre outros (e neste caso a sociedade não se autopenaliza, mas sim a ofende da maneira mais vil).

Fazendo uma analogia à música de Chico Buarque de Holanda, quando a prostituta exerce um papel de interesse à sociedade se tem: “*Vai com ele, vai Geni... Você pode nos salvar... Você vai nos redimir... Você dá para qualquer um: Bendita Geni*”, no entanto, quando a prostituta é uma vergonha, um problema, uma ofensa à sociedade, se tem: “*Joga pedra na Geni... Joga bosta na Geni... Ela é feita para apanhar... Ela é boa de cuspir... Ela dá para qualquer um... Maldita Geni*”. Guardadas as reais leituras e intenções de Chico Buarque, na época da Ditadura Militar (onde se tinha que falar por meio de metáforas), a letra desta música mostra de uma maneira clara e, até de certa forma ingênua, ao ser cantarolada por pessoas desinformadas, o real papel das prostitutas. Isso se mostrou muito claro, em vários momentos da história, como em meados do século XX, quando as prostitutas tinham um papel importante ao iniciarem os moços na arte da sedução, poupando as virgens casadouras: usa quando precisa! Não precisando mais, descarta, criminaliza, joga pedra!

Pode-se perceber ao longo destes estudos que a prostituta exerceu e exerce diferentes papéis nas diversas sociedades, desde o *status* até a posição discriminatória que foi adquirindo ao longo dos tempos. De posição privilegiada ao mal necessário, uma parcela grande delas luta para ter sua atividade legalizada como profissão e com todos os direitos garantidos por Lei. Estas reivindicações as livrarão de maiores discriminações, de serem exploradas sexualmente e até mesmo de serem violentadas física e moralmente por seus cafetões quando não conseguem lhes pagar o valor exigido.

As prostitutas que não têm autonomia para trabalharem por conta própria dependem de cafetões e/ou de ex-prostitutas que se tornam cafetinas em boates ou em estabelecimentos que praticam a venda do sexo, explorando-as da maneira que melhor lhes convier. Já as prostitutas que conseguem trabalhar sozinhas, que mantêm seus

contatos pessoalmente com seus clientes, têm uma autonomia maior na escolha do cliente; apesar de dependerem financeiramente do cliente, podem escolher.

No entanto, não é de uma hora para a outra que se consegue esta liberdade de escolha no mundo da prostituição. No caso de uma pequena minoria que concretamente alcançou sucesso e tem suas vidas retratadas por diferentes formas de divulgação, também se observa momentos de apreensão, perigo e angústia, vinculados por algum tipo de dependência relacionada a um cafetão, cafetina, boate ou até mesmo de motel, afinal, são poucas as prostitutas que iniciam esta profissão sem depender de alguém, e que alcançam a liberdade e sucesso sonhado.

Deste rol de prostitutas “livres”, merece ser destacado o caso daquelas que não podem atender em suas próprias residências, têm que ter contato com algum hotel de médio a alto padrão, que fornece seu *book* ou contato telefônico ao cliente, e a partir daí, estabelece-se uma relação entre ambas as partes interessadas e, após a negociação, a pessoa que forneceu o contato recebe a porcentagem combinada com a prostituta. Desta forma, não é caracterizada exploração sexual, na concepção das prostitutas, porque houve um acordo “amigável”.

Uma prática que está se tornando cada vez mais comum entre garotas é adentrar ao mundo das agências de modelos. Muitas destas, com o disfarce de agenciadoras de meninas para desfiles e campanhas publicitárias, lançam mão do *book* rosa, onde modelos que prestam serviços sexuais são agenciadas por um novo modelo de cafetão e que também não pode ser caracterizado como exploração sexual, devido a toda estrutura montada em forma de agência de modelo.

Além das agências de modelo, que estão se tornando cada vez mais comuns, a opção pela prostituição independente está ocupando cada espaço considerável na mídia. Esta nova concepção de prostituição está exigindo das prostitutas conhecimentos específicos, como por exemplo, habilidades nas redes sociais, na mídia, em gerenciamento financeiro, em uma maior percepção para analisar as reais intenções dos clientes, visto que elas não têm o respaldo dos cafetões e das boates, tornando-se difícil saber se o cliente irá pagá-las, roubá-las ou violentá-las. Isto não significa que estas situações sejam exclusivas das prostitutas que não são exploradas financeiramente. A violência física, e, principalmente, moral e simbólica, são condições *sine qua non* das prostitutas.

Independente de qual seja a relação que a prostituta tenha com o seu agenciador ou colaborador, há um tipo de exploração sexual sempre presente e isto traz

consequências penosas para ela. A partir do momento em que as prostitutas tiverem seus direitos garantidos por Lei, o que não é vantajoso para uma parcela considerável de exploradores (como a máfia da prostituição, da exploração sexual e do tráfico de mulheres para tais fins), por envolver pessoas influentes na sociedade e cifras monetárias além do considerável, estas terão o domínio e controle da sua profissão.

No dia que em que a prostituição for legalizada e que a exploração sexual infanto-juvenil tiver seus exploradores efetivamente punidos e julgados por pessoas desvinculadas a conchavos sórdidos, estas crianças, jovens e mulheres terão suas amarras libertas e a partir daí poderão decidir, por si só, trilhar o caminho que almejam para suas vidas.

Para finalizar, uma questão que não podemos deixar de mencionar é a falta de conscientização de algumas mulheres, principalmente as mais jovens, que ingressam no mundo da prostituição vislumbrando o sucesso, principalmente o financeiro. Há uma discrepância grande com relação às mulheres que acabam atingindo o seu objetivo com as que não conseguem. Existe um número muito grande de prostitutas que se tornam vítimas de problemas secundários advindos da prostituição, como maior predisposição ao uso e tráfico de drogas, doenças sexualmente transmissíveis, estupros, homicídios, suicídios, depressões, entre outros.

Muitas destas mulheres acabam perdendo a infância, a adolescência e toda uma vida iludidas pela mídia, que quase sempre retrata apenas os casos de sucesso, traduzindo estas histórias por meio de livros e filmes, mas que, na verdade, tratam-se de casos isolados dentro de um universo de milhares de mulheres escravizadas em todo mundo.

A educação se faz necessária na vida destas crianças e jovens para que elas tenham maior conhecimento sobre o assunto, fazendo com que a procura pela prostituição não esteja atrelada à solução mais rápida e fácil para os problemas financeiros, familiares, entre outros, de forma que, caso seja esta a escolha pessoal, esteja cercada e fundamentada por todo arcabouço de informações possíveis, de forma que um provável insucesso não seja causado pela ilusão.

REFERÊNCIAS

- ABDO, Carmita. **Sexualidade Humana e seus Transtornos**. 4ª ed. atualizada. São Paulo: Leitura Médica, 2012.
- ALMEIDA, Carla de. **300 clientes habituais**. São Paulo: Editora Landscape, 2006.
- ALVES, José Vinícius. Hilda: um furacão feminino? **Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, 2010.
- AMARAL, Rose Luce Gomes do. **Efeitos decorrentes do uso de duchas higiênicas sobre a microflora vaginal de mulheres profissionais do sexo**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas, 2007.
- ANDERSON, Perry. **Passagens da antiguidade ao feudalismo**. Revisão: Leila Nunes de Siqueira e Mario R. Quaiato Moraes. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- ARAÚJO, Emanuel. A Arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: DEL Priori, Mary. (Organizadora). **História das mulheres no Brasil**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 78-114.
- ARNOLD, Catharine. **City of sin: London and it's vices**. Great Britain: Simon & Schuster, 2010.
- ASSIS, Eduardo Moreira. **A cidade e o "mal necessário": prostituição e marginalidade social em Pouso Alegre – MG (1969 -1988)**. Dissertação de mestrado, Pontifícia Católica de São Paulo, 2005.
- BARIANI, Isabel Cristina Dib, et al. Psicologia escolar e educacional no ensino superior: análise da produção científica. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 8, n. 1, p. 17-27, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.
- BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do mundo**. Tradução Be Quiet Prestadora de Serviços Ltda. Título original A very short history of the world. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2001.
- BEAUVOIR, Simone. **O primeiro sexo**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- _____. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BENEDITO, Geraldino Neto; SOLER, Zaida Aurora S.G.; BRAILE, Domingo Marcolino; DAHER, Wilson. A sífilis no século XVI: o impacto de uma nova doença. **Revista Arquivos de Ciências da Saúde**, jul-set; 16 (3): 127-9, 2009. Disponível em: <http://www.cienciasdasaude.famerp.br/>. Acesso em 23 set. 2014.

BENVENUTTI, Lola. **O prazer é todo nosso**. Araraquara: Editora MosArte, 2014.

BORGES, Miria Fernanda Maranhão; PETRILLI, Laslei Aparecida Teles. Prostituição feminina: de deusas a profanas. **Revista Cereus**. ISSN: 2175.7275. UnirG, Gurupi, TO, Brasil. v. 5, n. 2, maio/ago, 2013.

BOZON, Michel. **Sociologia da Sexualidade**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRASIL, Jaime. **História da Prostituição: A Questão Sexual**. (2003). Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/pauloapgau/trab/prosti>>. Acesso em: 22 set. 2014.

CASTRO, Alex. **A felicidade das prostitutas**. (2013). Disponível em <http://www.papodehomem.com.br/a-felicidade-das-prostitutas/>. Publicado em 06 de setembro de 2013. Acesso em 21/12/2014.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Entre a luxúria e o pudor: a história do sexo no Brasil**. São Paulo: Octavo, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual: essa nossa (des) conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CLEUGH, James. **Love locked out: an examination of the irrepressible sexuality of the Middle Ages**. New York: Crown Publishers, 1964.

COSTA, Andréia da Silva. **O tráfico de mulheres: o caso do tráfico interno de mulheres para fins de exploração sexual no Estado do Ceará**. Dissertação de mestrado, Universidade de Fortaleza, 2008.

CRUZ, Vania Dias. **Vivências de mulheres que consomem crack em Pelotas – RS**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pelotas, 2012.

DABHOIWALA, Faramerz. **As Origens do Sexo: uma história da Primeira Revolução Sexual**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2013.

DEL Priore, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 9ª., reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

DENARDI, Adriano Francisco. **Poder e (des) ordem: preliminares de uma outra história – prostituição e o mercado do sexo em Joinville (1990 – 2010)**. Dissertação de mestrado, Universidade do Estado de Santa Catarina, 2011.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORI, Mary. (Organizadora). **História das mulheres no Brasil**. 9ª ed. São Paulo: Contexto., 2008. p. 223-240.

DIOGENES, Thanara Rocha. **Políticas públicas de enfrentamento ao tráfico infanto-juvenil: pela preservação dos direitos humanos das crianças e dos adolescentes**. Dissertação de mestrado, Fundação Edson de Queiroz, Universidade de Fortaleza, 2012.

DUPLA, Simone Aparecida. Os domínios de Inanna: permanências de um culto ao sagrado feminino na Mesopotâmia. **História: Questões & Debates**. Curitiba: Editora UFPR, n. 57, p. 193-212, jul./dez. 2012.

FERREIRA JUNIOR, Helly Wilson Soares. **A relação entre trabalho e educação através de análise do movimento histórico nas formações sociais primitivas e escravistas**. Campinas: Unicamp. Disponível em www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/.../Helly%20Ferreira.doc. Acesso em 10/05/2014.

FERREIRA, Norma. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, nº 79, Agosto/2002. p. 257- 272.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. In: **Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum**. Londrina: UEL, 2009.

_____. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. 3 ed. ver. e atual. Londrina: Eduel, 2010.

FONSECA, Claudia. Ser mulher, mãe e pobre. In DEL PRIORI, Mary. (org.) **História das mulheres no Brasil**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 510-553.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa de Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A Idade Média: nascimento do ocidente**. 2ª ed. ver. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande-senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

FRIEDRICH, Paul. **The meaning of Aphrodite**. Chicago: University of Chicago Press, 1978.

FURLAN, Mauri. Brevíssima história da teoria da tradução no ocidente. III. Final da Idade Média e o Renascimento. **Cadernos de Tradução**. v.1, n. 13. ISSN 2175-7968, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GONINI, Fátima Aparecida Coelho, RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A sexualidade e sua construção histórica: alguns apontamentos para educadores que trabalham com a educação sexual. In: JABONERO, Mariano Blanco, BRIS, Mario Martín, ARIAS, Adriana Martínez, BIZELLI, José Luis (orgs). **Miradas diversas de la educación en Iberoamérica**. Bucaramanga: UNAB, 2015, p. 305-317.

GREGERSEN, Edgar. **Práticas sexuais:** a história da sexualidade humana. Tradução: Antonio Alberto de Toledo Serra e Edison Ferreira. São Paulo: Livraria Roca Ltda, 1983.

GUIMARÃES NETO, Edson Moreira. Gênero e Sexualidade na Atenas Clássica: um estudo comparativo entre as cortesãs e as esposas atenienses. ANPUH – XXV **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA.** Fortaleza, 2009.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos:** o breve século XIX: 1914-1991. Tradução: Marcos Santarrita. Revisão técnica: Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUNT, Lynn. **A invenção da pornografia:** obscenidade e as origens da modernidade, 1500 – 1800. Tradução: Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 1999.

KERRIGAN, Michael. **A história secreta dos imperadores romanos:** De Júlio César à queda de Roma. São Paulo: Editora Europa, 2009.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo: Editora Atlas, 2003.

LEE, Paula. **Alugo meu corpo.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades:** conversações com Jean Lebrun. Tradução Reginaldo Carmello de Corrêa de Moraes. Título original: Pour l'amour des Villes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média.** Tradução Marcos Flamínio Peres. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta:** a história de uma mulher que decidiu ser prostituta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEME, Edson Holtz. **Noites ilícitas:** histórias e memórias da prostituição. Londrina: EDUEL, 2005.

LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra. Adolescente em situação de prostituição: uma análise sobre a exploração sexual comercial na sociedade contemporânea. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 18 (3), 2005, p.413-420.

LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra; SOUSA, Sônia Maria Gomes (Org.). **A exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil:** reflexões teóricas, relatos de pesquisas e intervenções psicossociais. São Paulo: Casa do Psicólogo. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2007.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. In: **Rev. Katál.** Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45, 2007. MARCONI, Marina de Andrade, MOTA, Karine Alves Gonçalves. **Intervenção do Estado como Agente Regulador e Fiscalizador da Atividade Econômica:** Prostituição. Dissertação apresentada ao

Programa de Mestrado em Direito da Universidade de Marília, área de concentração Empreendimentos Econômicos e Mudança Social. Marília, 2008.

MAGALHÃES, Rosilane de Lima Brito. **Infecção pelo vírus da hepatite B, HIV e cobertura vicinal em profissionais do sexo feminino de Teresina – PI**. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2013.

MARQUES, Gabriel Garcia. **Memória de minhas putas tristes**. Tradução: Erci Napomuceno. 7ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2005.

MARTINELLI, João Paulo Orsini. **Paternalismo jurídico-penal**. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Pós-Graduação da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo – USP, 2010.

MARWELL, Tatiana Eulálio Dantas Guedes. **O tratamento jurídico penal no tráfico internacional de pessoas para fins sexuais no Brasil à luz da Convenção de Palermo**. Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Brasília, 2009.

MARTINS, Ivan. A primeira revolução. In: **Revista Época**, 2013.
<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/09/primeirab-revolucao-sexualb.html>. Acesso em 16/10/2014.

MEDEIROS, Monique Ximenes Lopes de. **A criminalização da migração internacional das trabalhadoras do sexo e o seu tratamento como vítimas do tráfico de pessoas: o papel do livre consentimento**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MELO, Alexandre Soares de. **Exploração sexual comercial: uma análise da legislação e da jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça nos casos de crianças e adolescentes prostituídas**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba, 2013.

MELLO, Sylvia Lesser de. Estatuto da Criança e do Adolescente: é possível torná-lo uma realidade psicológica? **Psicol. USP**. vol. 10, n.2. São Paulo: 1999. Disponível em <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 21/12/2014.

MENDES, Samanta Colhado. O feminino no Anarquismo: as mulheres anarquistas em São Paulo na Primeira República (1889-1930). Texto integrante dos **Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão**. ANPUH/SP – USP. 08 a 12 de setembro de 2008.

MONTEIRO, Rodrigo Bentes. As Reformas Religiosas na Europa Moderna: notas para um debate historiográfico. **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, vol. 23, nº 37: p.130-150, Jan/Jun 2007. <http://www.scielo.br/pdf/vh/v23n37/v23n37a08.pdf>. Acesso em 12/06/2014.

MORAES, Renata Gerlack Delojo. **Trabalho com redução à condição análoga à de escravos e ofensa à dignidade da pessoa humana: tráfico de mulheres para fins de**

exploração sexual comercial no Brasil (2002-2008), tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista “Dr. Julio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2008.

MURPHY, Emmett. **História dos grandes bordéis do mundo**. Tradução de Heloísa Jahn. Porto Alegre: Artes e Ofícios ed., 1994.

NEDER, Kaira. **Movimento Hippie**. Disponível em: <http://profusaosubjetiva.blogspot.com.br/2010/05/em-agosto-o-festival-de-woodstock.html>. Acesso em 06/12/2014.

NOVAES, Adauto. **Libertinos Libertários**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

OLIVEIRA, Vanessa de. **O diário de Marise: a vida real de uma garota de programa**. São Paulo: Matrix, 2006.

PANARELLO, Melissa. **Cem escovadas antes de ir para a cama**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

PARENT – DUCHATELET; DUFOR; LACROIX; TAXIL; FLOUX. **História da prostituição: Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna**. São Paulo: Livraria Editora Antonio de Carvalho, 1948.

PEIXOTO, Clarice Ehlers, HEILBORN, Maria Luiza e BARROS, Myriam Lins de. Família, geração e cultura. In BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

PEREIRA, Cristiana Schettini. **Que tenhas teu corpo: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2002.

PEREIRA, Patrícia. Sociedade: As prostitutas na história. De deusas à escória da humanidade. **Revista Leituras da História**. Edição 57, 2012.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP - Prismas, 1998.

_____. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PETERS, Eduarda Tavares; CERQUEIRA, Fábio Vergara. Mulheres em Atenas, no século IV: o testemunho do contra Neera, de Demóstenes. **Nearco: Revista Eletrônica de Antiguidade**. Revista Número II - Ano VI - 2013
ISSN 1982-8713.

PINTO. Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

_____. Feminismo, História e Poder. **Revista Sociologia Política**. Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15 -23, jun. 2010.

PIRENNE, Henri. **História econômica e social da Idade Média**. Título original: *Histoire Économique et Sociale du Moyen-Age*. Tradução Lycurgo Gomes da Motta. Editora Mestre Jou, 1968.

POLLACK, Rachael. **O corpo da Deusa: no mito, na cultura e nas artes**. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

POZZER, Kátia Maria Paim. **Les archives de marchands a Larsa pendant La deuxième moitié Du règne de Rim-Sin**. Lille: ANRT, 2003. v. 1. 425 p.

PRADO CORTEZ, Fernanda Cestaro. **Consumo de álcool e outras drogas, sintomas depressivos, impulsividade e aspectos dimensionais de personalidade entre homens biológicos profissionais do sexo**. Dissertação de mestrado, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Programa de Psiquiatria, 2011.

QUALLS-COBERT, Nancy. **A prostituta sagrada: a face eterna do feminino**. Tradução Isa F. Leal Ferreira. Revisão: Ivo Storniolo. Coleção: Amor e Psique. 7ª ed. São Paulo: PAULUS, 2012.

QUIROGA, Consuelo. **Invasão positivista no marxismo: manifestações no ensino da metodologia no Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1991.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. Prefácio in: ROSSIAUD, Jacques. **A prostituição na Idade Média**. Tradução Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In DEL PRIORI, Mary. (org.) **História das mulheres no Brasil**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 578-606.

RAGO, Elisabeth Juliska. **Outras falas: feminismo e medicina na Bahia (1836 – 1931)**. São Paulo Annablume; Fapesp, 2007.

RAMINELLI, Ronald. Eva tupinambá. In: DEL PRIORE, MARY (org). **História das mulheres no Brasil**. 9 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

REBOLHO, Ana Claudia Figueiredo Rebolho. **Nas avenidas da libido. Prostituição em São Carlos: história oral temática de prostitutas são-carlenses**. São Carlos: UNICEP, 2007.

_____. **Se essa rua fosse minha: professores e gestores discutem a exploração sexual de menores nas escolas?** Curitiba: Editora CRV, 2014.

REED, Evelyn. **Sexo Contra Sexo ou Classe Contra Classe**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In: **Sexualidade e Infância**. Organizado por Ana Cláudia Bortolozzi e Ari Fernando Maia. Bauru: FC/CECEMCA: Brasília: MEC/SEF, 2005.

ROBERTS, Nickie. **A prostituta na história**. São Paulo: Rosa dos Ventos, 1998.

RODRIGUES, Thaís de Camargo. **O tráfico internacional de pessoas para fim de exploração sexual e a questão do consentimento**. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo. Faculdade de Direito. São Paulo, 2012.

RODRIGUES, Leina Peres. **Não quero que gostem de mim, mas exijo que me respeitem**: a prostituta cidadã, os significados e as ambiguidades na relação com o Ministério da Saúde. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2014.

ROMANOWSKI, Joana Paulin, ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo "Estado da Arte" em educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n.19, p.37-50, set./dez. 2006.

ROSENTHAL, Laura Jean. **Nightwalkers**: prostitute narratives from the eighteenth Century. Toronto: Broadview Press, 2008.

ROSSIAUD, Jacques. **A prostituição na Idade Média**. Tradução Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SÁ, Xico. Amor ao primeiro cheque. **Germina: Revista de Literatura & Arte**. Disponível em http://www.germinaliteratura.com.br/2009/volupiaverbal_xicosa_jun09.htm. Acesso em 14/03/2015.

SADER, Emir. **A prostituição da mídia ou a mídia prostituta**. Postado em 15/05/2010. Disponível em: <http://www.marcelomarcelinoeconomiaepolitica.blogspot.com.br/2010/05/prostituicao-da-midia-ou-midia.html>. Acesso em 10 dez. 2014.

SALAS, Antonio. **O ano em que trafiquei mulheres**. Tradução Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

SALIBA, Maurício Gonçalves. **O olho do poder**: análise crítica da proposta do Estatuto da Criança e do Adolescente. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

SANAHUJA YII, Maria Encarna. O cruel negócio da prostituição. Disponível em: <http://74.125.95.132/search?q=cache:mUPWtrGFI68J:www.sof.org.br/publia/pdf_ff/43.pdf+prostitui%C3%A7%C3%A3o&cd=7&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 22 set. 2014.

SHAKTI, Agni. **Dicionário de fetiches e BDSM**. São Paulo: Ideia & Ação, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23ª ed. São Paulo, Cortez, 2007.

SILVA, Juliana Teixeira de Freitas. Esboço historiográfico sobre a prostituição feminina até o século XVIII: do Sagrado ao mal necessário cristão. **Revista Sociologia Jurídica**. <http://www.sociologiajuridica.net.br/>. Acesso em 23 set. 2014.

SILVA, Rodrigo. **Imprimindo a Resistência: A Imprensa Anarquista e a Repressão Política em São Paulo (1930 -1945)**. Dissertação de Mestrado, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2005.

SILVA, Rogério Araújo. A prostituição ontem e hoje: algumas reflexões em Georg Simmel. **Trilhos: - Revista do sudeste Goiano/Faculdade do Sudeste Goiano**. v. 1, n. 1 (2003) – Pires do Rio – GO: Gráfica Pires do Rio, 2011 – v. 8, (2011/2). v.: II. Color.

SIMÃO, Mariângela Galvão. Direitos humanos e HIV/AIDS: avanços e perspectivas para o enfrentamento da epidemia no Brasil. **Textos Básicos de Saúde Série Parcerias e Mobilização Social**; In: BRASIL, n. 6. Brasília, 2008. (Série B).

SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SOIBET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In DEL PRIORI, Mary. (org.) **História das mulheres no Brasil**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2008. p.362-400.

SOUSA, Fabiana Rodrigues de. **A noite também educa: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição**. Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos, 2012.

SOUZA, Rainer. **As lutas do movimento hippie**. Disponível em: <http://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/as-lutas-do-movimento-hippie.htm>. Acesso em 06/12/2014.

STEARNS, Peter N. **História da sexualidade**. Tradução Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010.

SURFISTINHA, Bruna. **O doce veneno do escorpião**. São Paulo: Panda Books, 2005.

TAYLOR, Timothy. **A pré-história do sexo: quatro milhões de anos de cultura sexual**. Tradução de Ana Gibson. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

TELLES, Lygia Fagundes. Mulher, mulheres. In DEL PRIORI, Mary. (org.) **História das mulheres no Brasil**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 669-672.

THOMPSON, Willian. **The time falling bodies take to light**. New York: St. Martin's Press, 1981.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do ouro**. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VAINFAS, Ronaldo. Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: NOVAIS, Fernando Antonio; organização Laura de Mello e Souza. **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 221-273.

VRISIMTZIS, Nikos A. **Amor, sexo e casamento na Grécia Antiga**. Tradução: Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus, 2002.

ZAMBRANO, Elizabeth, LOREA, Roberto, MYLIUS, Leandra, BORGES, Priscila. **O Direito à Homoparentalidade: Cartilha sobre as famílias constituídas por pais homossexuais**. Porto Alegre: Instituto de Acesso à Justiça, 2006.

SITES UTILIZADOS

<http://www.redeprostitutas.org.br>. Acesso em 12/01/12.

<http://www.infoescola.com/artes/belle-epoque/>. Acesso em 21/04/ 2013.

<http://www.einstein.br>>. Acesso em 21/04/ 2013.

<http://www.aids.gov.br/pagina/o-que-e-hiv>. Acesso em 21/04/ 2013.

<http://global.britannica.com/EBchecked/topic/372301/Cosimo-de-Medici>. Acesso em 21/09/2014.

<http://pichacoesciberespaciais.blogspot.com.br/2009/01/venus-de-willendorf-arte-rupestre.html>. Acesso em 21/05/2014.

<http://modernidadeartes.blogspot.com.br/2009/03/cavernas-saloes-de-arte.html>. Acesso em 27/05/2014.

http://progresion21.com.mx/index.php?option=com_content&view=article&id=401:venus-de-savignano&catid=111:paleolitico&Itemid=137. Acesso em 27/05/2014.

http://essayweb.net/history/ancient/prehistory_04.shtml. Acesso em 27/05/2014.

<http://www.mdig.com.br/?itemid=7942>. Acesso em 27/05/2014.

http://www.brasil247.com/pt/247/revista_oasis/50835/V%C3%AAnus-de-Hohle-Fels-a-mais-antiga-figura-feminina.htm. Acesso em 27/05/2014.

<http://www.dival.es/sala-prensa/content/la-mujer-en-la-prehistoria-yprotohistoria>. Acesso em 27/05/2014.

<http://www.portaldarte.com.br/prehistoricavenus.htm>. Acesso em 27/05/2014.

<http://www.visual-arts-cork.com/prehistoric/venus-of-lespugue.htm>. Acesso em 27/05/2014.

<http://www.historiadomundo.com.br/sumeria/>. Acesso em 02/06/2014.

<http://www.historiadomundo.com.br/babilonia/>. Acesso em 02/06/2014.

<http://www.leticialanz.org/o-culto-a-deusa-mae/>. Acesso em 03/06/2014.

<http://mitographos.blogspot.com.br/2011/01/ishtar-inanna-e-tammuz.html>. Acesso em 03/06/2014.

<http://www.espiritualidadefeminina.com.br/o-que-e-sacerdotisa-pitonisas-vestais-sibilas-sacerdotisas-de-isis-inana-sumeri/>. Acesso em 20/06/2014.

<http://www.ancient.eu.com/image/1035/>. Acesso em 04/07/2014.

<http://www.ancient.eu.com/Aphrodite/>. Acesso em 04/07/2014.

<http://avidanagreciantiga.wordpress.com/2010/01/04/os-metecos/>. Acesso em 10/07/2014.

<http://mito-logika.blogspot.com.br/2011/02/o-papel-da-mulher-nas-sociedades-grega.html>. Acesso em 10/07/2014.

http://www.andreagaddini.it/SantoStefano_pt.html. Acesso 12/07/2014.

<http://italianalmanac.org/biografie/messalina.htm>. Acesso 12/07/2014. Acesso em 12/07/2014.

http://aventurasnahistoria.intervir.net/?page_id=14. Acesso 01/09/2014.

<http://www.lagartense.com.br>. Acesso em 08/09/2014.

<http://global.britannica.com/EBchecked/topic/372301/Cosimo-de-Medici>. Acesso em 21/09/2014.

<http://fr.academic.ru/dic.nsf/frwiki/1667207>. Acesso em 19/09/2014.

<http://dornsife.usc.edu/veronica-franco/biography/>. Acesso em 21/09/2014.

<http://dornsife.usc.edu/veronica-franco/portraits-of-franco/>. Acesso em 21/09/2014.

<http://www.antropologia.com.br>. Acesso em 22/09/2014.

<http://www.sof.org.br/>. Acesso em 22 set. 2014.

<http://www.sociologiajuridica.net.br/numero-16/304-silva-juliana-teixeira-de-freitas-esboco-historiografico-sobre-a-prostituicao-feminina-ate-o-seculo-xviii-do-sagrado-aomal-necessario-cristao>. Acesso em 23/09/2014.

<http://www.cienciasdasaude.famerp.br/>. Acesso em 23/09/ 2014.

<http://www.monergismo.com/raniere/anabatismo-o-movimento-mais-radical-e-mais-perseguido-da-reforma-protestante/>. Acesso em 27/09/2014.

<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/09/primeirab-revolucao-sexualb.html>. Acesso em 29/09/2014.

<http://www.zvab.com/buch-suchen/titel/therese/autor/d-argens>. Acesso em 29 set. 2014.

<http://www.geneprovence.com/affaires-dans-une-maison-de-tolerance-aix-en-provence-23-mai-1874/>. Acesso em 29/09/ 2014.

<http://www.nicolaslefloch.fr/Lieux/maisonGourdan.html>. Acesso em 05/10/2014.

<http://educacao.uol.com.br/biografias/pietro-aretino.jhtm>. Acesso em 16/10/2014.

<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/09/primeirab-revolucao-sexualb.html>. Acesso em 16/10/2014.

<http://biografiae curiosidade.blogspot.com.br/2013/08/a-origem-da-danca-cancan.html>. Acesso em 26/10/2014.

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3638/Impressionismo>. Acesso em 26/10/2014.

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo909/Art-Nouveau->. Acesso em 26/10/2014.

<http://www.maguetas.com.br/impressionismo.php>. Acesso em 26/10/2014.

<http://www.infoescola.com/pintura/auto-retrato-com-a-orelha-cortada/>. Acesso em 26/10/2014.

<http://books.google.com.br/books?id=rci228GehU4C&pg=PA48&lpg=PA48&dq=as+Quatro+Esta%C3%A7%C3%B5es,+de+Alphonse+Mucha+data&source=bl&ots=b4juFWz7IV&sig=S8AJcX87iHFHZoZZjMCTZIFq5Yw&hl=pt-PT&sa=X&ei=RqRNVNehG4mTgwTB5YLAaw&ved=0CCcQ6AEwAg#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 26/10/2014.

<http://www.meridiano.com.br/blog/tag/historia/>. Acesso em 04/11/2014.

<http://alquimiadacozinha.blogspot.com.br/2012/06/especial-bistrot-e-historia-dos.html>. Acesso em 04/11/2014.

<http://libertariosufpel.blogspot.com.br/2014/03/serie-educadoras-libertarias-maria.html>. Acesso em 01/12/14.

<http://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/as-lutas-do-movimento-hippie.htm>. Acesso em 06/12/2014.

<http://profusaosubjetiva.blogspot.com.br/2010/05/em-agosto-o-festival-de-woodstock.html>. Acesso em 06/12/2014.

http://4.bp.blogspot.com/_iBquIGsgvqA/S95VNv9IGeI/AAAAAAAAADU/MT09VF558lk/s1600/est_hippie6_r. Acesso em 06/12/2014.

<http://www.marcelomarcelinoeconomiaepolitica.blogspot.com.br/2010/05/prostituicao-da-midia-ou-midia.html>. Acesso em 10/12/2014.

<http://www.estadao.com.br/classificados/oportunidades/>. Acesso em 15/12/2014.

<http://search.folha.com.br/search?q=garota%20de%20programa&site=online>. Acesso em 15/12/2014.

<https://www.facebook.com/EventosFichaRosa>. Acesso em 15/12/2014.

<http://www.terra.com.br>. Acesso em 17/12/2014.

<http://diversao.terra.com.br/tv/a-fazenda/prostituicao-e-fama-de-mau-relembre-quem-e-oscar-maroni,2339d45c67978410VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>. Acesso em 18/12/2014.

<http://boatebahamas.com/>. Acesso em 18/12/2014.

<http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/posts/2013/10/10/morre-gabriela-leite-criadora-dadaspu-511677.asp>. Acesso em 18/12/2014.

<http://www.redeprostitutas.org.br>. Acesso em 19/12/2014.

<http://www.papodehomem.com.br/a-felicidade-das-prostitutas/>. Acesso em 21/12/2014.

<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/conheca-denuncias-sobre-o-turismo-sexual-na-copa-2115.html>. Acesso em 21/12/2014.

<http://www.scielo.br>. Acesso em 21/12/2014.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11106.htm#art3. Acesso em 21/12/2014.

<http://www.papodehomem.com.br/a-felicidade-das-prostitutas/>. Acesso em 21/12/2014.

<http://www.umbeijoparagabriela.com/?p=2947>. Acesso em 09/01/2015.

<http://lproweb.procempa.com.br/>. Acesso em 09/01/2015.

http://www.germinaliteratura.com.br/2009/volupiaverbal_xicosa_jun09.htm. Acesso em 14/03/2015.

<http://www.palestrasvanessadeoliveira.com.br/videos/>. Acesso em 16/03/2015.

<http://www.cmjornal.xl.pt/domingo/detalhe/sexo-on-line.html>. Acesso em 18/03/2015.

<http://novobloguerotico.blogspot.com.br/2009/09/paulalee.html?zx=a47930e0d5338354>. Acesso em 18/03/2015.

<http://feministactual.blogspot.com.br/2006/05/entrevistas-e-tactos-prostituio.html>. Acesso em 18/03/2015.

<http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva/assista-aos-melhores-momentos-da-entrevista-com-gabriela-leite>. Acesso em 19/03/2015.

<http://www.daspu.com.br/>. Acesso em 23/03/2015.

<http://www.daslu.com.br/>. Acesso em 23/03/2015.

<http://www.umbeijoparagabriela.com>. Acesso em 23/03/2015.

<http://40graus.al/2013/12/relembre-dez-personalidades-brasileiras-que-morreram-em-2013/>. Acesso em 23/03/2014.

<http://www.publico.pt/ultima-pagina/jornal/marca-de-roupa-de-prostitutas--e-fenomeno-cultural-no-brasil-90605>. Acesso em 23/03/2015.

<http://www.rds.it/melissa-panarello-presenta-in-italia-si-chiama-amore/>. Acesso em 26/03/2015.

<http://www.lolabenvenuttioficial.com.br>. Acesso em 29/03/2015.

<http://jornalprimeiraimpressao.com/site/?p=7628>. Acesso em 29/03/2015.

<http://laviestallieurs.blogspot.com.br/2013/11/resenha-100-escovadas-antes-de-ir-para.html>. Acesso em 01/04/2015.

<http://g1.globo.com/Noticias/Cinema/0,,AA1317532-7086,00-MELISSA+P+DA+VIDA+REAL+ARRANCOU+OS+CABELOS+AO+VER+O+FILME.html>. Acesso em 01/04/2015.

http://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/a/ateneu_naucratis.htm. Acesso em 16/05/2015.

<http://www.infoescola.com/antiguidade/biga/>. Acesso em 16/05/2015.

<http://www.bbc.com/>. Acesso em 16/06/2015.

<https://play.google.com>. Acesso em 16/06/2015.

<http://www.significados.com.br/>. Acesso em 16/06/2015.

<https://twitter.com>. Acesso em 16/06/2015.

<http://www.reporterunesp.jor.br/>. Acesso 18/06/2015.

<http://www.saocarlosdiaenoite.com.br/>. Acesso em 19/06/2015.

<http://www.cristaisdecurvelo.com.br/pages/AZEVICHE-%252d-Aprenda-Sobre-Este-Mineral-Organico-Fossilizado.html>. Acesso em 28/09/2015.

<http://www.beijodarua.com.br/materia.asp?coluna=6&edicao=5&num=1&reportagem=148>. Acesso em 13/10/2015.

ANEXO

ANEXO A

Os mistérios de Jesus

Documentário sobre a vida de Jesus, sob a direção de David Caldwell Evans e Justin Hardy. Apresentado por National Geographic Channel, (2014).

A transcrição, a seguir, é uma das partes do documentário “*Os Mistérios de Jesus*”, que se refere à figura de Maria Madalena na história da Igreja Cristã.

Narrador: Nos relatos evangélicos da crucificação a ressurreição, um nome se destaca como claro exemplo de fé e devoção, Maria Madalena. Porém, muita gente só se lembra dela como ex-prostituta. Como Maria Madalena se tornou vítima de tão extraordinário assassinato de caráter? O entretenimento popular moderno tem muito a dizer quando se trata da exposição negativa de Maria Madalena. Alguns filmes religiosos famosos não só insinuem que ela era uma ex-prostituta como também que tinha um relacionamento com o próprio Jesus.

Professora Kate Cooper – University of Manchester: O povo vive ansioso para ouvir estas histórias, que estão próximas de ser algo um pouco picante. E eu acho que é um argumento que tem sido fundamental, desde a antiguidade percorrendo tantos séculos até a chegar em “Jesus Cristo Superstar” e o “Código da Vinci”.

Narrador: Em uma nova encenação do famoso musical, “*Jesus Cristo Superstar*”, Maria Madalena é interpretada pela ex-*Spice Girl* “Mel C”. Nessa versão da história de Jesus, restam poucas dúvidas a respeito da vida pregressa de Maria.

Dr^a Helen Bond – University of Edinburgh: Há uma imagem potentíssima em termos de prostituta arrependida. Identifica-se muito bem com a cultura patriarcal, em que as mulheres são definidas pela sexualidade. Então, você é uma boa virgem, como Maria, a mãe de Jesus, ou uma meretriz malvada.

Narrador: Muita gente hoje crê que Maria Madalena era uma prostituta aposentada, mas não aqui. Esta é a igreja ortodoxa de Santa Maria Madalena¹¹⁴, em Jerusalém. Aqui e nas igrejas ortodoxas de todo o mundo, Maria Madalena é uma figura venerada, nada parecida com sua imagem sensualizada.

Archepriest Andrew Phillips (St. John's Orthodox Church, Colchester): A igreja ortodoxa considera Maria Madalena uma das “mulheres fiéis”, as “portadoras de mirra”, que ficaram ao redor de Cristo na hora da crucificação e da ressurreição.

Narrador: A representação desta figura honrada como ex-prostituta talvez seja um dos maiores assassinatos de caráter da história. O relato bíblico de Maria fornece poucos detalhes sobre a vida dela. Durante séculos acreditava-se que o nome Maria Madalena, significava simplesmente que Maria veio de um lugar chamado Magdala. Existe uma interpretação muito diferente do nome de Maria, que Madalena vem da palavra “*migdal*”, que significa torre. Seria isto uma pista, não do local de onde veio, mas do seu caráter e importância do movimento de Jesus?

Professora Kate Cooper – University of Manchester: A outra ideia tem a ver com a palavra aramaica que significa torre, *migdal*, que dá um epíteto semelhante ao que São Pedro tem, ele é a pedra e, de certa forma, é muito tentador pensar que Pedro é a pedra e Maria é a torre.

Narrador: Enquanto Jesus e os discípulos viagem pela Galileia, precisam de dinheiro, comida e abrigo. O evangelho de Lucas diz que um grupo de mulheres deu esse apoio essencial. E a primeira a ser citada é Maria Madalena.

Dr^a Helen Bond – University of Edinburgh: Acho que está claro que ela era um membro importante do grupo.

Narrador: Esta interpretação do nome de Maria Madalena se encaixa muito bem nos relatos evangélicos do papel dela na história de Jesus. Falamos de dois momentos fundamentais na vida de Maria. Mateus, Marcos e João dizem que Maria ficou com

¹¹⁴ Aqui o narrador mostra as fotos da Igreja de Santa Maria Madalena.

Jesus durante a crucificação, quando todos os discípulos fugiram. E, em João, Maria é a primeira pessoa a ver Cristo ressuscitado.

Professor Bart D. Ehrman – University of North Carolina: Isso a torna importantíssima. Se for verdade histórica que Maria Madalena foi a primeira pessoa a proclamar que Jesus ressuscitou, pode-se argumentar que Maria Madalena deu início ao cristianismo. Isso é grande! Isso a torna muito importante.

Narrador: O relato bíblico de Maria Madalena é completamente claro. Maria é uma figura importante na vida de Jesus. Então, de onde veio a ideia de que ela era uma prostituta arrependida? A história dessa infâmia começa com o lugar das mulheres no século primeiro e na postura revolucionária de Jesus com relação a elas. Jesus pregava que todos podiam entrar no reino de Deus. Estavam incluídos leprosos, pessoas que se acreditavam estar possuídas e mulheres que desobedeciam às regras da sociedade. Em uma história famosa, pedem a Jesus que julgue uma mulher que será apedrejada até a morte por adultério. Mas Jesus se recusa e, em vez disso, faz um desafio.

Professor Mark Osler – University of St. Tomas: “Quem não tiver pecado que atire a primeira pedra”, frase que todos já ouvimos, mas deve ter sido notável para aquela mulher deitada no chão se contorcendo, aguardando a morte, talvez com o rosto na areia e, se estivesse com os olhos abertos, o que viu foram as pedras caindo no chão.

Narrador: Mas desafiar o modo como as mulheres eram tratadas era típico da postura de Jesus. O fato de mulheres participarem de seu movimento era revolucionário.

Professor Bart D. Ehrman – University of North Carolina: Uma das coisas mais marcantes que os estudos modernos de Jesus demonstraram é que ele parece ter se envolvido de modo incomum com mulheres durante seu ministério público.

Narrador: A disposição de Jesus de aceitar as mulheres como iguais permitiu que elas se unissem a seus adeptos. E, nos primeiros anos do cristianismo, o *status* de Maria Madalena quase sempre rivalizava com o de Pedro. No século XIX, foi encontrado um antigo manuscrito que descreve uma discussão entre Maria, Jesus e os discípulos.

Conhecido como o “evangelho de Maria”, jamais foi aceito como igual aos evangelhos bíblicos. Mas nem todos os estudos acham que deve ser descartado.

Professora Kate Cooper – University of Manchester: Temos esse texto maravilhoso, chamado evangelho de Maria, que foi escrito provavelmente no fim do segundo século, mas para preservar um debate sobre Maria Madalena.

Narrador: O texto do evangelho descreve Pedro sendo ameaçado pelo melhor entendimento de Maria da doutrina de Jesus. E esse é um dos diversos relatos paleocristãos que destacam o *status* de Maria.

Professor Bart D. Ehrman – University of North Carolina: Se pegarmos o que é interessante nos outros evangelhos é que Maria é sempre aquela que está certa e Pedro é o que está errado. Ele continua sendo impulsivo e Maria é a voz da razão.

Narrador: O papel proeminente de Maria significa que as mulheres eram totalmente aceitas nas comunidades cristãs e não como meras adeptas, mas como verdadeiras líderes.

Professor Bart D. Ehrman – University of North Carolina: Isso é uma verdadeira surpresa para muitas pessoas que acreditam que, na igreja primitiva, as mulheres eram oprimidas e que as faziam calar, mas quando lemos os primeiros documentos cristãos, as mulheres têm lugar de importância.

Narrador: Mas gradualmente esta proeminência se desgastou. Quando a igreja cristã se formou, os homens começaram a dominar seus concílios. E, então, no fim do sexto século Maria se torna vítima de um ataque assombroso. O responsável foi uma das figuras mais importantes da igreja paleocristã, o Papa Gregório, o Grande. No fim do sexto século houve várias calamidades em Roma. Gregório acreditava que a cidade estava sendo castigada por Deus. Sua solução foi que todos se arrependessem dos pecados, mas ele precisava de um símbolo poderoso para inspirar o povo. Encontrou! A história de uma prostituta arrependida no evangelho de Lucas.

Professora Kate Cooper – University of Manchester: Ele insere essa figura da prostituta arrependida na tão amada figura de Maria Madalena. É um golpe de gênio! Mas é um dos raríssimos momentos em que temos realmente uma prova de como aconteceu.

Narrador: Em uma cena carregada de sexo no evangelho de Lucas, Jesus está comendo com os outros convidados quando entra uma mulher descrita simplesmente como uma pecadora. Os outros se ofendem. Quando ela se aproxima de Jesus ele não faz nada para repeli-la.

Professor Mark Goodacre – Duke University: Ela chora, molhando os pés de Jesus com as lágrimas, seca-os com o cabelo, unge Jesus e ele diz que por ter amado muito ela será muito perdoada. Por ser muito perdoada, amará muito. É uma história maravilhosa sobre uma pecadora que vai a Jesus e se arrepende.

Narrador: Lucas não identifica a mulher, nem fornece detalhes sobre o seu passado. Mas o Papa Gregório conclui que a pecadora, com seu pote de unguento, era, na verdade, uma prostituta e, pior ainda, disse que essa prostituta arrependida era ninguém menos que a própria Maria Madalena. Daí nasceu a confusão.

Professor Bart D. Ehrman – University of North Carolina: Essa interpretação chegou até nós hoje, é claro, e é por isso que consideram Maria Madalena uma prostituta.

Narrador: Porque a igreja estava disposta a aceitar uma visão tão negativa de uma de suas figuras sagradas?

Dr^a Helen Bond – University of Edinburgh: Maria Madalena era especialmente estimada por alguns grupos cristãos alternativos dos primeiros séculos. Acho que este pode ser um dos motivos, porque alguns dos primeiros padres da igreja decidiram que seria bom tentar dar à sua memória um viés muito menos positivo.

Narrador: A igreja cristã ocidental seguiu o comando de Gregório ao ligar Maria Madalena e a pecadora que lavou os pés de Jesus com as lágrimas.

Professor Mark Osler – University of St. Tomas: Ainda contamos histórias sobre prostitutas que se regeneram na nossa cultura. Filmes como “*Uma linda mulher*”, se baseiam na ideia de que seria fascinante ver uma prostituta mudar de vida e, então, adoramos ver isso na história cristã.

Narrador: As pessoas tentam limpar o nome de Maria Madalena há muitos anos. Em 1969 a igreja Católica tentou retificar o erro que cometera com Maria Madalena. Removeu as referências a ela como “pecadora pública”. E o Papa João Paulo II também recuperou o nome. Reconheceu sua real importância para a fé cristã “apóstola dos apóstolos”. Para os teólogos, Maria Madalena foi uma das maiores e mais leais adeptas. Mas infelizmente isso parece que foi pouco para mudar sua imagem de prostituta arrependida.

Professor Mark Osler – University of St. Tomas: No ocidente, temos muita responsabilidade pela reputação de Maria.

ANEXO B**PROJETO DE LEI Nº 4211/ 2012****(Dep. Jean Wyllys)****Regulamenta a atividade
dos profissionais do sexo.****LEI GABRIELA LEITE**

O Congresso Nacional Decreta:

Art. 1º - Considera-se profissional do sexo toda pessoa maior de dezoito anos e absolutamente capaz que voluntariamente presta serviços sexuais mediante remuneração.

§ 1º É juridicamente exigível o pagamento pela prestação de serviços de natureza sexual a quem os contrata.

§ 2º A obrigação de prestação de serviço sexual é pessoal e intransferível.

Art. 2º - É vedada a prática de exploração sexual.

Parágrafo único: São espécies de exploração sexual, além de outras estipuladas em legislação específica:

I- apropriação total ou maior que 50% do rendimento de prestação de serviço sexual por terceiro;

II- o não pagamento pelo serviço sexual contratado;

III- forçar alguém a praticar prostituição mediante grave ameaça ou violência.

Art. 3º - A/O profissional do sexo pode prestar serviços:

I - como trabalhador/a autônomo/a;

II - coletivamente em cooperativa.

Parágrafo único. A casa de prostituição é permitida desde que nela não se exerce qualquer tipo de exploração sexual.

Art. 4º - O Capítulo V da Parte Especial do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940, Código Penal, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Favorecimento da prostituição ou da exploração sexual.

Art. 228. Induzir ou atrair alguém à exploração sexual, ou impedir ou dificultar que alguém abandone a exploração sexual ou a prostituição:

.....”

“Casa de exploração sexual

Art. 229. Manter, por conta própria ou de terceiro, estabelecimento em que ocorra exploração sexual, haja, ou não, intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou gerente:

.....”

Rufianismo

“Art. 230. Tirar proveito de exploração sexual, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça:

.....”

“Art. 231. Promover a entrada, no território nacional, de alguém que nele venha a ser submetido à exploração sexual, ou a saída de alguém que vá exercê-la no estrangeiro.

.....”

“Art. 231-A. Promover ou facilitar o deslocamento de alguém dentro do território nacional para ser submetido à exploração sexual:

.....”

Art. 5º. O Profissional do sexo terá direito a aposentadoria especial de 25 anos, nos termos do artigo 57 da Lei 8.213, de 24 de julho de 1991.

Art. 6º. Esta Lei entra em vigor na data da sua publicação.

Brasília, de julho de 2012.

Jean Wyllys

Deputado Federal PSOL/RJ

JUSTIFICATIVA

A prostituição é atividade cujo exercício remonta à antiguidade e que, apesar de sofrer exclusão normativa e ser condenada do ponto de vista moral ou dos “bons costumes”, ainda perdura. É de um moralismo superficial causador de injustiças a negação de direitos aos profissionais cuja existência nunca deixou de ser fomentada pela própria sociedade que a condena. Trata-se de contradição causadora de marginalização de segmento numeroso da sociedade.

O projeto de lei ora apresentado dialoga com a Lei alemã que regulamenta as relações jurídicas das prostitutas (*Gesetz zur Regelung der Rechtsverhältnisse der Prostituierten - Prostitutionsgesetz - ProstG*); com o Projeto de Lei 98/2003 do ex-Deputado Federal Fernando Gabeira, que foi arquivado; com o PL 4244/2004, do ex-Deputado Eduardo

Valverde, que saiu de tramitação a pedido do autor; e com reivindicações dos movimentos sociais que lutam por direitos dos profissionais do sexo.

O escopo da presente propositura não é estimular o crescimento de profissionais do sexo. Muito pelo contrário, aqui se pretende a redução dos riscos danosos de tal atividade. A proposta caminha no sentido da efetivação da dignidade humana para acabar com uma hipocrisia que priva pessoas de direitos elementares, a exemplo das questões previdenciárias e do acesso à Justiça para garantir o recebimento do pagamento.

Dentre os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil figuram o da erradicação da marginalização (art. 3º inciso III da CRFB) e o da promoção do bem de todos (art. 3º, inciso IV). Além disso, são invioláveis, pelo artigo 5º da Carta Magna, a liberdade, a igualdade e a segurança. O atual estágio normativo - que não reconhece os trabalhadores do sexo como profissionais - padece de inconstitucionalidade, pois gera exclusão social e marginalização de um setor da sociedade que sofre preconceito e é considerado culpado de qualquer violência contra si, além de não ser destinatário de políticas públicas da saúde.

O objetivo principal do presente Projeto de Lei não é só desmarginalizar a profissão e, com isso, permitir, aos profissionais do sexo, o acesso à saúde, ao Direito do Trabalho, à segurança pública e, principalmente, à dignidade humana. Mais que isso, a regularização da profissão do sexo constitui instrumento eficaz ao combate à exploração sexual, pois possibilitará a fiscalização em casas de prostituição e o controle do Estado sobre o serviço.

Impor a marginalização do segmento da sociedade que lida com o comércio do sexo é permitir que a exploração sexual aconteça, pois atualmente não há distinção entre a prostituição e a exploração sexual, sendo ambos marginalizados e não fiscalizados pelas autoridades competentes. Enfrentar esse mal significa regulamentar a prática de prostituição e tipificar a exploração sexual para que esta sim seja punida e prevenida.

Importante frisar que a profissão do sexo difere da exploração sexual conforme texto legal ora apresentado.

A exploração sexual se conceitua (1) pela apropriação total ou maior que 50% do rendimento da atividade sexual por terceiro(s); (2) pelo não pagamento do serviço sexual prestado voluntariamente; ou (3) por forçar alguém a se prostituir mediante grave ameaça ou violência. Neste sentido, a exploração sexual é crime e se tipifica independente da maioridade ou da capacidade civil da vítima.

Evidente que tal crime será penalizado mais severamente no caso da vítima de exploração sexual ser menor de dezoito anos, absolutamente ou relativamente incapaz, ou ter relação de parentesco com o criminoso. Importante lembrar que o conceito de exploração sexual quando a vítima é menor de dezoito anos é tipificado como crime hediondo tanto pelo Código Penal, nos artigos 214 e 218, quanto pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, dos artigos 240 ao 241-E.

Em contrapartida, o exercício da atividade do profissional do sexo deve ser voluntário e diretamente remunerado, podendo ser exercido somente por absolutamente capazes, ou seja, maiores de idade com plenas capacidades mentais. O profissional do sexo é o único que pode se beneficiar dos rendimentos do seu trabalho.

Conseqüentemente, o serviço sexual poderá ser prestado apenas de forma autônoma ou cooperada, ou seja, formas em que os próprios profissionais auferem o lucro da atividade.

Como demonstrado, não existe prostituição de crianças e adolescentes. Muito pelo contrário, essa prática se configura como abuso ou exploração sexual de crianças e adolescentes e se tipifica como crime severamente punido pelo Código Penal.

Atualmente os trabalhadores do sexo sujeitam-se a condições de trabalho aviltantes, sofrem com o envelhecimento precoce e com a falta de oportunidades da carreira, que cedo termina. Daí a necessidade do direito à Aposentadoria Especial, consoante o artigo 57 da Lei 8.213/1991, com redação dada pela Lei nº 9.032/1995.

Para existir coerência com a presente proposição, é necessário que a redação atual do Código Penal, dada pela Lei nº 12.015/2009, seja modificada em alguns de seus artigos.

Os artigos 228 e 231 do Código Penal utilizam a expressão “prostituição ou outra forma de exploração sexual” equiparando a prostituição a uma forma de exploração sexual. O projeto de lei em questão visa justamente distinguir esses dois institutos visto o caráter diferenciado entre ambos; o primeiro sendo atividade não criminosa e profissional, e o segundo sendo crime contra dignidade sexual da pessoa.

Por isso, nos institutos legais, propõe-se a alteração da expressão por “prostituição ou exploração sexual”.

Redação atual:

“Art. 228. Induzir ou atrair alguém à prostituição ou outra forma de exploração sexual, facilitá-la, impedir ou dificultar que alguém a abandone:”

“Art. 231. Promover ou facilitar a entrada, no território nacional, de alguém que nele venha a exercer a prostituição ou outra forma de exploração sexual, ou a saída de alguém que vá exercê-la no estrangeiro:”

Redação conforme a proposta:

“Art. 228. Induzir ou atrair alguém à exploração sexual, ou impedir ou dificultar que alguém abandone a exploração sexual ou a prostituição:”

“Art. 231. Promover a entrada, no território nacional, de alguém que nele venha a ser submetido à exploração sexual, ou a saída de alguém que vá exercê-la no estrangeiro:”

O artigo 229 se refere a crime de “casa de prostituição”. No entanto, o tipo penal menciona a expressão “exploração sexual” e não prostituição. A alteração aqui proposta só alcança o título do artigo, visto que (1) prostituição não é exploração sexual; (2) o crime de “casa de exploração sexual” se tipifica pelo próprio *caput* atual do artigo 229; e (3) a casa de prostituição não é mais crime tipificado uma vez que a prostituição se torna profissão regulamentada e poderá ser exercida de forma autônoma ou cooperada.

Redação atual:

“Casa de prostituição

Art. 229. Manter, por conta própria ou de terceiro, estabelecimento em que ocorra exploração sexual, haja, ou não, intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou gerente:”

Redação conforme a proposta:

“Casa de exploração sexual

Art. 229. Manter, por conta própria ou de terceiro, estabelecimento em que ocorra exploração sexual, haja, ou não, intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou gerente:”

Este Projeto de Lei é mais um instrumento de combate à exploração sexual tendo em vista o caráter punitivo da prática. As casas de prostituição, onde há prestação de serviço e condições de trabalhos dignas, não são mais punidas, ao contrário das casas de exploração sexual, onde pessoas são obrigadas a prestar serviços sexuais sem remuneração e são tidas não como prestadoras de serviço, logo, sujeitos de direitos, mas como objeto de comércio sexual; essas casas, sim, serão punidas.

Além disso, a descriminalização das casas de prostituição (1) obriga a fiscalização, impedindo a corrupção de policiais, que cobram propina em troca de silêncio e de garantia do funcionamento da casa no vácuo da legalidade; e (2) promove melhores condições de trabalho, higiene e segurança.

A vedação a casas de prostituição existente no texto legal atual facilita a exploração sexual, a corrupção de agentes da lei e, muitas vezes, faz com que essas casas não se caracterizem como locais de trabalho digno. As casas funcionam de forma clandestina a partir da omissão do Estado, impedindo assim uma rotina de fiscalização, recolhimento de impostos e vigilância sanitária. Por isso, somente deve ser criminalizada a conduta daquele que mantém local de exploração sexual de menores ou não e de pessoas que, por enfermidade ou deficiência, não tenham o necessário discernimento para a prática do ato.

O termo “exploração sexual” foi colocado no lugar de “prostituição alheia” no artigo 230 porque o proveito do rendimento de serviços sexuais por terceiro é justamente a essência da exploração sexual. Ao contrário, a prostituição é sempre serviço remunerado diretamente ao prestador.

Redação atual:

“Art. 230. Tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça:”

Redação conforme a proposta:

“Art. 230. Tirar proveito de exploração sexual, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça:”

A “facilitação” da entrada no território nacional ou do deslocamento interno de alguém que nele venha a ser submetido à exploração sexual deve ser criminalizada conforme proposta dos artigos 231 e 231-A. Optou-se pela retirada da expressão “prostituição” porque a facilitação do deslocamento de profissionais do sexo, por si só, não pode ser crime. Muitas vezes a facilitação apresenta-se como auxílio de pessoa que está sujeita, por pressões econômicas e sociais, à prostituição. Nos contextos em que o deslocamento não serve à exploração sexual, a facilitação é ajuda, expressão de solidariedade; sem a qual, a vida de pessoas profissionais do sexo seria ainda pior.

Não se pode criminalizar a solidariedade. Por outro lado, não se pode aceitar qualquer facilitação em casos de pessoas sujeitas à exploração sexual, principalmente se há vulnerabilidades especiais expostas nos incisos abaixo transcritos.

Redação atual:

“Art. 231-A. Promover ou facilitar o deslocamento de alguém dentro do território nacional para o exercício da prostituição ou outra forma de exploração sexual:”

Redação conforme a proposta:

“Art. 231-A. Promover ou facilitar o deslocamento de alguém dentro do território nacional para ser submetido à exploração sexual:”

A regulamentação da profissão do sexo e as alterações do Código Penal aqui apresentadas refletem também a preocupação eminente com o tráfico de pessoas, a exploração sexual e o turismo sexual. O Brasil ocupa posição de crescimento econômico e vai sediar dois grandes eventos esportivos que atraem milhões de turistas. A regulamentação da profissão do sexo permitirá alto grau de fiscalização pelas autoridades competentes, além de possibilitar e até mesmo incentivar o Poder Executivo a direcionar políticas públicas para esse segmento da sociedade (como a distribuição de preservativos, mutirões de exames médicos, etc).

Todas as modificações apresentadas na propositura em destaque tem os objetivos precisos de: (1) tirar os profissionais do sexo do submundo, trazendo-os para o campo da licitude e garantindo-lhes a dignidade inerente a todos os seres humanos; e (2) tipificar exploração sexual diferindo-a do instituto da prostituição, afim de combater o crime, principalmente contra crianças e adolescentes.

O Programa Conjunto das Nações Unidas para o HIV/Aids (UNAIDS) foi convocado pelo PNUD no intuito de elaborar pesquisas sobre as causas da contaminação da Aids. A Comissão Internacional sobre HIV e a Lei - composta por ex-líderes de Estado e por peritos em termos jurídicos, de direitos humanos e de HIV - baseou a pesquisa em relatos de mais de 1 000 pessoas, de 140 países. O relatório oficial, divulgado em julho de 2012, concluiu que as leis punitivas e as práticas discriminatórias de muitos países prejudicam o progresso contra o HIV.

“Por exemplo, as leis e os costumes legalmente tolerados, que falham em proteger mulheres e meninas da violência, aprofundam as desigualdades entre gêneros e aumentam a sua vulnerabilidade ao HIV. Algumas leis de políticas de propriedade intelectual não são consistentes com a lei internacional dos direitos humanos e impedem o acesso a tratamento vital e à prevenção. As leis que criminalizam e desumanizam as populações com maior risco de contágio de HIV - incluindo homens que mantêm relações sexuais com outros homens, trabalhadores do sexo, transexuais e usuários de drogas injetáveis - empurram as pessoas para a clandestinidade, afastando-as de serviços de saúde essenciais, aumentando assim o risco de contágio pelo HIV. As leis que criminalizam a transmissão, a exposição e a não revelação do

status de portador do HIV, desencorajam as pessoas a fazerem o teste e a serem tratadas. Mais especificamente: [...] mais de 100 países criminalizam algum aspecto do trabalho dos profissionais do sexo. O ambiente legal em muitos países expõe os trabalhadores do sexo à violência, o que leva à sua exclusão econômica e social. Isso também impede que os mesmos acessem serviços de saúde para o HIV.”

A Comissão também recomenda a despenalização de atividades sexuais entre pessoas do mesmo gênero, trabalho sexual e consumo de drogas, permitindo assim que as populações vulneráveis tenham acesso a serviços de saúde e ações de prevenção contra o HIV.

Por fim, a lei aqui proposta se intitula “Gabriela Leite” em homenagem a profissional do sexo de mesmo nome, que é militante de Direitos Humanos, mais especificamente dos direitos dos profissionais do sexo, desde o final dos anos 70. Gabriela Leite iniciou sua militância em 1979, quando se indignou com atitudes autoritárias, arbitrarias e violentas por parte do Estado que, através da Polícia de São Paulo, promovia perseguições a travestis e prostitutas. Gabriela Leite participou na criação de vínculo solidário entre os profissionais do sexo, na mobilização política dos mesmos e fundou a ONG “Davida”, que tem como missão o fomento de políticas públicas para o fortalecimento da cidadania das prostitutas; mobilização e a organização da categoria; e a promoção dos seus direitos. A “Davida” criou, por exemplo, a grife DASPU, um projeto autossustentável gerido por prostitutas e que tem por objetivo driblar a dificuldade de financiamento para iniciativas de trabalho alternativo por parte das profissionais do sexo.

Jean Wyllys

Deputado Federal

ANEXO C

"CAPÍTULO V"**DO LENOCÍNIO E DO TRÁFICO DE PESSOAS**

Art. 227.

§ 1º Se a vítima é maior de 14 (catorze) e menor de 18 (dezoito) anos, ou se o agente é seu ascendente, descendente, cônjuge ou companheiro, irmão, tutor ou curador ou pessoa a quem esteja confiada para fins de educação, de tratamento ou de guarda:

....." (NR)

"Tráfico internacional de pessoas

Art. 231. Promover, intermediar ou facilitar a entrada, no território nacional, de pessoa que venha exercer a prostituição ou a saída de pessoa para exercê-la no estrangeiro:

Pena – reclusão, de 3 (três) a 8 (oito) anos, e multa.

§ 1º.....

Pena – reclusão, de 4 (quatro) a 10 (dez) anos, e multa.

§ 2º Se há emprego de violência, grave ameaça ou fraude, a pena é de reclusão, de 5 (cinco) a 12 (doze) anos, e multa, além da pena correspondente à violência.

§ 3º (revogado)." (NR)

Art. 2º O Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, passa a vigorar acrescido do seguinte art. 231-A:

"Tráfico interno de pessoas

Art. 231-A. Promover, intermediar ou facilitar, no território nacional, o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento da pessoa que venha exercer a prostituição:

Pena – reclusão, de 3 (três) a 8 (oito) anos, e multa.

Parágrafo único. Aplica-se ao crime de que trata este artigo o disposto nos §§ 1º e 2º do art. 231 deste Decreto-Lei."

Art. 3º O Capítulo V do Título VI – DOS CRIMES CONTRA OS COSTUMES da Parte Especial do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, passa a vigorar com o seguinte título: "DO LENOCÍNIO E DO TRÁFICO DE PESSOAS".

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º Ficam revogados os incisos VII e VIII do art. 107, os arts. 217, 219, 220, 221, 222, o inciso III do caput do art. 226, o § 3º do art. 231 e o art. 240 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal.

Brasília, 28 de março de 2005; 184º da Independência e 117º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Márcio Thomaz Bastos
José Dirceu de Oliveira e Silva

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 29.3.2005.

